



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia - IP
Departamento de Psicologia Clínica - PCL
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG PSICC

O casamento de filhos/as cangurus
Sair da casa dos pais e ser casal na contemporaneidade

Mariana Grasel de Figueiredo Del Monte

TESE DE DOUTORADO

Brasília
2018



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia - IP
Departamento de Psicologia Clínica - PCL
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG PSICC

O casamento de filhos/as cangurus
Sair da casa dos pais e ser casal na contemporaneidade

Mariana Grasel de Figueiredo Del Monte

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura PPG PsiCC do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília IP/UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Gláucia Ribeiro Starling Diniz, Ph.D
Coorientadora: Profa. Dra. Isabela Machado da Silva

Brasília
2018



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia - IP
Departamento de Psicologia Clínica - PCL
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG PSICC

O casamento de filhos/as cangurus
Sair da casa dos pais e ser casal na contemporaneidade

Banca Examinadora:

Presidente: Profa. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, Ph.D.

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura PPG PsiCC/PCL/IP/UnB

Membro Externo: Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Membro Externo: Profa. Dra. Cristina Vianna Moreira dos Santos

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Membro Interno: Profa. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PsiCC/PCL/IP/UnB

Membro Suplente: Profa. Dra. Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PsiCC/PCL/IP/UnB

Brasília – DF, 13 de Junho de 2018.

Del Monte, M.G.F. (2018). *O casamento de filhos/as cangurus: Sair da casa dos pais e ser casal na contemporaneidade*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

RESUMO

Este trabalho enfoca o casamento de filhos/as cangurus. Esse modo de constituição de casais, típico da contemporaneidade, implica no fato de que um ou ambos os cônjuges morou na casa dos pais até a idade adulta e saiu de casa para casar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso coletivo. Participaram desta pesquisa quatro casais casados, heterossexuais, sem filhos, com ao menos um dos cônjuges tendo residido na casa dos pais até a idade de 26 anos. No momento em que saíram da casa dos pais para casar, os cônjuges trabalhavam em regime remunerado e consideravam-se comprometidos com o desenvolvimento da carreira profissional. Os casais encontravam-se em fase inicial do ciclo vital familiar e conjugal. A tese teve por objetivo investigar como os casais compostos por filhos/as cangurus vivenciam o casamento contemporâneo. Os dados obtidos das entrevistas semi-estruturadas realizadas com ambos os cônjuges conjuntamente foram analisados através da análise de conteúdo qualitativa. Os resultados foram organizados em subcategorias e categorias que foram agrupadas em três eixos temáticos: Ser Filho/a Canguru, Desenvolvimento da Conjugalidade e Casamento - Do modelo dos pais ao modelo dos filhos. A análise vertical e horizontal dos casos indicou a presença de três grandes temas relacionados aos objetivos desta tese: Repercussões no casamento da vida canguru prévia, Desafios na transição para o casamento e O casamento dos pais como modelo. Constatamos que as principais repercussões no casamento da vivência canguru prévia foram: A dificuldade na execução e organização das tarefas domésticas, os vícios e manias trazidos da vida canguru na casa dos pais para o casamento, a relação de proximidade estabelecida com as famílias de origem após o casamento e a relação intensa com o mundo do trabalho antes e depois do casamento. Os principais desafios identificados nos casamentos deste estudo foram: a falta de tempo para a relação conjugal, a dupla carreira, a vivência simultânea da individualidade com a conjugalidade e a execução e divisão das tarefas domésticas, a gestão da vida financeira e a comunicação. Por fim, o casamento dos pais mostrou-se como uma referência para o casamento dos/as filhos/as. A discussão geral dos casos seguiu principalmente o enfoque sistêmico familiar e revelou questões de gênero contidas no discurso e na prática dos casais relacionadas à dupla carreira. A divisão de tarefas entre os cônjuges, apesar de acontecerem de modo mais igualitário se comparado aos casamentos do passado, ainda apresentaram fortes elementos de uma divisão sexual do trabalho pautada em estereótipos de gênero.

Palavras-chaves: casamento contemporâneo, geração canguru, filhos/as adultos/as, conjugalidade.

Del Monte, M.G.F. (2018). *The marriage of kangaroo sons and daughters: To leave the parent's house and become a couple in the contemporaneity*. Doctoral Thesis. Institute of Psychology, University of Brasilia, Brasilia.

ABSTRACT

This work focusses on the marriage of kangaroo sons and daughters. This mode of couples' constitution, typical of the contemporaneity, implies in the fact that one or both spouses have lived at their parents' house until adulthood and moved away to get married. This is a qualitative research with delineation of a collective case study. The research included four married couples, heterosexual, without kids, with at least one of the spouses having lived at his or her parent's house until the age of 26. In the moment they moved away from their parent's house to get married, both spouses were working in a salaried regimen, and considered themselves to be committed with the development of their professional careers. The couples were in the initial phase of the family and marital vital cycle. The thesis had the goal of investigating how the couples constituted by kangaroo sons and daughters experience the contemporary marriage. The data collected from semi-structured interviews, made with both spouses together, were analyzed through qualitative content analysis. The results were organized in subcategories and categories that were clustered in three thematic axes: To be a Kangaroo Son or Daughter, Development of Conjugality and Marriage – From the parents' model to the children's model. The horizontal and vertical analysis of the cases pointed out the presence of three great topics related to this thesis' goals: Marriage repercussions related to the previous kangaroo life, Challenges in the transition towards marriage and The parent's marriage as a model. We found that the main marriage repercussions related to the previous kangaroo experience were: The difficulty to execute and organize domestic tasks, the addictions and habits brought from the kangaroo life at the parents' house to the marriage, the proximity relationship established with the original families after the marriage, and the intense relationship with the work circle before and after the marriage. The main challenges identified in the marriages of this study's range were: the lack of time for the marital relationship, the double career, the simultaneous experience of individuality with conjugality and the execution and division of domestic tasks, the financial life management and the communication. Finally, the parents' marriages proved to be a reference for the marriages of the sons and daughters. The general discussion of the cases followed mainly a familiar systemic approach and revealed questions of gender contained within the couples' speeches and real lives. The division of tasks between spouses, although happening in a more egalitarian manner when compared to marriages of the past, still presented strong elements of a gender work division based on gender stereotypes.

Keywords: contemporary marriage, kangaroo generation, adult sons and daughters, conjugality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Objetivos da Pesquisa	11
Apresentação da Tese	12
Referencial Teórico	14
CAPÍTULO 1	16
REVISÃO DE LITERATURA	16
1.1. Filhos/as adultos/as na casa dos pais – dimensões da experiência da Geração Canguru	16
1.1.1. O prolongamento da coresidência parento-filial	20
1.1.2. Carreira em foco – o mundo do trabalho	28
1.1.3. Tornar-se adulto/a e o processo de diferenciação da família de origem	35
1.1.4. A saída da casa dos pais	39
1.2. O casamento contemporâneo e seus desafios	45
1.2.1. A conjugalidade sob a perspectiva da Teoria Familiar Sistêmica	53
1.2.2. O casamento e o ciclo vital familiar e conjugal	56
1.2.3. Os casamentos de dupla carreira	65
1.2.4. Mulheres, Casamento e Carreira: Um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista	70
CAPÍTULO 2	77
MÉTODO	77
2.1. Delineamento da Pesquisa	77
2.2. Participantes	78
2.3. Local e Período da Pesquisa	81
2.4. Instrumentos	81
2.5. Procedimentos	84
2.6. Análise de Dados	85
2.7. Considerações Éticas	90
CAPÍTULO 3	91
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	91
3.1. Casal 1: Fátima e Geraldo	91
3.2. Casal 2: Rose e Adilson	116
3.3. Casal 3: Andrea e Fábio	145
3.4. Casal 4: Marcia e Clóvis	176
CAPÍTULO 4	214
DISCUSSÃO GERAL DOS CASOS	214
4.1. Repercussões no casamento da vida canguru prévia	214
4.2. Desafios na transição para o casamento	223
4.3. O casamento dos pais como modelo	245
4.4. Considerações Finais	256
REFERÊNCIAS	265
ANEXOS	275

AGRADECIMENTOS

Um projeto de 4 anos, como é o de um doutorado, envolve uma quantidade enorme de pessoas e contextos. O meu não foi diferente. Se eu tivesse, no entanto, que escolher somente uma pessoa para agradecer, essa seria, sem dúvidas, meu marido Marcelo Barrocas Del Monte. O seu incentivo e apoio, desde a mudança de cidade para Brasília, a decisão pela participação no processo seletivo, e o seu assumir de tantas áreas da nossa vida para que eu pudesse me dedicar a esse projeto, foram centrais para eu chegar até aqui. Obrigada pelas renúncias, por ser tão parceiro e por ter vivido tão intensamente comigo esses 4 anos. A qualidade de nosso casamento é, também, parte do que me motiva a estudar e a trabalhar cada vez mais com casais. Te amo!

Agradeço demais aos meus pais, Duilio e Reni. O estudo para vocês sempre foi a prioridade. Isso entrou de tal forma dentro de mim que me fez chegar até aqui. Obrigada por todo apoio (de sempre) e repito o que expressei no mestrado: posso sentir concretamente a torcida e o amor de vocês por mim. Agradeço ao meu irmão Leonardo por vibrar comigo em meus passos acadêmicos e mostrar tanta empatia especialmente nessa reta final. Amo vocês. Agradeço à família de meu marido, sobretudo minha sogra Sonia e sobrinha Beatriz, por compreenderem minhas ausências, pelas orações e por apoiarem tão carinhosamente este projeto e ao Marcio pelo apoio técnico.

Aos amigos de Florianópolis, São Paulo e Brasília, agradeço cada palavra e mensagem de apoio recebidas e que encheram meu coração de força e alegria. Só para citar alguns, obrigada Débora, Teresa, Vanessa, Profa. Adriana, Gleice, Andreza, Juliane, João, etc. Agradeço também aos colegas que fiz na UnB, tão importantes para tornar essa caminhada mais leve: Fernanda, Mariana, Denise, Gisele, Andrea e todo pessoal do NEGENPSICC, especialmente Marília, Bill e Luiz.

Agradeço aos meus clientes, da clínica e das organizações, por me mostrarem a cada dia o poder de mudança e superação presentes em cada ser-humano. Agradeço à terapeuta Virgínia que entrou em meu caminho e desempenhou um papel crucial nesse momento. Agradeço à minha orientadora Gláucia, pelo acolhimento ao tema da Geração Canguru e aos *inputs* a esse projeto, à professora Cristina, pelas ricas contribuições e presença tão agregadora desde a Qualificação, à professora Ceneide, por ter aceito estar comigo em mais um ciclo (estou muito feliz por isso!), à professora Inês, pela empatia, abertura e também disponibilidade imediata em fazer parte da Banca, à professora Silvia, pelo interesse mostrado no tema (que muito me animou) e responder tão prontamente ao convite de participação e, sobretudo, à professora Isabela, que pegou “o bonde andando” e sentou comigo no banco da frente, trazendo preciosas contribuições a esta tese.

Agradeço ao apoio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UnB, à CAPES, que me agraciou com bolsa de estudos e à Diretoria de Pós-Graduação da UnB - DIRPG/DPG - que ao conceder verba para eu participar do Congresso Internacional de Terapia Sistêmica Relates, oportunizou que os resultados preliminares deste estudo fossem apresentados.

Agradeço, finalmente, àquele que torna todos os outros agradecimentos possíveis: Deus. A fé nele foi (e é) a coluna que me sustenta e sustentou nesse projeto. É com toda essa sincera gratidão e um sentimento gratificante de ter feito o meu melhor que fecho este ciclo e prossigo, rumo a continuar exercendo minha missão na vida: a de ajudar as famílias, os casais e os indivíduos a viverem com uma maior qualidade de vida emocional.

INTRODUÇÃO

O casamento de filhos/as cangurus é o foco desta pesquisa. Esse modo de constituição de casais implica o fato de que um ou ambos os cônjuges morou na casa dos pais até a idade adulta e investiu na carreira profissional para depois assumir a vida conjugal. Essa configuração é típica da contemporaneidade e merece atenção. Este estudo, além de contribuir para a compreensão sobre os novos arranjos familiares e conjugais, contribui para a ampliação do entendimento do ciclo vital familiar e conjugal.

O meu interesse em pesquisar famílias cangurus teve início no ano de 2004, quando finalizava a especialização em Terapia Familiar e Conjugal e me preparava para ingressar no Programa de Mestrado. A motivação vinha das notícias que apareciam na mídia sobre filhos e filhas adultos/as que moravam na casa dos pais e também de minha rede de contatos, pessoal e profissional, em que as conversas sobre filhos/as cangurus eram uma realidade frequente. No ano seguinte, ingressei no Programa de Mestrado em Psicologia Clínica da PUC-SP, no Núcleo de Família e Comunidade, e comecei efetivamente a estudar os aspectos que envolviam essa geração.

A dissertação de mestrado *Ninho Cheio, Geração Canguru: A permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais* teve por objetivo compreender como os pais vivenciam o processo de prolongamento do período de permanência em casa do/a filho/a adulto/a solteiro/a, ou seja, do/a filho/a canguru. Foram entrevistados, na cidade de São Paulo, seis casais de pais com filhos na faixa etária dos 27 aos 35 anos. Os/as filhos/as eram solteiros/as, formados/as, pós-graduados/as, estavam inseridos/as no mercado de trabalho, possuíam uma carreira em desenvolvimento e residiam na casa dos pais. As famílias eram provenientes de camadas médias e altas da população.

Os resultados da pesquisa mostraram que os pais e as mães pesquisados/as qualificavam como boa e sem conflitos a convivência com um/a filho/a adulto/a em casa. A satisfação em poder ajudar o/a filho/a no seu processo de crescimento profissional, financeiro e relacional e, da mesma

forma, proporcionar o conforto de estar em casa, também foi destacado pelos pais e mães entrevistados/as. Os pais afirmaram encarar a estadia do/a filho/a, mesmo com condições financeiras e idade para sair, como uma “fase” até ele/a decidir qual o momento certo de constituir uma vida fora do lar parental.

O *Ninho Cheio* apresentou-se, nessa pesquisa de mestrado, como uma nova vivência e configuração familiar dentro do ciclo vital da família, em substituição ao *Ninho Vazio*. As conclusões apontaram a existência da Geração Canguru como um fenômeno capaz de contribuir para a preparação emocional de pais e filhos/as, para quando estes saírem de casa. Assim, o *Ninho Cheio* pareceu funcionar como uma etapa preparatória para o *Ninho Vazio*, visto que o prolongamento da coresidência parento-filial tornaria a ideia da saída mais aceitável para os pais.

O mestrado foi finalizado em 2008. A pesquisa resultou em um artigo e um capítulo de livro publicados no ano de 2012 em conjunto com a professora orientadora, Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený, bem como em um livro publicado em 2013.

Nesse momento de realização do mestrado, o tema da Geração Canguru crescia no interesse da mídia e da população em geral. Publicações em revistas como *Veja*, *Exame* e *Folha de São Paulo* destacaram o aumento dessa tendência, em especial entre os/as jovens brasileiros/as das camadas populacionais médias e altas. A maior liberdade nas relações entre pais e filhos/as, a dificuldade de ingressar e estabilizar-se no mercado de trabalho bem como os privilégios de continuar morando na casa dos pais são fatores que contribuiriam para essa tendência. Entre as décadas de 2005 a 2015, a proporção de jovens adultos/as com idades entre 25 e 34 anos residentes na casa dos pais aumentou de 21,7% para 25,3% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2016). Essa estatística mostra que um a cada quatro filhos/as adultos/as ainda mora com os pais.

Uma pergunta que costumavam fazer na época – e que inclusive surgiu na minha banca de mestrado – era como seria o casamento desses/as filhos/as adultos/as depois que saíssem da casa dos pais. Ao deixar a casa dos pais, na idade adulta, para casar, o/a filho/a canguru adquire, muitas

vezes, sua primeira experiência de moradia fora da residência parental. Ao mesmo tempo, ele/a se depara com os desafios de construir e vivenciar o vínculo conjugal no mundo contemporâneo. Assim, casais formados por filhos/as cangurus que saíram da casa dos pais na idade adulta direto para o casamento podem apresentar desafios próprios dessa configuração. Há uma sobreposição de transições, em que os casais devem manejar simultaneamente desafios relacionados a morar pela primeira vez longe dos pais e os desafios da fase inicial do casamento, uma vez que o casal se encontra no início do ciclo de vida conjugal e familiar.

No entanto, uma busca por artigos que investigaram a geração canguru demonstra que faltam estudos voltados especificamente à conjugalidade de filhos/as cangurus. Esse fato reforça a necessidade da ampliação de estudos e publicações que auxiliem profissionais e pesquisadores interessados em compreender demandas que possam surgir no contexto desse tipo de conjugalidade e vida familiar.

Desse modo, buscamos compreender os desafios enfrentados pelos/as filhos/as cangurus no casamento e contribuir para a construção de um campo de conhecimento científico que se consolidou como objeto de estudo no Brasil ao longo da última década somente (Cobo & Saboia, 2010; Figueiredo, 2008, 2013; Figueiredo & Cerveny, 2012; Gallagher, 2013; Henriques, 2003, 2009; Kublikowski & Rodrigues, 2016; Munhoz, 2012; Silveira, 2004; Vieira & Rava, 2012). Um importante desafio do casamento contemporâneo enfatizado nessa pesquisa é a interação do casal com o mundo do trabalho. Os/as filhos/as cangurus costumam dar destaque a essa área da vida. Além disso, cabe destacar a entrada da mulher no mercado de trabalho como um dos movimentos responsáveis pela transformação dos papéis tradicionais vividos no casamento, o que pode suscitar questões de gênero. Esses fatos compõem o cenário do fenômeno que buscamos investigar.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para o trabalho clínico com casais e famílias cangurus na medida em que informem sobre dimensões e características da dinâmica relacional estudada. O trabalho também trará contribuições acerca da interação casamento-família-

trabalho e gênero. Além disso, uma vez que as teorias do ciclo vital familiar não consideram a coresidência pais e filhos/as adultos/as como uma etapa distinta, contribuiremos para a ampliação do entendimento acerca desse “estágio”. Os resultados poderão, conseqüentemente, favorecer a adoção de posturas de prevenção e de intervenção frente às demandas que surgirem decorrentes do fenômeno.

Objetivos da Pesquisa

A intenção desta pesquisa é compreender a conjugalidade de filhos/as cangurus a partir das seguintes questões:

1. Como o fato de terem sido filhos/as cangurus reflete no casamento dos/as filhos/as?
2. De que forma o casal percebe e vivencia os principais desafios do casamento contemporâneo?
3. Como os cônjuges conciliam os diferentes papéis demandados pela vida conjugal, doméstica e pelo mundo do trabalho/carreira?

O **objetivo geral** desta tese foi pesquisar como filhos/as cangurus que deixaram o lar parental para casar vivenciam, juntamente com o/a cônjuge, o casamento contemporâneo. A partir desse objetivo geral, delineamos os seguintes **objetivos específicos**:

- Analisar o processo de diferenciação dos casais das famílias de origem;
- Identificar a relação entre a residência prolongada na casa dos pais e o casamento dos/as filhos/as;
- Conhecer as percepções e vivências dos casais sobre desafios do casamento contemporâneo;
- Investigar como acontece a divisão das tarefas domésticas na relação com os papéis de gênero e com a vivência do trabalho/dupla carreira;
- Identificar a relação existente entre o casamento dos pais e a conjugalidade dos/as filhos/as.

Apresentação da Tese

O fenômeno da geração canguru é complexo e multideterminado. O estudo do casamento, por sua vez, contempla diferentes áreas do saber. Esta pesquisa abrange conhecimentos acerca da geração canguru e do casamento contemporâneo e os distribui em tópicos ao longo do primeiro capítulo. Buscamos, dessa forma, construir um suporte teórico multidisciplinar sobre os principais aspectos desse tipo de experiência conjugal.

Foram realizadas pesquisas em bases acadêmicas como, por exemplo, Scielo, Lilacs, Google Acadêmico, BVS-PSI, PsycInfo, Scopus que perpassaram autores da área da psicologia clínica, da terapia familiar, da psicologia social e do trabalho, da sociologia, da história, da psicologia do desenvolvimento, entre outros. Os resultados obtidos foram artigos, dissertações, teses e capítulos de livros dos quais extraímos as principais ideias para compor o corpo teórico que forma esse primeiro capítulo. Não pretendíamos esgotar os conteúdos acerca desses temas, mas deixar espaço para que, a partir da análise dos dados coletados, novas literaturas pudessem ser levantadas e articuladas com os assuntos emergentes (Bodgan & Biklen, 1994).

O primeiro tópico do capítulo inicial, o qual denominamos “Filhos/as adultos/as na casa dos pais – dimensões da experiência da Geração Canguru”, abarca um resumo dos estudos encontrados na literatura sobre esse tema. Essa seção foi subdividida em quatro partes: (1) O prolongamento da coresidência parento-filial; (2) Carreira em foco – o mundo do trabalho; (3) Tornar-se adulto/a e o processo de diferenciação da família de origem e (4) A saída da casa dos pais.

Nosso objetivo, ao optarmos por iniciar a construção teórica pelo tema da geração canguru, foi acompanhar o movimento percorrido pelo/a filho/a canguru da casa dos pais até o casamento. Assim, iniciamos o capítulo refletindo sobre os aspectos que dizem respeito ao tempo de residência prolongada na casa dos pais para, então, partirmos para uma reflexão acerca do casamento, tanto no

que tange aos seus aspectos contemporâneos, como nos aspectos conceituais voltados à teoria sistêmica familiar.

O tópico 2, intitulado “O casamento contemporâneo e seus desafios”, também apresenta um subtópico sobre uma dimensão importante dos casamentos contemporâneos: os casamentos de dupla carreira. Além disso, passamos pela compreensão do casamento sob a lente das teorias do ciclo vital, conjugal e familiar. Isso porque os casais por nós entrevistados, ao saírem da casa dos pais direto para o casamento, encontram-se no início do ciclo de vida. Além disso, o entendimento de famílias sob a perspectiva do ciclo vital familiar está em sintonia com nosso referencial teórico, o Pensamento Sistêmico, uma vez que se encontra no âmbito dos estudos da terapia familiar.

Discutiremos, por fim, um tópico sobre “Mulheres, Casamento e Carreira – Um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista”. Nesse bloco, apresentaremos parte de nosso artigo teórico publicado no ano de 2018 na *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*. O artigo apresenta uma discussão, com base no campo dos estudos de gênero/feministas, acerca das mulheres na relação com o casamento e a carreira, desde uma perspectiva histórica até atual.

Nosso intuito é que o resultado dessa construção teórica, apresentado ao longo do primeiro capítulo, sirva como base para as reflexões posteriores acerca de casamentos constituídos por filhos/as cangurus. No capítulo dois, abordaremos a metodologia na qual a pesquisa está apoiada. Serão descritos o delineamento da pesquisa e o perfil dos participantes. Os instrumentos serão caracterizados e, em seguida, serão explicados o procedimento e a forma de análise de dados realizada. Ressaltamos todos os cuidados éticos previstos para a realização deste projeto.

O terceiro e o quarto capítulos tratarão da apresentação dos resultados, da discussão geral dos casos e das considerações finais do trabalho, obtidos a partir da articulação entre os dados das entrevistas com base na revisão de literatura. As referências bibliográficas utilizadas serão apresentadas na última parte do estudo e serão seguidas pelos anexos.

Referencial Teórico

A pesquisa em questão está baseada na epistemologia do Pensamento Sistêmico. Vasconcellos (2003) destaca o pensamento sistêmico como um novo paradigma científico em oposição ao Pensamento Positivista, que dominava a ciência e estava pautado em princípios de objetividade, neutralidade do/a cientista, simplificação e controle dos fenômenos. Estes eram percebidos segundo uma estrutura de pensamento linear, marcada por processos de causa e efeito. Era dessa forma que as leis e regras que regem o mundo eram compreendidas e previstas. Tal modelo, entretanto, começou a mostrar-se insuficiente diante de um mundo que se tornava cada vez mais complexo e, em especial, para compreender os fenômenos estudados pelas ciências humanas e sociais (Vasconcellos, 2003).

Nesse novo paradigma, as noções positivistas de simplificação, estabilidade e objetividade dão lugar às ideias de complexidade, instabilidade e intersubjetividade (Vasconcellos, 2003). A partir de então, por meio dessa nova lente, propõe-se o não isolamento dos fenômenos de seus contextos, mas seu estudo dentro da circunstância na qual ocorrem, ou seja, com foco na interconexão dinâmica dos diversos sistemas e seus subsistemas. Eles passam a ser vistos de forma ampla e complexa, deixam de serem previstos ou controlados a partir de relações causais lineares.

Enquanto a ciência moderna descreve os fenômenos para prever e controlar, a ênfase da ciência pós-moderna, representada pelo pensamento sistêmico, ancora-se na compreensão dos fenômenos. A instabilidade diz que o mundo funciona em um processo contínuo de “tornar-se”, o que justifica a imprevisibilidade dos fenômenos. A intersubjetividade presente nesse novo paradigma deixa de lado a neutralidade do modelo científico tradicional e valoriza a participação do cientista na construção do conhecimento (Vasconcellos, 2003).

Esse novo paradigma influenciou a Psicologia e relaciona-se com teorias e práticas sistêmicas que se desenvolveram na área ao longo do século XX. A valorização do contexto relacional, ou seja, do intersíquico, representou uma mudança de paradigma em relação às

abordagens anteriores (Papp, 1992). A partir da década de 1950, diferentes enfoques e escolas de terapia familiar surgiram. Cada uma focava um aspecto da teoria e prática com famílias. De forma geral, todas elas tiveram influência do mesmo campo de conhecimento, a saber, da Teoria Geral dos Sistemas, da Cibernética e da Teoria da Comunicação Humana (Nichols & Schwartz, 2008).

Os conceitos-chave do pensamento sistêmico que perpassam as diferentes escolas contidas na abordagem sistêmica referem-se à totalidade, à organização e à padronização (Papp, 1992). O conceito de totalidade, proveniente da Teoria Geral dos Sistemas, assume que o todo é considerado maior do que a soma de suas partes, que cada parte só pode ser entendida no contexto do todo e que uma mudança em qualquer uma das partes afeta todas as outras partes/elementos dos sistemas.

Os conceitos de organização e padronização, provenientes, respectivamente, da Cibernética e da Teoria da Comunicação Humana, opõem-se ao aspecto individual e ao entendimento linear das questões pessoais e relacionais. Por fim, o sistema tende à homeostase, isto é, quando o sistema é ameaçado, ele tende a manter sua estabilidade ou homeostase. É um processo de autorregulação que mantém a estabilidade do sistema e preserva seu funcionamento (Papp, 1992).

Os eventos ou partes não causam outros eventos, mas estão ligados de forma circular a muitos outros eventos e partes. Assim, os diferentes elementos que compõem um sistema influenciam e são influenciados uns pelos outros de forma contínua e recíproca. Nesse contexto, a Teoria da Comunicação Humana veio mostrar a relevância da padronização da comunicação para o estabelecimento das relações familiares (Nichols & Schwartz, 2008; Papp, 1992).

Nessa perspectiva, a família é considerada como um sistema e está em interconexão com diferentes outros sistemas sociais, políticos, econômicos, culturais. Por meio do Pensamento Sistêmico, as conexões e relações são priorizadas e esse entendimento constitui a base de atuação da abordagem sistêmica no campo da Psicologia.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DE LITERATURA

1.1. Filhos/as adultos/as na casa dos pais – dimensões da experiência da Geração Canguru

O canguru é um animal conhecido pela presença em seu corpo de uma bolsa ventral (marsúpio) capaz de acolher o filhote e alimentá-lo até que ele complete seu desenvolvimento integral. É esse animal que tem emprestado seu nome, de forma alusiva, às pesquisas e reflexões acerca de filhos e filhas graduados/as que prolongam o tempo de residência na casa dos pais.

A *Geração Canguru*, como esses filhos/as têm sido chamados pela mídia e também pela academia, é composta por jovens adultos solteiros, de ambos os sexos, com idades entre 26 anos e 35 anos, em média, de camadas média e altas da população, que residem com os pais (Cobo & Saboia, 2010; Ferreira, Rezende & Lourenço, 2011; Figueiredo, 2008, 2013; Figueiredo & Cerveny, 2012; Gallagher, 2013; Henriques, 2003, 2009; Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004; Kublikowski & Rodrigues, 2016). Aos 26 anos, a maior parte dos/as jovens dessa geração já finalizou a graduação, iniciou uma pós-graduação e despense grande parte de sua energia no investimento para construir e consolidar sua carreira, enquanto continuam a residir na casa dos pais (Cobo & Saboia, 2010).

A denominação geração canguru surgiu na literatura brasileira no campo dos estudos da Psicologia, no ano de 2003, na dissertação de mestrado da pesquisadora Célia Regina Henriques intitulada *Geração Canguru: O prolongamento da convivência familiar*. O trabalho foi realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e se referia ao contexto em que os filhos/as prolongavam o tempo de residência na casa dos pais em relação às gerações passadas. A autora pesquisou sete famílias cariocas de classe média, com filhos e filhas a partir de 26 anos e apontou o sentido da convivência prolongada para os membros da família. A conclusão da pesquisa apontou para o adiamento da saída da casa dos pais como um reflexo da conjugação de fatores intrafamiliares e extrafamiliares. Os primeiros caracterizados pela ambivalência de sentimentos em

relação à partida e a perda dos papéis conquistados, e os segundos, fruto de um contexto social fortemente marcado por instabilidade e incerteza.

No ano seguinte, Paula Grazziotin Silveira (2004), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em sua pesquisa intitulada *Ninho Cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem* trazia o fenômeno sob a perspectiva do “ninho cheio” em oposição ao conceito já consolidado na literatura de *ninho vazio*, quando os/as filhos/as deixam a casa dos pais. A pesquisa contou com a participação de quatro adultos jovens, dois homens e duas mulheres, na faixa etária entre 27 e 35 anos. Todos os participantes possuíam nível socioeconômico médio e residiam com suas famílias de origem na cidade de Porto Alegre. Os resultados do estudo mostraram que a percepção da dificuldade de inserção no mercado de trabalho e da conquista de salários melhores, aliada à vontade de seguir desfrutando do conforto e da segurança que o lar parental oferecia, era o grande motivador da permanência na casa dos pais para os/as filhos/as entrevistados.

Desde então, ampliou-se o número de estudos que passaram a estudar diversos aspectos da coabitação prolongada entre pais e filhos/as adultos/as. No ano de 2010, as pesquisadoras do IBGE Ana Lúcia Sabóia e Barbara Cobo conduziram um estudo sobre essa geração de filhos/as adultos/as residentes na casa dos pais e utilizaram no título o termo Geração Canguru, consolidando o uso dessa expressão.

A geração canguru é relacionada na literatura principalmente às camadas médias e altas da população, ainda que o fenômeno também se apresente nas camadas mais baixas. A grande diferença da vivência canguru entre os estratos diz respeito à contribuição financeira. Nas camadas mais baixas, a renda dos/as filhos/as pode ter um papel fundamental no orçamento das famílias, o que não acontece nas camadas mais altas (Cobo & Saboia, 2010).

Kublikowski e Rodrigues (2016), ao estudarem produções acadêmicas dos últimos 25 anos acerca da transição para a vida adulta, com foco na geração canguru, propõem o termo plural

gerações-canguru. Assim, buscam ampliar o olhar sobre os significados da coabitação entre pais e filhos/as na fase madura do ciclo vital familiar e também evitam incorrer em generalizações. As autoras observam que a evolução das pesquisas desvincula a coabitação pais e filhos/as cangurus de um caráter necessariamente disfuncional. Além disso, defendem ser a família canguru uma possibilidade de arranjo doméstico que não coloca, obrigatoriamente, dúvidas quanto à condição adulta dos/as filhos/as.

Cabe ressaltar, portanto, que o termo *geração*, assim como Groppo (2000) apresenta, deve ser considerado em toda sua amplitude, contemplando diferentes categorias sociais, classes, gênero, etnias, entre outras. A Geração Canguru pode ser composta, portanto, de diferentes perfis de filhos e filhas cangurus. Para não correremos o risco de generalizar toda a geração em torno de um perfil somente, delimitamos, na tabela abaixo, o sentido que atribuímos, nesta tese, à expressão geração canguru e ao termo filhos/as cangurus

Tabela 1 - Características da Geração Canguru
filhos homens e filhas mulheres
camadas médias e altas da população
faixa etária entre 26 e 36 anos
graduados
pós-graduados ou pós-graduandos
inseridos no mercado de trabalho
possuidores de renda proveniente de trabalho
residentes na casa dos pais

Diversos aspectos da experiência da geração canguru têm sido investigados por pesquisadores brasileiros (Cobo & Saboia, 2010; Figueiredo, 2008; Gallagher, 2013; Henriques, 2003, 2009; Munhoz, 2012; Silveira, 2004). Um exemplo é o estudo de dimensões da convivência entre pais e filhos/as adultos/as, ou seja, as motivações dos/as filhos/as para a permanência na casa dos pais (Henriques, 2009). Outros exemplos contemplam o estilo de vida dos/as filhos/as, a vida

profissional, as relações amorosas, os projetos futuros e a percepção dos pais cangurus (Figueiredo, 2008; Gallagher, 2013; Munhoz, 2012).

Na literatura internacional, destacam-se pesquisas realizadas na Europa, Canadá e Estados Unidos. Santarelli e Cottone (2009) afirmam que a vida familiar na Itália, mais do que em qualquer outro país na Europa, é marcada pela presença de laços muito próximos entre pais e filhos/as. Os/as autores/as relacionam esse fato, assim como o forte suporte parental oferecido aos filhos/as, à permanência dos/as filhos/as com idade adulta na casa dos pais.

Giuliano (2007) e Outeiral (2008) destacam a alta porcentagem de filhos/as adultos/as residentes na casa dos pais na Europa. Segundo a primeira autora, em países como Itália, Grécia, Portugal e Espanha quase metade dos filhos ainda moram com os pais. Nos Estados Unidos e Canadá, países em que tradicionalmente o/a filho/a deixa a casa dos pais para ingressar na faculdade no início da juventude, ou seja, em torno dos 18 anos, o fenômeno percebido é o do retorno à casa dos pais ao final dos estudos. Gulino (2011) apresenta dados do censo americano por meio dos quais foi constatado que houve um crescimento no número dos/as filhos/as com idade entre 24 e 33 anos que voltaram a morar com os pais entre os anos de 2005 e 2011.

A pesquisadora canadense Mitchell (2005, 2006) publicou artigos e livros sobre os “filhos bumerangues”. Essa nomenclatura faz alusão ao movimento do bumerangue de ir e voltar e diz respeito aos filhos e filhas que saíram da casa dos pais com destino às universidades no período final da adolescência e retornaram para morar com os pais na idade adulta, com ou sem emprego. A diferença da geração bumerangue em relação à geração canguru consiste no fato de que estes nunca saíram da casa dos pais para morar sozinhos. Além disso, grande parte da geração canguru, como a entendemos, já está inserida no mercado de trabalho. As semelhanças, por sua vez, dizem respeito ao fato de que ambos se encontram residindo na casa dos pais e se o filho/a bumerangue permanecer na casa dos pais em idade adulta, inserido no mercado de trabalho, suas vivências poderão se assemelhar às dos filhos/as cangurus.

Permanecer na casa dos pais mesmo depois de atingir a idade adulta tornou-se lugar comum em nossa sociedade, principalmente nas camadas médias e altas da população. Famílias compostas por filhos/as cangurus, em nossa percepção, são um dos aspectos que caracteriza a família contemporânea e constituem-se como uma nova forma de configuração familiar na atualidade.

Buscaremos, na primeira parte deste capítulo teórico, apresentar quatro dimensões encontradas na literatura relacionadas à Geração Canguru: (a) O prolongamento da coresidência parento-filial, (b) Carreira em foco – o mundo do trabalho, (c) Tornar-se adulto/a e o processo de diferenciação da família de origem e (d) A saída da casa dos pais.

Pesquisas e discussões teóricas acerca da geração canguru e de temas relacionados serão apresentadas. Elas são resultantes do levantamento realizado nas bases de dados acadêmicas. Nosso objetivo ao escolher as quatro dimensões e os autores relacionados foi explicar e contextualizar o fenômeno. A intenção é demonstrar sua complexidade e ao mesmo tempo construir uma base teórica capaz de ancorar as reflexões acerca da experiência de filhos/as cangurus para posteriormente compreender suas repercussões no casamento.

1.1.1. O prolongamento da coresidência parento-filial

O prolongamento da convivência familiar entre pais e filhos/as adultos/as ganha destaque juntamente com as outras transformações que aconteceram na família ao longo dos anos. Os estudos acerca da geração canguru indicam a presença de fatores intrafamiliares e extrafamiliares na composição do quadro das motivações para a permanência de filhos/as adultos/as no lar parental (Cobo & Saboia, 2010; Figueiredo, 2008; Gallagher, 2013; Henriques, 2003; Silveira, 2004; Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2012).

Entre os fatores internos à família, destacam-se, por exemplo, as dinâmicas relacionais que promovem conforto e mordomias aos filhos, a liberdade usufruída no lar parental, as tarefas emocionais não cumpridas ao longo do ciclo vital que dificultam a emancipação física e emocional

dos/as filhos/as em relação à família. Cabe apontar também a ambivalência de sentimentos de pais e filhos/as em relação à saída de casa e a dificuldade de separação entre pais e filhos/as (Henriques, 2003; Silveira & Wagner, 2006).

Os fatores externos à família fazem parte do cenário sociocultural e econômico. A geração canguru, portanto, é compreendida a partir de uma perspectiva psicossocial e histórica, que abrange todo o contexto no qual está inserida. Assim, ela está relacionada às mudanças ocorridas na família e na sociedade nas últimas décadas (Cobo & Saboia, 2010; Figueiredo, 2008; Gallagher, 2013; Henriques, 2003; Silveira, 2004; Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2012).

Ao olharmos segundo uma perspectiva histórica, percebemos que, a partir da década de 1970, a família passou por transformações na direção de tornar-se mais igualitária. A abertura ao diálogo e a possibilidade da existência de relações mais horizontais e menos hierárquicas entre marido e mulher, bem como entre pais e filhos/as, foram alguns dos movimentos percebidos e que parecem influenciar diretamente a existência e a manutenção da condição canguru em algumas famílias. Apesar da evidência dessas mudanças, os ideais e expectativas tradicionais ainda permanecem presentes quando se pensa na constituição de uma família (Féres-Carneiro, Ponciano & Magalhães, 2007; Hintz, 2007).

Giddens (1993) afirma que a família é um local para as lutas entre tradição e modernidade. Nesse sentido, percebe-se a movimentação ambígua, contraditória, entre o permanecer e o mudar, entre o novo e o velho, entre o permanecer e as implicações e significados do “sair de casa”. Esse processo diz respeito àquilo que Sérulo Figueira (1987) teorizou no final da década de 1980 como o moderno e o arcaico convivendo, ao mesmo tempo, nas famílias brasileiras. Apesar de terem se passado quase 30 anos desde a publicação desse autor, seu pensamento permanece atual e ainda pode ser observado nas famílias que fazem parte de nossa sociedade.

A coexistência na família dessas duas dimensões contraditórias caracteriza o contexto familiar no qual acontece o prolongamento da convivência familiar entre pais e filhos adultos.

Henriques (2009) aponta que, por mais que a hierarquia na família tenha se flexibilizado, ela existe e deve ser considerada na análise da dinâmica familiar. Ao relacionar esse pensamento com famílias cangurus, a autora coloca que a presença de registros diferentes pode criar contrastes e ambiguidades na comunicação da família e trazer situações de mal-estar, além de impasses na relação entre pais e filhos/as.

Em sua pesquisa de doutoramento com oito famílias dos estratos sociais médio e médio alto, residentes no Rio de Janeiro, cujos membros entrevistados, pais e filhos/as adultos/as, eram coabitantes, pertencentes ao fenômeno canguru, Henriques (2009) identificou que as regras da casa são estabelecidas pelos pais, mas que os/as filhos/as as reformulam constantemente. Esse processo acontece de acordo com as demandas de pais e de filhos/as e os ajustes são necessários para o prosseguimento da convivência familiar.

Constitui-se um campo de avanços e recuos na dinâmica relacional, configurando um jogar com as regras. Cada um vai até determinado ponto: observa, reconhece a área e atua para modificar seu contorno inicial. O passo de um indica a direção do passo do outro e, com isso, novas regras poderão vir a ser estabelecidas. Elas são estratégias de apropriação do espaço e de afirmação de autonomia em relação a casa, e essas estratégias se dão em um campo de relações de forças, no qual cada geração defende suas áreas de ação. Para mudar esse quadro, constituídos de lugares mais ou menos fixos, os filhos desenvolvem subterfúgios para atingir suas metas de independência na relação (Henriques, 2009).

Féres-Carneiro, Henriques e Jablonski (2011) aprofundam essa discussão ao discorrerem sobre o processo da negociação. Nas famílias com pais e filhos/as adultos/as, a competência da negociação demonstra ser um elemento essencial, de modo a garantir que as necessidades de cada integrante sejam consideradas. Ramos (2006) afirma que a negociação é necessária para manter o equilíbrio nas relações entre pais e filhos/as e permitir que essas relações evoluam em direção à relações entre pares.

Pais e filhos/as adultos/as coabitantes, parecem fazer uso de um interjogo relacional, para negociarem regras e limites em busca de legitimar seus interesses pessoais e coletivos. Esse processo flui de forma mais natural quando a flexibilidade está presente na família. No entanto, nem sempre as negociações ocorrem em forma de diálogo explícito. A esse respeito, Féres-Carneiro et al. (2011) ressaltam:

Nesse caso, consideramos que a negociação ocorre de uma forma não explícita e que o estabelecimento de um acordo é possível, em razão dos comportamentos dos membros da família, ou seja, quando estes mobilizam ações que colocam uma regra à prova e seguem Tateando formas de aproximação de tal objetivo, sem que palavras sejam ditas (Féres-Carneiro et al., 2011, p. 239).

A escolha por formas mais amenas e implícitas de comunicação pode ser interpretada, de acordo com Féres-Carneiro et al. (2011), como um modo de evitar conflitos. Esse processo parece indicar que pais e filhos/as adultos/as agem no intuito de preservar suas relações e, ao mesmo tempo, manter a harmonia do convívio familiar.

A qualidade das relações entre pais e filhos/as adultos/as é apontada pelos pais como um dos fatores que contribui para o fenômeno da permanência dos/as filhos/as em casa (Figueiredo, 2008). No caso dos/as filhos/as, o diálogo e a amizade com os pais são percebidos como vantajosos para a permanência em casa (Gallagher, 2013). Nesse contexto, pode-se “dizer que existe uma complementaridade funcional entre os papéis familiares no qual tanto pais quanto filhos se beneficiam da convivência” (Henriques, Féres-Carneiro & Magalhães, 2016, p.334).

As novas configurações que se estabelecem com a presença de um filho/a adulto/a em casa precisam trazer mudanças e novos significados nas negociações dos valores de autonomia, liberdade, individualidade e responsabilidade entre pais e filhos/as corresidentes. O desenvolvimento emocional saudável de ambos vai depender do sucesso obtido nesse processo de negociação. No momento em que os pais aceitam e os/as filhos/as prolongam o tempo de

permanência na casa deles, valores e regras de convivência precisarão ser reavaliadas e renegociadas. A título de exemplo, os horários de chegada em casa, expectativas de realização de refeições conjuntas ou mesmo questões relacionadas à intimidade, como é o caso de trazer o/a namorado/a para dormir na casa que é dos pais, são alguns dos itens que compõem a agenda de negociação (Berthoud, 2003).

As questões da transgeracionalidade e da lealdade familiar também aparecem na literatura (Féres-Carneiro et al., 2007). Elas foram identificadas em algumas famílias como parte da explicação sobre o fenômeno do prolongamento da convivência familiar (Vieira & Rava, 2012). A transgeracionalidade pode ser definida como a representação dos processos que são transmitidos pela família de uma geração a outra e se mantêm presentes ao longo da história familiar (Wagner, 2005). De acordo com essa compreensão, a identidade do indivíduo se constrói a partir desse legado que, por sua vez, define o lugar que ele passa a assumir na família.

O conceito de lealdade foi discutido por autores provenientes do campo de estudo das Terapias Familiares como Boszormenyi-Nagy e Spark (1973). Eles explicam a noção de lealdade a partir da origem do termo, vindo da palavra francesa *loi*, que significa lei. Os filhos identificam, de forma consciente ou não, as “leis” presentes em suas famílias e respondem às expectativas oriundas delas. Esses compromissos de lealdade são interiorizados e os interesses do grupo familiar são alinhados. Falcke, Wagner e Mossmann (2005), em sintonia com os autores citados, definem a lealdade como “uma força que torna o sujeito um membro efetivo do grupo e, ao mesmo tempo, exige-lhe, em troca, o compromisso de obedecer às regras do sistema e cumprir os mandatos que lhe são delegados, mesmo que não sejam conscientes” (p.30).

Vieira e Rava (2012) encontraram pais que haviam morado com suas famílias de origem por mais tempo do que os padrões da época estabeleciam. Essa dinâmica, na explicação das autoras, poderia ter se transformado em um legado a ser repetido pelos filhos/as de forma não intencional. Nessas famílias, a transmissão do padrão familiar de permanência estendida no lar poderia ser vista

como uma autorização dada aos/às filhos/as para repetir o padrão e permanecer em casa, mesmo com idade avançada, uma vez que seus pais também deixaram o lar parental mais tarde.

Da mesma forma, os pais que deixaram suas casas muito jovens, como aconteceram com os pais pesquisados por Figueiredo (2008), demonstraram não querer que seus/suas filhos/as enfrentassem as dificuldades que eles experimentaram quando saíram. Assim, deixam de estimular os filhos na direção da partida como uma forma de protegê-los daquilo que passaram. A pesquisa de Figueiredo (2008) teve como foco principal a percepção dos pais acerca do fenômeno. As razões apontadas pelos pais e mães cangurus entrevistados para a permanência dos/as filhos/as em casa foram: insegurança do/a filho/a em morar sozinho/a, bom convívio familiar e o apego à permanência da família unida, além da liberdade e conforto disponível para os/as filhos/as na casa dos pais. Os pais ainda mencionaram a situação econômica do país, a necessidade dos filhos de fazer pós-graduações e de economizar dinheiro. O adiamento do casamento também apareceu como um fator relacionado à residência prolongada do/a filho/a adulto/a em casa.

Munhoz (2012) realizou sete entrevistas semiestruturadas com adultos da classe média da cidade de São Paulo, entre 26 e 37 anos, cinco do sexo feminino e dois do sexo masculino, que moravam com suas famílias de origem. A pesquisa, que apresentou os motivos, as intenções e os sentidos que determinam a pertença estendida de filhos/as adultos/as na família de origem sob uma perspectiva psicanalítica, constatou a presença de uma relação do tipo simbiótica com a figura materna. Essa relação se configura como uma forma de dependência emocional. De acordo com a análise feita por Munhoz (2012), muitas vezes, tal dependência acaba por desautorizar e desacreditar o filho. O filho ou a filha, por sua vez, torna-se angustiado/a e inseguro/a, postura que acaba por dificultar e/ou mesmo impedir o processo de se desvincular da mãe. A dependência emocional, em alguns casos, perpetua-se na dependência financeira e contribui para a permanência do/a filho/a no lar parental.

Outro ponto de destaque na pesquisa de Munhoz (2012) foi a sensação de desconforto identificado nos/as filhos/as cangurus pelo fato de residirem na casa dos pais. Esse fato está em oposição ao anunciado pelas mídias, que enfatizam a vida de benesses e vantagens do/a filho/a em casa. Da mesma forma, a pesquisa reafirma a diversidade de características presentes na geração canguru. A autora observou que estava presente nos/as entrevistados/as uma sensação de fracasso. Diversos/as participantes relataram possuir um sentimento de que o tempo de sair da casa dos pais já havia passado e havia a percepção de que já não eram bem quistos na casa dos pais.

Gallagher (2013), em pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro, cujo objetivo era investigar as motivações, os obstáculos, a vida profissional, a vida afetiva e os planos para o futuro de jovens adultos/as que moram com os pais, encontrou resultados parecidos. A autora entrevistou oito pessoas, quatro homens e quatro mulheres, das camadas médias da população carioca, com idades entre 26 e 35 anos. A maior parte dos/as entrevistados/as, ao mesmo tempo em que relatou como vantagens da permanência a questão econômica, a praticidade, o diálogo e o conforto, também apresentou a não identificação com o lar e o sentimento de não pertencimento à casa da família.

Entendemos que a dinâmica familiar pode favorecer ou dificultar a permanência do/a filho/a em casa. O aumento das regalias e concessões dos pais aos/as filhos/as tende a facilitar a permanência deles/as (Figueiredo & Cervený, 2013; Wendling & Wagner, 2005). Da mesma forma, a configuração do quarto dos/as filhos/as é outro aspecto que pode contribuir para a corresidência parento-filial. Na convivência prolongada, o quarto do/a filho/a constitui para ele/a o espaço mais privado da casa dos pais (Henriques, 2009; Ramos, 2006). É lá que o/a filho/a tem a possibilidade de isolar-se no seu mundo, ter privacidade e expressar sua individualidade. Alguns quartos de filhos/as adultos/as são apartamentos completos e possibilitam, dessa forma, que, quando em casa, permaneçam mais tempo nesse espaço e façam dele um local de refúgio. Henriques et al. (2004)

assinalam que o isolamento dos/as filhos/as dentro de seus próprios quartos é um fator que diminui o contato entre pais e filhos/as e, assim também, as possibilidades de conflitos.

Quando observamos o fenômeno das famílias cangurus sob uma lente de gênero, podemos identificar diferenças nas vivências entre filhos homens e filhas mulheres na casa dos pais. Apenas as filhas parecem ter restrições no que diz respeito a trazer os namorados para dormir no lar parental. Tal postura restritiva não costuma ocorrer com os filhos homens. Da mesma forma, o monitoramento dos pais sobre as filhas adultas mulheres parece ser maior do que sobre os filhos homens. Como exemplo, podemos citar os questionamentos feitos de forma mais frequente e enfática às filhas sobre os horários de idas e voltas para casa como também os locais frequentados (Figueiredo, 2008; Gallagher, 2013; Henriques, 2004; Munhoz, 2012).

Para as filhas, também percebemos motivações diferentes, em comparação aos filhos, tanto para a permanência no lar parental como para a saída. No Brasil, dados do IBGE (2016) mostram que 60,2% da geração canguru é composta por homens. As filhas cangurus saem de casa mais cedo para casar do que os filhos homens. Além dessa questão cultural, os dados podem estar relacionados com as diferenças de gênero encontradas na vivência das filhas cangurus em casa. Esse fato pode revelar, entre outros fatores, o desconforto que essas filhas sentem na casa dos pais, por exemplo, devido ao maior monitoramento dos pais sobre elas (Figueiredo, 2008; Gallagher, 2013; Henriques, 2003; Munhoz, 2012).

As mulheres possuem, geralmente, menor aceitação familiar de sua autonomia, diferenciação e vivência da sexualidade (Carter & McGoldrick, 1995). A falta dessa liberdade pode acelerar o processo de saída das mulheres do lar parental. Essas diferenças de gênero são fruto de um contexto ainda marcado pelo machismo em decorrência do patriarcalismo que predominou em nossa sociedade nas últimas décadas.

Filhos/as cangurus também são apontados como possíveis guardiões da relação conjugal dos pais. Nesse sentido, ao prolongarem a função parental por meio da residência dos/as filhos/as

adultos/as em casa, os pais podem deixar de olhar para o próprio casamento e, assim, evitar conflitos (Figueiredo, 2008; Henriques et al., 2004). A dificuldade de separação da família pode partir, portanto, tanto dos/as filhos/as quanto dos pais (Gallagher, 2013).

Constatamos, com base nos estudos citados, que os principais fatores relacionados à permanência de filhos/as adultos/as na casa dos pais concernem aos contextos internos e externos à família, bem como ao desenvolvimento individual de pais e filhos/as. A partir da revisão realizada, percebemos a existência tanto de aspectos positivos como negativos da vivência desses/as filhos/as, ainda que os aspectos do conforto, da liberdade e das facilidades usufruídas na casa dos pais sejam mais evidenciados. Esses, por sua vez, reforçam a permanência em casa como uma escolha do/a filho/a. A maior parte dos estudos mostra a casa dos pais como um local de refúgio e alento frente às instabilidades do mundo contemporâneo. Na continuidade desse capítulo, abordaremos outras dimensões da geração canguru que ampliarão essa discussão e ajudarão no entendimento do fenômeno.

1.1.2. Carreira em foco – o mundo do trabalho

A situação econômica do mundo atual é marcada pela instabilidade e pela crise. Esse quadro pode dificultar a inserção no mercado de trabalho e apresentar inseguranças quanto à estabilidade profissional, ainda que já conquistada, e/ou mesmo dificuldade de garantir melhores salários. Muitos filhos e filhas cangurus planejam a saída de casa somente depois de conquistada uma estabilidade financeira e profissional (Cobo & Saboia, 2010; Henriques, 2003; Henriques, Féres-Carneiro & Magalhães, 2006).

De acordo com dados das pesquisas do IBGE (2016), cerca de seis em cada 10 filhos/as com idades entre 25 e 34 anos que moravam com os pais em 2015, estavam empregados/as. No entanto, para essa parcela da geração canguru, possuir um trabalho não é suficiente para sair da casa dos pais, uma vez que parecem estar em busca de posições e salários/rendimentos melhores.

Ao analisarmos o mundo do trabalho sob uma perspectiva histórica, algumas mudanças se destacam. Entre as principais estão: a transição da carreira linear - do crescimento progressivo de cargos, geralmente dentro de uma mesma instituição - para a carreira flexível - movimentação para cargos laterais e/ou funções menores, em diferentes áreas e instituições, antes de crescer na carreira -, mudança da estabilidade para a instabilidade, globalização, aumento da competitividade, influência das tecnologias, entre outras (Henriques et al., 2006; Pais, 2016; Veloso, Dutra & Nakata, 2016).

A diretora de operações da rede social *facebook*, referência no mundo jovem-adulto, Sheryl Sandberg, lançou no ano de 2013 um livro *best-seller* no qual trouxe a experiência de sua própria carreira. A autora aborda a realidade da carreira no mundo de hoje comparada com o brinquedo trepa-trepa, encontrado nos parques infantis. A autora faz a analogia da carreira tradicional com uma escada, em que o único movimento possível seria ascendente, ao se dar um passo de cada vez, rumo a cargos, posições e/ou salários melhores. Já o trepa-trepa oferece várias possibilidades de caminho: andar de lado, descer, subir, descer de novo, ir para o outro lado, antes de chegar no topo.

A visão descrita por Sandberg (2013) retrata, em nossa percepção e com base nos estudos citados, a realidade global do mundo do trabalho na qual filhos/as cangurus estão inseridos/as. Fazer uma pausa, mudar de rota, retroceder, “voltar à estaca zero”, avançar de novo, são movimentos possíveis neste âmbito. Esse processo é ainda legitimado pelas empresas quando valorizam o dinamismo das diferentes experiências profissionais e alternâncias de empregos nos currículos dos candidatos a seleção.

O sociólogo Richard Sennett (2009) ressalta os malefícios de toda essa flexibilização ao apontar que as relações de trabalho do novo capitalismo afetam o caráter pessoal dos indivíduos. Isso decorre do fato de a inserção no mundo do trabalho não se processar mais a longo prazo e não oferecer condições para a construção de uma narrativa linear de vida. A rotina é substituída pelo dinamismo, a burocracia é flexibilizada e as condições de trabalho são instáveis. Sennett (2009)

defende que as mudanças no mundo do trabalho criam uma situação de falta de propósito em relação ao presente. Ademais, a insegurança diante da possibilidade de antever perspectivas futuras geram o que ele define como um sentimento de estar à deriva. Diante disso, o autor questiona como podemos buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo. O autor incita a reflexão sobre a durabilidade dos laços no mundo atual e afirma que as qualidades capazes de criá-los, como a confiança, a lealdade e o compromisso, estão corroídas pelo pressuposto do curto prazo e do individualismo. A dificuldade em estabelecer e dar continuidade aos laços, segundo o autor, corrói o caráter.

Na clínica psicológica, é comum encontrarmos filhos/as adultos/as da geração canguru que buscam atendimento em decorrência da falta de certezas sobre sua inserção no mundo do trabalho. Eles/as se sentem frustrados/as por ainda não terem atingido um padrão de sucesso na carreira. Percebemos o quanto esses padrões de sucesso são, muitas vezes, construídos com base em referenciais de estabilidade e progressão linear, características do mundo do trabalho das gerações passadas. Dessa forma, filhos e filhas cangurus tendem a colocar a vida profissional em destaque. Esse foco demasiado no sucesso profissional pode contribuir para a busca da casa dos pais como um lugar de suporte enquanto estabilizam-se e crescem na carreira.

Na pesquisa de Gallagher (2013), todos os entrevistados da geração canguru apontaram a instabilidade e a concorrência presente no mercado como característicos do mundo do trabalho. Em contrapartida, a maioria alegou acreditar na possibilidade de crescimento profissional; outros ainda destacaram a falta de clareza em relação aos planos profissionais para o futuro.

Silveira e Wagner (2006), ao coletarem percepções de adultos/as jovens residentes na casa dos pais, identificaram que, para eles, a carreira universitária não garante, necessariamente, o sucesso profissional e financeiro. Mesmo os que já estão formados há bastante tempo ainda continuam os estudos e o aperfeiçoamento profissional. De acordo com as autoras, essas opiniões

evidenciam uma superexigência do contexto e demonstram as altas expectativas presentes no meio em que estão inseridos.

Os/as filhos/as cangurus de camadas populacionais médias e altas podem buscar salários condizentes com seus títulos e especializações. Podem também não se contentar com o primeiro emprego que lhes ofereça independência. Silveira e Wagner (2006) e Munhoz (2012) constataram que os/as filhos/as adultos/as que permanecem na casa dos pais acreditam que ainda não atingiram uma condição ideal de trabalho e salário. O processo de busca pelo trabalho ideal influencia a manutenção da condição de desemprego ou de instabilidade profissional e pode retardar o encontro de um trabalho satisfatório que possibilite o sair de casa.

As instabilidades e incertezas presentes na atualidade dificultam tanto a inserção quanto a continuidade de uma carreira e, conseqüentemente, postergam a obtenção da independência financeira (Pais, 2016). Pode-se transitar entre diferentes carreiras ou mesmo agregar mais de uma simultaneamente. Pode-se inclusive passar tempos sem trabalhar. Filhos/as, mesmo quando trabalham e atingem certa estabilidade profissional que torne possível uma independência financeira e a saída da casa dos pais, podem comprometer seus orçamentos com gastos pessoais, de modo a sustentar estilos de vida próprios voltados, muitas vezes, para o consumo, viagens, cursos de aperfeiçoamento, lazer e poupanças.

Esses desafios do mundo contemporâneo impactam diretamente a relação da geração canguru com o trabalho. A competitividade do mercado, por exemplo, eleva o investimento nos estudos desde a graduação até as pós-graduações. Essas são, em nosso entendimento, estratégias utilizadas para tentar driblar as instabilidades, agregar valor à carreira e alcançar realização e sucesso. A exigência por uma qualificação cada vez maior acaba colaborando para o estabelecimento de uma rotina fora de casa e, portanto, de pouco contato com os pais.

Ressalta-se que falar de carreira ao refletir sobre filhos/as cangurus é trazer uma dimensão importante dessa geração descrita na literatura. No momento da decisão pela permanência ou pela

saída da casa dos pais, a carreira é um dos principais focos desses filhos/as. A carreira do/a jovem adulto/a de hoje pode contemplar um leque de possibilidades e esse fato contribui para a compreensão do cenário no mundo do trabalho contemporâneo. Podemos tomar como exemplo a carreira organizacional e executiva, em que a pessoa ocupa, no início, um cargo menor e, com o passar do tempo e das experiências, galga posições mais elevadas. Esse crescimento, todavia, não precisa acontecer na mesma empresa, mas pode abranger diferentes organizações e mercados (Dutra, 1996).

A carreira voltada ao empreendedorismo é outro exemplo de posicionamento no mundo profissional que faz parte da gama de escolhas de jovens adultos/as de hoje. Esse modelo favorece a liberdade de não sujeição a hierarquias, uma vez que o/a empreendedor/a, a priori, não presta contas a um superior, mas a si mesmo/a. Essa é também uma forma de driblar o desemprego e de se aliar ao imediatismo e à velocidade da informação, típicos da circunstância laboral atual (Gallagher et al., 2013).

Provenzi (2014) constatou que os sentidos atribuídos ao empreendedorismo por jovens empreendedores de camadas médias e altas, apontam a valorização da autonomia e a busca pelo autodesenvolvimento. Cabe ressaltar ainda a possibilidade de criação e de realização de algo que traga prazer e transmita os valores desses jovens ao mundo. A questão financeira apareceu como importante para todos os/as entrevistados/as, porém, não como principal. O sucesso financeiro é visto como uma consequência da qualidade do trabalho desenvolvido. Importante ressaltar que todos esses jovens contaram com o suporte da família no momento em que ingressaram na carreira empreendedora.

A carreira pública, por sua vez, é mais uma forma de o jovem adentrar o mundo do trabalho. Em cidades voltadas para o funcionalismo público, como é o caso da cidade de Brasília, é comum esse tipo de escolha. Em nossa experiência, percebemos que, muitas vezes, essa carreira é incentivada pelos pais, que buscam proteger o/a filho/a das instabilidades do mundo atual.

A busca por vínculos duradouros na vida profissional por meio da entrada em concurso público foi objeto dos estudos de Albrecht (2010) e Carreiro (2014). As concepções do serviço público como fonte de garantia de emprego e de acesso à estabilidade financeira foram relacionadas por todos os jovens entrevistados por Albrecht (2010). Frente à instabilidade do mundo do trabalho contemporâneo, a carreira pública se torna uma estratégia de inserção e permanência profissional. Nesse contexto, a identificação com o trabalho, a escolha profissional descolada da formação superior e a possibilidade de realização ficam em segundo plano. O que importa é a busca pela garantia de um lugar seguro, a tão sonhada estabilidade.

Os pais e filhos/as adultos/as de nossa sociedade costumam apresentar visões contrastantes acerca do mundo do trabalho, tendo em vista as especificidades que marcaram as diferentes épocas. A maior parte desses pais viveu o início de suas carreiras nas décadas de 1960 e 1970 quando a estabilidade era central na vivência profissional. Hoje, esses pais, aposentados ou em vias de se aposentarem, somam anos de carreira na mesma instituição. Os/as filhos/as adultos/as entrevistados na pesquisa de Munhoz (2012) perceberam-se invadidos por expectativas familiares de ganho financeiro com o trabalho remunerado, com registro em carteira. Isso lhes permitiria, de acordo com a autora, serem reconhecidos pelos pais como adultos/as responsáveis.

Ficam evidentes, portanto, as diferentes concepções sobre o mundo do trabalho entre pais e filhos/as adultos/as. O contexto histórico dos pais é pautado nos ideais de compromisso, lealdade, durabilidade e segurança e, de outro lado, o dos/das filhos/as, voltado para a provisoriedade (Henriques, 2010; Henriques et al., 2006). Com base nessas diferenças, Henriques (2010) explica a possibilidade da existência de tensões e desconfortos nas relações entre pais e filhos/as adultos/as coabitantes.

Se, por um lado, os pais vislumbram um futuro para os filhos em termos da construção de uma carreira, por outro lado os filhos descreem em um futuro nesse sentido, temerosos da instabilidade e da insegurança geradas pelas transformações operadas nesse domínio. (...)

Sendo assim, tanto a atitude empreendedora quanto a busca de vínculos duradouros, na esfera dos indivíduos jovens, serve para refletir sobre o grau de influência dos pais na escolha e no direcionamento profissional dos seus filhos. No primeiro caso, percebemos o confronto de duas lógicas diferentes em ação e no segundo, entendemos ocorrer uma acomodação de perspectivas (Henriques, 2010, p. 80).

As considerações apresentadas mostram a relação do mundo do trabalho com o fenômeno canguru. A crise econômica e as instabilidades presentes podem impedir que jovens adultos/as consolidem suas carreiras e, desse modo, leva-os a permanecerem na casa dos pais. Juntamente a esse fato, o investimento dos/as filhos/as cangurus na carreira, principalmente daqueles que dispõem de independência financeira para sair de casa, pode ocorrer devido a alguns motivos: obter salários que sustentem padrões altos de consumo e lazer, economizar com despesas da casa e gerar poupanças, estudar mais afim de desenvolver-se na carreira e responder à competitividade do mundo do trabalho e, por fim, ousar nas carreiras flexíveis quando experimentam diferentes atuações.

Ressaltamos, portanto, que uma das características centrais da geração canguru é o investimento na carreira e no mundo do trabalho (Figueiredo, 2013; Henriques, 2010). Compreender essa dimensão se faz essencial como base para a discussão posterior sobre a vivência da dupla carreira no casamento formado por filhos/as cangurus. No caso dos/as filhos/as cangurus é muito comum que, no momento do casamento, ambos os cônjuges estejam inseridos no mercado de trabalho, uma vez que a própria condição de residir na casa dos pais é também consequência desse forte investimento na vida profissional, seja o filho homem ou mulher.

Cabe enfatizar que os motivos para a permanência em casa não são excludentes, mas se retroalimentam. O investimento na carreira pode relacionar-se também com um baixo investimento na vida amorosa. Diante da insegurança em estabelecer relacionamentos pode ser mais fácil investir na construção da carreira: ela seria algo “garantido” em comparação a uma relação afetiva, por

exemplo, que poderia ser uma experiência frustrante (Smeha & Oliveira, 2013). O adulto jovem pode ainda evitar relacionamentos por se mostrar pouco diferenciado em relação à sua família de origem. A esse respeito, discutiremos no tópico seguinte.

1.1.3. Tornar-se adulto/a e o processo de diferenciação da família de origem

Ser adulto/a, na sociedade atual, parece estar associado principalmente à independência emocional e financeira, esta uma consequência da entrada no mundo do trabalho. O movimento de transição para a vida adulta, contudo, não acontece mais como antes, quando se tinham rituais, tal como a saída da casa dos pais, que marcavam essa passagem (Outeiral, 2008; Pais, 2016).

Hoje os filhos entram e saem dos eventos que antes marcavam a transição para a vida adulta, tornando complexo o caminho rumo à adulez. As trajetórias ioiôs, conforme ressalta Pais (2016), são exemplos típicos da contemporaneidade e retratam essa realidade de múltiplas transições. O movimento do ioiô de idas e vindas tem sido a trajetória de muitos jovens adultos que alternam entre o investimento na educação e o mercado de trabalho, entre diferentes empregos e empresas, entre viver sozinho e na casa dos pais e ainda entre a conjugalidade e a vida de solteiro.

Outeiral (2008) adotou o termo “adultescer” para se referir ao tornar-se adulto/a como um processo que ocorre ao longo de um tempo. Esse processo tem levado um período maior do que o que ocorria nas gerações passadas. Um dos aspectos característicos da vivência da geração canguru é a possibilidade de transitar entre modos de ser jovem e modos de ser adulto/a.

De acordo com Ramos (2006), os/as jovens adultos/a que vivem com os pais devem construir sua autonomia e independência mesmo estando em uma relação de dependência residencial, financeira e material. O conceito de autonomia é explicado por Ramos com base na ideia de que a pessoa determina a si mesma as próprias regras. A independência, por sua vez, é um estado no qual a pessoa se encontra desde que disponha de recursos (nomeadamente econômicos) suficientes para estar livre e atar laços com quem quiser.

A família é um contexto natural para crescer e receber auxílio. A experiência humana de identidade, segundo Minuchin (1982), contempla dois elementos: um sentido de pertencimento e um sentido de ser separado, e é a família o contexto em que esses ingredientes são misturados e administrados. É a família, assim, quem garante a pertença da pessoa ao mesmo tempo em que promove a sua individualidade (Minuchin, 1982).

Nesse sentido, a casa dos pais, mesmo sendo um espaço de dependências para o/a filho/a adulto/a, pode favorecer a construção da autonomia e da identidade. Os/as filhos/as podem ter, na casa dos pais, um lugar de permanência, de apoio e que não apresente resistência ao seu processo de autonomia. Todavia, quando esse processo não acontece, os/as filhos/as entram no casamento com um “gap” emocional, o que pode trazer impactos para a construção do vínculo conjugal e para o desenvolvimento da relação. Assim, a adultez não diz respeito tanto aos status adquiridos ou às etapas superadas, mas à construção de si como autônomo, como autor/a da própria vida (Ramos, 2006).

Os pais estão mudando e ampliando suas concepções sobre o que significa ser adulto/a. Rodrigues e Kublikowski (2014) identificaram que eles não consideram a vida adulta dos/as filhos/as segundo acontecimentos pontuais, tais como casamento, independência financeira e saída do lar parental. A adultez é vista como um processo, em alguns casos ambivalente, orientado pela responsabilidade e aquisição de autonomia.

Munhoz (2012), por sua vez, constatou que a concepção de “ser adulto”, para filhos e filhas adultos/as residentes com os pais, é descrita por eles como “ter independência financeira e responder por aquilo que faz”, “quem já cresceu e pode ajudar os pais”, “ter uma vida regrada, difícil, com o controle do dinheiro”; “ter uma vida comum com o parceiro”, “poder pagar contas, ter preocupações”, “casar e ter uma casa” e “lidar com o medo de ficar como a mãe, alguém que não viveu a própria vida e vive a vida dos outros”. Interessante perceber nessas visões, a ênfase no

aspecto exterior da independência, especialmente financeira. O processo interno de diferenciação, entretanto, precisa ser considerado quando se trata do desenvolvimento adulto.

Bowen (1991), segundo uma perspectiva transgeracional do desenvolvimento adulto, considera a diferenciação em seu aspecto interpessoal e intrapsíquico (Nichols & Schwartz, 2008). O primeiro diz respeito à diferenciação entre si mesmo e os demais, enquanto o segundo, à capacidade de diferenciação entre razão e emoção. O autor defende que os relacionamentos humanos são impulsionados por duas forças contrárias que se equilibram: a individualidade e o pertencimento. O sucesso em conciliá-las dependerá do nível de diferenciação do *self* em relação à família de origem (Bowen, 1991; Nichols & Schwartz, 2008).

A família constitui, segundo a teoria boweniana, uma unidade emocional e é, no relacionamento familiar multigeracional, em que ocorrem os processos emocionais de fusão e/ou separação de uma pessoa. O eu (*self* ou si-mesmo) “está ligado aos pais na geração passada, ao cônjuge na presente e aos filhos na futura” (Bowen, 1991, p. 70). Quanto maior o grau de diferenciação que se é capaz de estabelecer em relação à família de origem, mais autônoma e livre de sintomas será a pessoa.

As pessoas diferenciadas são capazes de tomar posições definidas sobre as questões sem serem guiadas exclusivamente por suas emoções, uma vez que conseguem pensar nas coisas e decidir por si próprias e não apenas decidir com base na influência dos outros ou do que sentem. São também menos afetadas pelas condições de estresse e pelas mudanças nos seus sistemas de relacionamentos (Bowen, 1991).

As pessoas menos diferenciadas, por outro lado, são facilmente levadas à emotividade e à reatividade. Elas possuem pouca identidade autônoma e tendem a estar fusionadas emocionalmente com outras, fazendo sempre eco a elas. O eu indiferenciado é mais vulnerável às aflições da vida e apresenta uma maior tendência a disfunções, sejam emocionais ou sociais. A falta de diferenciação também pode se apresentar na dificuldade de estabelecimento de relacionamentos amorosos saudáveis.

Como consequência, essas pessoas podem investir sua energia na carreira, por exemplo (Bowen, 1991; Nichols & Schwartz, 2008).

Nesse contexto, o grau de diferenciação do eu em relação ao sistema familiar constitui um parâmetro importante para alcançar a autonomia. O/a filho/a adulto/a diferenciado/a demonstrará, segundo Bowen (1991), uma maior liberdade para desenvolver seus planos de vida e desempenhar seus papéis sociais, emocionais, relacionais e se responsabilizar por seus projetos. Ela/e torna-se capaz de fazer a gestão da própria vida de forma independente.

O modo pelo qual é feita essa transmissão aos/às filhos/as do grau de diferenciação dos pais, recebe o nome na teoria boweniana de *Processo de Projeção Familiar*. De acordo com esse conceito, os pais podem transmitir para seus/suas filhos/as diferentes níveis de diferenciação do eu, a depender da forma como cada filho/a foi exposto/a à ansiedade dos pais. Geralmente o/a filho mais exposto/a será aquele/a menos diferenciado/a e, por consequência, mais ligado/a aos pais e que tende a permanecer sob o controle dos mesmos. Seus irmãos, por outro lado, podem apresentar maior autonomia emocional e maior liberdade para investir em seus próprios projetos.

A teoria de Bowen (1991) postula que, quanto mais os pais necessitam do/a filho/a para completar os seus eus parciais, mais o/a filho/a também precisará de outros para completar o seu. A necessidade que uma pessoa tem de outra para se completar é, dessa forma, trazida da família de origem e influenciará os relacionamentos futuros, inclusive no que se refere à escolha do cônjuge. Dessa forma, as pessoas tendem a escolher por parceiros/as com níveis semelhantes de diferenciação (Nichols & Schwartz, 2008).

Diante do exposto, segundo Nichols e Schwartz (2008), “considera-se que existe um ótimo desenvolvimento familiar quando os membros da família são diferenciados, a ansiedade é baixa e os parceiros mantêm um bom contato emocional com as próprias famílias” (p.135). A saída da casa dos pais, entretanto, não garante esse processo. É comum que filhos/as deixem a casa dos pais com

questões emocionais pendentes. As pessoas provenientes de famílias indiferenciadas podem continuar, conforme a perspectiva boweniana, indiferenciadas quando formarem uma nova família.

As questões de gênero também suscitam expectativas e formas diferentes de entrada na vida adulta. Conforme já destacado, as mulheres, geralmente, possuem menor aceitação familiar em relação à sua autonomia e diferenciação (Carter & McGoldrick, 1995). As questões próprias desse momento da vida, como intimidade, identidade, os espaços ocupados na família, na sociedade e as escolhas sobre casamento e trabalho, são vividas de maneira diferente entre homens e mulheres (Gallagher, 2013; Lourenço, 2012; Outeiral, 2008).

Os entrevistados desta pesquisa são casais que, até pouco tempo atrás, ambos, ou pelo menos um dos cônjuges, residia com os pais. Um dos desafios presente é, portanto, lidar, após a saída de casa para o casamento, com as possíveis interferências e heranças das famílias de origem, tanto no âmbito individual como conjugal. É importante ressaltar a importância deste processo para a compreensão de como se estabelece o casamento de filhos/as cangurus.

1.1.4. A saída da casa dos pais

Os planos para o futuro de filhos/as adultos/as que vivem com os pais, apesar de envolver a saída de casa, indicam que nem sempre essa saída está prevista em curto prazo. O projeto de sair do lar parental foi estudado por Gallagher et al. (2013). As autoras observaram, nos filhos cangurus entrevistados, quatro do sexo feminino e quatro do masculino, objetivos traçados a médio e longo prazo. As autoras pontuam o paradoxo envolvido nessa questão, uma vez que a vivência na contemporaneidade é baseada no imediatismo, mas a permanência na casa dos pais acontece em função da presença de outro ritmo, certamente mais lento.

Henriques (2009) aponta que a saída de casa de filhos e filhas cangurus pode ser motivada por fatores como uma mudança de cidade em função de trabalho, uma pós-graduação, um

intercâmbio no exterior ou para morar sozinho na mesma cidade. A saída de casa pode decorrer ainda para estabelecer uma vida conjugal, seja por meio do "morar juntos" ou do casamento.

É importante frisar, no entanto, que a saída de casa não representa necessariamente a aquisição de identidade autônoma. O filho ou a filha podem morar fora de casa e continuar ligados aos pais e à estrutura da casa de origem. Podem, por exemplo, manter parte das refeições na casa dos pais, trazer comida congelada da mãe, deixar as roupas para lavar na casa dos pais ou ainda utilizar a mesma diarista que eles. Esses filhos e filhas acabam, dessa forma, diminuindo as responsabilidades sobre o novo lar e sobre si mesmos/as, além de possibilitarem aos pais a manutenção de um monitoramento sobre eles. Essas situações podem funcionar como estratégias de enfrentamento para a saída de casa. Idas e vindas, aproximações e afastamentos entre pais e filhos/as que deixaram o lar parecem ser necessárias para a construção de uma nova relação e para a afirmação da autonomia de filhos e filhas. Por outro lado, podem dificultar o estabelecimento de limites saudáveis nas relações pais e filhos/as adultos que saem de casa (Wendling & Wagner, 2014).

Carter e McGoldrick (1995) pontuam que a mudança de status na relação entre pais e filhos/as adultos/as que saíram de casa requer uma forma de relacionamento mutuamente respeitosa e pessoal. A construção dessa nova forma de se relacionar dará aos filhos/as a possibilidade de apreciar os pais como eles são, sem precisar transformá-los naquilo que eles não são e sem culpá-los por aquilo que não puderam ser. Uma separação adequada dos/as filhos/as nessa fase, de acordo com as autoras, seria aquela que não envolvesse rompimento ou fuga, mas ressignificação da relação com os pais.

Os filhos devem ser capazes de escolher emocionalmente o que levarão da família de origem, o que deixarão para trás e o que irão construir sozinhos (Aylmer, 1995). Ao saírem de casa direto para o casamento, essas escolhas tornam-se ainda mais críticas, uma vez que envolvem a construção de uma nova rotina ao lado de um parceiro/a que também possui questões com sua

família de origem. Wendling e Wagner (2014), ao estudarem o fenômeno da saída de casa, observaram que os/as filhos/as consideraram essencial certo distanciamento dos pais após a saída de casa, a fim de experimentarem seu novo espaço de adulto/a. Da mesma forma, também perceberam como importante o contato frequente com os pais. Essas percepções deixam claras as ambiguidades presentes no sistema familiar nesse momento do ciclo de vida.

A saída dos/as filhos/as da casa dos pais é um momento de transição do ciclo de vida da família e, por isso, um momento complexo. Na literatura internacional de terapia familiar, essa fase é denominada de *ninho vazio* ou *lançando os filhos e seguindo em frente* (Carter & McGoldrick, 1995). Lançar os/as filhos/as ao mundo e seguir em frente é considerada a fase mais longa e uma das mais difíceis do ciclo vital da família.

Este é o momento, segundo Carter e McGoldrick (1995), em que os pais estão envelhecendo, estão deixando suas atividades profissionais e se aposentando e, ao mesmo tempo, entrando no papel de cuidadores dos seus próprios pais, que podem se tornar dependentes deles. As mudanças geradas nessa etapa podem promover plenitude, gratificação e crescimento para os membros da família ou potencializar conflitos familiares (Wendling & Wagner, 2014).

Complementarmente, os/as filhos/as que saem de casa para casar estão vivenciando o início do ciclo de vida de uma família (Carter & McGoldrick, 1995). O seu processo emocional chave seria o de aceitar a responsabilidade emocional e financeira pelo *eu*. Nesse sentido, as autoras colocam como tarefas a serem desenvolvidas por jovens adultos/as que deixam a casa dos pais:

- a. Diferenciação do eu em relação à família de origem;
- b. Desenvolvimento de relacionamentos íntimos com adultos iguais;
- c. Estabelecimento do eu com relação ao trabalho e independência financeira.

Aylmer (1995) discorre sobre jovens adultos/as em pós-faculdade, financeiramente independentes ou quase independentes e que deixaram fisicamente a família de origem. O autor

propõe que o desenvolvimento do/a filho/a adulto/a fora do lar parental esteja relacionado a fatores individuais do/a filho/a, do sistema familiar, da carreira e da intimidade.

Os fatores individuais dizem respeito ao desenvolvimento do/a filho/a enquanto uma pessoa adulta responsável pelo seu próprio sustento e cuidado, sendo capaz de manejar de forma independente sua vida em geral (Aylmer, 1995). O autor complementa:

Esta, certamente, não é uma tarefa fácil, e requer imensas reservas de coragem, energia, tolerância em relação à ambiguidade, e disposição para arriscar. Não surpreende que tantos jovens adultos não consigam entrar nesse estágio, ficando em casa como adolescentes 'atrasados'; não progredam nas questões de desenvolvimento da independência e da identidade, e, embora fisicamente separados, fiquem se debatendo em termos vocacionais e interpessoais; ou pulem o processo desenvolvimental de independência através do casamento prematuro e do assumir responsabilidades por uma nova família (Aylmer, 1995, p. 171).

Do ponto de vista do sistema familiar, a resolução satisfatória dessa etapa requer renegociações dos relacionamentos familiares originais, ou seja, a capacidade de tolerar a separação e a independência, e conseguir permanecer, ao mesmo tempo, conectado. Além desses fatores, fazem parte também a tolerância em relação à ambiguidade presente no processo de construção da identidade profissional dos/as filhos/as adultos/as e a aceitação da variação das ligações emocionais intensas e dos estilos de vida fora da família (Aylmer, 1995).

As questões de carreira e de intimidade são expostas como os principais elementos da realidade de filhos/as adultos/as que saem do lar parental. A capacidade de estabelecer uma identidade no mundo do trabalho, administrando as ansiedades e ambiguidades presentes, e o estabelecimento de vínculos amorosos saudáveis, em que o eu é compartilhado, são vistos como necessários para a boa evolução nessa fase do ciclo.

As relações amorosas do/a filho/a adulto/a podem funcionar como um termômetro do grau de diferenciação que ele/a alcançou em relação à sua família de origem. É comum que filhos/as pouco diferenciados envolvam-se em relações fusionadas em que o outro acaba sendo uma extensão do eu substituto (Aylmer, 1995; Carter & McGoldrick, 1995). Nesse tipo de relação, sobra pouco espaço para as individualidades e um acaba misturando-se no outro. Além disso, altos níveis de ciúme e possessividade são característicos de relações marcadas por baixo grau de diferenciação e podem trazer à tona questões não resolvidas com a família de origem. Sair de casa não necessariamente resolve essas questões e, em alguns casos, o/a filho/a adulto/a pode encontrar no relacionamento íntimo amoroso uma fuga das relações não resolvidas na família e fazer da nova relação um refúgio emocional substituto (Carter & McGoldrick, 1995).

O surgimento da geração canguru chama atenção para um contexto relacional no qual filhos/as adultos/as não possuem um espaço próprio para resolverem essas tarefas desenvolvimentais. A teoria de Carter e McGoldrick (1995) não prevê uma etapa do ciclo que contemple filhos/as adultos/as no lar parental. A coresidência prolongada faz com que o cumprimento das tarefas previstas no ciclo vital, ou parte delas, aconteça na própria casa dos pais – ou durante as fases seguintes do ciclo vital familiar. Aqueles que saem de casa para casar podem, assim, levar questões não resolvidas para o casamento.

A adaptação à fase de saída dos/as filhos/as de casa é necessária também por parte dos pais. A separação pais e filhos/as adultos/as pode desencadear nos pais sentimentos de perda da função parental, principalmente naqueles pais que priorizaram a parentalidade em detrimento da conjugalidade. Pais que criaram sua relação de casal excessivamente em função dos filhos apresentarão dificuldades em retomar seus projetos de vida e lidar com a solidão do ninho vazio (Carter & McGoldrick, 1995; Cervený & Berthoud, 2002; Wendling & Wagner, 2014).

O fato é que a saída dos filhos/as de casa demanda dos pais que o casamento e os projetos de vida pessoais e conjuntos sejam retomados. Os pais podem voltar a investir no casamento, dando a

ele um novo significado e diminuir o foco no cuidado dos/as filhos. Nesse contexto, eles podem compartilhar novas experiências com os/as filhos/as adultos/as e vice-versa, o que inclusive oportuniza melhorias na relação entre pais e filhos/as. Os pais também podem perceber que o casamento não é mais uma realidade possível e seguir para o divórcio (Berthoud, 2003; Figueiredo, 2008; Henriques et al., 2004).

Aqueles pais que realizaram suas saídas de casa de forma tranquila e resolveram seus problemas de separação, intimidade e autonomia em relação às suas próprias famílias de origem terão mais facilidade em responder às dificuldades dessa fase com o/a filho/a adulto/a (Aylmer, 1995; Bowen, 1991; Carter & McGoldrick, 1995). Wendling e Wagner (2014) indicam que, quando os pais conseguem evocar nas experiências passadas o desenvolvimento pessoal que tiveram em seus processos de deixar o lar parental, tornam-se mais sensíveis e capazes de apoiar seus/suas filhos/as no processo de saída deles.

A saída da casa dos pais enquanto um processo dinâmico, ambíguo e negociado entre os membros da família também é descrita por Henriques et al. (2016). Esse estudo buscou compreender como se articulam os diálogos no momento da saída de casa de filhos/as adultos/as. A saída da casa dos pais, conforme as autoras observaram, é um processo negociado entre pais e filhos/as e acontece como um jogo com possíveis avanços e recuos. Nesse contexto, foi constatada a presença de tensões. As autoras identificaram que os/as filhos/as descrevem o ambiente da convivência parento-filial como um lugar ao mesmo tempo tranquilo e desconfortável. A relação entre pais e filhos/as em casa se constitui por meio da presença de ambiguidade que, por um lado, afeta a previsibilidade das ações e, por outro, capacita vivenciar o aumento das fronteiras entre eles. Além disso, o processo de deixar a casa ocorre segundo o tempo do relacionamento. Esse tempo dura até pais e filhos/as compreenderem a si mesmos no nível relacional. Uma vez que é um processo negociado, a saída de casa pode ser considerada como um acordo resultante das negociações e renegociações diárias (Henriques et al., 2016).

Diante de todas as dimensões expostas acerca da geração canguru, fica a curiosidade de refletir e compreender sobre como essa geração se comporta no casamento. Sem dúvida, os aspectos da contemporaneidade, de obtenção de prazer, felicidade, fragilidade dos laços, individualismo, incertezas, instabilidades nas relações e no mundo do trabalho, aliados aos processos que marcam as dinâmicas pessoais e relacionais da geração canguru, afetam diretamente o casamento e os ideais trazidos pelos cônjuges. Avançaremos nesse capítulo teórico apontando, a seguir, os principais movimentos e desafios relacionados ao casamento na atualidade.

1.2. O casamento contemporâneo e seus desafios

O amor, da forma como é conhecido nas sociedades ocidentais e contemporâneas, é uma herança do período romântico dos séculos XVII e XVIII. Mudanças importantes foram vivenciadas pela sociedade nas últimas décadas e são decorrentes, principalmente, da globalização e do surgimento das novas tecnologias (Giddens, 1993). Esses processos influenciaram as pessoas e promoveram uma nova forma de interpretação do mundo e das relações, a qual denominamos aqui de *contemporaneidade*. Bauman (2000, 2004) descreve a sociedade contemporânea como um lugar em que tudo é temporário e fluido. Na descrição do autor, a sociedade contemporânea compara-se ao líquido, que é incapaz de manter a forma, desfazendo-se constantemente. Essa metáfora foi estendida às instituições, convicções, crenças, relacionamentos e estilos de vida nos seus mais diversos aspectos.

Os/as jovens adultos/as da geração canguru constroem suas percepções e vivências amorosas com base nessa realidade contemporânea e líquida. O quadro instável da atualidade produz medo e insegurança nos indivíduos. Diante dessa realidade, é comum que o/a jovem evite fazer planos para o futuro, por exemplo, sair da casa dos pais ou casar, a fim de proteger-se contra possíveis frustrações (Gallagher, 2013).

Henriques (2009) identificou, no que tange à dimensão da vida afetiva dos/as filhos/as cangurus pesquisados/as, a presença de diferentes noções sobre o relacionar-se amorosamente. Para esses/as jovens adultos/a, são diversas as possibilidades de se estar em relação. Segundo a autora, são apontadas ambiguidades, típicas da contemporaneidade. Essas remetem a uma ideia de falta de bússola que indique uma opção, entre tantas possíveis. Acreditamos que filhos/as cangurus que partem da casa dos pais para o casamento podem apresentar vivências únicas. O fato de terem estabelecido o vínculo conjugal mais tarde e terem desfrutado, na fase adulta da vida, do contexto da casa dos pais e do desenvolvimento da carreira, pode refletir na forma como irão experimentar o casamento.

O casamento constitui um processo complexo e dinâmico do qual diversos elementos fazem parte. As histórias de criação e educação de cada cônjuge, as relações com as famílias de origem, as subjetividades do homem e da mulher, as questões de gênero, as questões econômicas, sociais e culturais de cada época, são alguns exemplos dos múltiplos fatores que permeiam a realidade dos casais e que podem estar na base dos dilemas vivenciados por eles (Jablonski, 2010; Perlin, 2006; Wagner, Predebon, Mossmann & Verza, 2005; Zordan, Falcke & Wagner, 2014).

O casamento tornou-se, na contemporaneidade, apenas mais uma etapa que pode ocorrer, ou não, em algum momento da relação a dois. O modelo tradicional de casamento, ou seja, do casal heterossexual que reside na mesma casa com o objetivo de constituir família no qual o pai é o provedor principal, continua sendo uma referência, mas não é mais considerado a única forma de evidenciar a estabilidade de um vínculo amoroso. O casamento de antes convive no presente com formas alternativas de relacionamento conjugal. Formas essas que se contrapõem ao modelo tradicional e, na prática, redefinem as expectativas quanto ao casamento (Jablonski, 2010).

Foi a partir da década de 1990 que as conjugalidades começaram a se configurar em novos formatos. O que define, portanto, o que é um casal na atualidade passa por várias modalidades possíveis. Esses diferentes arranjos podem ser exemplificados no mundo contemporâneo, por

exemplo, pela legitimação do casamento homoafetivo, pelos casamentos sem filhos, pela coabitação sem vínculo legal, pelo casamento pós-divórcio com ou sem filhos da relação anterior, entre outros. O “morar juntos” sem a oficialização de uma cerimônia civil ou religiosa tornou-se também um modo comum de ser casal hoje e obteve inclusive reconhecimento jurídico. Cabe apontar, entretanto, que “morar juntos” já não é mais indispensável para se estar casado. Nos dias atuais, torna-se cada vez mais comum encontrar casais casados que vivem em casas diferentes.

Adotamos, neste trabalho, a perspectiva de que o casal recebe influência, além da família de origem, do contexto histórico, cultural e social em que vive. O casamento contemporâneo contempla concomitantemente essas diferentes dimensões (Diniz & Féres-Carneiro, 2012; Féres-Carneiro, 2001; Jablonski, 2010; Zordan, et al., 2014). Aspectos do casamento antigo e do novo, no que se refere a valores, normas, crenças e expectativas, convivem lado a lado, ao mesmo tempo, na sociedade atual. Zordan et al. (2014) afirmam que “as formas de casamento vividas ao longo da história da humanidade exercem uma constante influência naquelas experienciadas na contemporaneidade” (p. 48). Assim, a trajetória percorrida pelo casamento, do modelo tradicional ao modelo contemporâneo, aponta e agrega características que nos ajudam a compreender o casamento na atualidade.

A influência do amor romântico, por exemplo, está presente hoje não apenas nas relações amorosas pré-casamento, mas também dentro dele, juntamente com a liquidez da contemporaneidade. É essa coexistência de padrões tradicionais e contemporâneos, modernos e pós-modernos, que faz com que o casamento hoje tenha diversas formas de expressão. É comum inclusive, nesse cenário, a expressão de vivências e desejos contraditórios (Féres-Carneiro & Zividiani, 2009; Giddens, 1993; Zordan et al., 2014).

Nessa perspectiva, Féres-Carneiro (1998, 2001) salienta a questão dos paradoxos presentes nos casamentos. De acordo com a autora, a vivência paradoxal é um potencial gerador de tensões no casamento contemporâneo, sendo capaz de afetar a sua qualidade e durabilidade. Uma dessas

tensões refere-se justamente ao conflito entre os ideais do amor romântico e as expectativas de satisfação depositadas no casamento. O paradoxo reside no fato de ambos os parceiros esperarem do casamento que ele seja um local de suprimento relacional, ao mesmo tempo em que são guiados pelo individualismo presente na contemporaneidade (Féres-Carneiro, 1998).

Estudos apontam para a ênfase na individualidade como um dos desafios dos casamentos contemporâneos (Bauman, 2004; Féres-Carneiro, 1998; Féres-Carneiro & Ziviani, 2009; Menezes & Lopes, 2007). A busca pela afirmação do “eu” parece competir com a busca pelo “nós” do casal e gerar vivências contraditórias no contexto conjugal. Somado a esse fato, no âmbito do mundo do trabalho são valorizadas a individualidade e a competitividade. O mundo da família, em contrapartida, baseia-se em ideais de compartilhamento e solidariedade (Diniz, 1999; Diniz & Perlin, 2005). Essas são, portanto, dimensões opostas que parecem impactar os casamentos contemporâneos, especialmente aqueles compostos por casais em que ambos trabalham fora e experimentam o contato mais direto com os valores da sociedade atual.

Féres-Carneiro e Ziviani (2009) expõem a discussão acerca da oposição entre família (não-moderno) e indivíduo (moderno). Lidar com essa possível oposição torna-se um fator importante para compreender a tensão existente entre eles. As autoras destacam que essa dinâmica faz com que as relações estejam em constante processo de transformações entre o velho e o novo. Por um lado, as pessoas sofrem pressão para manterem valores tradicionais, como, por exemplo, casar e ter filhos e adotar modelos rígidos de divisão de papéis e funções na família de acordo com o sexo. Por outro lado, são influenciadas a adotar novas características, fruto das transformações sociais, como, por exemplo, a multiplicidade dos papéis exigidos no mercado de trabalho, valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero (Perlin, 2006).

O casamento deste século, no entanto, representa uma relação de intensa significação na vida do casal. É uma vivência permeada por um alto grau de intimidade e de investimento afetivo.

A intimidade é buscada plenamente e pode inclusive se tornar fonte de idealizações. Isso ocorre na medida em que o casal espera da relação uma profundidade incompatível, por exemplo, com as demandas da vida contemporânea, que incluem trabalho, casa e vida pessoal. Nesse contexto, o grau de intimidade atingido pode refletir o nível de satisfação dos cônjuges (Perlin, 2006; Zordan et al., 2014).

Na clínica psicológica, percebemos o quanto a vivência satisfatória e saudável dos relacionamentos conjugais constitui para os cônjuges um desafio. Observamos em nossa experiência, na última década, um aumento significativo da procura por psicoterapia conjugal. Acreditamos que esse fato reflete uma maior abertura dos casais para reconhecerem suas dificuldades e buscarem este tipo de ajuda profissional. O tempo da procura, entretanto, mostra-se tardio, ou seja, a terapia parece ser o último recurso do casal que afirma já ter tentado de tudo. As queixas relatadas pelos casais que chegam à nossa clínica dizem respeito, principalmente, à dificuldade de manejo em relação a questões, dilemas e desafios típicos da contemporaneidade, exemplificados pela falta de tempo para o investimento no casamento, a divisão entre o manejo da individualidade versus a conjugalidade e a conciliação das diferentes dimensões da vida. Ao desenvolver recursos para manejar esses desafios, o casal pode se fortalecer e experimentar uma maior qualidade conjugal.

As relações conjugais contemporâneas são marcadas pelas exigências consigo mesmo e em torno do parceiro. Como descrevem Diniz e Féres-Carneiro (2012), "no rol das expectativas contemporâneas para o casamento, as pessoas querem além de ter filhos, encontrar felicidade, realização pessoal, amor, o exercício de uma sexualidade satisfatória e companheirismo" (p.443). Tais exigências podem ser responsáveis por estresses entre o casal. Elas refletem as muitas idealizações em torno do viver a dois e demandam um conjunto de fatores difícil de ser atingido como, por exemplo, amizade, intimidade, afeto, cumplicidade, realização sexual, companheirismo e oportunidade de desenvolvimento emocional. O fato é que enquanto for prazerosa e útil para os

parceiros a relação se mantém, caso contrário pode vir a ser desfeita (Perlin, 2006; Zordan et al., 2014).

Jablonski (1991) definiu o casamento contemporâneo sob o aspecto de “crise”. Para o autor, a sociedade assume uma postura ambivalente frente ao casamento. Ao mesmo tempo em que os valores e padrões socioculturais estimulam a união do casal, eles também incitam a desunião. Esse processo é exemplificado por ele da seguinte forma:

Assim, presenciamos a concomitante estimulação para um gozo maior da sexualidade tendo de conviver com os ditames monogâmicos de uma relação a dois; a exaltação de um estilo de vida altamente individualista e narcísico-indulgente, que preza a realização individual acima de tudo, a qual é incompatível com o espírito de familismo que deve acompanhar a vida de um casal, mormente aqueles com filhos; e o apelo ao novo e à descartabilidade, batendo de frente com a noção de comprometimento inerente à opção de quem quer se casar, constituem exemplos do que entendemos por uma exacerbação de demandas antagônicas concomitantes, e que têm levado os casais de hoje a um estado de confusão de valores e de atitudes, que culmina em um grande número de separações e divórcios (Jablonski, 1991, p. 86).

A crise do casamento contemporâneo bem como as expectativas e pressões em torno do vínculo conjugal como fonte de felicidade podem torná-lo frágil e suscetível às separações e divórcios. Talvez, o medo do rompimento seja mais um desafio a ser enfrentado por aqueles que optam pelo casamento hoje. Essa possibilidade se justifica pelos altos índices de divórcio mostrados pelo IBGE nas últimas décadas.

A pesquisa de Registro Civil (IBGE, 2015) indicou que, entre os anos de 2004 e 2014, o crescimento do número de divórcios no país foi de 161,4%. Aproximadamente 50% dos casamentos tenderam à ruptura. A última pesquisa de Registro Civil (IBGE, 2017) indicou crescimento do número de divórcio em relação ao ano anterior. Os dados revelam o grau das instabilidades que

envolvem o cenário do casamento contemporâneo. Apesar do alto número de divórcios presente na atualidade, as estatísticas e estudos da área mostram também que as pessoas ainda querem estar em relações conjugais estáveis. No período entre os anos de 2014 e 2015, por exemplo, o número de casamentos cresceu 2,8% no Brasil (IBGE, 2016).

A idade ao casar também se estendeu tanto para os homens como para as mulheres. No período entre os anos de 1970 a 2015, a idade média de a mulher casar passou de 23 para 28 anos e de 27 para 30 anos entre os homens (IBGE, 2016). Esses dados representam exatamente o processo vivido pelos filhos e filhas cangurus. Ao adiar o momento do casamento, o tempo de permanência na casa dos pais também pode aumentar. O contexto do lar parental pode ser propício para potencializar o individualismo, a ausência de manejo nas questões domésticas - que estão a cargo da mãe e/ou, em famílias de camadas médias e altas, das diaristas e assistentes domésticas. É possível potencializar-se também o superenvolvimento da relação pais e filhos/as e o investimento no mundo do trabalho e na carreira. Essas questões, quando presentes, podem ser levadas da casa dos pais para o casamento e influenciar a vivência do novo casal.

A literatura pesquisada sobre casamento contemporâneo aponta ainda outro desafio: a questão da divisão das tarefas domésticas ente o casal (Diniz & Féres-Carneiro, 2012; Jablonski, 2010; Wagner et al., 2005; Scheeren, Neumann, Grzybowski & Wagner, 2015). Essa é uma questão de gênero que envolve a reorganização dos papéis masculinos e femininos na família. É fato que tem sido constatada uma mudança nos papéis tradicionais, do homem voltado ao trabalho e sustento do lar e da mulher voltada às atividades domésticas, para uma divisão de tarefas mais igualitária entre homens e mulheres, principalmente com a entrada da mulher no mercado de trabalho. No entanto, o que se observa é que o casamento contemporâneo ainda se encontra sob forte influência de papéis de gênero socialmente predeterminados. De acordo com Jablonski (2010):

Dessa forma, papéis mais tradicionais estariam sempre competindo com as escolhas mais contemporâneas, o que acarretaria uma confusão acerca de que paradigma seguir. Isso

estaria levando os casais à formulação de expectativas irrealizáveis bem como a sentimentos mútuos de incompreensão, de ressentimento e, finalmente, de rejeição (p.267).

As demandas decorrentes da vida doméstica e profissional limitam o tempo para o casal investir na própria conjugalidade. A escassez de tempo é uma questão significativa nos dias de hoje. No contexto da vida do casal, a falta de rotinas que permitam que eles se encontrem pode ser geradora de conflitos na relação e afetar a qualidade da mesma. Além disso, o cansaço decorrente das vivências múltiplas interfere na disponibilidade dos esposos para a relação. Assim, a quantidade e qualidade de tempo que o casal disponibiliza para si transforma-se em um outro desafio dos casamentos contemporâneos (Fraenkel & Wilson, 2002; Heckler & Mossmann, 2016; Scheeren et al., 2015).

A discussão apresentada pelas autoras e autores citados ao longo deste tópico apoia a construção desta tese na medida em que contribui para a compreensão do que representa o casamento na atualidade. Nossa pesquisa não contemplará casais com filhos. Desse modo, optamos por não incluir neste aporte teórico os desafios relacionados ao nascimento de filhos. Deixamos, portanto, à margem, os estudos que trazem a questão da parentalidade versus conjugalidade como outro possível desafio do casamento contemporâneo.

A forma como cada casal percebe e vivencia os desafios do casamento na contemporaneidade se reflete na avaliação que fazem da relação conjugal. Esses desafios podem ser fontes geradoras de conflitos e tensões e interferir, por fim, na qualidade do casamento. Estudar os processos de construção e vivência da conjugalidade de filhos/as cangurus delinea-se em uma questão importante de pesquisa na medida em que contribui para o estudo das diversas características da conjugalidade contemporânea.

1.2.1. A conjugalidade sob a perspectiva da Teoria Familiar Sistêmica

O funcionamento do casal tem sido objeto de estudo das diferentes abordagens psicológicas existentes. O início dos estudos da conjugalidade foi influenciado pela hegemonia psicanalítica, que afirmava que as questões emocionais se restringiam ao intrapsíquico. O aspecto individual e inconsciente era a única explicação valorizada para a origem do sofrimento emocional. As causas dos problemas eram descritas de forma linear, com base em uma relação causa-efeito. Assim, o casal era visto a partir da individualidade de cada membro (Féres-Carneiro & Ponciano, 2005).

As escolas de terapia familiar começaram a surgir na década de 1950 em um movimento de diferenciação das abordagens vigentes na época. O novo olhar trazido por essas escolas privilegiava os relacionamentos no presente e não apenas o indivíduo e sua história, conforme pregavam as demais abordagens (Féres-Carneiro & Ponciano, 2005; Nichols & Schwartz, 2008).

Satir (1995) descreve que as sementes das nossas experiências de casal estão nas primeiras experiências de aprendizagem. A maioria das pessoas, de acordo com a autora, é ensinada a obedecer e a se conformar às normas externas, sobretudo das famílias de origem, sob ameaça implícita de serem abandonadas ou rejeitadas.

Pesquisadoras contemporâneas de orientação sistêmica enfatizam que o processo de ser casal é influenciado pelos modelos de relações amorosas provenientes do casamento dos pais e de casais próximos a cada um (Ozório, Féres-Carneiro, & Magalhães, 2017; Wagner, Mossmann, Levandowski, Costa, Zordan, & Rosado, 2015). Féres-Carneiro et al. (2007) ressaltam que a identificação com as figuras parentais e o processo de transmissão geracional, de modo mais amplo, são fundamentais “para o estudo das relações que existem entre as concepções, motivações e projetos dos jovens para o casamento e o sentido dado à vivência da conjugalidade dos pais” (p. 26). Além disso, as imagens e conceitos que a sociedade apresenta sobre “ser casal” em cada época, também molda o processo de conjugalidade de cada casal. As pesquisadoras Wagner et al. (2015) pontuam:

Assim, inicia-se na infância a construção de um estilo de relacionamento amoroso, que vai se desenvolvendo e se transformando ao longo da vida, passando por diferentes etapas que matizam as experiências aprendidas com a vivência pessoal. Essa conexão íntima, que se forma entre dois indivíduos que buscam se unir afetivamente, se desenvolve à medida que eles fortalecem o vínculo entre si e aperfeiçoam sua capacidade de ser casal, apoiados em suas experiências individuais e nas vivências com a sua família de origem (Wagner et al., 2015, p. 19).

A perspectiva familiar sistêmica, de modo geral, introduz a percepção do casal composta de três partes: dois indivíduos e uma relação: eu, você, nós (Satir, 1995). Assume-se que o vínculo conjugal constitui-se de duas individualidades e uma conjugalidade. Segundo essa perspectiva, a dinâmica relacional do casal passa a ter mais destaque do que a individual. Satir (1995) salienta que o pensamento sistêmico aplicado ao casal entende que qualquer coisa que um integrante faz, requer que o outro responda. Paralelamente, a resposta do outro molda seu próprio eu. Essa sequência repetida dá origem a um modelo de funcionar que se traduz em normas para a relação. É, portanto, a especificidade relacional do casal que a perspectiva sistêmica coloca em evidência. Essa é a visão que norteia esta tese.

Whitaker e Bumberry (1990) descrevem a conjugalidade como sendo um processo que vai além do “ele” e do “ela” e procura pelo “nós”. Esse “nós” é o local de intersecção e de integração do casal, cujo equilíbrio, apesar de difícil, deve ser buscado. Os autores apontam que a noção de compromisso no casamento procura assegurar que há uma concordância sobre tentar crescer juntos, comunicar-se mais honestamente e valorizar as necessidades de seu cônjuge.

Satir (1995) defende que a possibilidade de um casal possuir um funcionamento sadio depende de cinco pontos principais: a capacidade de haver um senso de igualdade entre a díade, a possibilidade de homens e mulheres encontrarem espaço para desenvolverem suas partes intuitivas e cognitivas na relação, a necessidade de cada cônjuge encontrar a si mesmo por trás dos papéis de

esposo(a), pai, mãe, profissional, dona de casa, ambos os cônjuges possuírem uma boa autoestima e, por fim, se perceberem enquanto seres espirituais.

Para Minuchin (1982), o subsistema conjugal possui tarefas específicas que são vitais para o funcionamento da família. Nesse sentido, o casal deve desenvolver padrões que favoreçam o apoio de cada cônjuge no funcionamento do outro. O subsistema conjugal pode, dessa forma, se tornar um refúgio para os estresses externos e a matriz de contato com outros sistemas sociais.

A união de um casal com a intenção de formar uma família marca o começo formal de uma nova unidade familiar. Minuchin (1982) ressalta, entretanto, a existência de diversos passos entre a iniciação formal de uma família e a criação de uma unidade viável. Diante disso, o autor pontua:

Uma das tarefas que um novo casal enfrenta é a negociação de seu relacionamento com a família de origem de cada cônjuge. Além disso, cada família de origem deve se ajustar à separação ou separação parcial de um de seus membros, à inclusão de um novo membro e à assimilação do subsistema do cônjuge dentro do funcionamento do sistema familiar. Se as estruturas das famílias de origem, há muito estabelecidas, não mudam, podem ameaçar os processos de formação da nova unidade (Minuchin, 1982, p.30).

Um casamento em que a família de origem ainda esteja muito em cena pode oferecer obstáculos para a relação. O casal deve, assim, estabelecer ao seu redor fronteiras nítidas. As fronteiras de um subsistema são definidas por Minuchin (1982) como as regras que estabelecem, quem participa das relações e como. Sua função é a de proteger a diferenciação do subsistema em relação ao sistema maior: “Devem ser definidas suficientemente bem para permitir que os membros do subsistema levem a cabo as suas funções, sem interferência indevida, mas devem admitir contato entre os membros do subsistema e outros” (Minuchin, 1982, p. 59). Nesse mesmo sentido, Whitaker e Bumberry (1990) afirmam que um casal recém constituído precisa diferenciar-se claramente de cada família de origem, embora deva ter conhecimento dos aspectos de cada uma que valem a pena ser preservados.

Ser casal envolve um processo de amadurecimento pessoal mútuo e uma condição para construir um espaço de intimidade. A conexão íntima do casal, conforme Wagner et al. (2015), não é estabelecida e nem mantida com facilidade e está relacionada com o grau de satisfação que se colhe da relação.

Ao discutir a conjugalidade a partir de uma perspectiva sistêmica não temos a pretensão de abordar os conceitos de forma exaustiva. Seria impossível esgotar a caracterização do casal, uma vez que cada conjugalidade é única e inclui múltiplas possibilidades de vivências. Além disso, nosso intuito não é resumir o entendimento do casal ao contexto familiar somente, mas sim destacá-lo como um contexto essencial em nosso estudo sobre casamento.

1.2.2. O casamento e o ciclo vital familiar e conjugal

Compreender o casal a partir de uma perspectiva de ciclo vital implica perceber o seu desenvolvimento ao longo de estágios a serem cumpridos. Cada fase contempla desafios próprios em uma dimensão do tempo. O ciclo de vida individual, nesse contexto, acontece dentro do ciclo de vida familiar e é influenciado por ele. As tarefas desenvolvimentais específicas de cada estágio devem ser superadas tanto pelo indivíduo quanto pelo sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997).

A teoria do ciclo vital da família é uma das perspectivas utilizadas nos estudos da Terapia Familiar. A forma de olhar a família através da lente de um ciclo de vida possibilita entender quais desafios tendem a marcar cada estágio do ciclo. O ciclo de vida do casal, por sua vez, indica o desenvolvimento temporal do sistema de duas pessoas que passam por constantes reorganizações na interação conjugal (Campbell, 1994; Hintz, 1999).

A literatura clássica da teoria do ciclo vital familiar tem como principais autoras Betty Carter e Mônica McGoldrick. Elas iniciaram a construção dessa teoria na década de 1980 tendo como pano de fundo o contexto norte-americano (Carter & McGoldrick, 1995). Apesar do tempo

transcorrido, a teoria continua relevante e é amplamente utilizada como referência na área de estudos da família. A primeira etapa do ciclo vital proposto por Carter e McGoldrick foi introduzida anteriormente no subtópico dessa tese denominado *A saída da casa dos pais*. Nesta seção, apresentaremos as características da segunda etapa, referida pelas autoras como *A união das famílias através do casamento: O novo casal*. No Brasil, o estudo da teoria do ciclo vital familiar iniciou com as pesquisadoras Ceneide Cerveny e Cristiane Berthoud no final da década de 1990. A abordagem brasileira do ciclo de vida da família subdividiu-o em quatro fases: Fase de Aquisição, Fase Adolescente, Fase Madura e Fase Última (Cerveny & Berthoud, 1997, 2002, 2009).

Os participantes desta pesquisa de doutorado são casais sem filhos em que pelo menos um dos cônjuges saiu da casa dos pais na idade adulta direto para o casamento. O fato de o fenômeno da geração canguru se constituir em uma dinâmica recente da sociedade, contribuiu para que todos os casais entrevistados se encontrassem no início do casamento. Desse modo, destacaremos a primeira fase do ciclo vital da família brasileira, ou seja, a Fase de Aquisição e sua relação com o casamento de filhos/as cangurus.

O conceito de ciclo vital não se refere a um processo rígido ou estanque, mas a um processo dinâmico e em contínua transformação, contextualizado social e historicamente. Do mesmo modo que a família, a sociedade precisa se reorganizar para que os indivíduos possam se desenvolver. Cabe ressaltar, portanto, que as diferentes camadas sociais podem passar pelas fases do ciclo vital de maneiras distintas. De acordo com Cerveny (2002), "Ciclo Vital Familiar é um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios pelos quais as famílias passam, desde o início da sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram" (p.21). Os critérios que definem as etapas dizem respeito à idade dos pais, dos filhos, tempo de união dos casais, entre outros.

A *Fase de Aquisição*, por ser a primeira etapa do ciclo de formação do casal, é quando nasce a família - pela união formal (casamento e união estável) ou informal (morar juntos). Esse estágio

trata da formação de um novo sistema e é marcado pelas aquisições que o novo contexto apresenta. As aquisições de modelo de funcionamento da família, de moradia, de trabalho-carreira, de patrimônio e de bens materiais para estruturar o casal que se inicia, de acessórios domésticos, do carro, do seguro saúde, de filhos e, muitas vezes, até do complemento educacional são as principais características do momento. Os cônjuges estão na fase inicial, investidos em construir o seu modelo particular de família e precisarão renegociar valores e regras de relacionamentos para decidir aqueles que irão adotar, principalmente em relação àqueles aprendidos nas suas famílias de origem. Cerveney e Berthoud (1997) apontam que todas as fases do ciclo vital familiar possuem processos de aquisições. A primeira fase do ciclo vital familiar recebe, no entanto, esse nome porque a aquisição é a característica mais central e específica dessa etapa. Berthoud (2002) constatou o aparecimento de três importantes fenômenos dessa fase: *unindo-se*, *construindo a vida a dois* e *vivenciando a parentalidade*.

Unindo-se refere-se ao processo inicial da constituição de uma nova família. Essa etapa caracteriza-se pela vivência da conquista e culmina na decisão do casal pela união. A partir daí, iniciam-se as adaptações próprias do momento, tais como o afastamento da família de origem e as aprendizagens da vivência de casal, entre as quais a de “ceder” e a de “focar” em objetivos comuns sobressaem-se (Berthoud, 2002).

Construindo a vida a dois é a metáfora utilizada pelas autoras para explicar o segundo fenômeno observado nessa fase. Envolve as negociações, readaptações e o surgimento de novos sentimentos pelo casal. Aprender a planejar a vida a dois, administrar o dinheiro, abrir-se para a relação e desenvolver cumplicidade são também desafios vivenciados nessa etapa. Nesse momento é comum o aparecimento de sentimentos ambivalentes, principalmente no que concerne à nova casa e à nova vivência compartilhada de casal (Berthoud, 2002).

O último fenômeno observado na fase de aquisição é definido como *vivenciando a parentalidade*. Ele se inicia com o desejo e a decisão de ter filhos ou com o aparecimento de uma

gravidez inesperada. O grande desafio aqui é a transformação do casal para abrigar um novo membro na família, tendo em vista as modificações que esse momento acarreta para a vida a dois. De acordo com as autoras, os principais sentimentos que permeiam a vivência conjugal neste momento são aqueles provenientes do decidir em conjunto, do sentir-se não preparado e do sentir-se imaturo (Berthoud, 2002).

O estudo do ciclo vital familiar enfatiza a complexidade presente nos momentos de transição entre uma etapa e outra do ciclo. O estresse familiar tende a ser maior nas fases de transição. Nesses momentos, a família pode enrijecer sua forma de funcionar e manter os padrões vigentes ou pode se flexibilizar, abrir-se para novas formas de funcionamento e, assim, desenvolver-se (Carter & McGoldrick, 1995). É comum a busca por psicoterapia acontecer nos momentos de transição devido às dificuldades em torno das negociações entre os membros do sistema, destinadas a construir uma transição bem sucedida e que não puderam ser realizadas (Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin, 1982).

Ao observarmos o casamento de filhos/as cangurus, a saída da casa dos pais se sobrepõe ao laço conjugal. A teoria de Carter e McGoldrick (1995) não contempla uma etapa de filhos/as adultos/as na casa dos pais, mas inicia com o estágio *O lançamento do jovem adulto solteiro*, que é seguido pelo segundo estágio, *A união das famílias através do casamento: O novo casal*.

Ao discutir sobre a segunda etapa do ciclo familiar, *A união das famílias através do casamento: o novo casal*, Carter e McGoldrick (1995) afirmam que o processo emocional básico de transição para essa etapa é o comprometimento com o casamento e com a construção de um novo sistema familiar. As autoras apresentam como tarefas ao jovem casal, além do estabelecimento de fronteiras nítidas em relação às famílias de origem, o desenvolvimento da carreira, a consolidação da intimidade, as regras no intercâmbio de afeto e o realinhamento das relações com os amigos para incluir o cônjuge.

A diferenciação de cada um dos cônjuges em relação às suas famílias de origem se faz necessária para que o casal delimite o que será construído por eles e o que aproveitarão de suas famílias de origem para o novo modelo de funcionamento conjugal e familiar. Quando a diferenciação não atinge níveis satisfatórios, as negociações entre o novo casal podem ser dificultadas e gerar conflitos no casamento (Bowen, 1991; Carter & McGoldrick, 1995). O aspecto fundamental que caracteriza um casamento diferenciado em relação às famílias de origem é o casal conseguir tomar suas próprias decisões, sem a interferência de suas famílias de origem. Conforme Carter e McGoldrick (1995) observam, a inabilidade em renegociar o status familiar se constitui como a principal razão para o fracasso conjugal nessa etapa do ciclo de vida. As dificuldades daí advindas refletem fronteiras deficientes entre o casal e suas famílias de origem.

A conciliação de expectativas diferentes de cada pessoa em relação ao casamento é outro ponto a ser considerado nessa etapa. McGoldrick (1995) discute o impacto da visão romantizada do casamento presente na sociedade e do quanto essa visão pode tornar essa transição ainda mais desafiadora. É fato que a sociedade, famílias e amigos esperam do casal que casa que eles tenham muito mais momentos felizes. Esse fato, somado às expectativas do próprio casal, pode gerar dificuldades no enfrentamento das diferenças e dos desafios iniciais.

Carter e McGoldrick (1995) apontam, por fim, que a tarefa de se transformar em casal é uma das mais difíceis do ciclo vital familiar. Os jovens cônjuges necessitam de se adaptar a uma série de atribuições que surgem com o início da vida a dois. A necessidade de construir um projeto comum do casal que esteja em equilíbrio com as demandas individuais de cada um é desafiadora e perpassa essa etapa.

Para além do casal, os aspectos macrosociais também são fundamentais para a construção do relacionamento conjugal. Acreditamos que o cenário econômico e político de crise e desemprego, como o enfrentado desde o ano de 2016 no Brasil, traz desafios que refletem nessa etapa do ciclo vital. O avanço tecnológico, por sua vez, é outro fenômeno que perpassa a relação dos novos casais.

Tanto a modernização e intensificação do uso dos aparelhos celulares que permite acesso às suas inúmeras redes sociais, bem como a possibilidade do uso de tecnologias de inseminação e fertilização para gerar um filho, constituem fenômenos que podem interferir na vida dos casais nessa etapa inicial do ciclo.

Ao processo de estabelecimento da vida a dois pelos cônjuges damos o nome, em consonância com a literatura pesquisada, de construção da conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998, 2001). Esse processo é definido a partir das experiências comuns dos membros do casal e faz com que seja possível a formação da identidade conjugal. Assim, deixam-se de existir apenas as vivências individuais para que a construção de uma história compartilhada tome lugar. Féres-Carneiro (1998, 2001) descreve a construção da identidade conjugal como um processo de criação de um desejo conjunto. A existência de uma história de vida a dois e a elaboração de um projeto de vida de casal criam um modelo único de ser casal.

Nichols (2005) apresenta as seguintes tarefas¹ como pertencentes aos primeiros anos do compromisso matrimonial:

- Comprometimento - É o valor dado pelos cônjuges ao relacionamento e à intenção de agir em prol de sua manutenção. É o desenvolvimento de um comprometimento dos cônjuges com a relação que se inicia.
- Cuidado - É o tipo de vínculo emocional a ser desenvolvido capaz de unir os parceiros em torno do cuidado e do afeto.
- Comunicação - É a habilidade de compartilhar mensagens de modo verbal e não verbal. É uma ferramenta para viabilizar o relacionamento e fortalecê-lo. Nessa fase do casamento, a comunicação se refere a uma construção inicial de um universo compartilhado através da conversa e do estabelecimento de padrões funcionais de comunicação.

¹ Do inglês, Commitment; Caring; Communication; Conflict and Compromise; Contract (Nichols, 2005).

- Conflito e Compromisso - Nessa fase do ciclo, essa tarefa reside no aprendizado inicial de como efetuar compromissos com o parceiro e de como manejar e resolver conflitos.
- Contrato - No início do casamento existe a necessidade de o casal explicitar suas expectativas para estabelecer acordos para a relação. Os contratos nem sempre são feitos de modo consciente ou verbais pelo casal, mas podem ocorrer de modo velado. Os principais contratos, descritos por Nichols (2005), a serem realizados como tarefas dessa etapa, dizem respeito à separação das famílias de origem e à construção da identidade conjugal. Assim, uma relação mutuamente satisfatória no nível afetivo e sexual poderá, portanto, ser desenvolvida.

Dessa forma, a literatura apresenta o casal como possuidor de um ciclo de vida próprio (Campbell, 1994; Harway, 2005; Hintz, 1999; Sattler, Eschiletti, Bem & Schaefer, 1999). A teoria do ciclo vital do casal elaborada pela psicóloga americana, Phd, Susan Campbell, na década de 1994, abordou cinco diferentes estágios²: (1) Romance; (2) Lutas de Poder; (3) Estabilidade; (4) Comprometimento e (5) Co-Criação. Ao pesquisar a história de diversos casais ao longo do tempo, a autora propõe a existência de um ciclo de vida do casal acontecendo como uma jornada de desenvolvimento em direção à intimidade.

O primeiro estágio, o do Romance, é o momento do casal experimentar suas possibilidades e construir uma visão compartilhada. Hintz (1999) e Sattler et al. (1999), baseadas na visão de Campbell (1994), descrevem o ciclo de vida do casal na literatura brasileira. A primeira fase é denominada por elas, respectivamente, como do *enamoramento* e do *apaixonar-se*. Esse momento é marcado pelas expectativas do casal em relação ao outro e ao próprio relacionamento. É imprescindível, nesse momento, conectar os objetivos e expectativas internas com a realidade externa para a formação de um relacionamento real e possível de se desenvolver (Hintz, 1999). O medo de que o conflito destrua a relação e a ilusão de que o desejo de dar certo é suficiente para o sucesso da relação, são sentimentos possíveis de serem experimentados nessa fase, conforme

² Do inglês, (1) Romance; (2), Power Struggle; (3) Stability; (4) Commitment; (5) Co-Creation (Campbell, 1994).

destacado por Campbell (1994). No período inicial do casamento, os cônjuges precisam elaborar acordos sobre questões da vida a dois. Sattler et al. (1999) explicam que alguns acordos podem ser explícitos e outros não. A proximidade da convivência com familiares, a divisão das tarefas domésticas e o modo de conciliar o trabalho com a vida conjugal são alguns exemplos de acordos que precisarão, por meio do recurso da comunicação, ser feitos nessa etapa do ciclo. As decisões são permeadas pela concepção de cada um a respeito do modelo familiar e conjugal aprendido até então.

O segundo estágio, das lutas pelo poder, é aquele em que o casal reconhece as diferentes necessidades e percepções entre eles. A busca pelo poder na relação, conforme descrito por Campbell (1994), pode gerar conflitos difíceis de serem enfrentados, principalmente se existir o desejo por parte de um dos cônjuges de uma maior autonomia e independência. É necessário aprender sobre quem se é e saber pedir o que se quer. A ilusão de que se pode mudar o cônjuge e a necessidade de retaliar quando não se obtém o que deseja, são sentimentos típicos dessa fase e que precisam ser superados para o casal seguir caminhando pelo ciclo. Quando os cônjuges se percebem como diferentes, voltam-se para se conhecerem como realmente são. Assim, as ilusões da fase inicial podem ser enfrentadas e o casal pode continuar investindo no relacionamento. Segundo Hintz (1999), a capacidade de negociação ocupa um importante papel nessa fase, pois facilita a percepção do que um pode esperar do outro e do quanto o outro pode realmente corresponder às expectativas do/a parceiro/a. Hintz (1999) levanta ainda a questão da diferenciação.

Nesta fase em que a diferenciação é tão significativa, a possibilidade do casal poder diferenciar-se de suas famílias de origem é fundamental. Isto colabora para que ambos possam investir mais intensamente no conhecimento de suas próprias diferenças, buscando estabelecer seu próprio sistema funcional (p. 36).

O terceiro estágio do ciclo vital do casal, conforme destacado por Campbell (1994), é o da Estabilidade. A autora o apresenta como “a calma após a tempestade”. A estabilidade representa a

atitude da aceitação sobre quem o outro é e de que nem sempre ele/a atingirá as expectativas nele/a depositadas. No estágio da estabilidade, os cônjuges aprendem a compartilhar poder.

O relacionamento conjugal, conforme Sattler et al. (1999), já não é tão questionado e flui mais naturalmente, pois a atenção do casal já não está centrada unicamente no vínculo. Começa a existir espaço para a individualidade de cada cônjuge ser expressa. Hintz (1999) complementa e diz ser este o estágio em que cada parceiro se volta para o mundo externo na busca de uma adequada identidade como indivíduo, fora do relacionamento do casal. Uma vez que o casal alcance sintonia no seu processo evolutivo, ambos os parceiros sentirão necessidade de alcançar sua identidade individual, dando ao relacionamento um caráter mais estável.

O quarto estágio refere-se, segundo Campbell (1994), ao comprometimento com as próprias escolhas e com as responsabilidades assumidas diante da relação conjugal. O comprometimento acontece quando os cônjuges aprendem a agir de modo intencional no que diz respeito às suas atitudes e à iniciativa delas em prol da relação. Eles posicionam-se menos como vítimas passivas que buscam culpados. Nesse estágio, os cônjuges podem se expressar autenticamente e apoiar o desenvolvimento um do outro.

A fase do comprometimento, conforme destacada por Campbell (1994), é o acordo entre os parceiros sobre fazer tudo que estiver ao alcance para alcançar um objetivo que seja comum. Sobre essa fase, Sattler et al. (1999) pontuam que o cônjuge percebe que pode ceder sem que isso represente uma perda para ele/a e pode também ser firme na defesa de suas necessidades. O casal sente-se, assim, comprometido com um futuro conjunto, podendo dar início à fase seguinte: a da co-criação.

A última fase do ciclo envolve, para Campbell (1994), o desenvolvimento da habilidade de responder ao mundo de modo consciente. Isso acontece na medida em que os cônjuges reconhecem a sua interdependência com os contextos da vida em que estão inseridos. É o momento do ciclo em

que o casal devolve ao mundo o que aprendeu ao longo da vida a dois, com o mesmo senso de responsabilidade que aprendeu a compartilhar com o/a parceiro/a.

Da mesma forma que acontece no ciclo de vida familiar, essas etapas, apesar de seguirem uma sequência básica no tempo, não fluem linearmente. Elas frequentemente se sobrepõem ou mesmo seguem uma alternância que não permite distingui-las com clareza (Hintz, 1999). A sequência do ciclo de vida do subsistema conjugal descrito por Campbell, segundo Sattler et al. (1999), não parece encontrar concomitância ao ciclo de vida familiar. As autoras explicam que isso ocorre porque os casais podem ter filhos em momentos diferentes do ciclo, iniciar a relação grávidos, demorar a ter filhos ou mesmo não os ter. De acordo com as autoras, no entanto, existe uma interação estreita dos acontecimentos de um ciclo no funcionamento do outro.

1.2.3. Os casamentos de dupla carreira

A integração e consolidação das mulheres no mercado de trabalho permitiu uma nova forma de configuração conjugal representada pelo fato de homens e mulheres trabalharem e serem dedicados à carreira. Esse formato de casamento tem sido chamado na literatura por casamentos de dupla carreira ou pelo termo no inglês, *dual career couples* (Castro, 2015; Diniz, 1996, 1999; Heckler & Mossmann, 2014, 2016; Monteiro, 2001; Rapoport & Rapoport, 1976; Santos, 2011; Silberstein, 1992; Souza, Wagner, Branco, & Reichert, 2007).

O termo dupla carreira (*dual career*) foi originalmente definido por Rhona Rapoport e Robert Rapoport no início da década de 1970 para caracterizar o tipo de estrutura familiar na qual os cônjuges possuem carreira e vida familiar ativas, com ou sem filhos. Nas palavras dos autores, a família de dupla carreira seria “o tipo de família em que ambos os chefes da família prosseguem na carreira ao mesmo tempo e mantêm uma vida familiar conjuntamente” (p. 18).

Outras terminologias, como casal de duplo-trabalho, casal de duplo-salário ou casal de dupla-renda, também podem ser encontradas nos estudos que destacam a interação família-trabalho.

No entanto, esses relacionamentos são entendidos de forma diferente, uma vez que, nesses casamentos, ambos os cônjuges trabalham, mas ao menos um deles não possui necessariamente comprometimento com o desenvolvimento de uma carreira (Castro, 2015; Diniz, 1996, 1999; Santos, 2011). Nessa configuração de casamento, é comum a mulher, por exemplo, possuir um trabalho para ter o ganho financeiro e agregá-lo à renda doméstica. Assim, nem todos os casais em que homens e mulheres trabalham fora de casa exercem o que temos chamado de *dupla carreira*. A Tabela 2 auxilia a compreensão das diferenças entre as três principais terminologias utilizadas na literatura sobre o tema (Castro, 2015; Diniz, 1996, 1999; Rapoport e Rapoport, 1976; Santos, 2011; Silberstein, 1992).

Casamento Tradicional	O marido é o provedor exclusivo do lar e a esposa é responsável pelas atividades domésticas e filhos (quando existentes).
Casamento de duplo-trabalho (duplo-salário ou dupla-renda)	Marido e esposa trabalham fora em atividade remunerada sem, no entanto, possuírem foco no desenvolvimento da carreira. O trabalho/renda da esposa, frequentemente, é um complemento ao do marido.
Casamento de dupla carreira	Marido e esposa trabalham fora e ambos estão comprometidos com o desenvolvimento da carreira.

Na década de 1990, Diniz (1996; 1999) começou a discutir o conceito de casamento de dupla carreira na literatura nacional. Segundo a autora, esse modelo de casamento refere-se àquele em que ambos os esposos exercem profissões que exigem um alto grau de escolaridade, treinamento, comprometimento com o trabalho e reciclagens constantes. O investimento nas atividades profissionais e o elevado interesse pessoal na execução dessas atividades também são ressaltados ao descrever esse modelo conjugal. Nos casamentos de dupla carreira, o trabalho

assume um papel estruturante tanto para os homens como para as mulheres e, conseqüentemente, influencia o relacionamento conjugal.

O conceito de dupla carreira não exige que ambos os parceiros trabalhem fora em tempo integral (Rapoport & Rapoport, 1976). A quantidade de tempo despendido com o trabalho remunerado pode variar nos diferentes momentos da carreira. É comum, no entanto, que tal envolvimento exija dos casais um tempo superior às 40 horas semanais usuais de trabalho. O elemento crucial que distingue a dupla carreira de outras formas de estrutura familiar é o alto grau de investimento dos esposos na carreira ao mesmo tempo em que possuem comprometimento com a vida conjugal e familiar (Diniz, 1996, 1999; Monteiro, 2001).

Santos (2011) aponta que o aumento do número de casais praticantes da dupla carreira exigiu um reexame das conceituações desses casais. A presença de duas carreiras em uma família resulta em novos processos e desafios para o seu desenvolvimento. No contexto em que ambos estão investidos em suas carreiras, surgem desafios tanto na construção da conjugalidade como da parentalidade. Muitos desses casais tendem a adiar a vinda de filhos, por exemplo. Castro (2015) revela que o compromisso crescente com a carreira nesses casais implica ajustes feitos por ambos os cônjuges para conciliar as demandas profissionais e familiares por meio da busca de interações mais equitativas de poder.

Os casais de dupla carreira possuem um estilo de vida próprio, o qual envolve a necessidade de conciliar os diferentes papéis que representam na vida e distribuir as responsabilidades decorrentes. A questão da conciliação entre carreira, casamento, vida pessoal e familiar, típica da contemporaneidade, apresenta-se como um desafio dos casais que optaram pela vivência conjugal na circunstância da dupla carreira. É um desafio, portanto, administrar essas vivências e expectativas entre os cônjuges e, ao mesmo tempo, apoiar e conciliar demandas conjugais, familiares e profissionais (Castro, 2015; Diniz, 1996, 1999; Santos, 2011).

As vantagens e desvantagens dos casamentos de dupla carreira são aspectos que aparecem na literatura pesquisada (Rapoport & Rapoport, 1976; Santos, 2011; Silberstein, 1992). No que tange a eles, resumimos os principais pontos identificados, conforme segue.

Vantagens:

- maior ganho financeiro que possibilite padrão de vida mais elevado para o casal;
- maior autoestima dos cônjuges, pois se reconhecem como úteis tanto para a sociedade quanto em casa;
- dois salários propiciam uma maior flexibilidade do trabalho, ou seja, se um dos membros do casal não está satisfeito com o trabalho, é possível buscar outras opções ou mudar de carreira;
- a possibilidade de ambos os parceiros operarem fora das restrições de atividades domésticas preestabelecidas pela estrutura familiar tradicional;
- aumento do nível de interação social para a mulher, fator que faz com que ela não precise esperar apenas de seu marido situações que favoreçam interações sociais e estímulo intelectual;
- maior entendimento e apoio entre os cônjuges em relação às pressões e exigências do mundo do trabalho;
- a partilha recíproca de problemas contribui para um maior respeito, admiração e orgulho das realizações entre os cônjuges.

Desvantagens:

- sobrecarga de papéis de ambos os cônjuges;
- falta de tempo para vida pessoal, lazer, interação social, família de origem;
- falta de tempo para investimento no casamento e nos eventos relacionados a ele;
- possibilidade de conflitos de decisão sobre qual dimensão deve ser priorizada em determinadas situações: o trabalho ou a família;
- pressões no trabalho que demandam desempenho e comprometimento cada vez maiores;

- possibilidade de quadro emocional instável em decorrência das pressões e da sobrecarga, como, por exemplo, ansiedade, fadiga, depressão, apatia e irritabilidade;
- tensões sobre a decisão de ter filhos e em qual momento.

O casamento de dupla carreira costuma ser pensado como associado à presença de estresse devido à falta de tempo dos cônjuges para gerir todas as atribuições que envolvem casa, trabalho-carreira e vida pessoal. Para os casais que optam por esse estilo de vida, a forma como vivem essas experiências poderá influenciar no nível de satisfação que encontram no casamento. Assim, as desvantagens, quando não administradas pelo casal, podem impactar negativamente o casamento.

A esse respeito, Heckler e Mossmann (2016), avaliaram os níveis de qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. As pesquisadoras encontraram níveis elevados de qualidade conjugal. Essa avaliação ocorreu à despeito de tensões vividas na interação com as pressões do mundo do trabalho. Esse dado é interessante uma vez que mostra, nessa pequena parcela de casais pesquisados, resultados da vivência do desafio da conciliação carreira-casamento.

Santos (2011), ao pesquisar o perfil dos casais de dupla carreira no cenário brasileiro por meio de um estudo quantitativo-qualitativo com 340 participantes, identificou tanto benefícios como conflitos permeando a vivência conjugal. Interessante perceber que a pesquisa constatou que os casais estão dispostos a priorizar simultaneamente as esferas família e carreira e não uma sobre a outra. Além disso, foram identificadas mais vantagens do que desvantagens nesse modelo de casamento.

A questão da dupla carreira nos casamentos importa a este estudo na medida em que é uma realidade cada vez mais presente nos casamentos contemporâneos. Além disso, para a geração canguru, a carreira tende a ocupar um lugar relevante. Um dos objetivos específicos desta tese é investigar como acontece a divisão das tarefas domésticas na relação com os papéis de gênero e

com a vivência do trabalho/dupla carreira. Assim, no próximo tópico daremos destaque especificamente às mulheres na interação casamento-carreira.

1.2.4. Mulheres, Casamento e Carreira: Um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista³

A questão da vivência do casamento e da carreira pelas mulheres é um fenômeno multideterminado, que perpassa o social, o privado, a história e a cultura. Essa discussão torna-se relevante na medida em que nos ajuda a compreender aspectos da vida das mulheres contemporâneas. As mulheres casadas que se desenvolvem em uma carreira podem enfrentar desafios significativos no que concerne à vivência e à conciliação dessas diferentes dimensões da vida.

Nas últimas décadas, os papéis das mulheres no casamento e no trabalho sofreram profundas modificações (Diniz & Feres-Carneiro, 2012; Jablonski, 2010; Rocha-Coutinho, 2015; Rocha-Coutinho & Coutinho, 2012; Rocha-Coutinho & Losada, 2007; Zordan et al., 2014). Durante muito tempo, a vida conjugal, familiar e profissional era construída em torno de uma divisão clara de papéis pautada na diferença de poder entre os sexos. Diante desse contexto, o mundo era dividido em duas esferas: uma privada, destinada ao mundo feminino e outra pública, destinada ao masculino (Amâncio & Oliveira, 2012; Scott, 1995; Yannoulas, 2013).

Esse processo resultou em uma lógica dualista que produziu uma formação sexista tanto da vida privada quanto da vida pública, além de um processo de socialização diferenciado para os dois sexos. Yannoulas et al. (2013) ressaltam que esse processo de socialização contribuiu para exacerbar hierarquias e fomentar processos de dominação/subordinação. Decorre daí a importância de problematizar a dimensão de gênero, uma vez que as construções sociais acerca das atividades que cabem a um e outro sexo foram produzidas socialmente e demarcam lugares de experiência

³ Esta seção é parte integrante do artigo científico de mesmo nome, conforme referência que segue. Figueiredo, M.G.; Diniz, G.R.S. Mulheres, Casamento e Carreira: Um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. (2018). *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 100-119.

distintos para homens e mulheres, tanto da esfera pública quanto na vida privada, ou seja, no casamento, na família, no mundo do trabalho.

A terapia familiar sistêmica percebe o grupo familiar como funcionando baseado na complementaridade dos papéis e na circularidade. Ao incorporar reflexões das teorias feministas, a perspectiva sistêmica amplia sua forma de ver e atuar, pois passa a considerar as influências de gênero e as diferenças de poder presentes tanto no casamento e na família, quanto no mundo do trabalho (Diniz, 2003; Narvaz & Koller, 2007; Penso & Sant'Anna, 2015; Silverstein & Goodrich, 2003; Walters, 1994).

Segundo Narvaz e Koller (2007), a terapia feminista da família busca “o empoderamento das mulheres na medida em que se opõe à normatização patriarcal hegemônica na sociedade, sobretudo na definição tradicional e estática de papéis e relações familiares baseadas em estereótipos sexistas” (p.124). Desse modo, a perspectiva sistêmica feminista apoia as mulheres a identificarem suas capacidades e suas competências a fim de esboçarem estratégias de resistência diante de contextos desfavoráveis.

A interação entre trabalho/carreira e casamento/família é um desafio de gênero e diz respeito às múltiplas funções exercidas pelas mulheres nas relações conjugais, familiares, profissionais e sociais. Antes da entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho elas dedicavam-se aos cuidados da família e da casa para, depois, somar o papel profissional (Bruschini, 2007; Rocha-Coutinho, 2015).

Apesar das mudanças nos estereótipos tradicionais, o casamento contemporâneo ainda se encontra sob forte influência de papéis sexuais socialmente predeterminados. O papel sexual, segundo Amâncio e Oliveira (2002), “constitui-se como uma norma que prescreve determinados comportamentos” (p.46). Os papéis sexuais correspondem a um conjunto de comportamentos, expectativas e deveres, aplicados à pertença de um indivíduo a um determinado grupo de sexo (Amâncio & Oliveira, 2002). Assim, desde o início de sua vida, a mulher seria socializada para

exercer uma atribuição social de gênero relacionada à família e o homem para uma função de provedor.

O sistema sexo-gênero estabelece padrões de expectativas tanto para os homens quanto para as mulheres e ordena os processos sociais cotidianos. No casamento, o gênero é o princípio organizador mais importante (Diniz, 2003). O ser esposa e ser esposo exige de homens e mulheres o cumprimento de atribuições de gênero definidas previamente pela sociedade e gera expectativas que recaem sob a forma como os cônjuges estabelecem sua dinâmica relacional. O estereótipo de gênero se mistura ao estereótipo das tarefas, em que algumas são consideradas predominantemente femininas e outras masculinas (Papp, 2002). Nesse sentido, os casais ficam presos à crença de que ele não tem capacidade emocional suficiente para se responsabilizar pelo relacionamento e pela vida familiar, enquanto ela não apenas tem a capacidade mas também a responsabilidade de dar seguimento e administrar o relacionamento, além de encorajar o vínculo afetivo na família (Papp, 2002).

O fato de as mulheres dedicarem-se cada vez mais ao desenvolvimento de suas carreiras profissionais exige delas maior investimento de tempo no âmbito do trabalho. Ao adentrarem uma carreira, as mulheres podem impor para si, com base nos estereótipos invisíveis de gênero ainda presentes em nossa sociedade, a tarefa e/ou mesmo a obrigação de conciliar os papéis de administradora da vida familiar e da casa, passando a administrá-los em paralelo à carreira. O fato é que as mulheres, ao ocuparem esse lugar de responsáveis e cuidadoras se sobrecarregam e esse processo pode gerar muito estresse e, conseqüentemente, comprometer sua saúde física e mental.

A gestão das tarefas domésticas no casamento em que ambos os cônjuges trabalham fora torna-se uma questão central na pauta do casal. Aos poucos, os homens começaram a ajudar suas esposas nos afazeres domésticos. Quando consideramos a relação entre gênero e divisão de atividades domésticas no casamento, entretanto, foram poucos os avanços. Ainda que possuam um trabalho fora de casa, o espaço privado da família e da casa continuam sendo responsabilidade das

mulheres. Wagner et al. (2005) colocam que pesquisadores do Brasil e dos Estados Unidos têm constatado que a divisão das tarefas domésticas ainda tende a seguir padrões relativamente tradicionais. Segundo as autoras, mesmo nas casas onde as mulheres possuem um ganho financeiro maior do que os maridos ou naquelas em que os maridos estão desempregados, elas realizam uma quantidade muito maior de atividades do trabalho doméstico do que eles.

Estudos realizados por Jablonski (2010) e Madalozzo, Martins e Shiratori (2010), com o objetivo de analisar as diferentes participações dos sexos no trabalho doméstico, identificaram que a presença de marido, para as mulheres, aumenta o número de horas trabalhadas em casa. Já para os homens, a presença de esposa diminui essa participação. Outras pesquisas corroboram esses dados e apontam que a responsabilidade pelo espaço doméstico ainda segue a divisão tradicional de gênero (Bruschini, 2007; Diniz & Santos, 2011; Rocha-Coutinho, 2015). Esse resultado é a tradução da divisão sexual do trabalho e dos estereótipos de gênero que se perpetuam até os dias de hoje.

O trabalho doméstico, quando exercido pelo homem, é visto como uma “ajuda” à mulher e não como responsabilidade compartilhada no cuidado com a casa. Jablonski (2010) entrevistou 20 membros de casais heterossexuais de classe média, com idades entre 30 e 45 anos (com pelo menos cinco anos de união), nos quais ambos trabalhavam fora de casa, e com a condição de terem ao menos um filho. O pesquisador identificou a falta de sintonia na percepção de homens e mulheres sobre a divisão de tarefas. As mulheres tenderam a percebê-la como mais assimétrica e os homens como mais equitativa. Esses dados revelam, mais uma vez, a operação dos modelos tradicionais de divisão do trabalho doméstico que acabam privilegiando os homens em detrimento das mulheres. Essa é uma questão de gênero que envolve a reorganização dos estereótipos sociais masculinos e femininos na família.

Em pesquisa qualitativa realizada na cidade de Porto Alegre com seis casais de dupla carreira nos anos iniciais de casamento, Heckler e Mossmann (2016) identificaram que as mulheres entrevistadas queixaram-se de forma sutil da sobrecarga com as tarefas da casa e desejavam mais

iniciativa da parte dos homens. Elas esperavam um assumir maior de responsabilidades domésticas dos maridos no que concerne à organização e limpeza, no gerenciamento dos problemas, e nos consertos da casa. Outras pesquisas com casais de dupla carreira corroboram esses achados de gênero na literatura (Diniz, 2005; Santos, 2011; Souza et al., 2007).

Nesse contexto alguns autores, tais como Maria Lúcia Rocha-Coutinho (2007) falam da “dupla jornada da mulher”, referindo-se ao trabalho e a casa. Papp (2002) propõe a ideia da tripla jornada da família, ao ressaltar as três esferas iguais de atividades: a jornada da mulher, a jornada do homem e a da vida familiar. Dessa forma, a autora pretende ir além da discussão sobre as negociações das tarefas domésticas entre o casal e busca estabelecer um diálogo no qual se confere igual importância ao trabalho e à família tanto na vida dos homens quanto das mulheres.

No que concerne à sobrecarga da mulher casada que opta por investir e crescer em sua carreira, Lima (2009) atesta inclusive que é frequente o levar de tarefas do trabalho para casa. Esse fato impede as mulheres, muitas vezes, de se fazerem efetivamente presentes na vida familiar. Este quadro é ainda potencializado pelo uso das tecnologias (tais como celulares, tablets, computadores) fora do ambiente de trabalho. Na prática clínica ouvimos relatos de mulheres que se escondem no banheiro de casa para continuar uma tarefa não finalizada no ambiente de trabalho. Elas buscam, desse modo, evitar conflitos com o esposo que cobra sua presença em casa e, ao mesmo tempo, suprir sua necessidade de dar conta de todo o trabalho, tendo em vista a cobrança profissional.

O exercício da maternidade é outro grande desafio encontrado pelas mulheres que trabalham. São muitas as pesquisas que abordam o tema (Beltrame & Donelli, 2012; Maluf & Kahhale, 2010; Rocha-Coutinho & Barbosa, 2007; Tanure, Carvalho & Andrade, 2010). A conciliação da maternidade com a realização profissional é pregada muitas vezes como um ideal do mundo contemporâneo. Diante desse contexto, a mulher pode ser levada a se perceber precisando do papel de mãe para se sentir completa. Cabe ressaltar, porém, que é justamente essa sobreposição

de demandas, tidas como de responsabilidade prioritária da mulher, somadas aos cuidados com a casa, que podem trazer a elas estresse e sobrecarga (Tanure et al., 2010).

Algumas pesquisas começam a identificar que a realização da mulher não passa obrigatoriamente pela função de mãe (Borges, 2013; Beltrame & Donelli, 2012; Maluf & Kahhale, 2012; Rocha-Coutinho & Barbosa, 2007). Os estudos demonstram que no mundo contemporâneo as mulheres, muitas vezes, estão fazendo escolhas norteadas mais pela carreira do que necessariamente pela maternidade. Nesse sentido, podemos pensar que um movimento, ainda que incipiente, começa a surgir na direção da desconstrução dos antigos discursos.

Escolher desenvolver-se em uma carreira, seja ela qual for, torna-se uma realidade para as mulheres da sociedade atual e pode, ao mesmo tempo, ser fonte de estresse e de realização. As mulheres casadas somam aos desafios encontrados no mundo do trabalho os desafios do casamento, entre os quais as questões de gênero estão diretamente relacionadas.

Interessante notar a presença de estudos que apontam que os maridos tendem a avaliar o casamento de forma mais positiva que as esposas (Falcke et al., 2005; Perlin, 2006). Os estudos concluem que parte dessa satisfação é devida ao fato de conseguirem conciliar sua expectativa pessoal e de carreira com as expectativas dentro do casamento. As mulheres, por sua vez, vivenciam a conjugalidade de forma mais tensa (Diniz, 1999; Diniz & Perlin, 2005), uma vez que encontram dificuldade em conciliar as expectativas pessoais e profissionais com o exercício de funções tradicionais. Essa desigualdade de gênero no meio familiar e conjugal é tida como fator de estresse para mulheres (Carter & McGoldrick, 2001; Diniz & Perlin, 2005; Papp, 2002).

A criação de um mundo compartilhado pelo casal envolve tempo e energia. Faz-se necessário ajustar e negociar os papéis e funções de cada um, assim como a maneira de viver juntos. São poucos os casais que conseguem distribuir as funções de modo paritário. A maior parte dos casais o faz baseado em modelos tradicionais de relação conjugal. O desenvolvimento pessoal de

cada cônjuge e a funcionalidade da relação implicam em redefinir, sempre que necessário, a distribuição de papéis, regras, funções e poder entre eles (Jablonski, 2010; Papp, 2002).

Para que o casamento seja vivenciado pelas mulheres de forma mais igualitária é essencial que os casais revejam os estereótipos de gênero aos quais estão submetidos e as posições de poder que ocupam na relação. Os casais precisam, além disso, fazer uso da flexibilidade e da negociação. No contexto em que ambos os cônjuges estão inseridos no mundo profissional, essas competências se tornam ainda mais necessárias.

Caso o investimento na vida profissional transcenda o trabalho em si e ganhe proporções nas quais a esposa ou ambos os cônjuges almejem desenvolver-se e crescer na carreira, o desafio torna-se ainda mais expressivo. Tal investimento demanda tempo e energia despendidos tanto em relação ao aprimoramento e crescimento da carreira quanto ao investimento no casamento. Os desafios de gênero enfrentados pelas mulheres nesses contextos, que a perspectiva sistêmica feminista busca dar visibilidade, podem gerar estresse e comprometer tanto o ambiente de trabalho quanto a relação conjugal.

CAPÍTULO 2

MÉTODO

“Assim como a obra de um artista é o retrato de como ele vê o mundo, a metodologia adotada por um pesquisador revela sua forma de ver a realidade que está a sua volta e, conseqüentemente, revela sua forma de conceber e produzir o conhecimento científico”
Adriana Oliveira

A pesquisa qualitativa tem se revelado muito importante para os estudos no campo da Psicologia Clínica. A proposta epistemológica qualitativa apresenta-se coerente com a natureza complexa e dinâmica que caracteriza o fenômeno por nós pesquisado. A abordagem qualitativa em pesquisa caracteriza-se pela análise dos significados contidos nas falas e comportamentos dos participantes. Uma vez que seu objetivo é compreender como a experiência é criada e qual significado a ela é atribuído, a pesquisa qualitativa preocupa-se em estudar casos particulares, mais que abarcar populações extensas, e com o entendimento da experiência subjetiva dos/as pesquisados/as (Oliveira, 2007).

Os contextos nos quais pesquisador/a e pesquisado/a estão inseridos são levados em conta, assim como as subjetividades dos mesmos (Biasoli-Alves, 1998; Cezar-Ferreira, 2004). Ambos organizam suas ideias a partir de uma raça, de uma classe, de um gênero e de uma cultura (Diniz, 2003). Assim, é possível uma melhor descrição da realidade na medida em que ela é co-construída na interação entrevistado/a-entrevistador/a e não é vista como pré-determinada (Cezar-Ferreira, 2004).

2.1. Delineamento da Pesquisa

Para compreender o fenômeno do casamento composto por filhos/as cangurus que deixaram o lar parental para casar, optamos por realizar um estudo de caso coletivo (Stake, 2000). O estudo de caso, segundo Stake (2000), focaliza um fenômeno particular e busca estudá-lo em profundidade, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões. O estudo de caso coletivo

é aquele em que o/a pesquisador/a estuda conjuntamente alguns casos para compreender certo fenômeno.

No estudo proposto, cada casal entrevistado corresponde a uma unidade de caso. O estudo de caso coletivo permite analisar os casos a partir de duas vertentes: vertical e horizontal. A perspectiva vertical compreende cada casal e a horizontal faz uma análise comparativa entre os casos, ou seja, entre os casais, ressaltando semelhanças e diferenças entre os mesmos (Stake, 2000).

2.2. Participantes

Participaram da pesquisa quatro casais que atenderam a critérios pré-estabelecidos de seleção. Os marcadores considerados na escolha dos participantes estão apresentados a seguir.

- Casais heterossexuais;
- Casados ou vivendo em união estável por, ao menos, um ano;
- Casais sem filhos/as;
- Casais em que pelo menos um dos cônjuges tenha residido na casa dos pais até a idade de 26 anos (no mínimo), desde que já graduado/a e inserido/a no mercado de trabalho, e que tenha saído do lar parental direto para casar ou morar junto com o/a companheiro/a;
- Casais em que ambos os cônjuges trabalhem em regime remunerado;
- Casais em que ambos os cônjuges considerem-se comprometidos com o desenvolvimento da carreira profissional.

A escolha por casais heterossexuais baseia-se no fato de que casais homossexuais apresentam uma dinâmica própria e ainda pouco estudada na área sistêmica familiar, merecendo um estudo específico. A opção pelo tempo mínimo de um ano de casamento fundamentou-se na literatura do ciclo de vida familiar (Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997, 2002, 2009), segundo a qual, esse tempo de relação já permitiria ao casal vivenciar experiências importantes a respeito da vida a dois.

Optamos por casais sem filhos, pois desejamos entender a conjugalidade desses ex filhos/as cangurus e como ela se configura antes mesmo de os cônjuges agregarem o papel de pais. A idade mínima escolhida para a saída da casa dos pais, de 26 anos, baseia-se em referências da literatura quando discorre sobre a faixa etária de filhos/as adultos/as que residem na casa dos pais (Cobo & Saboia, 2010; Figueiredo, 2013; Gallagher, 2013; Henriques, 2003, 2010).

Os critérios relacionados à carreira de ambos, em que os cônjuges trabalhem em regime remunerado e sejam comprometidos com o desenvolvimento da carreira profissional, dizem respeito ao nosso objetivo de pesquisar casais de dupla carreira, uma vez que, para filhos/as cangurus, a questão da carreira ocupa um lugar central na vida (Figueiredo, 2013; Gallagher, 2013; Henriques, 2003, 2010). Desejamos, assim, compreender como essa questão se manifesta no casamento, após a saída da casa dos pais.

O número de casais entrevistados seguiu o critério de saturação proposto em pesquisa qualitativa (Minayo, 2012, 2017; Oliveira, 2007). De acordo com essa proposta, a coleta de dados é encerrada quando os conteúdos das falas começam a se repetir com frequência e novos elementos deixam de surgir, indicando que os temas estão suficientemente representados. A seguir, descrevemos as características principais que compõem cada casal⁴ pesquisado.

Casal 1: Fátima e Geraldo namoraram por três anos e são casados há dois anos e três meses. Fátima tem 36 anos e trabalha na área de sua formação, em uma grande empresa privada. Geraldo tem 30 anos, é graduado e trabalha em empresa própria na área de sua formação. Ambos possuem pós-graduação e no momento da entrevista realizavam outra pós-graduação. A carga horária de trabalho da esposa é de 44 horas/semanais e a do marido, de 55 horas/semanais. A renda da esposa é de até cinco salários mínimos e a do marido, de até 10 salários mínimos. Geraldo saiu da casa dos pais para morar com a irmã e, em seguida, foi morar sozinho. Ao casarem, Fátima foi morar com ele. Fátima morou na casa dos pais até os 34 anos e saiu direto para o casamento, sem

⁴ Os nomes e outros dados específicos dos casais foram alterados a fim de preservar a confidencialidade dos mesmos.

experiência prévia de moradia em outro local. Geraldo é o único cônjuge dos quatro casais entrevistados que não morava com os pais no momento do casamento.

Casal 2: Rose e Adilson namoraram por dois anos e são casados há um ano e seis meses. Rose tem 32 anos e trabalha na área de formação em empresa própria. Adilson tem 33 anos e trabalha fora da área de sua graduação em uma instituição pública. Em paralelo, possui uma empresa própria. Além disso, Adilson ajuda a esposa na empresa dela. Ela realizou pós-graduação e ele não. A carga horária de trabalho da esposa é de 40 horas/semanais e a do marido, de 50 horas/semanais. A renda da esposa é de até cinco salários mínimos e a do marido, de até 20 salários mínimos. Rose morou na casa dos pais até os 31 anos e saiu direto para o casamento, sem experiência prévia de moradia em outro local. Adilson morou alguns meses em outro estado, devido ao trabalho, e retornou para a casa da mãe, na qual se encontrava até o momento do casamento. Saiu de casa para casar com 31 anos de idade.

Casal 3: Andrea e Fábio namoraram por oito anos e são casados há um ano e dois meses. Andrea tem 28 anos e trabalha em uma empresa privada dentro de sua área de graduação. Fábio tem 32 anos e é concursado de um órgão público. Ambos realizaram pós-graduação. A carga horária de trabalho da esposa é de 40 horas/semanais e a do marido, de 35 horas/semanais. A renda da esposa é de até dez salários mínimos e a do marido, de mais de 20 salários mínimos. Andrea morou na casa dos pais até os 27 anos e saiu direto para o casamento. Fábio morou aproximadamente um ano em outro estado devido ao trabalho. Retornou à casa dos pais e saiu da casa deles para casar com 31 anos.

Casal 4: Marcia e Clóvis namoraram por seis anos e são casados há um ano e oito meses. Marcia tem 29 anos e trabalha em órgão público federal dentro de sua área de formação. Clóvis tem 36 anos e trabalha em empresa própria na área em que se graduou. Ambos realizaram pós-graduação. A carga horária de trabalho de ambos é de 40 horas/semanais. A renda da esposa é de até 10 salários mínimos e a do marido também. Ambos saíram da casa dos pais direto para o casamento

sem experiência prévia de moradia em outro local. Marcia saiu de casa com 27 anos e Clóvis saiu com 35 anos.

Todos os casais participantes da pesquisa estão inseridos em estratos socioeconômicos médios e altos, segundo classificação do IBGE (2017)⁵. Uma vez que todos os cônjuges possuem nível superior completo e, com exceção de um deles (Adilson), possuem pós-graduações, pode-se considerar um nível sociocultural também alto.

Todos os cônjuges afirmaram que trabalhavam quando residiam na casa dos pais e também quando saíram da casa destes. Todos os cônjuges, com exceção de um que morava sozinho (Geraldo), moravam na casa dos pais ao casar. Todos eles, no momento da entrevista, afirmaram estar comprometidos com o desenvolvimento das suas carreiras.

2.3. Local e Período da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade de Brasília-DF em local sugerido pelos casais entrevistados. Apenas o casal 2 optou por realizar a entrevista em local público, um café. Todos os outros casais sugeriram a própria casa para a realização da pesquisa. As entrevistas ocorreram no período compreendido entre o mês de outubro do ano de 2016 a junho de 2017.

2.4. Instrumentos

A pesquisa valeu-se de três instrumentos: formulário sociodemográfico, linha do tempo da vida profissional e entrevista semiestruturada. O formulário foi aplicado inicialmente junto com a linha e, em seguida, realizada a entrevista.

2.4.1. Formulário Sociodemográfico e Linha do Tempo da Vida Profissional

⁵ No ano de 2017 estava em vigor o valor de R\$ 937,00 para o salário mínimo.

O formulário (Anexo B) foi elaborado com o intuito de obter informações gerais sobre os cônjuges. A pesquisadora verbalizou as questões propostas e registrou as respostas no formulário. Na parte inicial, investigou-se tempo de namoro, tempo de casamento, tipo de união conjugal, idades dos cônjuges, idades com que ambos saíram da casa dos pais, grau de escolaridade, formação acadêmica e tempo de formados, cursos de pós-graduação, profissões, locais de trabalho, cargos, carga-horária dos trabalhos e as rendas atuais de cada cônjuge.

Foi dedicada uma atenção especial aos locais de trabalho, cargos e rendas, solicitando-se que ambos os cônjuges desenhassem uma linha do tempo da vida profissional. Cerveny (2000) apresenta a *Linha de Tempo Familiar* (LTF) como um instrumento na qual se solicita à família que desenhe uma linha horizontal e pontue as datas e fatos mais importantes da vida familiar. Segundo a autora, a linha de tempo baseia-se em estratégias adotadas pela disciplina de História com a finalidade de mostrar a ocorrência de fatos em uma sequência de tempo. É um instrumento tradicionalmente usado na clínica da terapia familiar e nessa pesquisa utilizamos como um instrumento de coleta de dados.

Foi feita uma adaptação da LTF, a qual denominamos de “Linha do Tempo da Vida Profissional” ou “Linha da Vida Profissional”. O uso desse instrumento com os casais pesquisados deveu-se ao interesse das pesquisadoras em obter uma melhor compreensão acerca do desenvolvimento e do crescimento da carreira de cada um dos cônjuges. Isso porque um de nossos objetivos de pesquisa diz respeito ao entendimento do aspecto da dupla carreira em casais de filhos/as cangurus. Assim, buscamos confirmar o quanto, de fato, esses/as filhos/as investiram na carreira antes de casar até o momento da entrevista.

Cada cônjuge pontuou em sua própria linha as datas de todos os empregos, trabalhos, cargos, duração de tempo em cada local de trabalho e salários. A linha iniciou com o ano da graduação, quando ainda moravam com os pais, e finalizou na data da entrevista. O ano do

casamento foi também identificado na linha. Os desenhos das linhas não serão expostos nessa tese uma vez que pretendemos garantir o anonimato dos participantes.

2.4.2. Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada foi composta por um roteiro norteador (Anexo C) com tópicos relacionados aos objetivos da pesquisa e baseados na literatura revisada sobre o tema. As perguntas foram feitas de modo a estimular o diálogo entre pesquisadora e pesquisados/as. O roteiro serviu como um guia flexível para a apreensão dos conteúdos abordados pelos casais participantes. Os temas abordados inicialmente disseram respeito à vivência na casa dos pais, ao tempo de namoro e à decisão pelo casamento. O intuito de abordar esses temas deveu-se ao nosso desejo de contextualizar a vivência canguru anterior ao casamento. Em seguida, investigou-se os temas relacionados aos objetivos propostos por esta tese: a rotina do casal, as percepções sobre o casamento e seus desafios, a carreira de ambos e a conciliação com o casamento, ao casamento dos pais e aos planos para o futuro.

A entrevista foi realizada de forma conjunta com cada casal. Foi solicitado que cada cônjuge respondesse às perguntas separadamente. Assim, obtivemos para cada pergunta/tópico a resposta das esposas e dos maridos. Nosso objetivo foi obter um relato mais completo da vivência de cada cônjuge e também identificar possíveis contradições ou complementações nas falas do casal. Acreditamos que, dessa forma, pudemos ter uma visão mais ampla da dinâmica conjugal e das percepções de cada um em relação à vivência do casal, bem como permitir uma análise das questões de gênero presentes na relação. A intenção é entender a experiência, os possíveis dilemas e/ou paradoxos presentes entre o casal acerca do fenômeno do casamento formado por filhos/as cangurus.

No diálogo com os/as entrevistados/as, foi respeitada a escolha que faziam em relação às respostas, deixando a entrevista fluir. Pretendemos, assim, abrir espaço para compreender outras

dimensões que eles poderiam acrescentar sobre a forma com que percebem e vivenciam o fenômeno investigado.

2.5. Procedimentos

Os casais participantes foram recrutados na cidade de Brasília por meio de indicações realizadas pela rede de contatos da pesquisadora. Essa rede foi informada dos critérios que os casais precisavam possuir. A seleção dos participantes foi realizada, portanto, por conveniência ou acessibilidade e um dos casais entrevistados indicou outro casal para a participação, o que configura a técnica *Bola de Neve* (*snow ball sampling*). Essa técnica, segundo Oliveira (2007), consiste em localizar pessoas por meio de indicação de seus conhecidos. Estas, por sua vez, indicam outras pessoas que se encaixam nos critérios da pesquisa.

O contato inicial com os casais indicados a participar da pesquisa foi realizado pela pesquisadora via telefone com um dos cônjuges, o qual confirmou com o/a esposo/a a participação do casal. No primeiro contato, foi confirmado o alinhamento dos casais com os critérios de seleção dos participantes. Foi também proposta uma conversa introdutória sobre a pesquisa. Na conversa, foram explicados o tema da pesquisa, os objetivos e as dimensões éticas, ou seja, o sigilo acerca das informações fornecidas, a guarda do anonimato das identidades, a finalidade do uso das informações. Foi também explicado o direito do/a entrevistado/a de desistir de participar da pesquisa em qualquer momento do processo. Após o aceite dos cônjuges, as entrevistas foram agendadas.

No dia da entrevista essas informações foram reforçadas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo A), que foi lido para o casal. Ambos os cônjuges assinaram o Termo em duas vias e mantiveram uma. A pesquisadora ficou em posse da outra via. O TCLE explicitou os objetivos e os cuidados éticos da pesquisa além da autorização da gravação e utilização dos dados coletados na entrevista. As informações de contato das

pesquisadoras também constavam nesse documento para o caso de os/as entrevistados/as julgarem necessário contatar as pesquisadoras após a realização das entrevistas. Foi informada também a possibilidade de acesso a todo material que venha a ser publicado decorrente da pesquisa.

A pesquisadora sugeriu que a entrevista acontecesse na residência dos participantes ou em local público que permitisse privacidade. Nossa intenção era que o/a entrevistado/a se sentisse à vontade para escolher o local e permitisse um fluir natural das narrativas. A pesquisa iniciou com a aplicação do formulário sociodemográfico e foi seguida pela realização da entrevista. As entrevistas foram registradas em áudio com o consentimento dos/as entrevistados/as e tiveram a duração média de uma hora e 40 minutos por casal.

2.6. Análise de Dados

Para a análise de dados, optou-se pela análise de conteúdo qualitativa. O método de análise de conteúdo tem na obra de Bardin (2011) sua referência clássica. Esse método configura-se, segundo Bardin, como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

A análise de conteúdo é um método muito utilizado no universo das pesquisas qualitativas, incluindo aquelas em Psicologia relacionadas à geração canguru e ao casamento contemporâneo (Castro, 2015; Gallagher, 2013; Henriques, 2009; Martins, 2006; Menezes & Lopes, 2007). O objetivo desse método é buscar os sentidos contidos nos documentos ou nas falas dos participantes da pesquisa (Bardin, 2011; Bauer, 2002; Campos, 2004; Oliveira, 2007).

O conteúdo das respostas dos casais entrevistados nesta pesquisa foi analisado e interpretado seguindo as fases propostas por Campos (2004) em uma releitura contemporânea da análise de conteúdo de Bardin (2011). A primeira fase, denominada *fase da pré-exploração do material*, é aquela em que ocorre a leitura flutuante das entrevistas com o intuito de apreender e organizar de

forma não estruturada aspectos importantes do conteúdo das entrevistas. São as primeiras leituras desprentensiosas realizadas do material coletado.

A segunda fase é chamada por Campos (2004) de *fase da seleção das unidades de análise*. As unidades de análise podem ser palavras, frases, parágrafos ou um texto completo de entrevistas, por exemplo. Essas constituem-se em temas que são orientados a partir dos objetivos da pesquisa e perguntas levantadas, da literatura pesquisada e do contato do/a pesquisador/a com o material estudado. Os recursos mentais do/a pesquisador/a e suas teorias pessoais e intuitivas também são, conforme o autor, essenciais nesse processo. A interdependência entre pesquisador/a e material pesquisado presente em toda a etapa da análise é um dos aspectos centrais que caracteriza a pesquisa qualitativa.

O *processo de categorização e sub-categorização* é a terceira fase apontada por Campos (2004). Ela pode ser definida como a etapa de classificar e agrupar elementos e temas que se diferenciam e estabelecem conexões. A presença dos temas é verificado em todas as entrevistas.

Ao pesquisar o casamento formado por filhos/as provenientes da geração canguru, optamos por utilizar categorias mistas (Laville & Dionne, 1999), ou seja, mesclando-se categorias apriorísticas com não apriorísticas. Algumas das categorias apresentadas nesta tese nasceram, portanto, à priori, com base na literatura, no conhecimento teórico das pesquisadoras e em nosso interesse em investigar alguns temas. Outras categorias foram desenvolvidas *a posteriori*, ou seja, após o contato das pesquisadoras com o conteúdo das entrevistas. Segundo colocam Laville e Dionne (1999), nesse modelo misto de categorização, “o pesquisador não quer se limitar à verificação da presença de elementos predeterminados; espera poder levar em consideração todos os elementos que se mostram significativos” na medida em que a análise acontece (p.222). Nesse sentido, ao utilizar o modelo de categorias mista, o/a pesquisador/a pode modificar uma ou outra categoria predefinida, aperfeiçoando, ampliando ou eliminando categorias traçadas ou mesmo criar novas categorias conforme os conteúdos forem surgindo.

Desse modo, ao analisar as respostas trazidas pelos maridos e esposas, realizamos, na fase inicial, um processo exaustivo de escutas das gravações e leituras das transcrições. O resultado foi a identificação de unidades de análise que perpassavam as entrevistas e formavam padrões de significados que se conectavam entre si. Com base nos objetivos desta tese e nas perguntas que ela busca responder, na revisão de literatura realizada e em nossa experiência, seguindo as etapas propostas pelas ferramentas qualitativas do método de análise de conteúdo, foi possível construir as categorias e subcategorias apresentadas na Tabela 3.

Eixo Temático	Categorias	
Ser Filho/a Canguru	1. Fatores da coresidência prolongada	
	2. A vivência canguru na casa dos pais	
	3. A carreira profissional dos/as filhos/as	
	Categorias	Subcategorias
Desenvolvimento da Conjugalidade	4. O namoro dos/as filhos/as	
	5. Vida a dois	5.1 Iniciando uma etapa do Ciclo de Vida - rotina e desafios do casal 5.2 A dupla carreira no casamento 5.3 Distância e Proximidade das Famílias de Origem 5.4 Satisfação no casamento
	6. Planos para o Futuro	6.1 Planos para o casamento 6.2 Planos para a carreira
Casamento - Do modelo dos pais ao modelo dos filhos	7. Fazer igual, fazer diferente: A construção de um modelo conjugal	

Apresentamos, a seguir, uma breve descrição de cada um dos eixos temáticos, com suas categorias e subcategorias. Eles estão expressos na ordem em que aparecerão ao longo das análises de cada casal.

SER FILHO/A CANGURU

Esse eixo temático contextualiza a experiência “canguru” dos/as filhos/as na casa dos pais antes de se casarem. Apresenta os fatores relacionados à coresidência prolongada, aos aspectos da vivência dos/as filhos/as na casa dos pais, bem como ao desenvolvimento de suas carreiras quando ainda residiam no lar parental, antes de se casarem. As três categorias que compõem esse eixo são analisadas conforme segue.

1. Fatores da coresidência prolongada

A categoria 1 apresenta uma discussão sobre os fatores que, na percepção dos cônjuges, contribuíram para que eles permanecessem residindo com os pais na fase adulta da vida.

2. A vivência canguru na casa dos pais

O modo como os/as filhos/as cangurus viviam suas rotinas na casa dos pais antes de se casarem é o foco da categoria 2. Aspectos típicos da vivência da geração canguru, como a liberdade, a independência e o conforto, serão discutidos.

3. A carreira profissional dos/as filhos/as

A categoria 3 expõe como os/as filhos/as cangurus construíram suas carreiras, desde a graduação. As informações obtidas através do uso da ferramenta “Linha da Vida Profissional” são utilizadas nessa categoria para descrever o processo de crescimento da carreira dos/as filhos/as.

DESENVOLVIMENTO DA CONJUGALIDADE

Esse eixo temático discorre sobre o modo como a conjugalidade dos/as filhos/as se desenvolveu desde o namoro até o casamento e os planos do casal para o futuro. Buscamos explicitar como esses casais formados por filhos/as cangurus percebem e vivenciam o casamento. As categorias e subcategorias contempladas nesse eixo são:

4. O namoro dos/as filhos/as

A categoria 4 evidencia aspectos do relacionamento de namoro dos cônjuges. Revela como o casal se conheceu, o contexto em que se encontravam e o tempo de duração do namoro.

5. *Vida a dois*

A categoria 5 expõe a vida a dois do casal após se casarem. Destacam-se pontos sobre o modo como iniciam o casamento, a rotina e os desafios do casal, o reflexo da dupla carreira no casamento, a proximidade com a família de origem, as repercussões da vida canguru na vida de casados e a satisfação no casamento.

5.1. Iniciando uma etapa do Ciclo de Vida: A subcategoria apresenta o início da vida conjugal do casal e as tarefas desenvolvimentais da primeira etapa do Ciclo de Vida Familiar e do Ciclo de Vida do Casal. Ressaltam-se a rotina estabelecida no casamento, a interação com trabalho e casa, bem como os desafios identificados pelos cônjuges na vivência conjugal.

5.2. A dupla carreira no casamento: O modo como o investimento na carreira reflete no casamento é ressaltado nessa subcategoria.

5.3. Distância e proximidade das famílias de origem: A subcategoria expressa como os/as antigos/as filhos/as cangurus administram e vivenciam a distância e proximidade com suas famílias.

5.4. Satisfação no casamento: A subcategoria mostra o quanto os cônjuges se percebem satisfeitos com a relação conjugal e a avaliação que fazem da mesma.

6. *Planos para o futuro*

A categoria 6 discorre sobre os planos do casal para o futuro no que se refere à carreira e à família.

6.1. Planos para o casamento: Os planos futuros para a família, o desejo por filhos/as, são aqui apresentados.

6.2. Planos para a Carreira: Os planos dos cônjuges e o que desejam para a carreira de cada um são expressos nessa subcategoria.

CASAMENTO - DO MODELO DOS PAIS AO MODELO DOS/AS FILHOS/AS

O terceiro eixo temático relaciona o casamento dos pais com o casamento dos/as filhos/as.

7. *Fazer igual, fazer diferente: A construção de um modelo conjugal*

A categoria 7 compreende a forma como o casamento dos pais apresenta-se como modelo para o casamento dos/as filhos/as. As semelhanças e diferenças entre o casamento dos pais e dos/as filhos/as e o modelo de conjugalidade construído pelos/as filhos/as cangurus são expostos.

Após a categorização, seguimos para a discussão dos resultados. Importante ressaltar que nenhuma dessas etapas seguiu um passo a passo estanque. Sobre esse ponto, Campos (2004) salienta que compreender e discutir os dados e resultados “é um processo feito conjuntamente com os outros passos da análise, ou seja, à medida que são feitos, os idos e vindos ao material, ao corpo teórico norteador, referencial pessoal do pesquisador e suas inferências” (p.614).

2.7. Considerações Éticas

A presente pesquisa passou pela análise ética do CEP UnB - Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e foi aprovada sob o número CAAE 52870416.2.0000.5540. A pesquisa foi delineada de acordo com as normas para pesquisas envolvendo seres humanos. Tivemos como referência os parâmetros estabelecidos pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012) e o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Cumprimos todos os cuidados éticos previstos na resolução do CNS, de forma a assegurar a proteção dos/as participantes ao buscar o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos. A doutoranda buscou manter uma postura ética, de respeito e acolhimento da experiência dos participantes.

A doutoranda esteve atenta para garantir e respeitar a autonomia, a liberdade e a privacidade dos/as entrevistados/as e evitar causar qualquer dano à integridade psicológica dos mesmos. Garantiu-se o sigilo absoluto da identidade dos/as entrevistados/as e o cuidado na divulgação dos resultados, os quais serão somente para fins científicos. As gravações das entrevistas ficarão de posse exclusiva da doutoranda pesquisadora.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados serão apresentados separadamente por casal. Cada um dos quatro casais pesquisados corresponde a um caso. Foi realizada uma análise vertical de cada caso, a qual será exposta neste capítulo conforme demonstrado na Tabela 3. A análise categorial divide-se em três eixos temáticos: (1) “Ser Filho/a Canguru”, (2) “Desenvolvimento da Conjugalidade” e (3) “Casamento - Do Modelo dos Pais ao Modelo dos/as Filhos/as”. As categorias temáticas presentes nos eixos e suas respectivas subcategorias foram construídas em função dos objetivos desta pesquisa, da revisão teórica encontrada na literatura e dos conteúdos presentes nas falas dos oito cônjuges entrevistados.

3.1. Casal 1: Fátima e Geraldo

SER FILHO/A CANGURU

3.1.1. Fatores da coresidência prolongada

Fátima residiu na casa dos pais até a idade de 34 anos. Geraldo, por sua vez, saiu de casa para morar com a irmã e, posteriormente sozinho, por volta dos 25 anos. Uma vez que a vivência de Geraldo não se enquadra no perfil de filhos/as cangurus, tendo em vista que saiu da casa dos pais para morar sozinho, sua entrevista não apresentou dados para serem discutidos nas duas primeiras categorias desse eixo temático. Apresentaremos, no entanto, suas falas relacionadas à experiência da esposa enquanto filha canguru.

Fátima saiu de casa pela primeira vez para casar e conta que agir assim era, inclusive, o seu desejo: “É... eu queria fazer a coisa certinha, né?” Sobre esse ponto o marido relata que “ela queria sair de casa, mas não queria sair de casa, tipo, sem ser um casamento. Na teoria ela só ia se fosse pra “casar”. Com casamento marcado”. Geraldo demonstra concordar com a posição da esposa de sair de casa somente para casar, ainda que ele mesmo não tenha agido dessa forma, pois

saiu da casa dos pais para morar só. Uma vez que o momento de se perceberem “prontos” para a decisão do casamento não chegava, Fátima permanecia residindo na casa dos pais.

O comodismo desfrutado na casa dos pais aparece na fala de Fátima como outro fator de permanência em casa: *"Primeiro, acho que pra mim era cômodo, né? Porque assim... eu tinha minhas despesas mas não tinha despesa com casa"*. A fala da esposa evidencia o aspecto financeiro como um fator relevante. Apesar de Fátima trabalhar e possuir um salário que permitia sair de casa e morar sozinha, como ela afirma, preferiu permanecer na casa dos pais e economizar dinheiro: *"eu poderia sair de casa, e morar sozinha, por questões financeiras poderia tranquilamente e eu conseguiria me sustentar sim... Eu preferi ficar na casa da minha mãe e do meu pai"*. Ela salienta que esse fato oportunizou inclusive fazer uma *"reserva para ajudar no casamento"*.

Os sentimentos de medo e insegurança são relacionados por Fátima à coresidência prolongada: *"porque às vezes surgia uma vontade de ter independência, sair, mas rolava um pouco de insegurança. Então pra mim era mais fácil tá ali, era melhor tá ali e aí fui ficando... porque eu fui sempre mais medrosa, assim, de querer casar e tal, eu sempre fui mais medrosa"*. O “peso” da responsabilidade pelo cuidado com a casa é descrito pela esposa como outro fator de permanência na casa dos pais, uma vez que lá *"não tinha aquela responsabilidade com casa porque tinha meus pais pra fazer esse papel"*.

3.1.2. A vivência canguru na casa dos pais

Fátima percebe-se, enquanto filha adulta na casa dos pais, ter vivido com liberdade. Ela afirma, por exemplo, *"Eu tinha total autonomia pra tomar decisões e independência pra tudo"*. Ela definia suas escolhas sem a interferência dos pais, por exemplo, as profissionais e amorosas, seus projetos de vida e sua rotina. Esta que, conforme coloca, *"era bastante independente da casa dos pais"*. Apesar disso, ela relata que *"devia satisfação de muita coisa"*. Dizer para os pais aonde ia, com quem, que horas voltaria, eram perguntas possíveis de serem feitas nesse contexto.

Fátima também possuía liberdade para utilizar seus rendimentos como melhor entendesse, sem precisar contribuir com as despesas da casa. Sobre esse ponto ela afirma: *“eu pagava meu plano de saúde, que na época era particular e eu pagava meus Fiés, né, a faculdade, e na pós-graduação eu paguei inteira e eu comecei na época que eu tava morando com eles ainda”*.

Sobre ajudar nas tarefas domésticas da casa dos pais, Fátima afirma: *“cuidava das minhas coisas.. quarto, banheiro e armários”*. Ela também destaca que os serviços da casa eram algumas vezes divididos entre ela, seu pai, sua mãe e seus irmãos, mas que a maior responsabilidade da casa era sempre da mãe.

3.1.3. A carreira profissional dos/as filhos/as

Fátima graduou-se em curso superior e na data da entrevista possuía seis anos de formada. Ela afirma que sempre gostou muito do curso escolhido e, mesmo antes de se formar, já atuava na área. A linha da vida profissional da esposa revelou que seu primeiro emprego, após formada, foi no mesmo segmento em que continuava trabalhando na data da entrevista. Adentrou a área em uma posição mais baixa de cargo e salário, cresceu e desenvolveu-se na carreira atingindo uma função mais elevada com um nível alto de responsabilidade.

A esposa menciona o quanto a carreira sempre foi uma prioridade em sua vida: *“porque eu sempre dei muita importância pra minha carreira, sempre projetei, sempre soube o que eu queria, sempre fiz de tudo pra ir traçando esse caminho”*. Nesse processo de investimento na carreira, Fátima ressalta o número de horas que, antes de se casar, dedicava ao trabalho: *“Eu antes de casar mesmo, antes de... na época que até a gente namorava, eu ficava doze horas no trabalho tranquilamente sem o menor problema, né? É... doze e até mais horas... já saí 9, 10 da noite, e chegando cedo no trabalho, e pra mim isso era normal, era tranquilo e me fazia bem, me satisfazia dessa forma, eu era feliz assim”*.

Sobre o que esperava de sua carreira na época de coabitação com os pais, Fátima coloca: *“Eu projetava chegar num cargo de gestão... e futuramente até ter autonomia mesmo, ir pra autonomia. Por exemplo, o curso de pós que eu fiz foi nesse intuito também, as pós-graduações que eu fiz foi nesse intuito”*. A importância atribuída aos cursos e pós-graduações no seu processo de crescimento e planejamento da carreira ficou evidente através da análise da linha da vida profissional. Fátima realizou diversos cursos em sua área e três pós-graduações. No momento da entrevista, estava realizando mais um curso de extensão.

Geraldo graduou-se em curso superior e possuía, no momento da entrevista, seis anos de formado. O primeiro emprego dele, conforme demonstra sua linha de vida profissional, foi fora de sua área de formação, em uma empresa privada. Iniciou em uma função menor e, rapidamente, conquistou um cargo de liderança. Pouco tempo depois, ao buscar novos desafios, mudou de empresa e ocupou um cargo inferior ao anterior, com rendimentos menores. Posteriormente, deixou a empresa e abriu seu próprio negócio onde atuava como consultor autônomo até a data da entrevista.

DESENVOLVIMENTO DA CONJUGALIDADE

3.1.4. O namoro dos/as filhos/as

Fátima conta que conheceu Geraldo no ambiente de trabalho. Os dois trabalhavam na mesma empresa e, uma vez que ela fazia parte de uma área de suporte, assessorava a área de Geraldo. Sobre esse momento, ela coloca que foi quando ficou mais próxima do esposo, *“mas assim... era só relação de trabalho mesmo... e em 3 anos depois de trabalho junto, né e só amizade, relacionada a trabalho, a gente começou a ficar mais próximo assim de sair depois do trabalho, com o pessoal do trabalho, com os outros amigos e foi estreitando até descobrir que estava apaixonada (risos) e foi assim...”*. Geraldo acrescenta que, na época, possuía um cargo de liderança e dependia do apoio da área de Fátima para as questões relacionadas ao desenvolvimento da sua

equipe e de sua carreira, de modo geral. Essa relação profissional, segundo ele coloca, foi com o tempo refletindo em uma relação de amizade que, posteriormente, se transformou em namoro.

Fátima não esperava conhecer alguém para namorar, ou mesmo casar, no ambiente de trabalho. Sobre esse ponto, ela expressa, *“Nem imaginava que poderia acontecer isso um dia, foi bem incrível assim”*. Ela conta que, quando conheceu Geraldo, ele não a atraiu, mas que, na medida em que foi conhecendo-o melhor, *“foi me despertando admiração”*. De acordo com ela, *“foi a pessoa que ele é, generoso, compreensivo, benevolente, divertido, simples e inteligente”*, que, posteriormente, despertou sua atenção. Geraldo, por sua vez, destaca *“o sorriso e alegria”* de Fátima como as qualidades que chamaram a atenção dele quando a conheceu.

Fátima ainda ressalta que, no mesmo mês que começaram a namorar, Geraldo, que já havia saído da casa dos seus pais e morava com a irmã, mudou-se sozinho para um apartamento próprio. Esse imóvel foi comprado com a ajuda dos pais dele e parece ser um ponto importante na formação do casal e na própria história dos dois. Foi nesse apartamento que eles foram morar quando casaram e que continuavam morando na data da entrevista. Em outros momentos da entrevista, eles retomam o assunto do apartamento como uma questão ainda não bem resolvida entre eles. Fátima e Geraldo namoraram durante três anos até o casamento.

3.1.5. Vida a dois

3.1.5.1. Iniciando uma etapa do Ciclo de Vida - rotina e desafios do casal

Fátima e Geraldo estão casados há dois anos e três meses. O dia a dia do casal envolve, segundo Fátima, uma rotina mais estruturada da parte dela do que do esposo. Ela possui horários fixos de trabalho e ele, por ser autônomo, mais flexíveis. Fátima expõe não possuírem o hábito de cozinhar em casa, mas de fazer as refeições fora. *“Só às vezes a gente faz alguma coisa prática mesmo porque eu não tenho o hábito de cozinhar, nem ele. A gente se arrisca às vezes. A gente se arrisca às vezes na cozinha”*.

Geraldo retrata a rotina “típica” do casal de forma mais detalhada e específica. Ele ressalta o seu papel de cuidar dos horários da esposa. *“A gente sai junto de manhã praticamente todo dia... geralmente eu despacho ela, ela acorda e eu ajudo ela, eu tomo um café... e fico cobrando o horário, pra ela sair no horário senão ela se atrasa né? Então... Meu papel é acordar de manhã e gerenciar o horário dela pra ela não se atrasar e depois disso a gente tem um espaço ausente os dois”*. Geraldo complementa sobre a rotina do casal: *“Os dois vão trabalhar e os dois voltam... eu acho que o nosso horário de encontro a noite é por volta de sete e meia, né? assim... na média... aí a gente se encontra em casa e aí vai fazer; estudar a melhor forma de se alimentar e a melhor forma de descansar, né?”*. A rotina narrada pelo esposo mostra uma vida a dois voltada para o trabalho e com pouco tempo desfrutado entre o casal.

O esposo apresenta ainda a rotina de estudos que permeia a vida do casal, ele com aulas em alguns dias da semana à noite e ela aos finais de semana uma vez ao mês. Em dias “atípicos”, como Geraldo pontua, ele pode chegar em casa mais tarde do trabalho. Sobre os dias em que o esposo permanece maior tempo no trabalho, Fátima expressa que eles quase não se veem. Geraldo complementa e diz que, em determinadas semanas, eles chegam a passar dias seguidos sem se verem. *“‘Quase’ não, a gente não se viu, né? Sai de manhã e ela tava dormindo... a gente foi se vê no.... e eu cheguei muito tarde também, aí não acordei junto com ela, e praticamente que emenda sem se vê”*.

O tempo para o casal ficar juntos acontece à noite e nos finais de semana, quando Fátima não possui aulas. Sobre esse ponto, Geraldo coloca: *“Aí depois nosso momento de conversa é na cama, né. Aí deita na cama e vai conversar e aí eu acho que a gente tenta ter um pouco de lazer também, que é um momento que a gente tem de tentar jogar um jogo junto, fazer alguma coisa ou brincar, conversar, fazer piada um com o outro. Eu acho que é... esse momento antes de dormir”*.

O desafio do pouco tempo disponível para a relação também é expresso por Fátima. *“Aí a gente só tem um tempinho pra conversar a noite que é onde a gente vai contar como foi o dia e*

conversar, acertar alguma coisa pro dia seguinte ou pra semana, né, alinhar alguma coisa, enfim". Sobre vida social ou lazer, conforme a esposa aponta, *"a gente acabou se distanciando dos nossos amigos e a gente não se dedica muito tempo pra lazer que não seja com a família, então hoje o nosso final de semana... às vezes ele trabalha no sábado e às vezes a gente ou usa pra estudar, trabalhar ou tá com a família. Então a gente não tem tanto esse lazer, a gente precisa ampliar um pouco mais"*, segundo Fátima comenta. Geraldo concorda com Fátima e destaca nesse quesito a relação do casal com a família da esposa: *"É... eu acho que... eu julgo que o nosso lazer hoje é a família dela, né"*.

Quando perguntado sobre os desafios do casamento, o casal apresenta a dificuldade de *"ter uma boa comunicação"*. A esse respeito, Fátima pontua: *"É... comunicação... o que eu falo, ele entender a minha expectativa, o que realmente eu quero falar e acho que da mesma forma ele"*. Geraldo concorda e acrescenta o que chama de *"sintonia das vibes"*. Segundo ele, *"comunicação e... o grande desafio é eu tá conectado na mesma rede que ela, com o mesmo foco que ela. Por exemplo, hoje eu to conectado numa rede mais profissional e ela tá numa mais família, né. Então assim... então às vezes, essa falta de... não vou dizer de alinhamento, mas de... de os dois tá vivendo a mesma fase no mesmo momento, né.. Eu acho que a gente oscilou muito no casamento ao longo... com essas duas redes"*.

A busca de sintonia entre o casal, quando possuem prioridades diferentes, é para o esposo um desafio atual do casamento. Geraldo continua sua fala e expressa os sentimentos provenientes da vivência desse desafio: *"e... é quando os dois tão felizes, os dois tão felizes e quando os dois tá triste, os dois tá triste... mas é estar ambos no mesmo... na mesma energia, né. Eu acho que isso é uma grande dificuldade no casamento hoje, só que isso é... eu acho que, sei lá, você está naquele momento que você quer rever os amigos e ir pra festa e o outro tá naquele momento introspectivo e refletir se está no caminho certo da vida profissional. Então acho que às vezes isso pode gerar um descompasso e frustração... não é frustração a palavra, mas é... desmotivação, né"*. Fátima

acrescenta à fala do marido que seu *“maior desafio é entender o que que é de fato meu e o que que é de fato dele, né... e o que que é nosso. Então acho que isso ainda pra mim é um desafio.... eu encontrar esse limite assim... pois às vezes eu fico preocupada de estar entrando muito na individualidade dele, nas decisões dele, do que ele gosta e o que ele pensa pra ele e... a mesma coisa pro outro lado, né. Então acho que é isso, né... eu ainda não consegui fazer tudo isso de uma forma tranquila”*.

Fátima continua seu relato e relaciona o desafio da vivência da individualidade com a residência prolongada na casa dos pais: *“Essa questão de você já ter o seu jeito... e acho que é do ser-humano... e eu acho que isso com o tempo, com a idade, vai se cristalizando mais, a gente vai ficando com mais manias, cada vez mais, então quanto mais tempo você fica na casa dos pais eu acho que isso fica mais forte e mais difícil pra se adaptar ao outro na nova realidade que é o casamento. Eu acredito que quanto mais tempo você passa na casa dos seus pais isso vai se consolidando mais, né, e aí, pra você desconstruir, acho que leva mais tempo”*.

As expectativas no casamento também fazem parte dos desafios da vida a dois levantados por Fátima. *“E pra mim o grande desafio também é entender que nem sempre ele vai atender às minhas expectativas.. que às vezes eu até fico no conflito de saber até aonde eu posso ir em relação às decisões dele, em relação às coisas que ele gosta, que quer priorizar, pra mim realmente é um desafio”*. Sobre esse ponto, Geraldo expõe: *“Então acho que assim, é um grande desafio essa conexão assim, do que você esperar da pessoa, né... Eu acho que o mais engraçado disso tudo é que assim... eu sempre tentei que ela fizesse uma atividade física, né, e eu nunca consegui, né... acho que um desafio é você esperar da pessoa, do seu cônjuge, que ela tenha a mesma percepção que a sua, né... ou que ela tenha a mesma vontade ou que ela tenha a mesma sensação ou desejo que o seu”*.

Respeitar a individualidade do outro em detrimento de projetar no outro sua vontade, aparece novamente como um desafio da vida a dois. Fátima explicita vivenciar o desafio da

“*construção de um jeito que é nosso, e não meu ou dele*” e a “*dificuldade para chegar a consensar*”. Para ilustrar esse desafio, Geraldo apresenta o seu gosto por esportes, não compartilhado pela esposa. Ele conta que sempre insistiu para a esposa fazer algum esporte com ele, por exemplo correr. À despeito da recusa da esposa, ele continuava insistindo. Geraldo somente entendeu o quanto precisava respeitar a individualidade de Fátima quando ela fez a ele a proposta de fazerem juntos aulas de costura, modalidade pela qual ele também não apresentava nenhum interesse.

“*Caraca, eu fiquei... 'vou fazer um curso de corte e costura?' Foi quando caiu a ficha e eu falei 'cara'... tipo..., ela falando que eu vou ser muito feliz se eu fizer um curso de corte e costura com ela... e eu falei 'amor, não rola' (risos)... E assim, então, acho que... e ela ficou frustrada de eu não querer fazer o corte e costura com ela, né. Só que da mesma forma que eu fiquei frustrado de ela não querer fazer atividade física comigo*”. Essa foi a forma que Fátima encontrou para fazer Geraldo entender e respeitar sua escolha em não fazer qualquer atividade física. Por fim, o marido coloca que, com o tempo, eles tem aprendido “*a conhecer, interpretar e respeitar mais a cultura e as crenças de cada um*”.

O relato de Fátima mostra o início do casamento como um período desafiador para ela. “*Assumi muita responsabilidade... casa, marido, contas, a auto-exigência para atingir o objetivo de ter um casamento feliz e saudável*”. A adaptação da esposa à vida de casada também é observada por Geraldo como um desafio. Ele conta que, quando ela se mudou para morar com ele, “*gerou até uma depressão nela pelo fato de estar saindo de casa*”. O esposo relata sobre o começo do casamento: “*se ela chegasse em casa e eu não estivesse em casa, ela ficava chateada e não gostava*”. Fátima, durante a narrativa do marido, demonstra concordar e afirma “*é... eu não gostava mesmo*”.

De acordo com Geraldo, a esposa trazia “*vícios*” da casa dos pais que, segundo expressa, “*atrapalharam muito nosso começo de casamento... impactou muito negativamente*”. Fátima

também relaciona a condição de filha canguru com as dificuldades que enfrentou na adaptação à vida a dois: *“Casei com 34 anos e acredito que isso influenciou na minha adaptação... sempre morei com meus pais, tinha as minhas responsabilidades e independência, mas casar é diferente, exige uma responsabilidade maior e uma certa dependência do outro, por exemplo, pra tomar decisões”*.

A questão do casal, ao casar, ter ido morar no apartamento de Geraldo e de seu pai, local onde o esposo já residia antes do casamento, foi um fator que contribuiu inicialmente para a dificuldade de adaptação de Fátima à vida de casada. *“De fato, a casa já era o jeito dele, a casa dele, não era a nossa casa... era a casa dele, o jeito dele”*. Ela exemplifica com uma situação que a marcou no início da vida de casados: *“Eu lembro a primeira vez que eu arrumei a casa e eu tirei algumas coisas do lugar, não vou lembrar exatamente o que, mas... aí depois quando ele chegou e eu vi que ele tava botando tudo de volta, aí aquilo me incomodou muito”*. Com o passar do tempo, ela conta que eles foram se ajustando: *“depois a gente foi dando o nosso jeito, né, sim... foi colocando as coisas de uma forma nossa... mas no começo pra mim foi bem sofrido assim”*.

Conflitos sobre a execução das tarefas domésticas são também ressaltados por Geraldo sobre o período inicial do casamento. Ele exemplifica contando que *“uma coisa que magoava muito ela, que eu acho que o fato de ela tá na casa dela [dos pais] por muito mais tempo, atrapalhou, foi tipo a louça... tá suja em cima da pia, eu disse assim, ‘olha, se na tua casa tava limpa, aqui só tem um jeito de ficar limpa, se você for lá e lavar’, né”*.

"Convencer" a esposa de que ela *“não deveria se estressar com as coisas do lar”* é um dos desafios do início do casamento relatado por Geraldo. A esse respeito, Fátima conta que *“no começo do casamento eu era muito neurótica, eu queria tudo muito limpinho, muito arrumadinho, só que aí eu teria que assumir essa responsabilidade, então eu cedi pra eu não ficar com essa responsabilidade e ele ficar também... então eu cedi e ‘ah, a gente comeu agora, não tá afim de lavar a louça, fica a louça aqui e amanhã a gente lava’”*.

Sobre a divisão das tarefas domésticas, o casal indica não conversar sobre esse tema. O esposo relata que *“não tem uma.. tipo uma... conversa... Fátima que vai limpar a casa, o Geraldo que vai limpar e por aí vai, o banheiro é meu, o quarto é dela, não tem nada disso. Então assim, é mais quando tem a necessidade... quem tiver disponível vai lá e faz”*. Geraldo justifica esse modo de funcionamento do casal ressaltando as diferenças entre eles. *“Eu acho que eu tenho uma cultura um pouco diferente da dela, assim... não sou cartesiano, se eu chegar aqui e to disponível pra limpar a mesa eu limpo, se eu não tiver, também não vou limpar, aí e não vou fazer questão nenhuma se... que tenha alguém aqui necessário pra fazer limpeza, né”*. O esposo também fala que, por ter maior flexibilidade de horários no trabalho, busca em alguns dias chegar mais cedo em casa para lavar roupa na lavanderia do prédio, visto esta possuir horário limitado de funcionamento. *“Então essa minha flexibilidade eu tentava chegar mais cedo um dia pra fazer, adiantar o serviço”*.

Em relação às compras de supermercado, a esposa diz: *“a gente sempre faz juntos, eu e ele, então a gente faz compra uma vez ao mês. Quando precisa uma coisa ou outra, então aí independente ele vai, ou eu vou, ou até a gente vai junto também. A gente faz muita coisa junto nesse sentido”*. De igual modo, ela fala sobre as tarefas domésticas: *“Os afazeres da casa é... não tem muito dividido... mas eu faço, ele faz, né? sempre assim...a gente lava tudo, tudo, tudo junto. A louça também ele lava mais do que eu, né, amor? Então acho que é isso, mas é assim... a gente faz o serviço de casa normal, não tem nada...”* *“ah, você só faz isso eu faço aquilo”, a gente vai fazendo”*.

Fátima conta que o casal dispõe de uma ajudante, duas vezes ao mês, para a limpeza da casa e para passar roupa. *“Lavar roupa a gente lava aqui mesmo, também é dividido, né. Ele lava mais do que eu. Ele lava mais do que eu, mas eu limpo mais a casa do que ele”*. Para Geraldo, *“faz quem tá disponível”*. Ele exemplifica através de situações do dia a dia do casal. *“É... então acho que assim, se tem que lavar roupa, então você chega aqui vê a máquina vazia joga a roupa lá dentro e pronto, né? Tá com a louça suja, já não to aguentando mais a louça, eu vou lá e lavo”*.

Outro desafio apontado pelo casal envolve a questão financeira no casamento. Ao discorrer sobre as finanças do casal, Geraldo levanta o machismo presente na sociedade. Ele fala sobre uma situação em que atrasou o pagamento de uma das contas domésticas porque não tinha recebido dinheiro e não quis pedir à esposa para ela realizar o pagamento. *“Naquele momento eu não quis falar: ‘olha amor, paga essa conta que eu to sem o dinheiro hoje’, né. Mas assim... faltou é... eu ser menos machista”*. Ele também expõe o sentimento advindo dessa visão do homem como o responsável pelo provimento financeiro no casamento: *“a cultura de ser o provedor, gera muita ansiedade e foco na carreira, esquecendo a vida a dois”*.

O salário de Fátima, apesar de inferior ao recebido mensalmente por Geraldo, possui uma maior estabilidade. O esposo, ao trabalhar como consultor, não possui rendimentos fixos, mas conforme a demanda de trabalho e os contratos fechados. Geraldo relata que o casal não possui um controle financeiro ou uma divisão de quem paga qual conta. Eles não possuem conta bancária conjunta e, quando saem juntos, paga a conta quem se dispuser primeiro.

A forma de administrar os dois salários foi, segundo o casal, um ponto de conflito no início do casamento. A esposa relata que *“no começo foi bem sofrido... porque realmente eu vinha de um outro modelo, né. E quando a gente foi conversar sobre essa questão, eu falei, ‘meu amor, vamo vê como que vai ficar a questão das contas da casa, né. Se eu pago, você paga, como é que vai ser’. Eu falei.... não é nem tanto na questão do dinheiro, porque o dinheiro é nosso mesmo, mas assim, da responsabilidade, tem a data e eu vou ter que pagar nessa data”*.

Fátima tinha a intenção de dividir os pagamentos entre os dois e Geraldo não concordou. Ela conta: *“E aí ele falou, ‘não, não precisa ser dessa forma’... até deu um pulo assim... Aí eu falei, ‘Meu Deus, e agora, como é que vai ser’. E foi... a gente já teve alguns estresses em relação a isso, porque houve contas que ficou mesmo, passou da data, sem pagar, né.”* Segundo Fátima, com o tempo eles foram se ajustando e, em sua avaliação, *“hoje a gente já consegue fazer a administração disso de forma mais tranquila, digamos assim”*.

3.1.5.2. *A dupla carreira no casamento*

Fátima e Geraldo evidenciam o forte investimento na carreira que, desde antes de casarem, ambos possuíam. Segundo Fátima, o fato de os dois trabalharem muito impactou principalmente o início do casamento. Sobre sua dedicação à carreira, Geraldo expressa que *“tem que trabalhar igual dente... tem que aproveitar enquanto tem força porque depois que fica sem força não adianta querer comer mais rapadura”*.

A fala de Geraldo explicita sua crença de que, enquanto é jovem, a carreira precisa ser uma prioridade. Por outro lado, ele reconhece que, no início do casamento, ele excedia-se nessa questão. *“É... eu acho que eu excedia um pouco, eu acho... é, eu era mais workaholic e isso foi... no começo do casamento impactou muito nisso, né? Eu acho que ela sentia muito a minha ausência no começo do casamento, e eu era comum chegar oito e meia, nove horas do trabalho e isso tava impactando muito no nosso relacionamento, né”*. A esposa enfatiza os ajustes que precisaram fazer nesse sentido para trazer um maior equilíbrio entre o investimento na vida a dois e o investimento na carreira.

Fátima reconhece que, apesar de sempre ter estado muito voltada ao crescimento da sua carreira, no último ano e meio, passou por uma mudança de foco. *“Só que aí depois eu comecei a mudar isso e... aí comecei a colocar minha saúde em primeiro lugar e depois comecei a colocar o casamento, né, o nosso casamento. Eu falei, 'não, eu preciso agora priorizar minha família', né, então pensei em priorizar a família e hoje... o trabalho é muito importante pra mim, é fonte de renda, só que hoje eu acho que ele não é tão importante, não tem um grau de importância tão grande igual tinha antes.”*

Sobre os sentimentos advindos desse processo de mudança de foco, Fátima coloca: *“de alguma forma me incomoda, porque né, eu trato dessas coisas em terapia também. Me incomoda sim, porque não foi isso que eu pensei há algum tempo atrás, né? Eu tinha outros planos, outras projeções pra mim, mas quando isso começa a me incomodar eu falo não, hoje minha prioridade é minha vida pessoal e isso me conforta também. Então, eu pensar o que eu quero hoje, que hoje o*

que eu quero não é carreira, o que eu quero é família e filho, então eu acho que pra mim fica mais tranquilo”.

Geraldo, nesse sentido, expressa seu pensamento. *“Não... eu acho assim... que foi até uma reflexão que eu fiz essa semana, que eu acho que querendo ou não a gente tem uma cultura machista ainda, né? E a gente, a cultura machista diz... homens, né, a gente se vê muito na obrigação de colocar dinheiro em casa e não amor e carinho. O homem sempre tem essa sensação de querer ganhar mais pra querer colocar mais dinheiro em casa pra dar melhor condição pra família financeiramente.”* Geraldo, apesar de parecer não concordar com o machismo presente na sociedade, mostra se identificar com a responsabilidade de ser o provedor da família e atuar nessa direção.

A carreira do marido é, segundo Fátima, um dos assuntos sobre o qual o casal conversa bastante. *“Porque é um coisa que eu sempre falo pra ele, que eu acredito que ele tem muito mais potencial do que ele recebe hoje, né? é... gerir mais, igual ele gosta, né? Então eu acho que ele tá... enfim, é trabalhando pra isso... mas eu acredito que tá longe ainda de chegar onde ele quer e ele tem muito potencial.”* A fala de Fátima mostra o destaque e o incentivo que ela fornece à carreira do marido.

Da mesma forma, ela apresenta conselhos que, na percepção dela, fariam com que ele crescesse mais rápido. *“Talvez ele já poderia ter chegado ou chegar mais rápido se houvesse algum movimento, né... E que movimento? Estudar mais, porque assim, a gente... Era uma coisa que a gente falava desde que namorava... ele veio entrar numa especialização há pouco tempo, é uma pós que ele hoje não tá gostando muito, então no meu ponto de vista, a gente já conversou e eu já falei pra ele, que mesmo que a gente se aperte um pouquinho, mas vai pra uma outra instituição, escolhe um outro curso, pesquisa, vê”.*

Geraldo, ao expor sua visão sobre a carreira de Fátima, parece valorizá-la mais do que a própria esposa o faz. *“Eu acho que eu sempre falei pra ela que ela tinha é que tomar essa decisão*

de, de, de, ir pra frente e marcar o gol. Não tem essa, "ah quero ser sempre armadora", acho que não, acho que se tem a opção de chutar o gol você tem que chutar e se acontecer o gol ótimo, né."

O esposo se refere ao estímulo feito à Fátima para que ela resgatasse a ambição que tinha e empenhasse maior energia no crescimento da carreira. Ele reconhece, no entanto, *"que hoje ela tá bem consolidada no sentido assim, do identificar o que ela pensa e o que ela quer, né... na questão da família."* Geraldo mostra apoiar o movimento da esposa em querer priorizar a família, casamento e filhos, em detrimento de um maior investimento na carreira.

A conciliação dos diferente papéis exercidos, segundo Geraldo narra, não aparece como um grande desafio da vida a dois. *"Eu vejo que pra mim não é um objetivo difícil de ser atingido não. Ele é muito simples assim. Eu acho que você só tem que, ao longo da vida, ir ajustando os percentuais, né... Saber dizer assim, ah hoje eu estou dedicando 30% ao trabalho, 20% a família e 15 ao relacionamento e 45 aos amigos, sei lá, é... que você consiga falar: 'vou tirar um pouco dos meus amigos e vou colocar um pouco mais na minha família', até o ponto que você consiga chegar no seu equilíbrio e no equilíbrio do que os outros esperam de você também, pois não adianta nada eu achar que pra mim agora dedicar 80% e 20% família é o ideal, sendo que ela não espera isso de mim, né. Então assim, eu não vejo isso como uma dificuldade, eu vejo isso mais como um desafio bom de você conseguir ter o feeling, conseguir ir ajustando os percentuais destinados a cada área"*.

Já para Fátima, o fato de assumirem muitos papéis na vida, é um desafio, principalmente no que diz respeito a conciliar o tempo de investimento na relação a dois. Assim, o desafio do pouco tempo novamente aparece na fala do casal. *"Essa questão de conciliar muita coisa é muito desafiador pra mim... porque quanto mais papéis a gente assume, quanto mais tarefas a gente tem, menos tempo eu vou ter com ele, por exemplo. E a mesma coisa acontece com ele... quanto mais contratos ele tem, quanto mais atividades ele tem fora do nosso casamento, da nossa relação assim, aqui, do momento eu com ele, aí é menos tempo pra isso. Então acho que tempo é tudo"*.

Para gerir o contexto da multiplicidade de papéis, Geraldo diz ficar atento ao termômetro próprio de cada área da vida para saber em qual deve colocar energia. *“E... todas as áreas têm um termômetro, né... na vida profissional tem um termômetro, na vida pessoal, em cada tem um termômetro, no relacionamento, tem... então, uns são mais perceptíveis do que os outros, né... por exemplo, na casa, se você não arruma.. a pia por exemplo num dia, no outro, se você não arrumou, estará do mesmo jeito que você deixou, né. No relacionamento é a mesma coisa, a pessoa tá feliz, você vê que ela tá feliz, se você conseguir fazer a leitura de que ela tá triste, identificar e conversar, você consegue ir ao longo do tempo ajustando”*.

Sobre a conciliação das diferentes áreas da vida, Fátima expressa: *“eu até respirei fundo... porque é cansativo, né. Só de pensar.. então, eu acho que de certa forma algum desses em algum momento fica no canto... tem dia que eu chego em casa cansada, tarde e não faço nada em casa, to cansada e aí eu prefiro cuidar de mim, dormir, descansar, as vezes descansar e dormir”*.

A esposa também discorre sobre o seu conflito em saber o que priorizar: *“então eu ainda fico, tipo 'e agora? eu priorizo isso ou isso'... eu ainda tenho esse movimento de não saber ao certo o que vou priorizar naquele momento, mas eu acho que a gente tenta priorizar a gente enquanto casal e até é uma cobrança minha, de quando ele está se excedendo muito no trabalho eu até falo que a gente precisa de mais tempo pra gente, mais tempo pra conversar”*.

Geraldo mais uma vez apresenta sua visão de gerir esse conflito conforme a demanda. *“Eu acho que isso de conciliar é muito sob demanda... oferta e demanda, né. Então assim, eu acho que a conciliação disso no meu caso, ela vem muito do que eu posso.. do que eu estou sendo demandado naquele momento, né. Então, por exemplo hoje, estou com uma demanda nesses 15 dias muito grande de trabalho e acabou que hoje minha vida pessoal e casa ficou um pouco prejudicada, né. Mas em outros momentos que eu tava com a vida profissional mais estável, a vida em casa e a vida de relacionamento tava muito mais tranquila, né.”*

Ele complementa dizendo que quando percebe que a esposa está chateada porque ele está trabalhando muito, ele recua os esforços no trabalho para dar um pouco mais de assistência a ela. Nesse sentido, ele afirma contar muito com o próprio “feeling” para gerir esse conflito típico dos casais de dupla carreira. *“Então acho que a minha conciliação, eu acho que ela vem a partir do meu feeling... então eu vou tentando sentir e direcionando energia necessária pra atender todas as demandas”*.

3.1.5.3. Distância e proximidade das famílias de origem

Fátima e Geraldo, após casarem, permaneceram mais próximos da família de origem dela do que dele. Geraldo, inclusive, atribui ao tempo usufruído junto à família de Fátima como o lazer do casal. *“É... que a gente geralmente vai duas vezes na semana, aos sábados, domingo e praticamente passa um dos dois dias com a família dela... É, nosso lazer é esse.”* O relato de Geraldo mostra a frequência semanal de idas à casa dos pais da esposa. Além disso, Fátima e Geraldo costumam frequentar todos os finais de semana a casa dos pais da esposa.

Fátima ressalta o bom relacionamento que o esposo desfruta, desde a época de namoro, com os pais dela. Ela relata ainda que, uma vez que o trabalho de Geraldo permite flexibilidade de horários, ele visita mais a família dela durante a semana do que ela própria. *“Pelo trabalho dele, ele visita mais a minha mãe do que eu, porque às vezes na semana ele vai, às vezes, 2, 3 vezes, ele almoça lá com minha mãe... então ele até frequenta mais do que eu, sim, a casa da minha mãe”*.

A percepção da influência exercida pelas famílias de origem no casamento é unânime para o casal. Apesar da convivência com os pais de Fátima, ambos concordam que não exista qualquer interferência dos pais no casamento deles. A esse respeito, Fátima coloca: *“com relação aos meus pais, são duas coisas bem separadas, meu casamento e minha família de origem... meus pais são super discretos, são muito na deles em relação a isso e eu também evito falar de casamento porque eu acho, eu acho que tudo de casamento eu tenho que tratar com ele [Geraldo] e ele comigo, não envolver as famílias. Isso... mas assim, nunca tivemos intervenção de pai e mãe”*.

Da mesma forma, acreditam que são independentes financeiramente. Segundo a esposa, *“Então hoje a gente não depende de nossos pais. A gente consegue se manter sozinho e a gente quer também é seguir em frente e ter prosperidade.”* O adiamento do tempo de casamento de Fátima e Geraldo deveu-se, na visão deles, também ao fato de buscarem uma condição financeira adequada, que permitisse o viver independente após a saída da casa dos pais. Assim, conseguem se estruturar e manter essa independência na vida de casados.

Geraldo complementa a fala de Fátima em relação aos pais dela. *“Acho que até pela característica da mãe e do pai dela também, eles também... quando casaram a filha, foi tipo: 'tá entregue, agora é seu, se vira'. Então assim... nunca teve essa influência em nenhum dos dois lados”*. Em relação aos pais de Geraldo, apesar dos problemas que tiveram no namoro, de acordo com Fátima, *“com o tempo a gente foi se aproximando mais, né”*.

O relacionamento com os pais de Geraldo, entretanto, é vivenciado pelo casal com maior distanciamento. O fato de os pais de Geraldo estarem envolvidos com projetos e viagens, a distância geográfica da casa, situada em uma cidade satélite de Brasília, e o perfil *“reservado”* do pai de Geraldo, conforme Fátima aponta, contribuem para esse distanciamento. *“A gente não tem uma amizade assim... igual ele tem com minha família... então acho que uma série de fatores faz com que a gente não tenha tanta proximidade, mas hoje já pra mim é tranquilo... a gente também se dá bem, tranquilo isso também”*, ela comenta.

Geraldo concorda com a visão de Fátima e reflete sobre o quanto na sua família os relacionamentos são mais distantes. Ele exemplifica contando sobre sua relação com a irmã. *“Mas assim... por meu estilo de criação ter sido um pouco diferente do dela, eu nunca tive esse laço familiar muito forte correndo na veia de... assim, minha irmã mesmo, eu sou bem distante da minha irmã. Tenho contato, falo, tal, mas é ela na vida dela e eu na minha. Não tem essa intimidade, já diferente da dela [esposa]... porque ela teve esse lado familiar muito forte e todos vivem e compartilham constantemente dos momentos da vida de todos.”*

O relato de Geraldo sugere uma proximidade do casal com a família de origem de Fátima maior até do que a própria narrativa de Fátima indica. Ela afirma que os pais não interferem no casamento dela com Geraldo. Ele, entretanto, expõe que *“todos compartilham constantemente dos momentos da vida de todos”*.

3.1.5.4. Satisfação no casamento

O casal avaliou o casamento de forma bastante positiva. Fátima destaca a evolução por qual a relação tem passado desde quando casaram até o momento da entrevista. *“A gente se propôs a dar certo, a ajustar; então a gente evoluiu muito mesmo”*. Fátima ressalta ainda a importância da psicoterapia e do diálogo entre o casal no processo de ajustes da conjugalidade. *“Eu fui pra terapia e a gente fez um período de terapia de casal também. Ele também tá fazendo terapia, então a gente tá buscando isso e a gente sempre conversa muito. A gente teve um período de não conversar aquilo que incomodava com medo, com receio e hoje a gente conversa... quando não tá legal a gente fala, a gente fala das expectativas um do outro. Então acho que assim... isso ajudou muito”*.

Geraldo, por sua vez, expressa que sempre viu o casamento *“com bons olhos”* e casar era algo que *“sempre quis”*. A visão do esposo sobre a instituição casamento assim como sua visão do próprio casamento são bastante positivas. *“Pelo fato de ter alguém pra... acho que a vida muda de sentido, né, acho que são estágios, né...primeiro você é criança, aprende a brincar; depois você pensa em construir uma carreira, uma vida, daqui a pouco você pensa em fazer uma família e daqui a pouco você pensa em cuidar de um filho, né. Eu acho que isso muda a razão de ser e de existir da pessoa. Hoje eu falo que eu existo pra mim e pra ela. Não só pra mim. Eu não existo só pra satisfazer a mim mesmo só. E todas as decisões que eu tomo hoje são decisões que eu penso em satisfazer ela”*.

Fátima atribui nota oito para o seu casamento e explica que *“para chegar a 10 só poderia melhorar mais a comunicação mesmo.”* Ela elucida esse ponto dizendo *“É... a comunicação a*

gente já melhorou muito nesse sentido de falar um pro outro, mas acho que tem coisa que a gente ainda precisa saber o como falar, né, não que a gente tenha atrito em saber como falar, mas falar mais de sentimento, falar mais do que tá aqui dentro mesmo, porque as vezes a gente fala de uma maneira mais superficial e então pra eu conhecer mais ele, conhecer as expectativas dele, eu preciso conhecer o que tá lá dentro dele e a mesma coisa ele comigo. E eu tenho dificuldade também de falar de mim e ele também eu percebo que ele tem, então... a gente tem que caminhar um pouco mais nisso aí, né.

Sobre a boa percepção que possui referente à qualidade de seu relacionamento conjugal, Fátima revela ainda que *“é muito bom você ter uma pessoa ali com você, uma amizade, a gente faz tudo junto... é bom dormir com uma pessoa, ter alguém ali do lado, ter alguém pra cuidar...”* Ela afirma também que aprendeu mais sobre si mesma no casamento do que antes dele. *“Porque tenho ele o tempo todo pra validar quem eu sou... pra falar mesmo de defeito, de qualidade.. eu me percebo muito mais eu quando to com ele que... a gente vai se notando mais na relação quando a gente se relaciona mais intimamente assim, a gente se percebe mais. Então é isso... acho que é um aprendizado assim que eu tive em 2 anos e que eu não tive em vários outros anos eu morando com a minha família, né. Então.... foi um ganho enorme”*.

Geraldo atribui ao casamento maior nota do que Fátima. *“Então, eu acho que meu casamento é abençoado, um 9 ou 10 assim... né.. que vai ter problemas, que poderia melhorar; todos vão ter. Mas pelo pouco que eu vivencio com meus amigos casados...”* O esposo coloca que sua nota baseia-se também no *“comparativo”* que faz de seu casamento com o casamento dos amigos. Segundo conta, seus amigos costumam reclamar de suas relações com a esposa. Ele, no entanto, afirma não se identificar com as críticas ao casamento feitas pelos amigos.

As desvantagens de estar casada são relacionadas por Fátima principalmente à questão da necessidade de compartilhar as decisões com o marido. *“Acho que porque antes, por mais que eu morasse com os meus pais, é... as decisões não eram tanto em conjunto, né... então se eu falasse,*

'vou da uma saída de casa', beleza, se eu falasse 'mãe, eu preciso fazer tal coisa', beleza... E hoje eu tenho... qualquer decisão que eu tome hoje vai afetar ele de alguma forma. Então hoje a desvantagem acho que é essa, de perder um pouquinho da autonomia de decidir alguma coisa, porque sempre tem o outro ali...'

As desvantagens para Geraldo relacionam-se à necessidade de querer agradar a esposa e, muitas vezes, não ser bem sucedido nesse processo. Sobre esse assunto, ele comenta *“tem o lado de você querer agradar as pessoas, né, eu acho que a única coisa que eu vejo como dificuldade, não como desvantagem de estar casado, é que às vezes você acha que tá agradando e não tá, né. Então às vezes, pô, eu penso ‘vou montar hoje uma luz na minha casa e vou decorar minha casa e vou sentir que vai ficar mais aconchegante, né’. E eu vou lá e compro todas as lâmpadas amarelas e chego em casa e ela: ‘que M... de luz amarela é essa’ (risos)”*.

3.1.6. Planos para o futuro

3.1.6.1. Planos para o casamento

Investir na família é a prioridade de Fátima para o futuro. *“Hoje eu quero ter um filho, quero priorizar minha família, é o que eu quero”*, ela manifesta. *“Meus planos é ter uma família, filhos e viver bem o nosso casamento, até que a morte nos separe. Ser e fazer feliz”*. Fátima pretende ter dois filhos e conta que *“caso não tenhamos da forma convencional, adotaremos... em breve, estamos nos preparando para isso”*. A esposa acredita que a vida conjugal com a presença de filhos tende a ser fortalecida. *“E na vida conjugal, o esforço para termos um casamento feliz e saudável será maior, exercer os papéis de pai e mãe sem deixar de lado os papéis de esposo e esposa”*.

Geraldo descreve sobre seu desejo de ter filhos o quanto *“queria muito ter um filho pra poder levar ele pra trabalhar comigo, né... e assim trabalhar com ele na verdade, e ser um pai presente assim, poder tá com o filho e eu vou pra fazenda, ele vai comigo e eu faço minhas coisas e eu poder tá junto com ele o tempo todo”*. O esposo pretende ter dois ou três filhos e sobre o melhor

momento para esse acontecimento, comenta: *“quando Deus permitir”*. Ele afirma acreditar que a presença de filhos, além de unir ainda mais o casal, trará maior motivação à carreira dele. Isso *“devido a motivação gerada pela necessidade de alimentar mais uma boca e o desejo de educar e contribuir por um mundo melhor”*, conforme pontua.

3.1.6.2. Planos para a carreira

Fátima inicia o relato sobre seus planos para o futuro enfatizando que *“hoje eu acho que o trabalho não é tão importante, não tem um grau de importância tão grande igual tinha antes”*. Ela conta que já planejou galgar posições mais altas de liderança mas, no momento, quando ela pensa sobre o futuro, a carreira fica em segundo plano. Ela acrescenta sobre a função que ocupa no trabalho: *“E hoje se você me perguntar se hoje você quer mais onde você tá? Não. Eu não quero”*.

O movimento de Fátima em relação à carreira é, conforme expõe, de uma busca por qualidade de vida. *“Então hoje o que me faz tá onde eu estou hoje? É qualidade de vida. É porque eu sei que eu consigo se... se eu tiver que sair eu consigo fazer isso. Se eu tiver que falar 'não' a algum projeto eu consigo fazer isso também, se eu tiver um filho agora, eu vou ter 6 meses de licença maternidade e em 20, 15 minutos, eu vou tá na minha casa. Mas hoje [a carreira] não é algo que me desafia, não é algo que me move como eu tive outras experiências anteriores, né? Então o que me faz hoje tá aonde eu to é isso, é pensar na minha família”*.

Fátima deseja ter qualidade de vida para poder dedicar tempo à família e aos futuros filhos. *“Então... eu pensar o que eu quero hoje, que hoje o que eu quero não é carreira, o que eu quero é família e filho”*. Para atingir esse objetivo, ela busca diminuir a energia investida na carreira. Da mesma forma, ela acredita que a presença de filhos/as pode impactar a carreira: *“acredito que o impacto é grande, muda tudo... mas a prioridade serão os filhos e vamos adaptar nossa vida a eles... caso consigamos conciliar a ascensão na carreira com um tempo de qualidade com os filhos, bom, caso contrário, a carreira ficará em segundo plano”*.

Em relação aos planos para o futuro da carreira, Geraldo coloca que quer *“buscar uma maior estabilidade profissional... eu busco muito hoje ascensão profissional, é uma coisa que eu busco e eu quero”*. O fato de trabalhar de modo autônomo e conforme a existência de projetos e contratos de trabalho parece gerar inseguranças no esposo e influenciar seus planos em relação à carreira.

Nessa perspectiva, o esposo busca por um trabalho que possibilite desfrutar de um maior conforto financeiro. Para crescer na carreira, Geraldo observa que, em sua área profissional, *“querendo ou não, quando você trabalha mais, ou você aumenta o valor da sua hora ou você aumenta as horas trabalhadas, né? Então, são essas duas opções, mas eu me vejo hoje em buscar melhores remunerações pra dar melhores condições à minha família, eu vejo isso muito claro pra mim”*. Crescer na carreira, para Geraldo, não implica, segundo conta, *“necessariamente em cargos, não necessariamente funções e status profissional, mas assim, eu quero ver minha conta bancária recebendo mais e mais, vou dizer assim, pra poder converter isso pra minha família”*.

CASAMENTO - DO MODELO DOS PAIS AO MODELO DOS/DAS FILHOS/AS

3.1.7. Fazer igual, fazer diferente: A construção de um modelo conjugal - “O nosso jeito”

O casamento dos pais de Fátima é percebido por ela de forma negativa. *“Eles são casados, porém não vivem bem. Eles conversam pouco, o diálogo nem sempre é favorável para os dois e há muitas discussões e trocas de ofensas”*. Ela ressalta o quanto não possui um bom exemplo do casamento dos pais e observa que o medo de casar e o adiamento da decisão pelo casamento, poderiam ter sido consequências desse fato. *“Então eu casei com o propósito de fazer tudo diferente”*, ela revela.

Essa concepção da esposa está baseada, conforme ela diz, na forma impositiva que os pais, enquanto cônjuges, lidavam um com o outro. *“O que eu percebi no casamento dos meus pais é que cada um queria impor o seu jeito”*, ela conta. A crença de Fátima, entretanto, é *“que pra um*

casamento dar certo não é o meu jeito nem o jeito dele, é o nosso jeito". Do mesmo modo, ela pontua que *"gostaria de fazer diferente em termos de comunicação, respeito, compreensão"*. Assim, ela afirma caminhar na oposição ao que viu no casamento dos pais e busca junto ao marido um "novo jeito" de ser casal. *"Então a gente tá construindo junto esse novo jeito. Então acho que é isso, eu aprendi a fazer diferente"*.

A tentativa de Fátima de fazer diferente do modelo aprendido com os pais, trouxe a ela muitas dificuldades no início do casamento. Segundo conta, *"foi bem difícil, porque eu me via na minha mãe, inclusive isso fez com que eu até buscasse terapia, porque alguns comportamentos meus eu me via na minha mãe e falei... não é isso que eu quero pra mim. Minha mãe é uma pessoa e eu sou outra e eu vou fazer diferente. E até hoje eu gasto energia com isso de querer fazer diferente"*.

Sobre a forma como seus pais administravam os papéis e responsabilidades no casamento, Fátima explana: *"em relação a filhos, a responsabilidade maior era da minha mãe, então existia uma cobrança do meu pai quando algo não acontecia da forma como deveria... do meu pai em relação a minha mãe, questão de educação, nota na escola"*. A mãe de Fátima assumia o papel da educação dos/as filhos/as. Quanto às demais tarefas, segundo ela, eram divididas entre seus pais: *"mas em relação aos cuidados de filho mesmo... de dá o que comer, de botar pra dormir, isso aí era muito dividido... meu pai sempre gostou muito da cozinha, então louça pra ele não podia ficar nenhum copo na pia, então ele sempre foi muito assim da cozinha tá limpa e minha mãe mais a casa, então era meio dividido ali mesmo os afazeres da casa"*.

Os pais de Fátima, ao longo da vida, trabalharam fora de casa. Em algumas épocas, segundo ela conta, eles dispunham de *"uma assistente para ajudar nos afazeres domésticos"*. Era a mãe dela, no entanto, quem coordenava as atividades da casa, bem como da assistente. Os/as filhos/as também eram chamados para ajudar: *"Então a gente fazia algumas coisas de casa, era dividido, lavava, limpava as coisas... então aprendi desde pequena, meu irmão inclusive até cozinhava, então a*

gente foi ensinado assim". Fátima percebe os pais como muito tradicionais, especialmente o pai, *"meu pai carrega muita coisa assim da questão tradicional mesmo"*.

Fátima também expõe a questão do manejo da questão financeira no casamento de seus pais: *"Sempre foi muito dividido, né? Então meu pai tinha o dinheiro dele e minha mãe o dinheiro dela e até hoje é assim"*. Fátima e Geraldo afirmam possuir contas separadas e não conjunta, o que traz uma ideia de separação das rendas. O relato de ambos, todavia, é o de fazer *"tudo junto"*, incluindo a questão financeira do casal.

Geraldo, sobre o casamento dos pais, aborda a *"comunhão"* que havia entre eles. Sobre esse ponto ele diz, *"Eu nunca visualizei no casamento do meu pai divisão do que era da minha mãe, do que era do meu pai, sempre foi tudo junto"*. Ele expressa que essa foi a maior contribuição que seus pais deram pra ele. Geraldo compara essa questão com o casamento dos pais da esposa: *"Porque, assim, foi um estilo muito diferente do dela (esposa), que o pai tinha o dinheiro do pai, a mãe tinha o dinheiro da mãe, né? E no meu, esse estilo de vida familiar sempre foi muito compartilhado, essa parte financeira era junto, né? Então eu acho que essa foi a contribuição que minha mãe e meu pai, no meu ponto de vista, deram pro... casamento... que eu peguei como educação dos dois, né?"*.

Ambos os pais de Geraldo trabalharam fora *"a vida inteira"*, como ele conta. Segundo ele, apesar disso, a divisão de tarefas domésticas e familiares não existia. *"Não tinha divisão de tarefas, vou dizer assim, não tinha divisão de nada, né. Era tudo.... que quem cuidava mais dos filhos era minha mãe pelo fato do meu pai sempre ter sido focado no trabalho, né. É... minha mãe.. porque sobrava pra ela essa função"*.

A família de Geraldo usufruía de uma assistente para as tarefas domésticas e para o cuidado dos filhos. *"Na minha casa, sempre teve. Sempre teve uma secretária, uma empregada. Sempre uma pessoa ajudando porque minha mãe e meu pai trabalhavam fora, ambos, a diferença de idade entre eu e minha irmã era muito pequena, então a necessidade do meu pai e da minha mãe trabalhar fez*

com que eles tivessem essa pessoa contratada cuidando da gente no período que eles tavam fora, né?”. O esposo afirma ser a mãe quem coordenava o trabalho da assistente.

Geraldo descreve ainda os pontos que gostaria de fazer diferente do casamento dos pais. Ele percebe seus pais como *“não sendo muito íntimos”*. Segundo observa, os pais *“não promoveram um instinto familiar”*. Isso porque, na visão de Geraldo, *“meu pai sempre focou muito na vida profissional e ele sempre destinou muito tempo pra isso e quem criou a família foi minha mãe”*. Ele destaca também a falta de amizade e diálogo que havia entre os membros da família e entre o casal de pais.

3.2. Casal 2: Rose e Adilson

SER FILHO/A CANGURU

3.2.1. Fatores da coresidência prolongada

Rose residiu na casa dos pais até a idade de 31 anos. Os pais de Adilson separaram-se na sua adolescência e ele morou com a mãe até a mesma idade da esposa, 31 anos. Durante o tempo de moradia com a mãe, Adilson saiu de casa por alguns meses para trabalhar em outro estado e retornou à casa da mãe na cidade de Brasília.

A esposa saiu de casa pela primeira vez para casar e, segundo comenta, *“o meu plano sempre foi de sair de casa quando eu casasse. Sempre foi”*. Rose atribui seu plano a *“uma questão religiosa e até de costumes mesmo”*. Ela complementa: *“Eu ainda essa parte... não sou muito moderna nessa área. Acho que eu só sairia de casa, se não fosse casada, acho que só se eu passasse num concurso fora, alguma situação assim”*.

Rose relaciona ainda o fator financeiro com a coresidência na casa dos pais. *“Porque eu também pensava 'poxa, se eu sair pra morar sozinha eu vou arcar com todos os custos de uma casa sozinha'. O meu medo não era nem ter uma casa, mas era conseguir pagar as contas de uma casa, nem que fosse o aluguel de uma quitinete. Então pra mim eu sempre pensei, pelos meus princípios,*

eu iria casar e sair da casa dos meus pais”. A questão religiosa parecia ser reforçada pelo medo de não conseguir arcar com as despesas de uma casa.

A fala de Rose aponta para a instabilidade profissional refletida na dificuldade de adquirir rendimentos fixos para garantir a ela um sustento caso saísse da casa dos pais. Sobre esse ponto, ela conta: *“Quando eu saí do.... porque eu trabalhava no escritório de contabilidade do meu pai, né... dentro da minha área... quando eu saí, eu tinha uns 25 anos, quase 26. Então a minha ideia era: eu queria ter um emprego...”*. A decisão da esposa de sair do escritório do pai estava relacionada com seu projeto inicial de estudar para concurso afim de buscar um emprego que proporcionasse crescimento e estabilidade financeira.

Durante o tempo que morou na casa dos pais, Rose alternou entre alguns momentos empregada e momentos estudando para concurso público. A instabilidade da carreira de Rose parece ter contribuído para a permanência dela em casa até casar. Em outro momento da entrevista, entretanto, Rose relata que o dinheiro que ganhava era de uso exclusivo seu: *“mas o dinheiro que eu ganhava era meu, eu podia usar pra sair, minhas coisas, enfim”*. Rose, enquanto filha canguru, não precisava ajudar financeiramente em casa. Assim, ela desfrutava do provimento dos pais para casa e comida, podendo usufruir de seus rendimentos para seus *“gastos pessoais, lazer, saída com amigos”*.

O diálogo com os pais mostra-se frequente na convivência familiar de Rose. Em diversos momentos da entrevista, ela destaca as conversas que possuía com os pais, fruto de um bom relacionamento com eles: *“tudo era conversado com eles”, “eu conversei com os meus pais antes”*. Adilson, por sua vez, atribui o tempo de residência na casa da mãe à comodidade desfrutada. Ele ainda relaciona esse mesmo fator ao retorno à casa dela, após ter passado uma temporada trabalhando em outro estado. *“Quando eu saí, nesse tempo curto, foi a trabalho, né, arrumei um trabalho lá e fui... mas... é... quando eu voltei e fiquei foi por comodidade... porque você volta pra casa dos pais... meu quarto era minha casa porque tinha tudo”*.

A narrativa de Adilson indica um valor significativo atribuído por ele à breve experiência de morar sozinho. *“Eu fui trabalhar em outro estado. E ali foi... ali eu acho que me moldou mesmo, porque ou você se adapta àquilo ali ou você não sobrevive... porque também você não vai viver se endividando”*.

Sobre seu quarto na casa da mãe, Adilson coloca: *“Eu fui mobiliando tudo dentro do quarto, então TV, tudo que eu queria eu colocava. Então, eu não precisava sair da casa da minha mãe, até porque ela mesmo me falava ‘não, não precisa sair não, fica aí’. Então... era comodidade”*.

3.2.2. A vivência canguru na casa dos pais

Sobre o tempo de residência na casa dos pais, Rose percebe-se tendo vivido de modo independente da rotina da casa: *“Eu era muito independente de lá, fazia minhas programações, tinha minha vida”*. A interferência dos pais em sua vida, segundo Rose comenta, quase não acontecia, mas, de certa forma, conforme aponta, existia um monitoramento que a incomodava. *“Eu assim... meus pais... sempre que eu saísse... que fosse com ele [Adilson], que fosse com amigas, aniversário, casamento, vamos pra um barzinho, eles sempre perguntavam: ‘e aí, você vai voltar pra casa?’ Sim, querer saber com quem eu tava, pra onde que eu ia. Eles sempre foram preocupados em relação a isso. E isso até de certa forma me incomodava pela minha idade... mas que por morar na casa deles eu sabia que teria que me submeter a isso”*.

Rose, apesar de relatar incômodo com as perguntas dos pais *“isso tinha hora que enchia o saco”*, entende que a atitude deles *“não era como uma forma de cobrança, mas uma forma de que se acontecer alguma coisa eles sabem pra quem recorrer”*. A postura dos pais parece ser analisada pela filha como de cuidado com ela. Rose, no entanto, mostra caminhar na direção da independência e autonomia. Em alguns momentos, a esposa assinala que a mãe a lembrava de sua condição canguru *“e minha mãe até brincava às vezes: ‘olha, aqui você aluga um quarto. As regras são minhas, aqui as regras são minhas, porque a casa é minha, então se você não quiser, pode sair,*

não me incomodo de você estar aqui, só não quero que você se acomode com essa situação' ”.

Apesar de aparecer em tom de brincadeira, a fala da mãe de Rose remete a uma posição de limite.

A fala da mãe de Rose aponta ainda para uma chamada ao não comodismo da filha. Os pais de Rose mostram incentivá-la a seguir seus próprios projetos. A esse respeito, Rose afirma que os pais *“davam muita liberdade”* para ela fazer suas escolhas, passando a ideia de um estímulo à sua autonomia. *“Meus pais são muito tranquilos”*, ela observa.

Ainda que vivesse de modo independente, Rose recorria ao apoio dos pais para algumas decisões, por exemplo, a que ela conta sobre a saída do emprego, em que chamou eles para conversar. Ela conta: *“E eu... saindo do meu trabalho, eles teriam que me bancar em tudo. E aí eu também teria que ser mais regrada. Então foi uma conversa até com eles pra eu tomar essa decisão.. e aí quando eu comecei a ter o escritório eles me apoiaram ‘Vamos!’”*. Nesse contexto, a fala de Rose sugere uma dependência financeira dos pais, principalmente em uma circunstância de saída do trabalho para estudar para concurso público. Ela possuía rendimentos, conforme afirmou anteriormente, *“pras minhas coisas”*, mas não para sustentar-se em uma mudança de trabalho.

A vivência canguru de Adilson, tanto na casa da mãe como na casa do pai, é relatada por ele como bastante independente. *“Sempre tive bastante independência tanto na casa da minha mãe quanto do meu pai. Sempre foi bem... A vantagem e a desvantagem de você ter pais separados é isso... que eles perdem o controle”*. Adilson relaciona o fato de ter os pais separados com as mordomias e com seu estilo de vida independente. *“Eles [pais] acham que, por ter separado, eles perdem a autoridade sobre os filhos. Então tudo o que você fala... não sei... dentro do potencial deles, eles fazem. Não sei se é pra agradar ou pra tentar retribuir os danos que eles causaram, então, entendeu, parece que isso é meio o pensamento deles”*.

Sobre as mordomias de que usufruía na casa dos pais, Adilson destaca: *“Tudo, tudo, sempre arrumado... e eu nada”*. Rose reforça a fala do marido: *“É... ela [mãe de Adilson] não deixava nem você levantar pra botar o copo na pia, ela já diz 'não, não, deixa que eu faço, deixa que eu faço' . A*

cama também tava sempre arrumada”. Com relação à arrumação da cama e do quarto, Adilson explica que *“na casa da minha mãe eu tinha a lei do menor esforço... Se a moça não vai lá pra arrumar, porque eu vou arrumar se é só eu que vou usar? Então a cama ficava de um jeito quando eu saía, quando eu voltava, eu usava ela daquele jeito. Me sentia bem daquele jeito. Aí minha mãe entrava no quarto, ela queria arrumar e arrumava”*.

Sobre sua rotina quando vivia na casa da mãe, o esposo fala: *“Eu vivia minha vida... mas minha mãe sempre me ligava pra saber onde eu tava e era só pra saber onde eu tava.. o que que tá acontecendo, se vai dormir em casa, se vai trazer alguém... Eu tinha que avisá-la pra ela arrumar o quarto, deixar lá a cama arrumadinha, direitinho e aí perguntava se ia querer comer alguma coisa”*. A fala de Adilson ressalta sua mãe como uma “mãe canguru”, ou seja, investindo uma energia alta no cuidado do filho adulto.

Adilson justifica a postura da mãe dizendo: *“pelo fato de ela ter tido essa educação, ela era muito preocupada e sistemática com tudo. É mais zelo. Eu sempre enxerguei dessa forma. Zelo e não cobrança”*. Diferente da esposa, Adilson não mostra incômodo com a situação. Ele parece se sentir cuidado. Adilson ainda complementa sobre seu modo de vida na casa da mãe: *“Nunca, nunca me senti 'ah, tô sendo vigiado, minha independência está sendo tirada'. É porque se eu quisesse sair, só avisava... 'Óh, to saindo', e ela 'Ah é, vai pra onde?', 'Vou pra balada'. 'Ah, tá bom, só pra saber e não ficar preocupada’*. Ele conta, sobre outras vezes quando saía, a mãe e o pai já estarem, inclusive, dormindo. *“E no dia seguinte é que falavam 'ah, eu vi que você não estava em casa e tal'. Não perguntavam onde eu tava também. Se tô bem, tô vivo, tá tudo resolvido”*.

3.2.3. A carreira profissional dos/as filhos/as

Rose e Adilson graduaram-se em curso superior. Na data da entrevista, ela estava formada há dez anos e ele, há seis. A linha da vida profissional da esposa mostra três momentos diferentes na

sua carreira antes de casar. O primeiro, trabalhando na empresa do pai, o segundo, estudando e o terceiro, montando seu próprio negócio.

Logo após graduar-se, Rose foi trabalhar na empresa do pai. Três anos depois, uma vez que lá não havia possibilidade de crescimento, ela decidiu, juntamente à sua família, sair do emprego para estudar para concurso público. Sobre esse momento, ela conta: *“e aí eu saí pra estudar pra concurso... aí fiquei dois anos estudando, eles me ajudando e sustentando”*.

O projeto de Rose de sair do emprego fixo para estudar para concurso se baseou no apoio dos pais. Apoio financeiro, mas também, ao que parece, emocional. Rose, entretanto, após dois anos estudando, decidiu parar. *“Mas com o passar do tempo, e muito tempo estudando, aquilo começou a me incomodar... porque eu já estava com 28 anos e aí você quer ter a sua independência, né. Justamente por isso, porque eu fui batendo na trave e fui cansando de estudar pra concurso”*.

A independência da qual Rose fala parece ser, principalmente, a financeira: *“até quando eu tive que sair do meu trabalho, porque eles iam me sustentar... já me sustentavam”*. Quando saiu do emprego anterior, perdeu o salário e, assim, a possibilidade de viver sua vida sem depender tanto dos pais. Ela já dependia pelo fato de viver com eles e desfrutar do que a residência oferecia, mas, com o passar do tempo, isso começou a incomodá-la.

Nesse tempo, Rose começou a namorar Adilson. Segundo o esposo coloca, foi ele quem incentivou Rose e uma amiga a abrirem a própria empresa. *“Fui eu quem falei: ‘vamos fazer’... porque elas estavam ociosas, não estavam trabalhando, só estudando, e eu via que não estudava porque, sempre que a gente ligava pra sair, elas sempre iam, né... então não tá estudando”*. Ao que Rose confirma: *“É... ele deu total assistência”*.

Adilson, ao observar as circunstâncias e o cansaço de Rose pelo tempo estudando, viu uma oportunidade de montar o negócio. No início, conforme ele aponta, Rose e a amiga resistiram. *“Não é à toa que quando a gente foi montar o escritório, ela não queria, elas não tinham ideia de montar*

o escritório, elas não tinham... É... mas daí eu falei 'não, não dá, ué'. E aí quando a gente montou foi... eu dei... foi completa assistência, tanto financeira quanto assistência moral". Rose e a amiga, assim, abriram o negócio, juntamente com Adilson. Sobre esse momento, ela conta: *"Eu aí abri o escritório, foi sacrifício no começo"*.

A linha da vida profissional do esposo revela que, logo após graduar-se, Adilson começou a trabalhar em uma empresa pública, com registro em carteira, onde se encontrava até o momento da entrevista. O esposo, em paralelo, também abriu com sócios uma empresa na área financeira e, além disso, continuou ajudando Rose, na época namorada, na empresa dela. O investimento de Adilson na carreira, antes de casar, era intenso. Ele conta que trabalhava muito: *"era muito, muito mesmo, chegava a dez, doze horas por dia"*.

A carreira de Rose, apesar dos investimentos feitos, não parecia engrenar, até abrir sua própria empresa. O investimento realizado dizia respeito, principalmente, às pós-graduações, *"fiz duas pós"* e ao estudo para concurso. Adilson, por sua vez, já iniciou a carreira investindo em um emprego fixo, no qual foi crescendo *"por mérito e por tempo de casa"*, conforme ele coloca. O fato de Adilson possuir certa estabilidade e segurança em um emprego fixo parece ter permitido a ele empreender e abrir a própria empresa. A análise da linha da vida profissional dos cônjuges revelou o alto investimento na carreira feito por eles desde antes do casamento.

DESENVOLVIMENTO DA CONJUGALIDADE

3.2.4. O namoro dos/as filhos/as

Rose conta que conheceu Adilson na Igreja. Ambos frequentavam, até a data da entrevista, uma igreja evangélica histórica. Quando se conheceram, participavam de igrejas diferentes. Sobre esse momento, Rose relata: *"A gente se conheceu na igreja. Um amigo meu me chamou pra ir na igreja que era do Adilson e aí chego lá e a gente se conheceu"*.

A esposa menciona que, quando conheceu o marido, não estava buscando um namorado.

“No primeiro momento, na verdade, quando eu conheci o Adilson, eu estava numa fase ainda que eu, por ter me decepcionado num relacionamento anterior, eu falei assim: ‘eu não vou’, eu não queria namorar ninguém, não queria me precipitar, até porque eu não queria me magoar novamente”. Ela tinha terminado um relacionamento amoroso de muitos anos que a fez sofrer e, segundo descreve, *“queria ficar um tempo sozinha”*. Assim, Rose e Adilson ficaram amigos e começaram a desenvolver a amizade.

Rose continua sua narrativa contando que, logo no início, gostou bastante de Adilson: *“quando eu o conheci, ‘ah, tudo bem, é... o Adilson é gente boa’ e a gente se deu muito bem, e viramos até melhores amigos”*. Na medida em que a amizade foi crescendo, Rose foi percebendo características em Adilson que queria em um homem para namorar e casar, *“ele se encaixava no meu perfil”*. Ela conta que, pela idade, não queria *“namorar por namorar”*, mas queria já poder vislumbrar uma possibilidade de casamento. Rose descreve o que a atraiu nele: *“Ele tinha vivido as experiências.... da vida. Pelo fato de ele ter morado esse tempinho em outra cidade eu já pensei ‘ah, ele é diferente’”*.

Rose destaca também outros aspectos que atraíram sua atenção para Adilson: *“Teve uma educação militar, isso é diferente. Foram aspectos que para mim foram encaixando e eu queria casar com um homem efetivamente. Até essa questão de ele por exemplo, de ele cuidar mais da parte financeira, eu... pra mim é uma comodidade, eu gosto disso, de ele estar vendo onde tá gastando, vamo fazer isso, vamos fazer aquilo, eu gosto disso porque como mulher eu me sinto protegida, cuidada, sinto que ele está cuidando das coisas da nossa casa, pra que tudo flua depois. Eu gosto. Então ver esses aspectos da personalidade dele foram atrativos pra mim”*.

Adilson, por sua vez, quando perguntado sobre o que o atraiu na esposa quando a conheceu, menciona: *“É... é... eu acho que homem, né, pensa diferente de mulher né... muito... Ah, eu sou do*

perfil assim 'gostei, ela é uma pessoa agradável, pronto, hehe'". Rose e Adilson namoraram dois anos até o casamento.

3.2.5. Vida a dois

3.2.5.1. Iniciando uma etapa do Ciclo de Vida - rotina e desafios do casal

Rose e Adilson estão casados há um ano e meio. O dia a dia do casal parece não seguir uma rotina específica. O marido possui horários mais fixos de trabalho, enquanto a esposa, menos. A esse respeito, Adilson comenta: *“Não tem rotina em si, geralmente ela chega cedo em casa, ela sai de casa também a hora que ela quer. Eu levanto, me arrumo, na hora de sair daí eu dou um tchau pra ela e aí eu vou trabalhar. Geralmente eu chego no trabalho e ela ainda tá em casa. Não sei nem se levantou. Porque eu não sei a hora dela. Então não tem uma rotina. Pra mim tem, pra mim tem até 14h15. Depois disso, já não tenho mais rotina”*. O esposo trabalha em uma empresa até o início da tarde e conta que *“quando saio de lá, vou trabalhar no escritório dela e na minha empresa de faturamento”*.

A rotina do casal, segundo Rose, *“é... ele acorda mais cedo, quando eu consigo, acordo mais cedo do que ele pra malhar, mas ultimamente eu não tô tendo tanta disposição. Ele acorda, aí quando ele tá saindo, ele vai lá me dar um beijo pra ir embora. Eu não tenho uma rotina no escritório, porque tem dia que eu tenho reunião com cliente, por exemplo, dez horas da manhã em outra cidade aqui perto, então eu fico por lá, eu não desço pro escritório...”*.

Rose conta sobre seu dia a dia: *“Então, assim, a minha rotina é muito volúvel porque vai depender da demanda de coisa do escritório que tem pra fazer. Teve dia que eu fechei tribunal, teve dia que eu já abri tribunal e teve dia que eu nem vou lá. Normalmente dá o final do dia, eu saio do escritório pra casa. Normalmente eu chego em casa antes que Adilson. Aí eu aproveito pra ir pra academia ou pra arrumar algumas coisinhas em casa rapidinho, faço alguma coisa pra gente comer ou faço alguma coisa pra comer no dia seguinte e levar de almoço”*.

O relato do casal mostra que, apesar de não terem uma rotina definida, o dia a dia deles é praticamente todo voltado para o trabalho. Ambos passam “*o dia inteiro fora de casa*” e encontram-se apenas “*à noite, isso. Normalmente é à noite que a gente se encontra*”. Apenas a fala da esposa enfatiza aspectos extra-trabalho, como, por exemplo, as tentativas de fazer atividade física. Ela também apresenta em sua rotina, diferente do marido, um espaço para cuidar das coisas da casa, ainda que “*rapidinho*” e para preparar refeições para o casal.

A escassez de tempo parece refletir também na vida social e no lazer do casal. Sobre esse tema, o esposo coloca: “*Pela correria do dia a dia, a melhor coisa que tem é ficar em casa de bobeira, sem precisar dirigir, pegar carro pra ir pra outro lugar*”. A esposa exemplifica “*ele não gosta de ir pra restaurante*”. Esse exemplo é justificado por ele, além da “*correria do dia a dia*”, que possivelmente traz o cansaço, pela questão da lei seca “*ainda mais hoje, você vai sair pra comer, aí você vai pedir um vinho, você não pode dirigir. Então você vai ter mais gasto por uma diversão que você pode ter em casa. Esse sempre foi meu pensamento*”.

Adilson relaciona ainda as saídas para restaurantes com a forma como ele lida com o dinheiro. “*Então isso sempre vai ser um problema porque eu posso, por exemplo, enxergar que almoçar num restaurante qualquer, seja médio alto padrão, pra ela isso daí é qualidade de vida, pra mim já não é. Então sempre a gente vai ter essa diferença, não tem como mudar, foi da criação dela, sempre vai existir isso pra ela. Pra mim não. Pela minha criação ter sido diferente, bem diferente, isso pra mim é coisa supérflua*”.

Rose aparece na fala de Adilson como mais interessada em sair de casa para programações junto ao marido. Apesar de Rose gostar de sair, ela conta que o primeiro aniversário de casamento decidiu comemorar no apartamento do casal. “*É... mas... por exemplo... essa questão que ele falou, de sair e beber. Nosso primeiro ano de casamento, eu tinha pensado: ‘vamos ver algum restaurante pra gente ir’.* Só que se a gente fosse na asa sul por exemplo, teria que pagar um uber ou um táxi, por que você não vai comemorar um ano de casamento e só um dos dois vai beber... e aí como é

que vai fazer? Não, então vamos ver mais perto de casa, e todos que eu vi, como caiu numa segunda-feira nosso aniversário, tem muito restaurante não abre. Aí eu falei, 'ai quer saber', a gente tinha ganhado um vinho há um tempo atrás e estava guardando pra uma ocasião especial, então vamos fazer um jantarzinho em casa. Foi a melhor coisa que a gente fez. Então assim, acabou que foi bom pros dois. Comeu, bebeu, fizemos ali, abrimos o vinho, então foi ótimo. Então assim, é você aprender a ceder. Também tem vezes que ele propõe pra mim, 'ah, vamos comer um fondue fora', e eu: 'Vamos'. Aí a gente vai. Então é muito disso, né? Ceder, né? Fazer concessões".

Rose apresenta uma narrativa que parece mostrar sua adaptação ao gosto do marido.

No relato sobre o lazer do casal, o esposo ainda destaca: *"Nunca fui de cinema...E acho que isso é uma coisa que eu devo melhorar, apesar de ser um tabu muito grande, porque pra mim eu preciso descansar, preciso espairecer e eu acho que... Por exemplo, a gente tentou ir no cinema na segunda. O fato de ter ido lá já foi assim.... eu não queria ter ido, mas aí vem ela: 'vamos, vai ser bom', a Rose quer ir, ok. Mas não é um negócio assim que me dá tanto prazer, mas eu fiz por ela. Aí quando chegou lá, os únicos filmes que estavam passando eram 3D e eu não podia botar o óculos por causa da cirurgia que fiz, então a gente foi embora".* Nesse momento, Rose complementa a fala do marido: *"E o que a gente queria ver tinha esgotado".*

O esposo, apesar de não gostar de cinema, escolheu ir com a esposa e, sobre esse seu jeito *"mais caseiro"*, conforme cita, ele complementa: *"Então eu acho que isso é uma coisa que eu preciso ou melhorar ou ela olhar e falar assim: é, realmente, esse é ele e o que que eu posso fazer? Das duas uma, ou eu mudo ou ela muda".*

Quando questionados sobre como realizam as tarefas domésticas, Rose explica que *"não é determinado, né, de cada um vai fazer uma coisa"*. O casal relata não fazer acordos sobre a divisão das tarefas domésticas e, na percepção da esposa *"acaba que eu, por ter um pouco mais de tempo livre, eu faço mais algumas coisas, por exemplo, levar edredon na lavanderia, arrumar a cama. Porque eu acordo por último eu que arrumo"*. A esposa apresenta-se como mais organizada do que

o marido: *“Eu confesso que até pela minha criação eu tenho mais isso de organização, de limpar, ele é um pouco mais bagunceiro. Pega uma conta deixa aqui, deixa outra ali. Eu não gosto, eu sempre fui muito esquemática”*. Rose justifica seu jeito de ser pela forma como a mãe a cobrava: *“Minha mãe me cobrou muito isso, de ser organizada. Até porque no período que minha irmã, minha irmã é mais nova, então nesse período minha mãe não trabalhava, então era assim, se tinha um sapato fora do lugar ela falava que o quarto tava uma bagunça. Então eu sempre fui mais regrada quanto a isso”*.

Na percepção de Adilson, ele tentou ajudar a esposa na execução das tarefas: *“Antes de conseguir convencê-la de ter uma moça pra limpar a casa, porque ela não queria, e no início eu até ajudava ‘Ah, não, vamos limpar a casa. Você lava um banheiro, eu lavo o outro, eu lavo isso, faço aquilo’. Chegou ao ponto que eu falei, ‘eu não’, eu acho que a gente trabalha muito pra trabalhar dentro de casa também. Então se você não quer, você vai limpar. Você não quer contratar, então você vai limpar sozinha. É uma decisão sua, não minha. Ai ela resolveu aceitar fazer uns testes com algumas pessoas e a gente achou umas duas que fazem o serviço tranquilo”*.

O casal conta ainda, para a realização das tarefas domésticas, com a ajuda de um robô, *“A gente comprou aquele robzinho, robô aspirador, que é uma mão na roda aquilo, quero comprar um que passa pano também porque liga, aí sai, fecha a porta, vai no supermercado fazer compras e quando a gente volta ele já aspirou a casa inteira”*, conforme conta a esposa. Possuem também uma ajudante doméstica, *“tem duas diaristas, que fazem juntas um dia na semana só”*, conforme Adilson explica e a esposa, em seguida, complementa, *“a cada 15 dias... mas ele quer semanal”*.

Além disso, Rose expõe o desejo do marido de comprar uma máquina de lavar louça, ao que ela, inicialmente, recusou. *“Então ele queria colocar uma máquina de lavar louça, aí eu falei, ‘ah, eu não me incomodo de lavar louça’, já ele detesta. Então vamos estudar direitinho”*. Sobre esse ponto, o marido questiona: *“É... vamos botar um parênteses. Ela não se incomoda, ela fala que não se incomoda de lavar louça, mas eu me incomodo de você terminar de comer e o prato ficar sujo na*

pia até o outro dia, isso me incomoda. Aí no dia seguinte ainda tá lá e isso me incomoda. Entendeu... porque, se você pode fazer agora porque você vai deixar pra depois? Entendeu? Por isso que eu falei, comprar a máquina de lavar louça. Eu não gosto de lavar... Juntô tudo, bota tudo lá e tá tudo resolvido. É o meu pensamento. Mas aí outros fatores da estrutura da casa, a logística é um pouco maior do que somente ir lá e comprar. Tem que fazer uma reforma pra caber e tudo”.

O relato do casal apresenta pontos de divergência na forma como eles têm buscado administrar a casa. Ela não queria a ajudante doméstica - “*achava que não precisava*” - e nem a máquina de lavar louça - “*porque teria que quebrar parede*”. Ele, por sua vez, queria. No final, a vontade do esposo parece prevalecer.

Sobre a ajudante doméstica, Adilson afirma que veio dele a ideia: “*Foi minha... Minha. É... porque se, poxa, a gente já fica o tempo todo fora de casa, trabalhando, quando chega em casa, o único momento que eu tenho pra assistir uma TV tranquilo vou ter que ficar limpando a casa? Eu acho que eu prefiro pagar. 'Se você quiser limpar a casa você vai limpar a casa'. Claro que não era sozinha, tudo eu ajudava, mas não era de bom coração*”.

A forma de administrar o dinheiro é outro desafio abordado que revela sobre a dinâmica e a rotina do casal. “*A Rose pagar as coisas quando eu falar pra ela pagar é desafio, hehe*”. Enquanto ela é “*mais regrada na organização da casa*”, ele é “*mais regrado na parte financeira e de horários*”, conforme ele coloca. O marido explica que deixava as contas a pagar em cima da mesa e “*elas sumiam*”, devido à arrumação da esposa.

Sobre a divisão do pagamento das contas, Adilson pontua: “*Na verdade é porque eu... eu tomei uma decisão. Pois antes eu que pagava tudo. Independente se o dinheiro é meu ou é dela... da onde vem, não importa, mas antigamente todas as contas eu concentrava e eu pagava. Hoje eu tomei a decisão de... o carro dela, ela vai lá e ela vai pagar*”; “*Só isso, o que ficou dividido é só o seguro do carro dela porque o resto continua tudo comigo*”.

Rose complementa a fala do marido: “*Eu pago mais compras do mês, supermercado, essas coisas*”. E ele, nesse momento, questiona a fala da esposa: “*Mais ou menos, mais ou menos, porque ela já aprendeu um macete também...*”. Adilson explica contando que eles vão ao supermercado ao mesmo tempo, porém, separados. “*É... ao mesmo tempo, é porque a gente tem que ir nos dois, porque tem um pão de queijo que só vende no mercado X, a verdura às vezes é mais fácil achar no mercado Y, então a gente compra os específicos de cada supermercado, aí o que é em conjunto, que vai ter nos dois, a gente compara o preço por telefone*”.

Rose continua a explicação do marido: “*a gente tem a lista de compras, eu vou no mercado Y ele vai no mercado X, porque tem umas coisas que tem em um que não tem no outro. A gente compra o que é específico de cada supermercado. Na hora que vai fazer a compra de detergente, por exemplo, aí ele me liga, 'aqui o detergente tal tá tanto e aí?', 'aqui tá mais caro, compra esse daí'*”. A forma do casal fazer as compras do supermercado revela um foco na economia financeira. O marido expõe que nessa “*tática*” da esposa, “*eu compro tudo e ela compra um pouquinho, hehe. É sempre assim. Aí na tática dela é ela que faz a compra do mês, da semana, mas quem paga sou eu. Porque ela me leva junto*”.

Quando questionados sobre possíveis acordos feitos sobre a divisão dos pagamentos, a esposa relata que nunca o fizeram. “*Não, nunca... foi naturalmente... é porque... independente qual conta entra o dinheiro, se eu gastar alguma coisa eu estou gastando o nosso dinheiro, né. Então não tem nada assim determinado. Tanto que chegou agora o período de renovar o seguro do carro e ele falou 'você vai pagar', e eu 'tá bom, me manda aí o boleto que eu pago'. É um gasto que, se sair da minha conta ou da dele, dá na mesma*”. O casal possui contas bancárias separadas.

Aprender a administrar o dinheiro no casamento, segundo o marido aponta, tem sido “*um problema*”. Isso porque ocorreu atraso em um dos pagamentos, conforme o esposo conta: “*Porque eu perdia a conta por causa disso, porque ela pegava e guardava e eu perguntava e ela 'ah, não*

vi'... Aí esse timing até achar a conta pode ser um pouco longo e aí esse longo pode prejudicar. Então, às vezes, ela fala 'ah, não... é... se já pagou joga fora'. Tudo bem, aí eu concordo com ela. Mas se eu não paguei ainda e se não estiver ali em cima da mesa, eu não vou lembrar de pagar e aquilo ali vai passar.... Geralmente recebo e já pago logo... pois eu sou assim, eu não gosto de deixar pra amanhã o que eu posso fazer hoje". A esposa retruca: "Ah não... Mas nesse caso do seguro assim foi pontual... foi atípico." Na continuação do diálogo, o marido insiste: "É... pontual.. mas as outras que eu pedi pra você pagar, também... aí eu falo e você 'ah, eu vou pagar depois, depois eu pago' hehe'. Aí o sangue sobe.. por que? porque eu já falei pra você ir lá resolver". Por fim, a esposa coloca: "Tá resolvido então, vou hoje ao banco, hehe".

Sobre a situação em que, ao organizar a casa, Rose guardou a conta e não lembrava onde, o que gerou atraso no pagamento, o marido ainda relaciona o ocorrido com o que acontecia quando morava com a mãe. *"É o que ela não entende, na cabeça dela tá bagunçada, na minha cabeça não está. Porque se aquela conta tá ali em cima quando eu for pagar eu sei que ela está ali e eu também não vou lembrar de pagar porque eu não tô vendo a conta. Entendeu? É a mesma coisa que acontecia na casa da minha mãe e eu falava pra minha mãe, 'não precisa mexer no meu quarto' e não adiantava".* Em seguida, Adilson retoma a comparação com a casa da mãe: *"Eu vejo que não mudou nada porque quando eu tava na minha mãe eu ficava no meu quarto então... e no meu quarto tinha tudo. Então meu quarto era a minha casa".*

Quando Rose e Adilson relatam sobre os motivos que, na percepção deles, contribuem para gerar os conflitos na área financeira, outro desafio aparece: o desafio de gerir no casamento os diferentes modelos aprendidos nas famílias de origem. Sobre essa questão, o esposo comenta: *"Pelo fato dos pais dela não terem aberto essa parte financeira, a gente tem um certo problema, não vou dizer problema, mas traz um pequeno desgaste, mas traz, pela educação ter sido diferente, né".*

Adilson enfatiza o modelo financeiro aprendido com o pai: *"e aí o que eu aprendi do meu pai foi que não existe dívida. Existe é planejamento, programação pra você atingir o que você*

deseja. Então sempre foi assim e sempre deu certo". Rose, por sua vez, apresenta o seu modelo: "Se eu posso pagar em 6X, porque que eu vou pagar à vista se eu não tenho um desconto? É o pensamento deles".

Sobre o modelo de gerir as finanças da família da esposa, Adilson comenta: "É o pensamento deles... e eu não acho que esteja errado... é uma forma de lidar com a vida... e eles vivem bem assim. Só que o meu pensamento já é: 'e se eu ficar doente e não puder trabalhar e não puder pagar aquela prestação?' Como vai ficar? Então eu vou pagar logo tudo agora" e relaciona mais uma vez a educação recebida: "aí é da criação militar mesmo 'nunca deixe para amanhã o que você pode fazer agora'. Mas é da criação mesmo que o meu pai deu".

A vivência da individualidade com a conjugalidade aparece como um desafio no casamento. Quando compara a vida de solteiro com a vida de casado, Adilson expõe: "Mudou que o edredom não é só mais meu", o esposo comenta e continua: "Que eu vou ter que chegar em casa e não vou poder assistir o que eu quero na hora que eu quiser. Porque por mais que a gente tenha duas TVs... eu tentei comprar logo duas TVs, eu coloquei duas TVs a cabo pra poder ter essa liberdade e eu nunca vou ter essa liberdade". A esposa explica que, para ela, a televisão não é algo importante como é para o marido. "E eu não gosto... Pra mim é parar pra ver um seriado e um filme e acabou. E ele não.. ele fica lá... e fica".

Lidar com as diferenças entre eles tem sido, para Adilson, desafiador: "É... são pessoas diferentes vivendo juntas. Então sempre vamos ter esses tipos de desafios. Pra algumas pessoas isso... as diferenças... é pequeno, pra outras é um oceano... entendeu? Eu tento sempre abrir mão, tento ser maleável com as coisas". Para Adilson, essa questão "é um desafio... porque pra ela isso é muito difícil, porque ela não cresceu na casa dela em frente a uma TV. Já eu... fui criado em frente a uma TV, já gosto porque fui criado assim".

O discurso do marido sobre o uso da televisão evidencia mulheres e homens em posições estereotipadas: *“E eu sou homem, eu gosto de um controle só pra ficar lá apertando, entendeu? hehe Posso até não assistir nada, mas fico lá apertando”*; *“Pode ver que a maioria é assim... gosta de ficar apertando todos os canais”* e ainda: *“Mas uma coisa que... isso foi, ainda é e sempre será um desafio pra mim é... porque eu sou homem e ela é mulher. Não adianta, sempre vão ter diferenças. É que ela já gosta de ficar grudada o tempo todo. Eu já não sou assim. Ela é. 'Ah, eu quero...', mas eu quero ficar sozinho, eu quero assistir TV... Às vezes a gente está em casa eu to na sala e quero assistir TV e ela 'ah, amor, vamos fazer alguma coisa juntos' e tal.. então vamos assistir TV juntos, entende?”*; *“Só que aí eu falo, vai lá assistir no quarto. 'Ah, mas eu quero ficar com você'. Ou seja, eu tenho que tá assistindo o que ela quer assistir porque ela quer ficar comigo”*.

O marido mostra o quanto o processo de fazer concessões tem sido difícil para ele: *“porque se eu passei o dia todo assistindo TV, quando ela chegasse em casa eu queria dar atenção a ela pois eu já fiz muito o que eu gosto de fazer. Aí agora se tô trabalhando o dia inteiro, só tive encheção de saco lá... Então eu vou chegar em casa e quero assistir um seriado, já ela não, pra ela não precisa. Então sempre vai ter esse desafio, essa barreira, que às vezes isso pra mim é uma coisa essencial no relacionamento... de ela deixar eu assistir as minhas coisas”*.

Quando perguntado à Rose sobre sua percepção acerca do discurso do marido, ela responde: *“Acaba que você controla mais as suas emoções, né? Por conta disso. Se eu me irritar com ele, vai tá dentro da casa, a casa é nossa, então vai lá pro quarto esfria a cabeça, vai dar uma volta, algo do tipo. Acaba que você tem que ser mais paciente, mais tolerante. Você tá ali junto todo dia, né?”*.

3.2.5.2. A dupla carreira no casamento

A rotina apresentada pelo casal indica um alto nível de investimento na vida profissional. De acordo com o marido: *“Se deixar, eu trabalho de domingo a domingo... porque eu acho que tô na fase produtiva. Depois eu vou ter a fase de curtir as coisas (...). Aí tem dia que tem reunião e tem dia que não tem. Tem dia que tem reunião que termina onze da noite, dez da noite, oito, então... bem variado”*. A esposa, do mesmo modo, expressa: *“Pra mim, hoje, já que a gente não tem filhos, a prioridade tem sido investir na carreira profissional”*. Adilson explica o investimento realizado por ele na carreira: *“Hoje eu tô na fase produtiva e enxergo que casamento vai sobreviver e vai ser vivido muito bem... se a gente souber levar. Mas a prioridade é a vida profissional”*.

Sobre como conciliam casamento, carreira e as demais esferas da vida, Rose e Adilson responderam respectivamente: *“Não... hoje é carreira”*; *“Eu... confesso que nunca parei pra pensar não... só vou vivendo e deixando acontecer. É como falei.. se deixar eu trabalho de domingo a domingo”*. Ainda sobre a conciliação da carreira com a vida pessoal, o marido fala sobre um hábito que está iniciando: *“Até eu tava comentando hoje lá no trabalho que eu resolvi investir num hobby diferente que é charuto. Só que o charuto é um negócio muito caro. É um hobby caro. Depois eu preciso trabalhar mais pra comprar uma casa e pra poder usar o meu hobby”*.

Sobre a carreira do marido, Rose expõe: *“O trabalho dele dá pra ele uma estabilidade boa, plano de saúde, essas coisas. Então é algo que, enquanto puder, vai permanecer. A empresa dele eu também incentivo... com as minhas ressalvas, porque tem outros sócios. Tudo que ele faz, acho que 99%, eu tô assim atrás dando um apoio pra ele e no que eu posso eu ajudo também. Isso daí ele não precisa se preocupar de que ah, eu vou ser contra. Não”*.

Rose ressalta também o suporte que recebe do marido à sua empresa: *“No meu escritório... ele... é... cuida dessa parte administrativa que realmente toma muito tempo. Eu, uma vez, já fiquei*

responsável por isso e olha, é muito cansativo você ter que cuidar de um prazo, ter que ver se o cliente pagou os honorários, por exemplo, é complicado”.

Adilson, sobre o trabalho da esposa, comenta: *“O dela não, o dela é mais tranquilo, porque ela sai do escritório, espera às vezes o trânsito diminuir ou sai antes do trânsito ou vai na hora do trânsito e ela chega em casa e vai fazer as coisas que ela tem que fazer em casa, que ela decide fazer”.* E sobre seu suporte à carreira dela: *“A mesma coisa. Apóio. Apesar de no escritório dela eu me irrita muito... mas não só com ela, com todos os sócios. Isso é algo que eu sempre conversei com ela quando a gente namorava. Uma coisa é esposa, namorada, noiva, o que for, e outra é sócio. E lá no escritório, por exemplo, até hoje tem cliente que eu cuido de tudo. Não só da parte administrativa. E... na forma da carreira dela eu sempre incentivei”.*

3.2.5.3. Distância e proximidade das famílias de origem

Rose e Adilson, após casarem, permaneceram mais próximos da família de origem dela. O marido comenta: *“A gente tem um contato maior com a família dela. A minha não tanto. A dela a gente fica assim... bastante”.* Segundo a esposa, os pais dela *“são de famílias muito grandes e sempre gostaram de casa cheia”.*

Rose apresenta sua percepção sobre a proximidade com sua família de origem da seguinte forma: *“A minha mãe, um ano depois que, nem um ano, 6 meses depois que eu fiquei noiva, minha irmã ficou noiva”.* Rose conta que a irmã casou e saiu de casa um ano depois dela. *“Então eles falam que eles estão sofrendo a síndrome do ninho vazio porque tinha duas em casa, o namorado das duas frequentavam a casa e de repente de seis viraram dois. Meu pai fala que é ele, a veia e o cachorro. Porque tem um cachorrinho. Então assim, eles sentem muita falta”.*

A esposa expõe sobre a frequência dos contatos e sobre como tem acontecido a relação com os pais após estar casada. *“Tanto que, chega quinta-feira, meu pai e minha mãe já começam a mandar mensagem perguntando qual a programação do final de semana. E aí eles querem que a*

gente vá pra casa deles e durma lá e ficar o final de semana”. Rose exemplifica essa situação: “Aí tanto que, na segunda foi véspera de feriado, a gente ficou na casa dos meus pais de sexta-feira, quando a gente saiu do trabalho, até segunda-feira quando a gente saiu pra trabalhar. Dormindo lá. Aí na segunda à noite meu pai mandou uma mensagem perguntando, tem o grupo da família, o que que a gente ia fazer porque tem um tio, meus dois tios moram perto dele, moram no mesmo condomínio, chamando pra ir pra lá, e aí meu pai perguntou que que a gente ia fazer porque ele preferia sair com a gente e desmarcar com os irmãos dele, do que sair com eles. Aí eu falei, 'não pai, eu vou fazer uma coisa com o Adilson', minha irmã também ia receber uns amigos, então acabou que eles saíram lá só”.

Sobre os sentimentos advindos desse processo, ela ainda expressa: *“eu compreendo, de certa forma, essa necessidade deles de ter a gente em casa, mas ao mesmo tempo também, isso eu não gosto tanto, porque eu queria ter liberdade de falar às vezes que eu não quero fazer nada, hoje eu quero ficar em casa só”; “eles gostam demais que a gente esteja lá, tanto que até eu já conversei com o Adilson, de que às vezes eu queria que meus pais fizessem mais programas com amigos deles pra eles não se sentirem largados por nós. Porque às vezes eu fico com sentimento de culpa, se eu tenho um evento e não vou poder vê-los nesse final de semana, por exemplo”.*

O contexto da proximidade dos pais com o casal é mais uma vez exemplificado por ela, segundo conta: *“Meu pai até compartilhou que tem umas semanas atrás, chegou domingo a gente tava na casa deles, nós quatro, aí meu pai disse que minha mãe, depois que a gente foi embora, ela começou a chorar, 'ah, porque que as meninas tem que ir embora'. Eles dão muita liberdade pra gente, mas eles ainda sentem o caso da casa ser muito grande e estar vazia”.*

Adilson, sobre o bom relacionamento e a convivência que desfruta com os pais da esposa, comenta: *“É... pelo fato do pai dela gostar muito de comer, de churrasco, essas coisas, tô sempre junto... eu só como carne vermelha, então pra mim é uma mão na roda, né”.* E sobre sua família de origem, diferente do que acontece com a família da esposa, ele expressa quase não encontrarem

seus pais. *“Às vezes ela [mãe] me chama pra ir lá almoçar e eu vou. É raro. Faz tempo que não a vejo... Mas é pelo fato também de eu ser muito desapegado a eles. Sempre fui”*. Ele conta, sobre o tempo que morou fora de casa, *“eu passei meses sem comunicação quase com eles. E a mesma coisa hoje. Nunca fomos muito apegados assim de... Nunca fomos uma família muiiiito unida”*.

O distanciamento do casal em relação à família de origem do esposo parece ser vivida por eles de forma tranquila. À despeito da pouca convivência, ele diz que a mãe liga bastante para ele. Sobre esse ponto, ele fala: *“Liga... Porque eu acho que a gente tem que dar satisfação sim, porque, querendo ou não, a outra pessoa fica preocupada.... Acho que hoje, por exemplo, essa história de ligar pra saber onde é que tá... continua... desde pequeno e vai ficar pro resto da vida”*. Quanto ao pai: *“Meu pai se chamar ele vai lá em casa. A minha mãe precisa de um convite formal. Minha mãe é mais enjoada. Mas meu pai super tranquilo”*.

Quando questionados sobre possíveis interferências de ambos os pais na vida do casal, Rose e Adilson afirmam que não percebem. Rose comenta sobre a mãe: *“Minha mãe fala... ela até brinca até hoje, 'ah, você tá casada, você acha que não te dou uns corretivos? Eu dou...' Então até hoje eu sei que se precisar eles vão me dar bronca sim”*. Além disso, a esposa conta sobre situações em que a mãe leva comida para eles. *“A minha mãe já fez... ela me liga às vezes de manhã, tô no escritório, né, e ela 'filha, você tá no escritório?' 'Tô mãe, por quê?', 'É porque tô fazendo almoço aqui'. É porque eles não tem mais empregada todo dia, até porque não tem gente em casa todo dia. 'Ah, é porque eu tô fazendo almoço aqui e eu levo pra você e pro Adilson'. Aí eu falo, 'ahh, mãe', porque se eu já tiver levado almoço no dia, eu falo 'Ah, mãe, traz porque aí eu janto ou almoço amanhã. Não tem problema nenhum'. Aí ela vai, põe na bolsa térmica, põe os potinhos separadinhos pra gente. Ela faz isso. Não é com tanta frequência, mas faz”*.

Rose apresenta ainda outra situação semelhante, *“se por exemplo a gente vai pra casa deles no domingo, aí o que sempre sobra do almoço eu acabo levando pra almoçar na segunda-feira. Eu*

e o Adilson, a gente costuma fazer isso. Minha mãe vai falar: 'Tem muita comida, vai sobrar, vou jogar fora'. Não, não vai jogar fora, então deixa que eu levo pra almoçar amanhã”.

Por fim, a esposa conta sobre outras formas de interação que mantém a família em constante contato: “Tem um grupo no whatsapp que todo mundo sempre manda bom dia, às vezes manda uma piadinha e combina os encontros. É por aí”.

3.2.5.4. Satisfação no casamento

O casal avaliou o casamento de modo bastante satisfatório. As notas fornecidas para a relação foram “nove”, da esposa, e “oito”, do esposo. Rose justifica a avaliação da seguinte forma: “Eu dou nota nove porque a gente sempre tem que melhorar. Sempre você tem que buscar se auto analisar e não ficar só procurando defeitos na outra pessoa também, mas sim, não ver como um defeito, uma crítica. Mas sim como uma forma de ajudar a ela superar esses desafios, que é a mesma forma que eu gostaria que ele fizesse comigo”. A esposa ainda coloca que percebe “o casamento como um grande aprendizado, tanto da outra pessoa como de si mesmo”. Ela explica: “Justamente pra você entender essa questão de, às vezes, ele quer uma coisa que eu não quero e vice-versa. Você tem que ter uma compreensão da vontade do outro também”.

O esposo, por sua vez: “É, se for olhar por mim, eu acho que daria um oito... mais por conta da correria do dia a dia. Eu sou muito cansado, vivo cansado. E ela já tem um perfil diferente. Ela já gosta de sair, de fazer alguma coisa. Eu já não. Eu já passo o dia todo fora de casa, então quero usufruir um pouquinho da casa. Eu gosto de ficar em casa”.

Sobre as desvantagens de estarem casados, Adilson coloca: “É o que eu falo pra todos os amigos que não casaram é: ‘não casem’... se não tiver afim de dividir as coisas. Tem gente que casa e... Eu falo isso pra homem e pra mulher. Pois tem mulher que pensa ‘ah não, meu salário é meu e meu marido que vai comprar as coisas’. Não case. E isso acontece muito de quem sai da casa dos pais, porque os pais tão acostumados a bancar tudo e o filho tá acostumado a receber

tudo e não dividir o que é dele. Então... Sugestão é... só estar com a mente aberta... e disposto a fazer as coisas pensando sempre em dois. Agora... senão, não case, senão você só vai ter dor de cabeça”.

Em continuação à fala do marido, Rose pontua: *“Justamente isso. Você tá casado, você não é mais solteiro, então você tem que dividir as coisas, porque senão não vai dar certo. Então essa que é a parte ruim da pessoa casar mais velha, porque tem essas manias da casa dos pais, e aí acha que o outro vai ter que aceitá-las e a recíproca não é verdadeira. Tem que pensar nisso também. É isso”.*

3.2.6. Planos para o futuro

3.2.6.1. Planos para o casamento

Quando perguntado sobre planos para o futuro do casamento, Rose coloca que *“queria muito ter gêmeos”*. Ela conta: *“Eu tenho gêmeos na família da minha mãe, na do meu pai e ele tem também na da mãe dele. Então eu queria ter meus dois gordinhos, ficar grávida só uma vez e ter uma família. Tenho muito esse projeto”.*

A esposa expressa, entretanto, dúvida sobre qual seria o melhor momento para isso. *“Assim, se não fosse levar o lado financeiro eu poderia ter um agora. Ficaria feliz. Mas tem o lado financeiro e... eu confesso que eu que tô segurando mais do que ele. Até porque eu como autônoma eu não tenho licença maternidade, por exemplo, então eu vou ter que investir muito nisso agora pra quando a gente for ter filhos eu possa pelo menos curtir meu filho com mais tranquilidade”.*

Sobre a questão financeira envolvida no fato de ter filhos/as, Rose continua contando: *“Conversei com amigas... uma vez uma que tinha acabado de sair da licença maternidade, e eu perguntei quanto custava a creche da filha. Ela falou: 1.700 reais. Eu falei 'poxa, um neném de 7 meses'. E quando fui falar com outras pessoas, 'é, é esse valor mesmo'. Aí eu fico pensando em*

como que eu vou colocar essa questão financeira dos gastos de filhos/as dentro do meu orçamento... e se vierem dois, é tudo em dobro. Então assim... tem que pensar”.

Rose ainda discorre sobre sua percepção em relação aos cuidados com filhos/as: *“Eu sou assim bem racional nisso, até porque a criança acaba ficando mais dependente da mãe. É a mãe que vai ter que estar ali do lado, é a mãe que vai amamentar. Eu vou ter que deixar de trabalhar pelo menos um tempo pra ficar com ele. Por mais que Adilson me ajude, a criança tem essa dependência física da mãe, até pela necessidade da amamentação. Então eu me preocupo muito nisso. Colocando no plano prático a gente tá vendo se se programa pro final do ano que vem”.*

Quando a esposa apresenta sua previsão para o plano de ter filhos/as, o marido a interrompe: *“É... isso é novidade pra mim. É... porque eu nunca, a gente nunca se programou assim. Até porque eu já falei, é um mundo desconhecido em que ela tá criando uma bola muito grande pra o que realmente é. Entendeu? Eu acho que é um problema menor do que ela imagina”.* Sobre o número de filhos/as, Adilson expõe: *“por mim, eu só queria um”.*

Sobre qual seria o melhor momento para ele, Adilson responde: *“Na verdade é... eu acho melhor ser antes... por n fatores a favor e pouquíssimos contra. Ela fala 'ah, mas é porque eu trabalho e não sei o que'. Tá... mas você pode ir pro escritório e ficar no escritório com a criança se for o caso. Você pode trabalhar de casa o tempo todo se você quiser... desde que seja é... como é que fala... disciplinada. Se for disciplinada você pode trabalhar da onde você quiser porque é dela o negócio, o escritório”.*

Quando questionados sobre como a presença de filhos/as poderia influenciar o casamento, o esposo coloca: *“Não vai mudar nada não. Acho que... dentro de casa, até porque se tiver muito diálogo, principalmente com a criança, acho que dá pra conciliar tudo. 'Ó, hoje você vai ficar na casa dos seus avós porque a gente vai sair’. Pronto. Acho que tudo isso é conversado... Mas acho que não vai impactar em nada não. O que vai impactar é... a criança tá doente, vai pro hospital,*

tem que largar o trabalho pra cuidar. Isso acontece e eu vou ter que fazer. Pra mim, não muda nada não”.

A esposa, por sua vez, acrescenta: *“Então assim, a gente vai ter que se adaptar. Por exemplo, ah, num domingo de manhã a gente acorda e fica vendo televisão na cama, né... e não, a criança pode precisar de alguma coisa e... mas assim, até isso você vai ter que aprender a ver, porque tem hora que é do casal... mas são coisas que a gente vai vendo depois”.*

O casal fala ainda sobre outros planos que fazem para o casamento e para a família. Segundo a esposa: *“Quero viajar muito. Isso é um plano pro casal. Ah, quando a criança tiver dez anos vou levar na Disney. Esses pensamentos assim... que quando chegar na hora a gente vai ver se serão possíveis ou não”;* *“Curtir mais coisas, ter uma casa nossa. Ele tem vontade de ter uma casa e eu sou louca pra ter uma casa, de poder receber amigos, poder receber os amigos de nossos filhos futuramente. Eu penso muito nisso, ter uma casinha assim... e ele gosta e é bom ver que ele curte as mesmas coisas que eu gosto”;* *“E até é um pouco do que ele fala que um dia a gente vai sair desse apartamento pra ir pra outro lugar, um apartamento, uma casa maior, curtir nossos filhos e pra ali a gente realmente construir algo que vai durar a vida inteira”.*

O esposo, por sua vez, relata: *“Só ter uma casa. Curtir meus novos hobbies. E do casal, acho que é só isso... buscar crescer na vida. Essa questão que ela fala de filhos... A nossa casa hoje é nossa, mas assim não é uma casa, é um apartamento. Financiado. É. Mas é nosso. Mas é... uma casa acho que seria uma coisa melhor”.*

Por fim, Rose discorre sobre sua percepção a respeito de amigos solteiros de sua “geração” e da forma como eles lidam com os planos para o futuro: *“Porque o que a gente vê na... na nossa geração mesmo é muito do carpe diem, aproveite o hoje e o amanhã a gente vê o que que faz. E nesse aspecto a gente é muito contra. Então assim, a gente sempre conversa com eles 'olha, tenta ter o seu patrimônio, porque se vocês decidirem casar, pelo menos um lugar pra morar vocês têm,*

já é uma preocupação... vocês têm uma preocupação a menos, né'. A gente tem uns amigos que, ah, moram com os pais, mas gasta dez mil reais numa viagem e volta pra cá e reclama que não tem dinheiro, são coisas assim... Então eu sempre falo 'o dinheiro acaba gerindo praticamente tudo na sua vida'. E um deles que hoje em dia tem esse entendimento, de que você não precisa ter seu imóvel, você aluga, e eu sempre falo pra ele 'conversa com uma pessoa que já morou de aluguel e se endividou' e a pessoa tava correndo o risco de ser despejada. Aí a pessoa fala 'ah, mas eu sou bem organizada', ah, mas tem crise financeira, tem doença na família, tem desemprego, tem aspectos que a gente não tem controle. Então essa é a minha preocupação e até por ver a experiência dos meus clientes. Tenha um teto que possa ser chamado de seu. Nem que seja pequenininho mas aquilo ali é seu". A fala da esposa mostra seus amigos da Geração Canguru mais voltados a uma vida de viagens e menos ao fato de investirem na compra de uma casa própria como plano futuro. Esse parece ser um aspecto que a incomoda e, junto ao marido, buscam estruturar-se em torno desse objetivo.

3.2.6.2. Planos para a carreira

Sobre os planos para a carreira, Rose coloca: *"Eu tenho um plano do escritório crescer mais e se especializar e realmente ter uma fonte de renda melhor, bem melhor, do que a que a gente tem hoje. Então assim, hoje a prioridade tem sido essa parte de investir na carreira, no profissional"*.

Ela ainda comenta sobre a carreira autônoma e os planos de ter filhos: *"Pra mim, tem essa questão de eu ser autônoma.... então hoje eu já estou tentando colocar o escritório todo digital até pra facilitar no dia que eu for ter um filho pra eu conseguir trabalhar de casa, por exemplo, porque eu sei que pelo menos por um tempo eu vou ter que fazer isso. E aí tem que conciliar dias de audiências, eu vou ter que ver com dia de creche, dia de babá, pra não faltar nem um nem outro. Mas vai ser sempre um malabarismo... como hoje é né... só que hoje tem menos responsabilidades de uma pessoinha dependendo de mim"*.

Adilson apresenta seus planos de carreira como *“crescer na vida, profissionalmente, reconhecimento, é... da sociedade, por exemplo, isso é uma coisa legal. Não quero ser maior nem melhor que ninguém... só quero estar no meu canto... as pessoas olharem e falarem 'poxa, o cara lutou e alcançou algo na vida'. Eu acho que a construção de algo agora é... depois eu vou colher algo muito maior. Depende de como eu vou construir. Ou eu mantenho, ou eu cresço, ou eu diminuo. Então é você quem vai escolher como você vai trilhar sua vida na parte profissional e financeira”*. A esposa mostra possuir o seu foco na família e no casamento, enquanto Adilson foca na carreira.

CASAMENTO - DO MODELO DOS PAIS AO MODELO DOS/AS FILHOS/AS

3.2.7. Fazer igual, fazer diferente: A construção de um modelo conjugal - “O viver regrado”

O casamento dos pais de Rose é percebido por ela como *“bem tranquilo”*. Ela conta que *“os dois são bem companheiros”* e percebe o casamento deles *“como algo que efetivamente deu certo”*. Ela acrescenta: *“Claro que tem seus defeitos, como qualquer outro, mas acho que no geral é um casamento assim... a se espelhar”*.

Os pais de Adilson são divorciados e permaneceram casados por *“16 anos”*. O esposo apresenta sua visão sobre o casamento deles: *“É mais complicado, pois meu pai era militar... então ele passava muito tempo fora e a gente só encontrava com ele à noite. Do que eu vejo assim era normal, normal, nada de atípico”*. Sobre o casamento dos pais como exemplo, ele coloca: *“E da minha família eu vou te dizer que eu não me espelho em ninguém. Eu sempre falei até isso pro meu pai e ele não gosta nem de ouvir isso.. que eu não tenho nada que buscar do casamento deles e nem do casamento de ninguém”*.

Adilson conta, em tom de brincadeira que, se aprendeu algo com o casamento dos pais, foi: *“Aprendi que o homem é que compra a comida e a mulher se vira pra fazer, hehe”*. Ele explica: *“Não... é porque minha mãe é filha de militar, casada com militar, foi casada, né, você vai*

trabalhar em casa, cuidar dos filhos e da casa e o homem vai chegar em casa a noite, comer dormir, pra trabalhar no dia seguinte”.

O pai e a mãe de Rose trabalharam fora e quando questionada sobre a forma como os pais administravam os papéis e responsabilidades no casamento, ela coloca: *“Eu aprendi muito essa questão de dividir tarefas. Porque meu pai, por exemplo, quando ele tá em casa e final de semana ele que fazia o café, lavava a louça e aí vamos fazer o almoço, os dois juntos tão lá fazendo e a minha mãe tá fazendo a salada e o meu pai tá fazendo a carne e eles são companheiros muito em relação a isso”.*

A esposa conta que busca repetir esse modelo em seu casamento: *“O que a gente até efetivamente já faz igual é a distribuição de tarefas, mas não é assim 'ó, vou fazer isso e você faz aquilo'. Não... Tem dias que eu faço, tem dias que ele faz, é muito da sua espontaneidade, é só você não achar que é obrigação do outro fazer aquilo todas às vezes”.*

Sobre a influência recebida dos pais, Rose ainda coloca *“Bom, todo mundo falava que um dia eu ia entender as reclamações da minha mãe, principalmente. Hoje eu entendo de, ‘ah, o preço das coisas tá mais caro, diarista’, se tem problema com diarista, então assim, acabou que eu me compadeci mais de problemas que meus pais viviam porque hoje eu vivo também. Posso dizer por experiência própria e até concordar com eles na maioria das vezes”.*

Em relação aos pais de Adilson, ele explana: *“Minha mãe era do lar, né, então o trabalho dela era em casa, nunca trabalhou fora. A imagem que a gente tinha era da mãe sempre em casa e do pai trabalhando o dia inteiro. Quando ele chegava em casa era só pra resolver pequenos conflitos dos filhos... três filhos pequenos dentro de casa, imagina, né? hehe. Então não tem esse negócio de divisão de tarefas. Nunca existiu. Claro que ajuda, ajuda, mas não... Mas era a mulher faz e o homem vai descansar porque já trabalhou o dia inteiro”.*

Adilson também apresenta sua visão a respeito de como a mãe se posicionava diante desse contexto. *“Porque a minha mãe, como a Rose mesmo fala, ela é machista. Pra ela, mulher lava a*

louça, mulher limpa a casa, você não pode fazer isso. É porque ela viu a mãe dela fazendo e replicou... Então ela viu isso dentro do casamento dos pais dela... e meus avós são casados até hoje, né. E até hoje é desse jeito. E isso é uma coisa que eu, felizmente ou infelizmente, não quero nunca levar pro meu casamento. É... pelo fato da gente viver épocas diferentes, né”.

À despeito do modelo visto no casamento dos pais, Adilson coloca: *“Eu sempre levei pra minha casa, depois que eu casei, o que eu achava que era o melhor. Não é à toa que hoje, na atual conjuntura, a gente não tem isso de papéis definidos dentro de casa. Não tem”.* Em seguida, ele destaca a educação recebida do pai no que parece ser, para ele, referência. *“Porque eu, eu... é educação militar mesmo, de você ser bem regrado, com relação a horário, a financeiro, definir o que você quer, ter metas, traçar metas pra vida. Então nesse ponto aí... e isso é uma coisa que eu não digo que eu levo, mas que foi do casamento dos meus pais. Isso meu pai sempre ensinou pra gente, da parte financeira. 'Olha, você é o homem, você tem que trazer o provento pra casa e você tem que saber gerenciar esse dinheiro'. Entendeu?”.*

O esposo explica essa questão fazendo relação com o contexto militar do pai. *“Porque cabeça de militar é assim... cabeça de militar. O militar aprende a ser dependente do seu superior... então ele leva isso pra casa, de ser o cabeça da casa, da mulher ser inferior, não é que seja na real, claro, mas inferior hierarquicamente ao homem. E querendo ou não, não quer dizer que aprendi do casamento deles, mas eu trouxe do meu pai isso em relação a finanças, só. Aprendi do meu pai como que ele faz milagre com o que ele ganha”.*

Sobre como aplica esse modelo no casamento, o marido conta: *“E hoje.. não sou a favor de dividir despesas igual, não sou a favor... são decisões que podem ser tomadas. Às vezes, a Rose não se adapta à minha forma de agir financeiramente, então tá bom, a gente faz assim pra ver como vai ser, são testes, né... Mas hoje está funcionando direitinho dessa forma que eu vi o meu pai fazendo, de ser bem regrado na parte financeira”.*

Sobre o que gostaria de fazer diferente do casamento dos pais, Rose coloca: *“um dos defeitos do casamento deles e que isso inclusive é algo que eu vivo isso de certa forma, é que eles nunca dividiram a questão das finanças pra gente. Nunca passaram assim 'olha, tá apertado, vão ter que cortar isso..' Então eu vejo isso como um defeito de eu não saber a realidade da situação financeira pra eu saber até se eu podia contribuir ou não atrapalhar. Uma coisa então que eu faria diferente e que a gente também já faz é ter essa transparência na administração financeira. É chegar e falar 'ó, nossa meta é viajar, é trocar de carro ou é comprar uma casa, olha, eu ganho tanto, você ganha tanto, vamos destinar tanto pra nossa poupança' pra ver como a gente realmente administra nossas finanças hoje. Mas eu confesso que ele é bem mais regrado do que eu, hehe”*.

3.3. Casal 3: Andrea e Fábio

SER FILHO/A CANGURU

3.3.1. Fatores da coresidência prolongada

Andrea residiu na casa dos pais até a idade de 27 anos. Fábio morou com os pais até os 31. Quando possuía idade próxima aos 25 anos, Fábio passou em um concurso público em outro estado e lá permaneceu trabalhando pelo tempo aproximado de um ano. Em seguida, não tendo se adaptado à nova realidade, retornou à casa dos pais, onde morou até casar.

A esposa saiu de casa pela primeira vez para casar e conta que essa era mesmo a sua ideia. *“Pra casar. Eu tinha esse pensamento. Não sei se chega a ser, se era uma vontade, mas, é... justamente isso, a... a falta de necessidade de querer morar sozinha também, né. Enfim, nunca... nunca nem pensei sobre isso... em sair”*.

Quando perguntado sobre o que poderia ter influenciado o prolongamento do tempo de permanência no lar parental, Andrea pontua: *“Acho que a liberdade que os dois tinham. Então esse negócio de... de tipo, não ter impedimento de um dormir na casa do outro...”*. O marido complementa: *“Acho que hoje em dia nossa... nossa geração, as pessoas querem sair de casa*

quando tem alguma coisa incomodando, né. Se não, vai ficando. Ou quer ter sua liberdade, é o... é... não poder levar a namorada pra casa, enfim, é uma coisa... Mas, lá em casa, nada nunca me incomodou assim. Então eu sempre tive a liberdade que eu quis, sempre tive... é”.

A praticidade e o conforto desfrutados na casa dos pais são outros fatores levantados pela esposa. *“Praticidade, hehe. É... Eu acho que é justamente isso. Tipo assim, de você chegar em casa não ter que se preocupar com o que você vai jantar, de acordar e o café da manhã, de certa forma, tá pronto, não ter que ir ao mercado. Não vou falar que as roupas se guardam sozinhas porque eu nunca gostei que guardassem minha roupa, então... pois gosto de saber onde eu botei cada coisa... é meu TOC”.* Nesse momento, o marido interrompe: *“Gosta de jogar tudo no chão, hehe”* e a esposa explica: *“Hehe... mentira... Não é jogar, porque elas não se amarrotam, então...”*.

Andrea retoma o relato sobre a liberdade e a destaca como um fator principal relacionado à coresidência prolongada com os pais. *“Acho que é isso, é... mas pra mim... o fator principal acho que é a liberdade. Porque se tivesse algum impeditivo né, de... 'Ah, vou sair e vou dormir na casa dele', aí meus pais falassem: 'Não! Volta pra casa ou então vou te buscar', alguma coisa assim, aí acho que isso começa a... na medida que a gente vai evoluindo em termos de idade, né, acho que isso que pesaria mais. E eu observo que amigas minhas que não tinham essa liberdade, saíram de casa antes, ou, enfim, ou mentem pros pais e eu nunca tive esse problema. Então... Tava confortável”.*

O esposo evidencia o aspecto financeiro como um dos fatores de permanência na casa dos pais. *“E além disso eu não via vantagem financeira pra sair, pra mim era muito caro sair de casa e eu ia ter um gasto que os benefícios eram muito poucos... se é que tinha algum”.* O esposo não via benefícios em sair de casa para morar sozinho, pelo contrário, as vantagens de ficar na casa dos pais eram mais evidentes. *“Na época eu digo, pra morar sozinho, né. Então pra mim as vantagens eram essas, por exemplo, eu me dou bem com os meus pais, eu não precisava ir ao mercado, tinha essa comodidade. E a parte financeira também. Então... eu resolvi ficar”.*

O bom relacionamento entre o esposo e os pais era outro motivo que levava Fábio a não sair do lar parental. *“Porque eu sou muito família assim. Eu gosto muito de tá com meus pais. Porque a gente... eu fiquei na casa dos meus pais, porque eu valorizo muito isso. Eu valorizo muito estar com eles, né”*. Fábio conta ainda que, seu irmão mais velho, *“tem trinta e seis e ainda tá lá. Ele saiu e voltou também... e ainda tá lá. Ou seja, deve ser bom morar lá, né, hehe”*. Tanto Fábio como o irmão saíram da casa dos pais por um período e retornaram.

O esposo, quando fala da experiência de ter ido trabalhar em outro estado, afirma: *“Eu nunca saí de casa, na verdade. Porque todo final de semana eu tava aqui e tal. Eu só... eu morava aqui e trabalhava lá, digamos assim”*. Apesar da nova cidade de residência ficar distante de Brasília, ele voltava pra casa todos os finais de semana. Sobre essa experiência, a esposa comenta: *“Acho que começou a apertar até financeiramente esse negócio de passagem todo final de semana, praticamente, né, que ele vinha... Enfim, ele não tava gostando muito de lá. Chegava aqui tava muito cansado. Então começou a desandar um pouco essa questão da... da vida normal, digamos assim, sabe? Ai por exemplo, é... eu ficava indo pra lá também e era melhor ele vir pra cá porque tinha os nossos pais, enfim, a família dele, dos dois, né, amigos enfim”*.

O relato de Fábio e Andrea indica, além da questão financeira, dificuldade de adaptação do esposo no novo contexto, após a saída dele da casa dos pais. No decorrer da entrevista, ele fala sobre o quanto almejava passar naquele concurso, *“antes, eu sempre quis ter... aquele cargo”*. Ao receber a aprovação e mudar-se de cidade, ele permanece pelo tempo aproximado de um ano para, em seguida, deixar o emprego e retornar à casa dos pais.

3.3.2. A vivência canguru na casa dos pais

Andrea e Fábio percebem-se, enquanto filhos adultos na casa dos pais, vivendo suas vidas com liberdade e independência. *“Sim, sempre fui muito independente, assim”*; *“eu tinha a minha vida”*, a esposa e o marido respectivamente pontuam. Ambos tinham uma rotina bastante fora de

casa, voltada ao trabalho e estudo. O esposo ressalta de forma mais enfática o quanto gostava de estar na presença dos pais, *“eu gostava muito de estar com eles”*.

O relato de Andrea e Fábio sobre a vivência na casa dos pais não apresenta dados que possam demonstrar algum conflito ou desafio, pelo contrário, eles afirmam que era *“tranquilo”*, *“sempre foi tranquilo”*. Sobre as tarefas domésticas, a esposa conta que *“a gente sempre ajudou... tanto é que nunca teve necessidade de ter empregada todos os dias, porque a gente sempre teve essa noção de fazer a nossa parte, digamos assim”*. A esposa exemplifica: *“ajudava na louça, na cozinha, arrumava a mesa... Então, mas eu ajudava. Não era minha obrigação. Não era minha responsabilidade, entendeu? mas ajudava”*.

Na casa dos pais do marido, a realidade era diferente. Além da mãe possuir um papel de destaque nas responsabilidades domésticas, ele conta que *“sempre teve empregada também, né, todos os dias”*. À respeito da postura da mãe de Fábio com os filhos, Andrea comenta: *“Então, tipo assim, “ah eu tô com sede” parece que ela interpreta seu pensamento e de repente aparece um copo de água. Ela é rápida pra recolher o copo também. E ao mesmo tempo assim, você tá acabando aqui... se sobrou um tiquinho, azar o seu, o restinho... já foi, né, hehe”*.

Nesse momento da entrevista, o marido discorda: *“Não, tá exagerando”*, a esposa reafirma: *“No início era assim sim!”* e, por fim, ele explica e concorda: *“Ela é, ela, ela é... É que ela não gosta de nada sujo. Ela gosta de tudo organizado, entendeu? Se deixar a mochila em cima da mesa ela fica agoniada. Fica brigando. Então é... é... ela é assim. Deixou o copo, ela vê que você não tá tomando mais, ela recolhe, já leva, já deixa na pia... Ela levantou pra ir pra pia, ela já pega alguma coisa e já leva”*.

Andrea reforça que na sua casa *“o costume”*, conforme aponta, *“era diferente”*. Além de os filhos ajudarem nas tarefas domésticas, a família dispunha de artifícios para driblar, por exemplo, o acúmulo de louças. *“É... Mas isso sempre foi muito diferente porque, sujou, lavou.. por exemplo, lá em casa, a gente tinha os... os copos do tipo de porcelana, sei lá, com o nome de cada um. Que*

minha mãe... Então o copo de água... Aí, por exemplo, um copo de água, você bebe água, acabou a água é o mesmo copo”. A esposa ainda apresenta sua visão sobre filhos cangurus: “Acho que você não pode ser o filho canguru vagabundo, né. Tipo... a ideia realmente é você participar da rotina da casa. Não é porque você tá ali que você assume que você é uma criança”.

A esposa segue sua narrativa contando sobre a postura da mãe do marido que ele mudou-se: *“Eu lembro que quando ele foi pra outra cidade, que a... sua mãe ficou super chateada que num sei o que, e eu, no fundo, no fundo, eu falava brincando... mas eu tava dando graças a Deus que ele ia morar sozinho um tempo, porque ela é mãe protetora, sabe...”*. A postura da mãe de Fábio parecia complementar a não ajuda doméstica por parte dos filhos e, assim, contribuía para a vivência *“confortável”* percebida pelo esposo quando morava na casa dos pais.

3.3.3. A carreira profissional dos/as filhos/as

Andrea graduou-se em curso superior e na data da entrevista possuía quase sete anos de formada. A análise da linha da vida profissional dos cônjuges mostrou o alto investimento e crescimento na carreira antes do casamento. A linha da vida profissional da esposa mostra que ela começou a trabalhar em sua área de formação mesmo antes de formar-se. Ela permaneceu quatro anos na mesma instituição e *“aí eu fui crescendo”*, conforme conta. *“Quando saí, ganhava mais de três vezes mais do que o primeiro salário. Nunca vou me esquecer”*.

Saiu para um emprego *“melhor”* em que experimentou mais uma vez um crescimento na carreira e atingiu um cargo de liderança. Mudou outras duas vezes de emprego, sempre em busca de novas oportunidades e, em seguida, recebeu uma proposta para retornar ao primeiro local de trabalho. Aceitou a oportunidade, porém, um ano depois, decidiu buscar novos desafios em uma outra área dentro da sua formação, ainda que, nesse último movimento, seus rendimentos tenham diminuído. *“Diminuiu um pouco... mas era algo novo”*. Era nesse local de trabalho que Andrea permanecia na data da entrevista.

A vida profissional de Andrea, quando morava na casa dos pais, foi também marcada por duas pós-graduações e “*vários cursos*”, segundo comenta, em prol de seu “*desenvolvimento pessoal e profissional... tipo autoconhecimento*”. Ela conta, inclusive, que foram esses cursos que “*ajudaram a impulsionar minha carreira*”. A esposa relaciona o fato de ter ficado até a idade adulta na casa dos pais com a possibilidade de investir mais nos estudos. “*É que eu... na verdade, eu vejo como uma vantagem da nossa geração. E até uma própria necessidade do mercado, né. Tipo assim: 'nossa, ainda bem que a gente tá tendo mais tempo pra se qualificar' e quando tá na casa dos pais, só se preocupar com isso, do que eventualmente nossos pais podiam, né*”.

Fábio graduou-se em curso superior e, no momento da entrevista, possuía oito anos de formado. “*Eu sempre fui mais do concurso, né. Primeiro eu... antes queria ser XYZ, então não tinha outra forma, né, só por concurso*”. A linha do tempo da vida profissional do esposo mostra que, assim que finalizou sua graduação, começou a estudar para concurso. Dois anos depois, Fábio passou em um “*concurso mais básico*”, conforme pontua. Desse modo, o esposo assumiu o primeiro trabalho. Ele permaneceu, entretanto, estudando para o concurso que realmente almejava, considerado “*mais difícil de passar*”. Novamente dois anos depois, passou e, tendo sido locado em outro estado, mudou-se de Brasília. Um ano depois, não tendo se adaptado, deixou o cargo e retornou à casa dos pais.

Fábio permaneceu estudando por mais um ano e meio até passar para o terceiro concurso, considerado por ele como sendo de um nível ainda maior. “*E aí depois, eu decidi voltar e eu comecei a estudar pra concursos melhores buscando uma qualidade de vida, salário e, lógico, ascensão né*”, ele conta. É neste local que Fábio se encontrava até a data da entrevista e, segundo ele afirma, “*se tudo der certo, vou morrer lá provavelmente*”.

O fato de Fábio ter passado por períodos em que exclusivamente estudou para concurso público, como, por exemplo, logo ao se formar, e também após deixar o segundo concurso, quando retornou à casa dos pais, parece ter sido facilitado pelo fato de residir na casa dos pais e não possuir

maiores despesas. Sobre esse contexto, o marido comenta: *“Então... eu acho que a vantagem [de estar na casa dos pais] é você, realmente, poder se dedicar à sua carreira, digamos assim, a gente vê hoje diretores de empresa morando com os pais, né. É uma coisa meio diferente assim. Eu acho que é uma grande vantagem”*. Prolongar o tempo de permanência na casa dos pais foi, para o esposo, *“uma grande vantagem”*, uma vez que, assim, pôde arriscar voltar a estudar e, então, estabelecer-se na carreira. Fábio, no momento da entrevista, estava cursando uma segunda graduação. Segundo ele, *“é uma área que eu acho que eu gosto mais”*.

DESENVOLVIMENTO DA CONJUGALIDADE

3.3.4. O namoro dos/as filhos/as

Andrea conta que conheceu Fábio por meio de amigos em comum. Ela tinha 19 anos e ele, 20. Sobre esse momento, a esposa conta: *“E aí um dia esse amigo chamou ele. E aí a gente se conheceu e dançamos, enfim, mas não... não rolou nada, né? Aí uns dois... é.. meses depois a gente saindo, começou”*. O marido também apresenta a sua versão: *“Na verdade assim é, é... a gente foi se conhecendo, né. A gente foi, saiu e acabou rolando, a gente ficou e... Depois a gente foi se aproximando. Ela viajou. A gente continuou trocando e-mails. E tal... E aí foi construindo assim. Não foi uma coisa assim muito repentina não. E aí quando ela voltou, depois de uns três meses, que a gente começou a namorar”*.

O esposo apresenta sua percepção sobre o que fez o namoro acontecer. *“A gente vê se tem aquele interesse de ficar com a pessoa ou não. Mas se isso vai levar a alguma coisa, já vem mais às vezes do caráter, da conversa e tal, a gente sempre conversava muito. Então acho que a partir daí que aí a gente começa a se interessar mais e a pensar num relacionamento, né. E eu acho que foi exatamente isso. Aí, conversando tal... Eu acho que é todo um contexto, né”*. Andrea, por fim, conclui: *“E acho que pra início de namoro assim, o que mais levou em conta realmente foram as conversas”*. Andrea e Fábio namoraram oito anos até o casamento.

3.3.5. Vida a dois

3.3.5.1. Iniciando uma etapa do Ciclo de Vida - rotina e desafios do casal

Andrea e Fábio estão casados há pouco mais de um ano. Quando perguntado sobre o dia a dia do casal, eles apresentam uma rotina bastante diversificada, com trabalho, estudos, atividade física, tempo para o casal e tempo para as famílias de origem. Segundo a esposa: “*de segunda a quarta é mais normal. É... então, digamos assim... a gente acorda... É, eu corro segunda e quinta, aí vou trabalhar e aí eu vou pro clube*”. O marido explica: “*Ela vai pro clube estudar porque lá tem uma sala de estudos*”. A esposa continua: “*É... aí nos dias que eu não corro, na teoria, quarta-feira eu tô querendo ir cedo malhar mas, ainda não tô conseguindo, tá sendo demais durante a semana acordar três dias cedo, seis horas da manhã, hehe*”.

A esposa trabalha no período da manhã e da tarde e estuda para concurso público no período da noite. “*Então, por exemplo, eu sinto que eu consigo estudar até onze horas da noite, e às vezes eu paro quinze pras dez pra vir pra casa pra poder pegar ele acordado. Então querendo ou não tem essa dedicação pro estudo. Agora com a faculdade dele ficou mais fácil, principalmente na sexta-feira, porque antes eu abdicava da sexta. Estudava de segunda a quinta. Mas aí com a aula dele na sexta-feira, aí ficou mais fácil de eu bater minha meta de estudos*”.

Andrea conta que, durante a semana, “*a gente chega em casa, de segunda a quarta, aí a gente toma banho, janta e vai ver TV por exemplo. Aí fica de boa. Na quinta tem aquele “q” a mais por causa do vinho, entendeu? Aí a gente faz alguma coisa diferente, enfim. Ou não também, mas... sempre tem o vinhozinho. Aí é... é muito mais aquele momento de parar para nós dois, mesmo que assistindo televisão. Aí tem nossa série que a gente gosta de ver junto, né, do NETFLIX, né, que a gente tá assistindo juntos*”.

A rotina do marido, segundo ele, “*é... um dia típico é eu acordar, se eu tiver tempo eu malho antes na academia, se não eu vou pra universidade. É, a maioria das minhas aulas são de manhã. Eu tenho só uma aula a noite na sexta-feira, mas até oito e pouco. Então, geralmente, eu vou pra*

faculdade de manhã, sempre tem aula de manhã, vou pra casa da minha mãe, almoço, vou pro trabalho, depois volto pra casa, se eu não tiver ido pra academia, eu vou malhar e volto pra casa. Ai estudo um pouco aqui à noite. Depois, quando ela chega... assiste TV, às vezes eu como antes, assisto TV tal e durmo”.

Fábio possui horário fixo de trabalho no período da tarde no órgão público em que trabalha. Ele iniciou no período da manhã uma segunda graduação na área da saúde. O casal mostra ter uma rotina harmônica entre eles, em que ambos realizam atividades nos mesmos períodos do dia. Enquanto um corre, o outro malha na academia, seguem para estudar, trabalhar e se encontram em casa à noite. A esposa possui uma carga horária de trabalho maior que a do marido, entretanto, eles se organizam para “*chegar em casa mais ou menos junto... às vezes ele chega antes*”.

Sobre os finais de semana, o esposo pontua: “*A gente tá com as famílias... É... a gente sai pra jantar de vez em quando também só os dois. Às vezes domingo: 'Ah, tal, vamos num restaurante ali'. Sexta-feira, 'Ah, sexta-feira não deu certo com a minha mãe... vamos no...'. Acho que tem umas duas semanas a gente foi no... restaurante... Então a gente faz isso também*”. A esposa complementa: “*É. E tinha a academia que a gente tava indo junto malhar*”. O esposo conclui: “*Não deixa de fazer... Mas não tem uma rotina, tipo assim, 'todo sábado a gente tem que sair junto' e tal. É que a gente, tipo, não vê problema de ter nosso momento junto... junto com nossa família*”.

O casal não evidencia em sua fala aspectos da vida social. Andrea apenas afirma correr algumas vezes com uma amiga e, em alguns finais de semana, vão a eventos de amigos, “*tipo aniversário, casamento, tipo assim... mas é exceção*”. Na maior parte das vezes estão com as famílias de origem. Aos finais de semana, “*a regra é estar com eles*”, conforme aponta a esposa e Fábio continua “*é... estamos sempre juntos durante a semana, né? Então final de semana a gente quer tá com a família, né? Meu pai eu não vejo durante a semana. Ela não vê a família dela*”.

A esposa comenta que percebe o casal bastante companheiro. “*Eu acho que de companheirismo também. Essa questão da gente fazer mais coisas junto, né. Então é... porque*

agora, esse semestre também com a faculdade, enfim, tá mais complicado, mas a gente tava, todo sábado, a gente tava indo pra academia junto. Então tava tendo mais atividades assim”. O esposo concorda: “A gente se vê de manhã e a noite... sempre. A gente se vê todo dia, né. A gente sempre conversa muito, assim... E na quinta a gente para aqui pra tomar um vinho junto...”.

Quando perguntados sobre os desafios do casamento, a esposa pontua: “Acho que a louça e a pilha de roupa... e a porta do armário. São as 3 coisas que a gente tem...”. O marido interrompe e explica: “Não... é... a porta do armário eu fecho mais, assim... eu fecho, hoje... eu fecho mais, ainda esqueço, mas toda vez que eu vejo, eu lembro e fecho, entendeu”. A esposa parece concordar: “Sim”. Fábio, então, continua: “É... aí a... a pilha de roupa também tem diminuído, né. É. É... que tinha esse problema, entendeu. Mas aí desde que eu morei sozinho, eu comecei a ter o costume de toda vez que você tira uma roupa ou você bota pra lavar ou se você for, né, se for uma calça, alguma coisa que você for usar depois de novo, sei lá, você guarda. Então pra mim tem esses dois caminhos, né”.

Fábio conta ainda que, nesse quesito, reclamava da esposa: “O problema é que dura uma semana, uma semana e meia o sapato, a roupa, ali...”. Ela contesta: “Não, uma semana e meia jamais. Chega no domingo... Não, chega no domingo é certeza. Domingo é o dia de guardar a roupa, hehe. Não, mas aí, enfim... Aí já foi diminuindo bastante.”. O marido prossegue: “'Jamais' foi depois que eu comecei a reclamar, né. É não, mas hoje, a gente, o que a gente, que eu vejo, que eu ainda quero melhorar é justamente que não é só dela, é de mim também”.

O marido associa sua experiência de ter morado sozinho com um melhor manejo dessas questões e finaliza seu relato sobre o desafio da organização da casa fazendo uma comparação com a casa de seus pais. “É... justamente a organização, sabe... Eu quero ter uma casa organizada igual eu tinha antes. Com a minha mãe entendeu? Mas não com a pessoa guardando, como era lá, mas assim... às vezes a gente chega, a gente chega no outro quarto que a gente tem, se a gente não tomar cuidado, as coisas começam acumular, demora pra guardar a roupa que passou, que a... a

moça que vem aqui uma vez por semana deixa lá e demora pra gente guardar. Então esse tipo de coisa que eu queria organizar. Por exemplo, a pia às vezes ela fica muito suja, às vezes lava a louça mas tem preguiça de lavar o resto e tal. É uma coisa que eu queria, quero organizar mais...”.

Sobre a louça, a esposa revela: *“Eu quero, eu tô na campanha da máquina de lavar louça. Só que aqui não cabe. Então a gente... Aqui não dá, é... Só no dia que a gente mudar”.* Tendo em vista que o apartamento em que moram não possui espaço para a máquina, o marido concorda: *“É... que aqui não vai dar...”* e clarifica sua percepção sobre a dificuldade da esposa com a louça: *“Porque lavar ela não gosta muito, porque na casa dela... o pai que lavava. Também sempre teve empregada...”.* Ao que a esposa pontua: *“É verdade... e porque a louça é muito, né? Tipo assim... qualquer coisa tem louça”.*

Sobre a divisão das tarefas domésticas, Andrea explica: *“A gente não dividiu, tipo, 'Você é responsável por lavar roupa. Você é responsável por lavar louça'. A gente sabe que a gente tem que fazer e a gente faz... quando tá afim, hehe”.* O esposo também apresenta a sua visão para diferentes aspectos das tarefas da casa: *“Não... de manhã é... quem acorda antes às vezes faz café, né. Cada um faz o seu café da manhã, se acorda junto, quem tiver, às vezes começou a fazer, faz o café do outro. Então isso não tem muito uma divisão, é mais uma oportunidade”;* *“A questão de ir pro mercado, assim... Até que é bem dividido e espontâneo assim. É... hoje eu que vou no mercado pra ela poder estudar. Hoje eu tento algumas coisas e eu consigo fazer mais pra ela poder... ter mais tempo para estudar.”;* *“Aí a louça é mais assim... é... eu que lavo mais”;* *“É... as roupas... as de casa ela põe mais. Aí eu me preocupo mais com a de academia que eu sujo mais... aí... quando põe aí já emendo e boto as que dá pra lavar dela. Mas a máquina de lavar roupa já ela assume mais”.*

Para a esposa: *“A louça a gente tenta revezar. Aí lavar a roupa, eu coloco mais a roupa pra lavar. Mas ele também põe... tipo assim, lavar a roupa de cama, botar, a ajudante vem uma vez por semana. É... uma diarista, é. Aí por exemplo, se ela vem na terça, na segunda à noite eu ponho a roupa de cama pra lavar, pra quando ela chegar tá limpa pra passar e dobrar e guardar. Aí já a*

toalha de banho eu geralmente coloco durante o dia, porque eu gosto de secar na máquina mesmo, aí quando eu chego já dobro e guardo. Aí tem a louça e estender a roupa, que a gente também só estende e aí vai acumulando outra pilha, pra quando ela vem, que ela passa". Apesar dos desafios relatados, o casal mostra enfrentar de modo tranquilo essas questões, "a gente tá lidando bem"; "a gente é bem tranquilo". Fábio diz se adaptar à questão levantada pela esposa de não sujar mais tantos copos por dia: "Mas aqui, eu tenho minha garrafa".

Os cônjuges refletem sobre a relação entre a moradia na casa dos pais até a idade adulta e a vivência dos desafios domésticos. Para o esposo: *"É o lado negativo também que influencia. É... é porque como a pessoa nunca morou sozinha, às vezes não sabe realmente o que são as tarefas de casa... Não sabe o que é, no seu dia-a-dia você ter que mesclar como lavar uma louça, com ter que passar no mercado, ter que pagar uma conta, ter que passar pra pegar a caixa de correios, esse tipo de coisa, né. Isso que, que influencia". Fábio apresenta aspectos negativos, como, por exemplo, a falta de manejo doméstico, e também "às vezes da comodidade, você não ter o costume de dividir as tarefas ou de... de conviver com uma pessoa de dividir as responsabilidades".*

Os aspectos positivos relacionados pelo esposo foram: *"Mas ao mesmo tempo também, a gente... digamos, que vem, virgem de manias. Tipo... se uma pessoa já mora sozinha ela vai ter suas próprias manias naquela... 'Essa é minha casa! Eu sempre fiz assim!' O lado ruim é que você não aprendeu muita coisa na parte de morar longe dos pais. E o lado bom também é que você vai aprender junto, né? Então as... você vai aprender a dividir tudo junto, não vai ter aquela reclamação de... sei lá... Mas eu acho que tem esse lado positivo e negativo, né. De você nunca ter realmente aprendido a morar sozinho e ter essas responsabilidades e o lado bom de você poder construir as manias juntos, digamos assim".*

A esposa concorda com o marido: *"É... concordo. É esse negócio de mania que a maioria das pessoas que eu conheço que moram sozinhas, geralmente tem uma adaptação mais difícil quando agregam, digamos assim, um companheiro, né? Então, eu vejo como vantagem também. O*

lado positivo de você sair direto pro casamento. Por exemplo, tudo aqui a gente escolheu junto. É... então não tem também essa questão de: 'Ah, isso é meu', tipo, tudo é meio que nosso, então... a gente escolheu junto e... os dois, assim, os dois gostaram, né. E aí... é bom. Pra dar mais personalidade pro casal do que de um ou de outro, né”.

Sobre a relação entre a moradia na casa dos pais com as tarefas domésticas da vida de casada, a esposa ainda relata: *“É... eu, assim... eu sempre ajudei minha mãe em casa, então, por exemplo, ah, vai fazer o almoço de domingo lá, eu vou pra cozinha com ela e meu irmão ia pro jardim com meu pai, por exemplo, sabe, arrumar coisas externas, cortar grama, ou relacionado ao carro, enfim. E eu e a minha mãe na parte de dentro de casa. Então, por exemplo, na cozinha eu não, a gente não lavava a louça, porque eu e minha mãe cozinhávamos e meu pai lavava a louça, meu pai sempre gostou de lavar louça... enfim”.* Andrea conta que o fato de todos ajudarem *“um pouquinho, não muito”* na casa dos pais, fazia com que não precisassem de ter ajudante doméstica com frequência, *“por isso a gente só tinha... sempre teve né, ou então, nunca teve empregada todos os dias. Lá em casa sempre foi duas ou três vezes na semana”.*

Sobre a percepção que tem de si mesma na gestão da casa, a esposa comenta: *“Eu tenho uma amiga que não sabe fritar um ovo. Eu sei fazer coisas básicas, não sou uma confeitadeira mas, a gente não passa fome, enfim. Aí por exemplo eu aprendi a... a usar a máquina de lavar roupa, apesar de eu nunca ter colocado roupa pra lavar na máquina da minha mãe, aprendi aqui”.* O marido conta, sobre o aprendizado da esposa com a máquina de lavar roupa, a situação de *“ela já ter pintado umas roupas aí”.* A esposa clarifica: *“Oi? Uma vez! Pinteí uma vez. É... botei uma, um vestido vermelho dentro da máquina e não sabia que ele soltava tinta... aí ficou rosa, hehe”.*

Outro tópico destacado pelo casal sobre a vida a dois e seus desafios, diz respeito à questão das finanças do casal. Fábio e Andrea expõem que a vida financeira do casal é administrada pelo marido. *“Conta é ele. É... isso, ele que controla. Ele que controla do casal. Eu sempre fui mais desligada com essas coisas”.* O esposo complementa: *“É... sou eu. Na verdade não sou eu, tipo*

assim, eu que pago financeiramente só. Eu controlo o dinheiro de casa. Tudo é". O casal possui uma conta bancária conjunta e é o marido quem controla e quem faz os pagamentos. "*A gente juntou tudo, é... não tem muita separação...*", ele comenta.

Segundo a esposa, ela "*sempre quis ter uma conta conjunta porque meus pais tem conta conjunta e na casa dos pais dele também é conjunta*". Para o marido, "*mas é que ela nunca foi muito de controlar muito assim o dela. Ela nunca foi... Ela sempre foi de gastar menos que eu, mas nunca foi de saber o que eu estava gastando. Se eu gastei ou não*". Sobre a forma como costumava controlar suas despesas, ela expressa: "*O meu controle é...Eu gastava, gastava, gastava, aí se eu achasse que eu tinha gastado muito naquele mês eu entrava pra ver o extrato. Ou eu confirmava que de fato eu gastei muito, ou eu via que eu não tinha gastado tanto assim. E aí eu reagia...*".

Andrea apresenta outro exemplo: "*Não era aquele negócio assim... 'Ah, eu gasto 220 reais por mês com alimentação na rua, 300 com roupa e, sei lá, 500 com gasolina e coisas', não. Eu nunca soube quanto que eu gasto de gasolina, eu sei que eu abasteço uma vez por semana. Mas daí pra saber quanto que eu gasto por mês de gasolina, já são outros quinhentos, entendeu? Era tipo assim: 'Ah, rodei demais, tô abastecendo antes do que o previsto' tipo assim, abasteço na sexta, mas de repente abasteci na quarta, aí eu 'Ai, essa semana eu rodei muito. Tenho que dar uma segurada'. Sempre foi assim. E não de valor de fato*".

Ambos os cônjuges percebem de modo positivo a forma como eles têm feito a gestão financeira no casamento. Segundo o marido: "*Não tem problema não. Mas isso porque ela não é muito de gastar muito, né. Porque tem casal que não bate bem por isso... que a mulher, 'Ah, quero gastar e não quero que ele saiba'. Tipo... de ela querer gastar com coisa cara e sabe que o cara vai encher o saco, sei lá. A gente não tem muito esse problema, então... com a gente é tranquilo*". "*É... zero problema*", a esposa conclui.

3.3.5.2. *A dupla carreira no casamento*

A rotina apresentada pelo casal mostra o dia a dia de ambos bastante voltado para o trabalho e os estudos. Fábio, apesar de ter alcançado o concurso que queria e obter rendimentos altos, acima de 20 salários mínimos, voltou para a universidade para realizar uma segunda graduação. Além disso, ele possui um projeto de empreender uma plataforma *online* junto com sócios. Segundo ele: “*Hoje minha maior energia está investida na faculdade. Mas, na verdade, é o seguinte, é porque eu entrei, então agora eu vou fazer, né. Vou fazer direito. Então eu me dedico bastante, mais do que a primeira eu acho*”. Para a esposa: “*É... eu tô estudando pra concurso agora. E aí então os dois estão estudando. E aí a gente prioriza os estudos*”.

O objetivo do esposo é, ao se formar, abrir um negócio que o permita trabalhar meio período, ou seja, “*nas horas vagas, pois hoje estou só sete horas, né*”. O projeto de carreira da esposa envolve estudar para concurso público. Ela diz focar em um concurso específico, considerado de alto nível, “*é um dos melhores... é muito bom, mas é muito muito difícil também*”. Em sua avaliação, “*já estou num ritmo bom de estudo*”.

O processo de transição de carreira da esposa é explicado por ela: “*Na verdade, eu, eu me orgulho muito da minha carreira, né. Em cinco anos ter dado um salto de dez vezes o meu salário, não é todo mundo que consegue. É... mas eu fui demitida quinze dias antes do casamento. E aí...eu fiquei meio...não traumatizada, mas assim, chateada com a situação*”.

Andrea conta que a partir da experiência da demissão e do incentivo do marido, começou a repensar a carreira. “*E aí eu resolvi que, de fato ia mudar... e ele sempre tentou me seduzir para a área do concurso público, e eu sempre fui mais voltada pra iniciativa privada, até porque eu cresci muito rápido, então eu gostava da minha carreira, achava que eu tava indo bem, né. E aí sempre foi minha prioridade, até então era minha prioridade. Aí com essa questão de ser demitida... eu vi que não depende da gente, né? E olha que fui demitida num dia e quinze dias depois já tava empregada novamente. E aí com esse negócio do casamento e tudo mais eu falei assim 'se eu quiser*

ter filho', de fato, às vezes o concurso vai ser melhor. Não que seja melhor, mas assim... mais tranquilo, né. Aí ele super me apoiou e aí eu comecei a estudar ano passado. Aí... aí no que eu comecei a estudar, acabou realmente virando minha prioridade”.

Sobre a carreira da esposa, Fábio comenta: *“Eu sempre achei que ela ia ganhar mais que eu...porque acho que na iniciativa privada ela ia “deslanchar”, porque ah... ela vai muito bem nessa parte, tipo, ela sempre teve muitos elogios e tal. Então eu sempre achei que ela, muito dedicada, lógico, sempre estudou e tal. Mas estudando voltado pro trabalho, pra carreira”.* A carreira do marido, por sua vez, é visto por Andrea com admiração: *“Ah, eu morro de orgulhos. Tenho... e me inspira, né... O povo, o pessoal no meu trabalho fala assim: 'Nossa, mas você casou com o Super Homem!' e eu: 'Casei mesmo!', hehe”.*

O marido, apesar de reconhecer o sucesso da carreira da esposa no setor privado, mostra sua preferência pela carreira pública. *“Mas eu sempre tive orgulho. Mas eu fiquei muito feliz dela decidir estudar pra concurso porque eu acho que vai ser muito bom pra ela. E eu tenho muito orgulho dela tá estudando e tá conseguindo estudar, porque eu achei que ela nunca fosse querer estudar pra concurso. E eu sempre... é porque assim, o lado da mulher eu sempre, eu sempre achei que o concurso é melhor pra mulher do que pro homem. Porque eu acho que a iniciativa privada, querendo ou não, existe ainda, não é nem um preconceito, é a questão logicamente de que o empresário precisa do dinheiro. E a partir do momento que ele vê que uma mulher pode engravidar e ficar seis meses longe, quatro meses longe, isso pode interferir no crescimento dela, um pouco, na carreira, né?”.*

Em seguida, o marido continua analisando o contexto da carreira da esposa e expressa sua opinião: *“Ao mesmo tempo que eu acho é... lógico que é um pouco de machismo às vezes. Ao mesmo tempo, você tem que pensar que ele tem um setor pra tocar e que não pode ficar quatro meses sem uma pessoa. Então ele prefere colocar um cara que nunca vai sair dali. E eu acho no serviço público a mulher tem mais liberdade quanto a isso. Ela pode sair sem ter risco de... de*

emprego. Eu acho isso muito melhor pra mulher. Então eu sempre falei isso pra ela, eu falei 'pensa nisso, porque se você quiser, no serviço público, você vai tirar seis meses, você vai poder depois tirar duas férias seguidas e ficar oito meses com seu filho, sem se preocupar. Você não vai ter esse problema', entendeu? Pensando no filho isso é bom. Até pro homem é... homem também tem a vantagem que... hoje, lá a licença paternidade são 30 dias. Também é bom. É... acho que é exagerado também, mas enfim”.

Fábio explicita ainda outros benefícios da carreira pública para a esposa: *“A partir do momento que ela passar no concurso, ela vai ter sempre as férias garantidas. A partir do momento que ela tá na iniciativa privada, às vezes ela tem direto às férias, é demitida e tem, ou é demitida ou pede demissão, surge uma oportunidade e ela tem que ir pra um outro emprego, e ela perde as férias. Isso é uma coisa que incomoda a gente... tipo a gente poder viajar e tal. E a maternidade também. A gente pensa. Você tem mais liberdade. Às vezes o concurso te exige menos. Pode simplesmente falar: 'Não, agora eu tenho um filho. Eu não posso mais ficar mais tempo'. É... isso é entendido mais fácil do que na iniciativa privada”.*

A esposa mostra concordar com o marido: *“É... então... Eu acho que o... o peso maior é o fato de, por exemplo, pensar nas férias de novo, ahhh.... não quero ficar mais um ano sem férias, hehe. Porque agora, por exemplo, já tem bastante, já tem as férias, né, acumula, enfim, e eu, se mudar de emprego de novo, vai ser mais um ano sem, sem poder viajar. E aí isso pesa bastante pra mim. Mas ao mesmo tempo eu tenho plena consciência de que quanto antes o resultado chegar, vai ser melhor, né”.*

Fábio e Andrea discorrem ainda sobre como conciliam a dupla carreira com as demais áreas da vida. Para o esposo, *“a minha parte de conciliação de trabalho com casa é 'se não tô no trabalho, eu tô aqui, eu cuido da parte de casa ou da família', né, que no caso somos nós dois. Mas hoje o que eu tento conciliar, o que eu tento fazer aqui, às vezes, é assumir mais algumas coisas,*

tipo de, às vezes, até tento lavar mais a louça, né, ou fazer mais alguma coisa a mais pra ela poder estudar, porque hoje ela tá num momento de estudar que exige um pouco mais, né”.

De acordo com a esposa: *“Eu não vejo tanto como um desafio. Eu acho que flui. É... a minha prioridade é o estudo. Mas, querendo ou não, tem esse fator de querer cuidar de casa. Casa que eu digo aí é... ele basicamente, o casamento. As tarefas domésticas eu consegui conciliar melhor essa questão do desapego. É... e aí tem a questão dele né, eu sempre tento ter um momento com ele à noite”.*

Fábio continua sua reflexão à respeito da interação vida-trabalho: *“Eu acho que o desafio é entrar na rotina, né. Depois que aquilo vira rotina e vira costume, fica mais fácil. Então no início é difícil de você lavar a louça, depois você acostuma a lavar a louça. Eu trabalho e estudo bastante até. Mas é porque casa aqui não demanda tanto, né. A nossa rotina aqui diariamente é lavar uma loucinha, fazer o café, fazer a janta, que é uma coisa simples que a gente geralmente faz. Então é botar uma roupa pra lavar, estender”.* Para o marido, *“o que é mais difícil, é conciliar às vezes com a academia”.* Conforme ele pontua, *“É que eu gosto de malhar praticamente todo dia. Então, às vezes, a minha dificuldade mais é essa. E eu tento fazer assim, eu tenho um horário livre, uma aula acabou antes, eu vou malhar. Não deu tempo, eu tento ir à noite. Volto, tento estudar. Basicamente é isso”.*

Andrea avalia positivamente a forma como eles lidam com as diferentes esferas da vida. *“Eu acho, por exemplo, o fato de eu ter estudado depois que a gente casou, acho que é uma realidade única e exclusivamente nossa. Porque eu não vejo nenhum outro casal conseguindo conciliar tão bem quanto a gente... e não é um peso, né. Tipo, a gente consegue lidar super bem. E ele me apoia muito”.*

3.3.5.3. Distância e proximidade das famílias de origem

Fábio e Andrea, após se casarem, permaneceram mais próximos da família de origem do marido. O marido almoça todos os dias na casa da mãe. *“Eu almoço todo dia com a minha mãe... vou pra casa da minha mãe, almoço, vou pro trabalho”*, ele conta. *“Tanto que todo final de semana a gente sempre vai na casa dos meus pais, geralmente na sexta à noite. Às vezes almoço no sábado também. A gente vai na casa da avó dela no domingo, todo domingo. O que geralmente é mais fixo é isso. A gente tá sempre junto com a família basicamente. E no domingo a gente vai na casa dos avós dela porque a avó dela sempre recebeu a família no domingo”*. Andrea explica: *“É... vão meus pais, meus tios, todo mundo”*.

Segundo a esposa, o contato maior é com a família de Fábio. *“É... é... eu acho assim, hoje de uma forma geral, a gente vê mais a família dele do que a minha. Eu acho que até pela própria realidade da família. Não só pela proximidade em termos... físicos, mas porque, por exemplo, minha mãe também trabalha... ela tá, né, nessa vida louca como diretora. Então ela também tá cansada. Eu, às vezes eu ligo falando assim ‘Ah, quero ir para aí’ mas eu sinto aquele cansaço dela sabe... do tipo ‘Ah, quero dormir’”. Então.. e por agora né, por ser mais longe, pela rotina dos meus pais, os dois trabalhando, enfim, eu sinto também que a rotina deles é muito mais puxada. Então a gente acaba se vendo menos até pelo próprio, pelo próprio estilo de vida da família mesmo”*.

O local de moradia de Andrea e Fábio é mais próximo da casa dos pais dele. Para a esposa, entretanto, é o ritmo de vida da família dela ser mais intenso que influencia o menor contato com eles e o maior com os pais do esposo. Para o marido, a proximidade física entre as casas também contribui. Ele expressa: *“Sexta-feira a gente vai pra lá porque, enfim, lá em casa sempre teve essa tradição de, sempre teve não, né, depois que a gente começou a tomar vinho, meu pai sempre gosta de sexta à noite a gente abre um vinho, toma um vinho, faz uma comida e tal... Então a gente sempre vai. E aí sábado, às vezes, pela proximidade a gente geralmente vai pra casa dos meus pais almoçar também, é... mas é coisa rápida. É pela proximidade mesmo”*.

Andrea também relata que um dos fatores que contribui para a maior proximidade com a família de origem do marido é a questão da comida. *“Na minha casa também nunca foi de ter comida que nem na casa dele. Por exemplo, que é... literalmente, você chega e sempre tem alguma panela no fogão. A mãe dele é dona de casa. Sempre tá mais movimentado. Na minha família não. Lá em casa não”*. O marido concorda: *“Então lá em casa, na minha casa, sempre tem comida. Tipo assim, é... sábado na hora do almoço, o caseiro tá lá, aí... vai ter comida pro caseiro, vai ter comida pro meu pai, meu irmão. Então sempre tem. lá em casa sempre tem a panela no fogão, entendeu? Na casa dela é ao contrário... então não tem muito o porque a gente ir pra lá, entendeu?”*.

Nesse contexto, a esposa observa que a proximidade com os pais do marido, *“é por conveniência”*. Segundo Fábio: *“A gente virou um grande 'Fila bóia' na verdade, hehe. A gente come lá, pra não ter que fazer comida aqui também. Geralmente é isso”*.

Quando questionados sobre possíveis interferências de ambos os pais na vida do casal, Fábio e Andrea afirmam que não percebem. *“Não”*; *“Não vejo não”*. Em relação à independência que possuem da casa dos pais de, por exemplo, diminuírem a ida à casa deles, a esposa pontua: *“Total! Total independência. Não acontece não, mas... hehe”*. O marido, por sua vez, expõe: *“Tamo diminuindo, mas... eles reclamam. Eles acham ruim. É que minha mãe eu vejo todo dia, né. Se não, reclama também. Se a gente não for na casa da avó dela, a avó dela... acha ruim... Se eu não for, minha mãe reclama: 'Ah, você não vai vir aqui não, num sei que?'. Meu pai, quando eu não vou assim... fica um tempo, ele liga, né 'Ah, to com saudade e tal', 'Tamo sentindo sua falta’”*.

Fábio diz perceber essa situação como *“afeto”*. *“Não é aquilo tipo assim “se não vier...” né, reclamando... é tipo, eu vejo como afeto, é... é tranquilo assim. Mas, eu vejo mais como uma reclamação afetiva do que de uma cobrança de 'Ah, você tem que tá aqui sempre”*, ele expõe. A fala do esposo indica que ele não se incomoda com a proximidade com os pais. Pelo contrário, o esposo parece compreender a necessidade de contato frequente dos pais e justifica da seguinte

forma: *“Mas é... é porque a vida da minha mãe é mais a gente, né... Meu pai tem os filhos e o trabalho. Minha mãe é a gente. É a família sempre, né? Então ela sente mais. Por isso é um dos motivos que eu faço questão de tá sempre lá, né, que é muito importante pra ela também”*.

Andrea apresenta sua visão sobre a relação do marido com os pais dele: *“É eu sinto mais também da parte da mãe dele, por exemplo, do que da minha família. Minha família sempre foi mais 'Vai!' tipo... 'Vai pro mundo!' entendeu? Deles lá não. Quando né, quando ele foi pro outro estado foi aquele sofrimento. Quando a irmã dele foi morar fora do país foi aquele sofrimento... porque vai ficar longe... é... já minha mãe não”*. O esposo explica a fala da esposa: *“Ah sofrimento assim... saudade né, claro... eu acho que ela vai sentir falta”*.

A esposa expõe a priorização feita às programações com as famílias de origem em detrimento, inclusive, de se estar em casal: *“Mas assim... é raro a gente priorizar ficar os dois em casa em detrimento de ir pra lá [casa dos pais dele] ou ir pra casa dos meus pais”*. Para o esposo, *“a gente sempre tá e tal, tá sempre combinando algo...”*.

3.3.5.4. Satisfação no casamento

Fábio e Andrea avaliaram o casamento de forma bastante positiva. Ela atribuiu nota dez, *“ah, eu dou dez”*, e ele, *“dez, é... tá caminhando pro dez”*. Segundo o esposo, ele está *“bastante satisfeito, a gente também assim... de uma forma geral, acho que a gente é bem tranquilo”*. Para a esposa, *“é... que que eu posso falar... a gente é muito feliz porque o nosso problema, de fato, é uma pilha de roupas e a porta do armário aberta, hehe. Então... não tem muito problema. De verdade, eu... juro pra você! Eu não sei como que foi a entrevista com os outros casais mas... os nossos três problemas é a porta, a pilha de roupa e a louça. A gente não tem problema nenhum, lindo!”*.

A satisfação do casal com o casamento é explicada por eles por meio da forma com que lidam com possíveis conflitos. À este respeito, Andrea conta: *“Aliás, nenhum dos dois é muito de dar voltas assim... de 'Ai, tá me incomodando, mas eu não falo’, mas... é. Eu acho que a gente é*

bem transparente nesse aspecto, né. Tipo, quando ele chega em casa com cara fechada eu sei que alguma coisa aconteceu. Pode ter sido no trabalho ou pode ter sido comigo de manhã. Eu já falo ó 'O que que aconteceu? Você tá diferente', aí se ele fala: 'não, não é nada', aí também não insisto, sabe. E é a mesma coisa dele comigo, né?'. O marido complementa: *“Eu não preciso perguntar não, ela sai falando”* e reforça a ênfase do casal no diálogo. Andrea pontua: *“É verdade... Eu, a gente, converso demais”*.

O exemplo da pilha de roupa e da porta do armário é retomado pela esposa quando ela exemplifica sobre o que poderia gerar insatisfação no casamento. *“Se ele larga de novo a porta do armário aberta, se eu largo a pilha de roupa de novo... 'Ah, tá bom, vou arrumar. Ah, tá bom, vou fechar'. Mas fala mesmo. É... então... acho que a gente fala mesmo”*.

O marido apresenta outra situação em que um comportamento seu incomodava a esposa: *“Não, por exemplo, da outra vez ela falou 'Ah', que eu bebo muita água com gás às vezes, e às vezes eu deixo umas garrafas.. fala 'Ah, você tá deixando muitas garrafinhas aqui', aí eu comecei a prestar atenção pra sempre jogar fora, pra não incomodar mais. Não é uma coisa muito problemática. E a roupa é isso.. só porque a gente sabe que incomoda... mas a gente não briga muito por causa disso não. Sei lá, se brigou foi tipo, duas vezes”*.

Os cônjuges relacionam a moradia prolongada na casa dos pais com a satisfação no casamento. Para Fábio, a maturidade desenvolvida antes de casar, *“é o lado positivo, né, de ter saído de casa mais tarde e casar”*. Para a esposa, ter sido filha canguru, permitiu, conforme ela expõe: *“refletir bem sobre a sua própria personalidade, sobre os problemas que você passou em casa, para saber se você vai conseguir se separar deles. Tipo, se... se às vezes, o problema não é com você, né? Porque aí vai continuar, não importa o teto, o problema vai tá junto”*.

A boa qualidade conjugal desfrutada no casamento relaciona-se, segundo Andrea, com *“muito companheirismo. Isso é fruto do diálogo ao mesmo tempo, muita conversa... e... objetivos comuns. Acho que pelo menos uns 2 ou 3 tem que ter”*. Ela apresenta a sua visão sobre conflitos:

“Esse negócio... é... tem que dormir se falando, digamos assim, né. Esse negócio de só reclamar quando a última gota do copo d’água fez transbordar, eu acho que prejudica, tem que falar do problema no início mesmo, que ainda tá contornável”.

3.3.6. Planos para o futuro

3.3.6.1. Planos para o casamento

Quando perguntados sobre os planos do casal para o casamento, o marido inicia o relato: *“Ir pro apartamento de três quartos. Não sei se eu quero comprar ainda. Ir para um apartamento maior é um objetivo”*. A esposa discorre sobre a questão do aluguel do apartamento atual e conta que *“isso até foi uma quebra de paradigma, minha mãe ficou ‘Ow! Como assim vocês não vão comprar apartamento?’, porque daí começou a fazer vaquinha, junta dos meus pais, junta dos pais dele, do nosso dinheiro... Mas a gente falou assim ‘não mãe, os tempos são outros,’ hehe. Seria bom, mas não vai rolar. Então a gente optou por alugar e juntar dinheiro. E aí a gente tá vendo que... tá dando certo, né. Tipo assim... investindo, vale mais a pena”*. O casal, no momento da entrevista, morava em um apartamento alugado de dois quartos em um bairro nobre da cidade de Brasília. O fato de alugarem e não comprarem era, segundo eles, uma estratégia financeira para deixar o dinheiro do casal investido e obter maiores rendimentos.

O esposo ainda completa seu pensamento sobre o assunto do apartamento: *“É... e depois, logicamente, eu penso em morar numa casa, ou em um apartamento. Aí eu penso em comprar talvez... mas eu penso em comprar de forma mais definitiva, entendeu? Eu quero comprar só uma vez”*. Para a esposa, não parece bom ter filhos/as no apartamento de dois quartos. À este respeito, ela afirma: *“É que, por exemplo, ter filho aqui, eu acho que fica complicado também. Porque a gente ocupa os dois armários, né, amor? A gente tem muita coisa, hehe. É... pra gente hoje é o suficiente. Mas, eventualmente, vai ter que crescer, né?”*. O marido responde à fala dela: *“É... isso é normal, né? Você ter... né, eu acho... a sala pequena e tal... mas pra gente hoje tá ok”*.

Em seguida, Fábio pontua que mudar para um apartamento não seria exatamente um plano para o casamento, e reflete sobre o que, na visão dele, seria. *“Mas é assim, é... é porque eu não vejo como um objetivo assim do casal. A gente quer ir sim pra um apartamento maior e tal. Mas é um... é assim, mas assim, de casal mesmo acho que é mais essa questão assim de curtir um pouco mais a vida de casado hoje. Viajar um pouco mais...”*. A esposa interrompe-o e diz: *“é... viajar... viajar sempre vai ser uma prioridade”*.

O marido continua sua fala: *“...e depois poder ter o... ter filho, né? Logicamente, futuramente ter filho, daqui uns três anos, não sei, talvez. Mas eu acho que isso tá um pouco vinculado a ela passar no concurso. Assim, não que seja assim 'você vai ter filho SE passar no concurso' mas... depois que tiver filho vai dificultar muito”*.

Andrea conta que, antes de casar, *“pensava em engravidar com uns trinta anos, mas agora que eu resolvi encarar os estudos de fato...”*, o marido completa a fala da esposa: *“Tão muito perto. Os trinta anos tão muito perto. Então seria melhor ela continuar se dedicando agora pra passar. Ai depois a gente pensa em ter filho e tal e eu formando talvez, aí eu vou ver, se eu arrumar alguma coisa. Depois eu não sei se a gente vai ter outro filho, aí vai depender”*. A esposa mostra concordar: *“Tão muito perto! A gente se sente com dezoito! hehe. E também eu acho que daqui uns dois, três anos é... é um bom período pra gente começar. E aí também já num apartamento maior que caiba uma máquina de lavar louça, hehe”*.

Fábio diz pensar em ter apenas um filho e a esposa dois. *“Eu penso em um, ela quer dois”*; *“É... filhos eu penso em ter dois”*, Fábio e Andrea dizem respectivamente. Quando perguntados sobre como imaginam que a presença de filhos/as poderia influenciar o casamento, ela fala que *“filho é uma reviravolta, por tudo que todo mundo fala”*, mas ela acha *“que é uma mudança boa”*.

A reviravolta a que a esposa se refere diz respeito, segundo ela coloca: *“Ah, acho, dessa questão... da rotina não ser mais só sua... de fato você tem que abdicar de várias coisas, porque a demanda, principalmente nos primeiros... acho que nos primeiros cinco anos, que exige mais, né.*

Então, o fato de mudar sua rotina, esse negócio de levar filho pra escola, buscar, se ficar doente... questão de conciliar com o trabalho... Então, de você de fato dar a atenção e a prioridade que a... personalidade do... do seu filho vai exigir, né? Que a gente sempre sonha com um filho perfeito e maravilhoso, mas no fundo, né, você não sabe como vai ser. E dormir pouco... isso me apavora, hehe”.

O marido, por sua vez, apresenta sua visão: *“É... eu acho... eu acho que... é uma mudança de prioridade, né. Acho que a gente deve... a prioridade deixa de ser a gente e passa a ser os filhos. E... aí depois vem em etapas, né. Dormir pouco. Não dormir mais. E... depois vêm as outras prioridades, né. Escola, se o menino tá indo bem, questão de estudos, e aí as coisas vão... Afeta também um pouco a vida do casal, eu acho, assim de... isso é mais individualmente, mas... afeta um pouco dos dois, né... de ter que dividir e acho que depois acaba que alguns papéis são assumidos automaticamente, né... de quem vai ser o pai bravo, quem vai ser o... o pai legal. É... o pai, a mãe, né, enfim”.*

Fábio ainda expõe sua percepção sobre como a presença de filhos/as poderia impactar a carreira: *“Carreira eu acho que pode afetar justamente por isso... que alguns do motivos de eu pensar em talvez não trabalhar, ter dois empregos, é por isso. Porque hoje eu vejo que posso tá sempre com o meu filho... e eu acho que é legal essa... essa proximidade. Que às vezes a gente acha que é... a gente quer dar tudo de bom e do melhor pro filho e às vezes o filho só quer que a gente esteja com ele, né. Às vezes isso é... e eu tive muito isso, né. Minha mãe sempre esteve em casa com a gente, né. Isso eu acho que foi importante”.*

3.3.6.2. Planos para a carreira

Os planos de carreira do esposo envolvem “*crescer lá dentro*” do órgão público em que trabalha, segundo conta. Em relação ao curso que está fazendo na faculdade, ele tem o plano de, após terminá-lo, “*atender fora do horário de trabalho*”. De acordo com ele, “*como eu trabalho do*

meio dia às sete, né, eu tenho essa possibilidade de atender de manhã, ou fazer uma coisa de manhã e atender no fim do dia, né, já que eu tenho a possibilidade de acordar mais tarde. E eu penso em conciliar os dois. É uma possibilidade. Mas primeiro a gente vê... formar né... primeiro tem que formar”.

Sobre o esposo, Andrea comenta ainda de um terceiro projeto profissional dele: *“Então e... ao mesmo tempo, ele e um amigo começaram uma plataforma também. Então já é também uma outra iniciativa de carreira”.* O marido complementa a fala da esposa: *“É... já tá no ar, hehe. Então... eu vislumbro isso também. Eu sou meio inquieto assim. Mas... assim, na parte financeira eu, eu to bem satisfeito. É claro que a gente quer ganhar, tipo assim... sempre mais”.*

Sobre os planos de carreira da esposa, segundo ela diz, *“a ideia é passar em um bom concurso. E aí, falando de profissional também, eu já tinha começado e parei, mas eu quero retomar, é o curso de formação em desenvolvimento pessoal. Eu quero retomar, pra me formar, pra dar os cursos também. Então... pensando em progressão de carreira e financeiro também, eu penso em ter dois empregos, digamos assim, né”.* A esposa contou que, em seu primeiro emprego, iniciou cursos na área de desenvolvimento humano e autoconhecimento e *“me identifiquei muito com essa área, meio psicologia e devo muito do meu crescimento na carreira a isso”.*

Andrea continua contando sobre seus planos de estudo: *“Eu pretendo fazer mestrado e doutorado futuramente também mas... não hoje, eu não penso mais hoje tanto com finalidade de carreira, mas mais por... por realização mesmo, sabe? Enfim... meu pai tem doutorado, minha mãe tem especializações, então eu, eu nunca pensei em parar de estudar. E... eu vejo isso, eu trago isso dos meus pais. Os dois... meus pais sempre falaram assim: 'se você tá em dúvida no que gastar dinheiro, gasta num livro'. Tipo assim, gasta num curso de línguas. Porque conhecimento ninguém tira de você. O resto você pode perder a qualquer hora. Então lá em casa sempre foi prioridade estudos de uma forma geral”.*

CASAMENTO - DO MODELO DOS PAIS AO MODELO DOS/AS FILHOS/AS

3.3.7. Fazer igual, fazer diferente: A construção de um modelo conjugal - “Fazer tudo junto?”

Os pais de Andrea possuem, na percepção dela, “*um bom casamento*”. “*Eu nunca vi eles brigando*” ela pontua. Além disso, a esposa observa a existência do diálogo e do companheirismo no casamento dos pais: “*Bom, dos meus pais eu vejo essa questão do diálogo... do companheirismo. Meus pais fazem muita coisa junta. Eles estão sempre viajando, eles fazem pilates, eles fazem aula de tênis, tudo junto. Então... agora que minha mãe tá com uma rotina um pouco mais louca no trabalho que... tá desandando um pouco mas, por exemplo, atividade física ela tenta sempre manter com ele, é prioridade*”.

Andrea apresenta a mãe como um modelo para ela. “*Então... e ela sempre... é... eu me espelho muito na minha mãe, né? Ela sempre, sempre conseguiu, né, ela sempre conseguiu conciliar muito bem. Tipo, eu nunca senti falta de atenção da minha mãe, digamos assim... ao longo do meu crescimento. E aí eu me espelho muito nela pra quando eu tiver filhos também*”. O fato de sua mãe ter trabalhado ao longo da vida e ter conseguido, na percepção da filha, conciliar diferentes esferas da vida como trabalho-casamento-família, a torna uma referência a ser seguida por Andrea.

Fábio, sobre o casamento dos pais, observa o bom relacionamento entre o casal. Ele relata: “*Eu acho que meus pais, eles sempre se deram muito bem, nunca levaram muito problema deles pra gente assim. Sempre foram de viajar, mas... essa parte assim de... de fazer tudo junto, eles não são tão assim não. Depende. Meu pai gosta de jogar tênis, minha mãe não gosta. Mas de viagem... só viajam juntos, só saem pra jantar juntos... tem isso. 'Ah eu quero sair pra jantar', se um não for o outro não vai. Então eles estão sempre junto. Então a gente tenta trazer muito isso pra cá. Apesar de que eu acho que a gente não vai ser nunca igual*”.

O marido expõe o casamento dos pais como um referencial, entretanto, faz ponderações: “*Eu tento me espelhar sempre é... nesse sentido de... de apesar de meu pai não ajudar muito em*

casa, ele sempre trouxe tudo isso, sempre teve como prioridade minha mãe. Eu tento trazer isso pra cá, sabe?”. Sobre os pais de Andrea, Fábio comenta: “É... porque os pais dela, eles conseguem fazer, eles gostam de fazer... fazer junto”.

Em seguida, Fábio apresenta o modelo que gostaria de seguir em seu casamento. *“Já eu faço muito mais coisas do que a Andrea. Então não tem como. E eu gosto disso. Então é... é algo que gostaria de fazer diferente deles. Eu quero mesclar, entendeu? Eu gosto de ir com ela, às vezes... igual a gente fazer uma coisa, mas também não preciso dizer sempre separado, igual meus pais fazem. Mas essa parte de sempre querer fazer junto, de sempre estar fazendo as coisas juntos, eu quero levar. Um dos motivos de ela estar estudando é justamente esse, de a gente poder estar sempre viajando junto. Sempre fazendo as coisas juntos. Eu acho que eu me espelho mais nisso”.*

Andrea apresenta o exemplo da situação da academia a fim de ilustrar a forma como percebe o modelo de conjugalidade dela e do marido. *“É o fato, por exemplo, da... da academia. A gente estava indo junto, né... Mas aí quando eu comecei a estudar, aí... parou... porque é... é no “Clube” também. Ele malha onde eu estudo. Não é... todo dia não. Porque, de fato, ele gosta de malhar todo dia e eu nunca dei conta. Por exemplo, a gente estava fazendo Crossfit... pra mim três vezes na semana eu já ficava...só o bagaço, hehe. E ele dá conta de ir todo dia. Mas assim, o fato, né, de por exemplo, ir fazer a aula junto... ou então mesmo que não esteja, por exemplo, ele vai pro Crossfit eu vou pro Spinning. Ou então eu vou correr e ele tá lá, malhando. Mas o fato de ir junto sim, mas a atividade em si, não necessariamente”.*

O marido apresenta também o valor dado aos estudos como algo que quer reproduzir, do modelo das famílias de origem, para a sua família com Andrea. *“É... nas duas famílias assim... a prioridade sempre foi de estudar. Meu pai sempre fez questão de, de fazer de tudo pra que a gente pudesse só estudar... e... lógico que você tem que ter condição financeira pra isso, porque... É isso! Eu vejo que isso fez diferença lá em casa. Eu vejo que tem gente que às vezes sai do ensino médio... e tem que trabalhar porque não tem dinheiro nenhum e eu não quero isso pro meu filho”.*

O marido continua seu relato apresentando sua visão para a criação de filhos/as espelhada nos pais. *“Por exemplo, meu pai deu prioridade, eu sempre tive prioridade de estudo, mas beleza, isso não é de casal, né? Isso é de mim. Eu querer estudar, de eu gostar de estudar. Mas eu quero fazer isso pro meu filho, entendeu? Quero ter condições de dar isso pro meu filho, eu quero mostrar pra ele que isso é o caminho e tal, da forma como meus pais levaram, né. Eu me espelho muito nessa educação. Porque apesar da gente, das duas famílias, sempre terem tido condições, ninguém nunca deixou de estudar, ninguém nunca deixou de... de buscar... as... as conquistas, né... de conquistar as coisas”*. A esposa reforça a fala do marido sobre a questão dos estudos: *“É... e... eu vejo isso também, eu trago isso dos meus pais, dos dois”*. Os pais de Andrea, além de incentivarem os filhos a estudar, também eles mesmos priorizaram os estudos na própria vida. O pai de Andrea, como ela afirma anteriormente, possui doutorado e a mãe possui algumas especializações, além de trabalhar como diretora em um instituto de educação.

Andrea e Fábio expressam igualmente a *“valorização da família”*, conforme ambos pontuam, como uma característica marcante percebida em suas famílias. A este respeito, o marido fala: *“Até hoje. Então a gente valoriza muito esse negócio da família e eu acho que, é... essa é a ideia que a gente traz pra cá... de construir uma família. É, de construir uma família da forma como a gente teve em casa, entendeu. Ter filhos que gostem da gente como a gente gosta dos nossos pais, de estar com os nossos pais e que valorize a família como a gente valoriza”*. A esposa, ao longo da narrativa do esposo, expressa sinais de concordância: *“É”*; *“Sim”*; *“É verdade”*.

Andrea também relaciona essa visão com o fato de ter morado na casa dos pais até a idade adulta. Ela diz: *“É... tipo assim, estando lá na casa, de você ver os seus pais como um casal mesmo. E não... não sei se eu to sendo tão clara, mas assim... não é meu pai e minha mãe, é um casal, é justamente isso. A partir do momento que eu comecei a pensar em casar, é... tipo assim, com cinco anos de namoro, acho que minha sogra começou a pedir um neto, né... aí eu comecei a pensar na minha família como família mesmo, entendeu? E não necessariamente como meu pai, minha mãe e*

meu irmão. E aí eu comecei a ver questões de relacionamento muito mais com um olho, com um olhar de fora do que como sendo a filha, digamos assim. E se eu tivesse saído mais nova ou se já tivesse tido esse corte, digamos assim, morando sozinha, às vezes eu perderia partes do convívio por não ter tido oportunidade de ter esse momento de reflexão, entendeu?”.

Sobre o modelo de divisão das tarefas domésticas visto no casamento dos pais, Fábio pontua: *“Lá em casa ninguém faz nada. Lá em casa meu pai não faz... minha mãe que faz... é... que faz tudo”*. Ele também expõe sua visão sobre como acontecia na casa dos pais da esposa. Segundo ele, *“a mãe dela ia cozinhar e ela ia ajudar a mãe dela. O pai dela tem uma coisa pra fazer no jardim e o irmão ajuda. Por exemplo, nunca vi a mãe dela, vi poucas vezes a mãe dela lavar louça”*.

Andrea, por sua vez, conta o que percebia em sua família: *“É... Por exemplo a questão de cachorro mesmo, sempre foi mais meu pai e meu irmão. De cuidar, vai passear, vai levar pro veterinário, vai receber veterinário. Por exemplo, meu irmão trabalha mais à tarde né, atualmente, e quando ele tava estudando pra concurso, ele estudava em casa também, então, tinha que receber coisa em casa, é... sei lá, um móvel novo que meus pais compraram, vai instalar o armário, que num sei que, ele sempre ajudou. Lá em casa sempre a gente foi muito participativo, e aí tinha essa divisão nesse quesito”*.

O discurso da esposa evidencia ainda o machismo da sociedade: *“Eu, assim, hoje olhando, eu acho um pouco de machismo esse negócio de 'Ah, as mulheres vão pra cozinha, os homens vão fazer outra coisa'. Independentemente do que seja essa outra coisa, o... o embasamento do 'as mulheres vão pra cozinha' é por conta da nossa sociedade machista sim”*. Fábio, por sua vez, discorda do pensamento da esposa: *“Não, mas o machismo é o seu irmão não ir te ajudar porque você que tem que ir pra cozinha ajudar. Agora, a partir do momento que é uma coisa que você gosta de ajudar sua mãe na cozinha, não é machismo. É... acho que não seja. Eu acho que é o costume normal. É... o brasileiro tem costume da mulher, da mãe, não que a mãe é, seja*

responsável pela comida. No caso dela, não é isso, mas quando tem uma coisa de domingo, a mãe dela tem o costume de cozinhar e ela tinha o costume de ajudar. E o pai, e o irmão dela ajudava em outras coisas. É, seu pai faz mais. Só que o irmão dela ajuda menos. E ela é mais proativa. Simplesmente isso, não porque é uma obrigação em casa”. Andrea fala sobre o irmão e conclui: “Ele é folgado... mas pensando agora é o machismo da sociedade sim”.

A gestão da vida financeira é outro tópico levantado pelo casal que evidencia o casamento dos pais como modelo para o casamento dos filhos. O marido fala sobre o que observava no casamento de seus pais: *“Até porque minha mãe, minha mãe controla financeiramente, mais ou menos, financeiramente lá em casa. É, ela controla assim... meu pai trabalha e tal, então ela faz a parte... uma planilha em casa e tal, de ver os gastos, como é que tá gastando e tal pra depois discutir os dois... ela administra muito bem até”.*

Para a esposa: *“É... a mãe dele controla. Lá em casa não. Apesar do meu pai ser quem administra, eu... tipo, uma vez por mês, eu vejo ele sentado com a minha mãe lá batendo, tipo, a fatura do cartão de crédito pra ver se o que entrou de fato é o que tá constando na planilha dele também, enfim. Então eu sempre vi como uma coisa do casal. Até esse negócio de observar como é que é de um olhar de fora, né”.*

Andrea afirmou também sua vontade de reproduzir o modelo que viu nos pais e nos sogros: *“Eu sempre quis ter conta conjunta porque meus pais tem conta conjunta e na casa dos pais dele também é conjunta”. Ela explica sua visão: “Os dois são casados tanto tempo, é... e dinheiro nunca foi motivo de briga pra nenhuma das famílias. Então... aí eu, eu sustentava isso... porque eu nunca vi meus pais brigando por dinheiro por exemplo. Então pra mim funciona, fazia sentido, e aí eu reparei na casa dele, obviamente também é assim, falei: ‘É, pode ser o segredo do sucesso!’, né, hehe”.*

3.4. Casal 4: Marcia e Clóvis

SER FILHO/A CANGURU

3.4.1. Fatores da coresidência prolongada

Marcia residiu na casa dos pais até os 27 anos de idade. O pai de Clóvis faleceu no final da sua adolescência e ele morou com a mãe até os 35 anos. Ambos os cônjuges saíram de casa pela primeira vez para casar. Marcia e Clóvis, respectivamente, comentam: *“Não, nunca tinha saído. Eu gostava muito de morar com os meus pais, né amor? Eu só saí, na verdade, porque tinha que casar”*; *“Sim. só por causa do casamento. A gente, até casar, sempre morou com os pais e nunca a gente nem juntou, juntar escova nada. Esperou fazer certinho”*.

Marcia repetiu algumas vezes o quanto ela gostava de morar com os pais. *“Eu achava bom demais ficar lá”*; *“Eu acho bom demais ficar lá na verdade, né amor?”*; *“É... e nunca pensei em sair também, nunca nada. Assim pelo menos eu nunca tinha pensado em sair. Você pensava em sair da sua mãe, mo?”*. O marido responde: *“Não, não. Tava bom”*. O casal apresentou avaliação positiva sobre a moradia na casa dos pais e afirmaram que somente decidiram sair quando chegou o momento de casar.

A esposa conta que, após o casamento, o casal morou um mês com os pais dela. *“A gente ainda morou um mês com eles. Eu e o Clóvis”*. O marido explica: *“Assim que acabou o casamento, a gente ficou um mês com eles por conta do... com os pais da Marcia. Então faltava geladeira, faltava um sofá, cama que não tinha chegado... então, como a gente casou e já saiu de lua de mel, nem tudo tinha chegado a tempo da gente já retornar e vir pra casa”*.

A comodidade da casa dos pais é um dos aspectos relacionados por Marcia com a coresidência prolongada. *“Ai... a comodidade. Era bom demais morar lá, né. Gente, muito bom!”*. O marido, por sua vez, mostra discordar: *“Não, eu não trataria muito pela comodidade, não. Eu partiria do princípio de dizer que foi até quando a gente estipulou que precisaria casar, né. Quando*

a gente já determinou uma data. Foi isso que fez eu ficar lá. Porque, vamos supor, se eu não tivesse encontrado alguém... o que me faria sair da casa do meu pai era quando eu encontrasse alguém”.

Para a esposa, a fala do marido também refletia o aspecto da comodidade, assim, ela interrompe: *“Mas isso é comodidade. Por que você não saiu antes?”*. Ele responde: *“Sim, mas é porque é o que eu tô falando... é comodidade, mas não necessariamente é só comodidade. Entendeu? Por exemplo, meu irmão. O meu irmão não, teve o desafio de querer estudar fora, em outro estado. Aí ele pegou as trouxinhas dele e foi. Ah, depois de lá arrumou um emprego em outro lugar. Pegou as trouxinhas dele e foi. Então ele foi sempre muito nessa. Eu não. Eu sempre fui muito mais família... de casa, de ficar sob a tutela dos pais e tal. Eu tinha a empresa, mas eu tava perto dos pais. Então assim, comodidade era, claro, o fator primordial, mas vai sair da casa dos pais pra que? Só pra casar”*.

O esposo afirma que não possuía vontade de sair da casa da mãe. *“Não. Não. Zero vontade. Então, por exemplo, vamos usar uma, uma situação, e eu não tivesse encontrado Marcia, tivesse ficado só namorando, ou solteiro, não sei o que, provavelmente eu estaria morando com a minha mãe até hoje. Entendeu? Não só pela comodidade, mas pelo cenário: 'Ah, vou sair de casa pra casar'. Agora assim, não, 'Acho que eu vou sair de casa, minha mãe fica aqui eu vou alugar um apartamento do outro lado do corredor, que eu vou...' Não... não ia”*.

Clóvis continua sua narrativa explicando porque não sairia da casa da mãe antes de casar. *“Porque eu não ia saber fazer nada sozinho, eu não sabia fazer nada sozinho. O meu irmão não. O meu irmão sabe passar, sabe cozinhar. Sabia fazer as coisas porque morou sozinho muito tempo. Eu nunca tive isso. Essa bandeira de falar 'Nossa, eu...', assim... do mesmo jeito que tem gente que tem orgulho de falar que saiu cedo de casa, e tem gente que tem vergonha de sair tarde, eu nunca me preocupei com isso. Ah, quando você põe pra trás fala 'Caramba, ficou na casa da mãe até os trinta e cinco?'. Pode soar feio. Mas pra mim não... aí meu pai nesse meio também faleceu. Então aí eu*

fiquei com a minha mãe, porque meu irmão morava fora. Ai eu me apoiei na minha mãe, minha mãe se apoiava em mim. Então assim, a família que era quatro depois tava em dois”.

A esposa afirma que antes de casar, *“eu também nunca me imaginei saindo. E se dependesse deles...”*. O marido a interrompe e continua sua fala: *“O casamento puxou, né?”*, referindo-se ao casamento como o que motivou a saída dela. Marcia segue em seu relato: *“Sim, e se dependesse deles a gente moraria até lá, né amor? Mesmo casados. Ou na casa deles, ou perto da casa deles.... E até hoje eles falam isso”*. O marido mostra concordar: *“É... é. Eles já pensaram até em morar aqui no nosso bairro”*. A esposa complementa a fala do marido: *“É verdade. E olha que a gente já mora muito perto hoje... é muito perto. Mas eles pensaram em vir pra cá... Eles já pensaram em várias possibilidades. Já pensaram em ir pra um apartamento maior, uma casa maior que desse pra gente ter o conforto, eu e o Clóvis, pra gente ficar mais tempo lá”*. O relato dos cônjuges evidencia uma relação com os pais da esposa bastante próxima da filha e também do casal.

3.4.2. A vivência canguru na casa dos pais

Marcia percebe, sobre ter sido filha adulta residente na casa dos pais, que era *“100% dependente deles”*, conforme ela afirma. Ela diz: *“Até hoje eu não... Eu sou, eu sempre fui muito dependente do meu pai e da minha mãe. Em todos os sentidos. O financeiro que não. O financeiro não. Mas assim... é, o financeiro eu já era independente morando com eles”*. Sobre a independência financeira, a esposa explica: *“Mas... era uma independência financeira mas que meu pai pagava o plano de saúde, hehe. É... e a casa. Mas assim... eu tinha meu dinheiro pra meu sapato, né?”*

A esposa e o marido, respectivamente, pontuam que não contribuíam financeiramente para as despesas na casa dos pais: *“Não, não ajudava nada”*; *“Não... eu também era, nesse sentido, não ajudava, então teoricamente o dinheiro também eu não compartilhava de ajudar em casa. Falar ‘Ah, vai pagar TV, TV a cabo ou vai pagar alguma coisa’, não. Era sempre dos pais... canguruzinho mesmo, né? hehe”*.

Clóvis ainda relata sobre a forma como acontecia a dinâmica da questão financeira na sua família. *“Então era nesse sentido. Então: 'Ah, vai botar gasolina, os pais pagam'. Conta de telefone? Era o pai que pagava. Faculdade? era o pai que pagava. Então sempre com eles. Sempre com eles. Até hoje, até a época de casar, plano de saúde a mãe que pagava, mesmo eu tendo meu dinheirinho. Então, teoricamente, a dependência financeira sempre foi das coisas de casa eu não ajudar, mas eu tinha assim: 'Ah, quero comprar um telefone ou... vou viajar" aí eu tinha o meu dinheiro pra poder fazer essas coisas. As saídas, as minhas saídas eu que bancava, mas a gasolina era minha mãe. Então assim 'Ah, vou ali lancha ou jantar. Vou pro aniversário de alguém' problema meu. Sim. Problema meu. Consumo próprio meu. Mas, por exemplo, gasolina minha mãe. IPVA do carro, seguro do carro, minha mãe. Então sempre assim”.*

O marido finaliza sua fala sobre o aspecto financeiro da vivência canguru ressaltando a mudança que ocorreu após casar. *“Mas após casar não. Aí eu assumi essas responsabilidades com a Marcia. Gasolina é nossa. IPVA é nosso. Essas novas, novas contas que aí eu tive que, que, que mudar. É. Quando a gente é... agora casado, não depende nem dos pais não. Mas até morar com a minha mãe era praticamente bancado, né, nesse sentido... da casa e carro... era bancado pelo... pela minha mãe”.*

Para além da independência financeira, a esposa afirma ser bastante dependente dos pais. A sua fala remete a uma dependência emocional, no sentido de possuir com os pais uma relação, conforme diz, *“bastante apegada”*. Em relação à sua rotina e projetos, entretanto, Marcia aponta que possuía *“liberdade total”*. Segundo expõe: *“Eles sempre deixaram minha vida bem solta, sabe?”*; *“Para meus projetos... essa independência e autonomia eu já tive. Meus projetos total”*.

A esposa exemplifica sobre a relação de autonomia e independência que possuía ao residir na casa dos pais: *“E assim... se eu quisesse fazer uma pós ou trabalhar em outro lugar, tranquilo, mas assim, os meus pais, nunca tive problema de viajar, eu sempre, sempre assim. Então, assim... essa autonomia eu sempre tive assim. De adquirir bens não, eu, eu tinha sim, mas assim, eu sempre*

consultava, sabe? De saídas, de viagem, eu tinha autonomia mas eu não precisava consultar. Assim, eu meio que comunicava só”.

O marido, por sua vez, afirma sobre a rotina na casa da mãe: *“É... de rotina meio que eu sempre avisei, né, ela sempre gostou disso até por questão familiar, né. Então eu sempre dei muita satisfação. 'Ah, vou aqui, vou ali, vou fazer as coisas'. Mas, ah é, vamos supor, 'quero viajar pra num sei aonde', era sempre no consenso. Então, né, tem que fazer alguma coisa... Até porque também, igual eu te falei, eu era mais família. Então, basicamente, aí eu falava com a minha mãe que eu queria ir. Praticamente 99% das vezes era tranquilo de falar sim e tal. Saía à noite, às vezes eu falava 'Ah, mãe, eu tô saindo', vamos supor; era meia noite, ficava preocupada e tal, mas nunca falava: 'Ah, você não vai, com quem que você vai?' mas sempre sabia com quem que eu tava indo, com os amigos que eu tava saindo e o que eu ia fazer. Então sempre foi, foi bem tranquilo. Mas eu sempre tratei assim”.*

O fato de ser *“mais família”* relacionava-se, na visão de Clóvis, com a sua postura de manter a mãe informada de seu dia a dia. O marido continua sua narrativa e apresenta sua avaliação sobre essa situação: *“Não que fosse uma dependência, mas eu sempre tive a preocupação de deixar avisado com quem eu estava e o que eu ia fazer. Eu sempre fiz. Teoricamente, às vezes até hoje, mesmo casado, se eu falo 'Vou ali', e ela 'Cuidado'. Ela ainda continua com esse 'Ah, cuidado'. Aí é normal”.*

No que concerne às tarefas domésticas realizadas na casa dos pais, a esposa afirma: *“Então... eu não fazia nada. Nada. Nada mesmo. Só tinha que arrumar a cama aos domingos, que era quando a moça que trabalhava lá não tava... mas como o Clóvis sempre acordou depois de mim, era ele que arrumava”.* A vivência do marido nesse aspecto, é descrita por ele da seguinte forma: *“Às vezes eu ajudava, vamos supor; muito pouco 'Ah, me ajuda a varrer ali. Vai fazendo não sei o que'. Então como eu sempre vi minha mãe fazendo as coisas, aí, não sei, comodismo ou não,*

nunca fui de ajudar. Tanto que hoje em dia até, ela sabe que eu faço muita coisa aqui em casa, às vezes ela se ressentida e fala “É... aqui em casa tu não ajudava!”.

O esposo apresenta ainda a reflexão feita sobre a ajuda que prestava na casa da mãe e a mudança atual, após o casamento: *“Mas porque, pô, porque também é o famoso: ‘Se eu não fizer com a Marcia não tem ninguém que faça’. Só que lá, por ser mais novo, eu nunca tive essa visão, do tipo ‘Ah, se eu não fizer, tem minha mãe que faz’, que é diferente. Então assim, nesse sentido, o casamento fez mostrar que se pudesse rebobinar a fita, a gente ajudaria mais. Mas... não tinha como saber”.*

Sobre a vivência canguru na casa dos pais, Marcia conclui: *“Eu não acho ruim ter sido geração canguru não. De verdade. Eu não achei ruim assim, não. Tudo bem que eu saí antes dos trinta, o Clóvis saiu depois, talvez tenha tido um impacto diferente”.* O esposo mostra perceber sua vivência de modo semelhante à esposa. *“É, tá vendo? É diferente a percepção? Não sei. Ela saindo com trinta e cinco talvez ia dizer ‘Meu Deus’, que às vezes pra mim ‘E se eu saísse com vinte e sete? Poxa...’. Mas eu não vejo problema nenhum, de verdade. Tranquilo”.*

3.4.3. A carreira profissional dos/as filhos/as

Marcia graduou-se em curso superior e na data da entrevista ela estava formada há cinco anos. Clóvis, por sua vez, graduou-se há 15 anos atrás. A linha da vida profissional da esposa mostra que ela trabalhou em dois lugares ao longo de sua carreira. Já a do esposo mostra ter atuado em diferentes empresas, com experiências diversas, inclusive, fora de sua área de formação. A análise da linha da vida profissional dos cônjuges revelou o alto grau de comprometimento com a carreira antes do casamento.

A esposa iniciou a carreira em um órgão público na cidade de Brasília como funcionária terceirizada. Dois anos depois recebeu uma proposta de trabalhar em outro local, na mesma área de atuação. Mudou de emprego com o objetivo de *“ampliar os conhecimentos, a experiência e ganhar*

peelo menos o piso” da sua profissão, conforme ela afirma. Pouco mais de um ano neste local, foi convidada a voltar para o antigo órgão em que trabalhava, com a proposta de receber quase o dobro de salário. É neste local que Marcia permanecia trabalhando na data da entrevista. “E aí eu saí... fui atuar mesmo nesse outro, na advocacia, e aí em dois mil e quinze o órgão me chamou pra esse novo cargo. E aí eu voltei... e tô lá”.

A esposa afirma que, nos primeiros anos de sua carreira, investia esforços em seu desenvolvimento, fez *“uma pós-graduação e alguns cursos”*, mas que, segundo diz, *“antes eu nem era tão preocupada com ela não... assim, eu sempre achei que tudo ia dar certo, né amor? Sempre fui muito assim de tudo vai dar certo”*.

Apesar da autonomia comentada anteriormente por ela, em relação aos seus projetos, ela conta sobre a escolha profissional ter sido uma escolha do pai e não dela própria. *“Assim... meu pai interferiu na minha escolha da faculdade. Ele falou: ‘Marcia, ou você faz X ou eu te deserdo’, hehe. E aí eu não queria ser deserddada. É... ele não me influenciou não, ele me obrigou mesmo. Ele falou que ele ia escolher o curso e a faculdade. Ele escolheu o curso e a faculdade. Quando eu passei, ele falou: ‘Marcia, agora a vida é sua’”*.

Sobre esse momento, a esposa conta ainda: *“Na verdade, até eu me formar eu estava obrigada. Hoje eu vejo que foi a melhor coisa da vida, assim... eu trabalho nisso, eu tenho meu emprego graças a isso, eu tenho o meu salário graças a isso, eu consegui casar porque eu tenho um salário, porque eu tenho um emprego bom, sabe? E tudo por conta disso. E então eu fiz o que ele quis, na faculdade que ele quis. Tudo do jeito que ele quis. Mas eu, hoje, eu vejo que foi a melhor coisa da minha vida. Graças a Deus, sabe? Pois aí... minha vida hoje tá boa do jeito que tá por conta disso”*. Quando questionada sobre essa escolha, a filha não apresenta muitos dados, apenas repete a questão de que o pai a “obrigou” a fazer essa escolha.

Clóvis, após graduar-se, abriu uma empresa na sua área de formação. Alguns anos depois, buscando novas experiências, foi trabalhar fora de sua área em uma empresa privada. Pouco mais

de um ano depois, empregou-se em outra empresa, assumindo um cargo de gestão. Um ano depois, voltou para a empresa anterior em outro cargo, agora como gestor. Dois anos depois, mudou-se para outra empresa de mesmo segmento para, em seguida, voltar a empreender e montar, junto a um sócio, uma empresa relacionada a sua área de graduação. Na data da entrevista fazia seis anos que Clóvis havia aberto a empresa e nela trabalhava.

Sobre sua carreira, ele conta: *“Foram... com muitos altos e baixos, né. Como eu sou empreendedor, então tende a querer melhorar sempre. Mas hoje tem um peso maior porque eu tenho mais obrigações a pagar e querer melhorar de vida de tudo, do que eu tinha antes com a minha mãe. Então assim, antes assim, às vezes, eu podia ser mais acomodado, ou ousava mais, porque 'Ah, o que eu tô acumulando é só pra mim. Eu não tenho um gasto'. Hoje não”*. O esposo conta que fez *“duas pós-graduações e cursos também”* para melhor desenvolver-se em sua carreira.

DESENVOLVIMENTO DA CONJUGALIDADE

3.4.4. O namoro dos/as filhos/as

Marcia conta que conheceu Clóvis através de amigos em um bar. Ela tinha 19 anos e ele 28 anos. Ela diz: *“A gente se conheceu num barzinho, aqui em Brasília. A gente tinha amigos em comum”*. A esposa segue contando: *“Foi assim... a gente tinha uns amigos em comum e o Clóvis trabalhava com evento. Aí eu estava num barzinho e ele fazia uma festa num pub na mesma rua. E aí os amigos dele estavam fazendo um esquentão no bar, era uns amigos que estavam sempre no bar, estavam sempre nesse bar e como ele ia trabalhar, ele também estava nesse bar nesse dia. E aí o nosso amigo chamou 'Ah, vamos pro... pra esse pub, que aí ele coloca vocês lá, as meninas de graça, não enfrenta fila'. Aí eu falei: 'Ah, então vamos!'. Aí a gente se conheceu e aí pronto. A gente tá junto desde este dia”*.

O marido conta que no dia em que se conheceram, foi *“só oi... só. E aí ela foi embora, eu continuei trabalhando e fui pra casa”*. Clóvis continua seu relato contando o que aconteceu depois:

“Aí no dia seguinte, eu com esse amigo também e outros amigos, a gente combinou de jogar uma sinuca. Aí nós estávamos jogando sinuca, aí, do nada, esse meu amigo falou: 'Olha, aquelas meninas de ontem, elas estão lá no mesmo barzinho. Querem ir pra lá?' Aí a gente já tinha comprado um monte de ficha pra jogar sinuca, aí eu falei “Ah, vamos! Vamos! Vamos! Vambora, Vambora!” aí os amigos: 'Não, vamos terminar de jogar sinuca!'. Aí eu falei: 'Não, vamos embora! Vamos ir lá que eu quero ver o pessoal!’”.

Clóvis conta o desfecho da história sobre como se conheceram e começaram a namorar. *“Aí chegou lá no barzinho, ela tava com umas amigas dela e eu cheguei com meus amigos. Aí juntou mesa, ficou lá aquele tempo todo e tal. Aí foi quando a gente foi trocando figurinha, conversa daqui, conversa dali. A gente trocou número de telefone, pra no dia seguinte ver se a gente marcava de sair. Aí liguei pra ela, né... aí a gente combinou um cinema. Aí que a gente saiu e aí que a gente foi ficar. Aí, tipo, não ficou no primeiro dia, nem no segundo... Foi só no terceiro dia que a gente ficou e aí começou”.* Marcia e Clóvis namoraram seis anos até o casamento.

3.4.5. Vida a dois

3.4.5.1. Iniciando uma etapa do Ciclo de Vida - rotina e desafios do casal

Marcia e Clóvis estão casados há um ano e oito meses. O dia a dia do casal envolve uma rotina em que buscam contemplar, além do trabalho, atividade física, estudos, tempo para o casal, amigos e para a família de origem. Eles iniciam o relato sobre a vida a dois enfatizando a questão do trabalho: *“É... basicamente é trabalhar, hehe...”*, Clóvis fala e a esposa mostra concordar: *“Trabalhando, trabalhando sempre...”*.

Marcia costuma *“levantar de madrugada, em torno das seis horas da manhã, todo dia”*, conforme afirma, para *“ir malhar ou correr com personal no próprio prédio”* em que moram. Enquanto a esposa está na academia, o marido: *“E aí eu levanto por volta de sete e meia. Então ela tá lá, aí eu já começo a adiantar as coisas nossas. Eu faço um pouco da parte do meu café, aí já*

vou lavar as louças que ela já sujou". Marcia interrompe a fala do marido e pontua: *"Ele lava as louças"*.

O marido continua seu relato sobre um dia típico do casal e conta que o café da manhã é o primeiro momento de estarem juntos no dia. *"Aí eu vou tomar banho. Aí ela também já chega pra tomar banho pra gente já tomar o café junto, o café é juntos, ela organiza o café rapidinho. A gente toma um café por volta das oito e meia, pra eu levar ela pro trabalho. Aí eu deixo ela no trabalho, vou pro meu. Aí ela sai do trabalho umas seis horas por aí ou vem pra cá... com a mãe. É... aí ela ou vem pra casa ou pra biblioteca pra estudar e eu saio do trabalho e vou pra academia"*. A fala do marido mostra ambos executando as atividades domésticas, mas indica ser a esposa quem organiza, por exemplo, o café da manhã.

O casal optou por ter somente um carro e a esposa vai de carona para o trabalho com o marido, *"é mais um tempo que a gente tem juntos, a gente vai conversando"* e retorna do trabalho com a mãe, *"desde antes de casar era assim, minha mãe me pegar é sagrado... é o nosso tempo"*. A esposa começou a estudar para concurso público e, por isso, afirma ter se disciplinado para sair do trabalho *"não muito tarde"* e ir estudar na biblioteca.

O retorno de Marcia para casa, após o período de estudos, coincide com o retorno do marido da academia e, nesse momento, o casal possui mais um tempo juntos. Ele explica: *"Aí eu saio da academia, venho pra casa, encontro com ela aqui. Aí quando é umas nove e meia, dez horas, a gente tenta jantar, depende da hora que eu chego e tal. E quando é umas dez e meia, no máximo às onze, ela tá indo dormir. Aí eu continuo às vezes fazendo... lavar a louça do jantar ou fazendo algumas coisas que sempre tem pra fazer... ou que não deu pra eu lavar de manhã porque às vezes eu saio de manhã e não deu pra lavar de novo. Porque quando ela tá malhando eu já lavei o que ela sujou"*. A esposa complementa: *"É porque eu faço café antes de malhar. Café preto. Aí ele lava as coisas do café. Quando eu volto a gente come. Então eu faço um ovinho, tem prato, tem... tudo isso"*.

Diante de uma rotina bastante ocupada, o momento antes de dormir é destacado pelo casal como um tempo importante em que buscam estar juntos. Para fazer isso acontecer, eles decidiram não instalar televisão no quarto, a fim de proporcionar maior oportunidade para o diálogo entre eles. Marcia explica: *“Isso foi um acordo quando a gente foi casar. O Clóvis não tinha televisão no quarto na casa da mãe e eu tinha. E aí ele queria ter no nosso quarto. E aí eu falei... e aí eu sempre soube dos nossos horários e eu acho que assistir televisão é uma coisa viciante. Porque você fica lá olhando, você quer dormir, e você fica e não conversa”*.

Marcia fala do acordo que fizeram antes de casar: *“Aí a gente combinou, então, que a sala ia ser dele, a televisão é dele. Aí eu falei: ‘escolhe a TV, o sofá’, aí a gente escolheu um sofá confortável, a gente pensou tudo nessa estrutura pra ser a TV dele, o cantinho dele. Aí a gente não tem no quarto”*. Clóvis também relata: *“Não, não temos. E... eu tento, às vezes, quando dá, assistir um pouco da televisão, quando eu não capoto no sofá antes de ir dormir. Já cansei de querer assistir um negócio, dormir e quando acordo ‘Ah que saco, passou!’ . E vou dormir”*. Marcia, por sua vez, afirma não possuir tempo e, assim, *“nunca... eu não assisto nunca televisão”*.

Quanto ao tempo do casal, o marido ainda menciona: *“Mas basicamente quem nos orienta com relação ao tempo pra... tempo de fazer não sei o que, tudo... é mais tudo a Marcia”*. Clóvis conta que vai informando a esposa de sua agenda e ela vai organizando o tempo e as programações do casal. Marcia destaca, nesse ínterim, *“É... mas ele já sabe. Uma coisa é certa, sábado é o nosso sábado”*. O marido complementa dizendo que já tentaram outros dias, foram experimentando: *“Já foi outros dias. Já foi quarta, já foi quinta. Experimentou... Mas por conta da rotina de estudo dela, a gente teve que jogar pra sábado... após as dezoito. Não é o dia que a gente quer”*. Marcia acrescenta: *“A gente queria que fosse durante a semana”*. Clóvis continua e sinaliza: *“A gente, na verdade, gostaria que fosse todo dia, ou que fosse duas vezes na semana, mas como tá numa rotina apertada pra ela, a gente cedeu pro sábado”*.

Marcia é apontada pelo marido como a responsável por coordenar a agenda do tempo do casal juntos. Para auxiliar nesse sentido, ela se utiliza das ferramentas que dispõe. O marido afirma: *“Então assim, a dona do tempo é ela”*. E a esposa segue contando de que forma faz essa organização. *“Eu tenho uma tabela bem boa. Eu... eu gosto da planilha. Eu gosto muito da planilha. Tenho tudo numa planilha. Aí tá tudo no ‘computador’, num HD. E aí, semanalmente, eu imprimo ela. E aí eu vou marcando nela, sabe? Tudo o que eu tenho que fazer. Então lá tem... tem até rezar... tá na minha planilha, sabe, hora do rezar, é hora de rezar. E aí eu acho que se organizando, hoje eu até falei isso pra ele: ‘Ah, amor, é só a gente se organizar’. Se a gente se organizar a gente tem um... um como aproveitar melhor as 24 horas do dia’. E eu sou bem organizada nisso”*.

O marido apresenta a sua visão sobre o desafio do tempo e faz uma relação com a rotina na casa da mãe, antes de casar. *“Um desafio que tem do casamento pra mim é mesmo o tempo. Eu te confesso que até me atrapalhou muito. Porque se deixar, ah, tipo, ‘Ah, tô no trabalho’, aí eu vou ficar lá trabalhando até nove. Ah, porque eu gosto... que nem... quando eu malhava, que eu morava com a minha mãe, eu cansei de fechar academia, tipo, a academia fecha às onze, então como eu não via a Marcia todo dia, eu trabalhava, saía do trabalho, ia malhar, sei lá, nove horas da noite. Então, pô, nove horas até às onze? Na minha mãe eu não ia tá fazendo nada mesmo, acostumei. Então... hoje eu amo malhar à noite, só que aí eu lembro que eu o que? Eu tenho que ir pra casa, pra tá com ela”*.

Clóvis encontra dificuldades de se adequar à nova rotina conjugal. Ele comenta: *“Então assim, mesmo tendo um ano e oito de casado, tem hora que eu tô lá na academia e falo assim: ‘nove e meia, ah, tá cedo’. Eita! Tá não, caramba, nove e meia! A Marcia... Aí eu tenho que sair correndo, por quê? Porque às vezes no trabalho delongou, aí eu perdi um tempo, chega na academia às vezes tá muito cheio, ou não sei o que... Caramba! Então assim, eu não, ela sabe, eu*

não acostumei ainda com essa questão do tempo. Pra ela é mais fácil. Ela lida melhor com o tempo que eu. Eu tenho que ser mais amigo do tempo”.

Sobre o desafio de tentar conciliar as agendas com Marcia, Clóvis argumenta: *“E não é nem ter mais tempo. Mas assim, que eu conseguisse que o meu tempo ficasse certinho com o dela. Porque assim, ela estuda, coitada, aí fica, sei lá, de 24 horas do dia, ela fica 16 horas atarefadona. Ela tem uma hora livre a noite, essa uma hora a gente tem que aproveitar. Por o papo em dia, ou jantar ou conversar”.*

Quanto à vida social, a esposa destaca: *“Hoje em dia, depois do casamento, eu acho que eu saio mais com as meninas, programa mulherzinhas, do que antes do casamento”.* Ela explica: *“Antes do casamento elas iam pra farra. E agora tá todo mundo namorando. Então a gente sai pra almoçar, a gente sai pra tomar um café. É... aí hoje em dia eu tenho mais proximidade com as meninas do que antes, nessa farra”.* O marido comenta a fala da esposa: *“É diferente. Vai falar sobre a vida, né. Falar sobre a vida... Falar sobre o casamento. Porque hoje ela tem também um outro grupinho que são casadas. Então elas trocam experiência. Vai vendo que dificuldade e alegria que cada uma tem... Mas, nesse sentido, de amigas, ela consegue se completar”.*

Os cônjuges falam ainda de não possuírem *“amigos do casal”*, conforme descrevem. *“E hoje em dia a gente sai muito mais sozinhos, sem ninguém, porque os outros casais estão, né, de preguiça, do que a gente sai com casais. É muito difícil a gente sair com casais. Às vezes fala até que a gente é autossuficiente. Porque a gente não tem esse problema de tipo 'Ai, vai ter um show. Vamos ver quem vai?'. Não, a gente compra e se encontrar com alguém bem, se não, ok, é assim. A nossa vida social quase não inclui outras pessoas, né amor. É a gente. Isso”.*

No tema das amizades, o marido mostra concordar com Marcia: *“É isso... é difícil sair com alguém”.* De modo geral, o tempo que sobra para o lazer, eles procuram estar junto à família de Marcia. *“É... nossa prioridade é ir pra lá... sempre com eles... porque, bate preguiça final de semana. Então assim, claro, uma vez ou outra pinta, ah, vamos visitar alguém, ou um teatro, ou*

mesmo às vezes um cinema ou sair pra jantar. Mas às vezes bate tanta preguiça que a gente só fala “Ah, vamos ali na casa da mãe dela.”. Aí a gente vai lá pra serra e fica lá”.

A organização da casa é, segundo o casal, um outro desafio da vida a dois. “Pra mim, o maior desafio é esse, o da casa”, a esposa diz. “Não sou muito organizada na casa não. Eu tô aprendendo. Mas assim... Roupa? Tem roupa minha espalhada na casa inteira. Assim... não é uma coisa que eu acho... eu não vejo problema nisso, sabe?”. Marcia expõe sua visão: “É que eu acordo antes dele. Então eu vou lá, tiro o pijama e deixo jogado em cima da cadeira. Aí eu volto, às vezes, eu tiro a blusa e deixo no banheiro dele. Aí eu tiro a calça e deixo na cozinha. E aí vai indo assim. Eu falo que é pra minha roupa respirar. E eu vou deixando a roupa respirar. Sapato eu fiz ali uma fileira de sapato. Mas ele tá organizado. Tá um do lado do outro. É... pode tá um pouco caído. Mas tá do lado, hehe”. O marido discorda: “Do lado? Do lado, é. Do lado, hehe. É um em cima do outro. É... o outro tá lá em cima tipo... Se tiver arrumado é porque eu passei e arrumei”.

No quesito organização da casa, Clóvis é visto como mais organizado. Sobre o marido, a esposa fala: “É... Ele sabe como ele deixou, sabe? Ele gosta das coisas organizadas. O Clóvis é mais metódico assim. Se isso daqui, por exemplo, tá assim, ele sabe que tem que ficar assim”. Ele concorda: “É. Sou. Eu sei que alguém mexeu. E eu sei como é que eu deixei também. É... tipo igual o sapato, às vezes ela saiu correndo, aí eu vejo o sapatinho... que tá um em cima do outro. Eu vou lá e arrumo, né”. Ao mesmo tempo, o marido diz que a esposa está aprendendo, “ela que tá aprendendo a tentar ser menos... menos desorganizada”.

Outro exemplo dessa situação evidencia-se no relato do marido a seguir. “É. Mas... mas no geral eu tento mostrar pra ela que ser organizado é melhor do que ser desorganizado. Não é porque tem que ser não. É porque é melhor. Pode ser de zero a dez, ela já melhorou muito hoje. Antes, sei lá, se era quatro? Três, sei lá, é, hehe. Hoje já tá bem já. Uns sete, já, já evoluiu muito. É. É bom, né? É bom pra gente”.

Marcia, entretanto, reforça a questão do respeito, percebida por ela no casamento, sobre as diferenças entre eles: *“É... e a gente se respeita, né, amor? Mas assim, é uma coisa que ele, exatamente isso, ele me respeita e eu respeito ele. E assim, ok, eu, pra mim não tem problema nenhum a desorganização dentro do armário. Pra ele tem. Ele não acha ruim eu não achar. Eu também não acho ruim ele achar. Se ele quer ser... eu falo que ele é o doido da organização, 'Se você quer ser o doido da organização... é um problema seu', hehe. Aí ele fala: 'Se você quer ser a doida do... pegar a roupa e ela tá amassada porque você não arrumou ela no cabide...’”*

O marido interrompe e continua a fala da esposa: *“Não... é que por exemplo. É. Do armário dela. É... o armário dela eu não mexo, né. O armário dela é dela, né? O meu é o meu. Não vou ficar organizando como eu organizo o meu. Isso é problema dela, né. Mas aí áreas comuns, tipo banheiro, cozinha, num sei o que, eu gosto que esteja arrumado, até porque é bom pra todo mundo, né. Não é porque 'Ah, porque é pra mim'. Então assim, ela tem aprendido”*.

O esposo apresenta mais um exemplo que reflete a desorganização de Marcia: *“Às vezes, por exemplo, ela deixa um chinelinho ali. Aí eu sei que foi corrido. Eu vou lá pego o chinelinho e guardo. Entendeu? Pra ajudar. Aí eu vou, vou avaliando. Aí eu vou e arrumo. Agora se eu não tiver tempo, vai ficar lá e ela tendo um tempinho eu falo: 'Ó, pega lá seu chinelo', aí ela corre lá e pega. Quer dizer, não tá ali de propósito pra me irritar. São coisas normais. Aí eu mostro pra ela que, pô, não precisa ter um chinelinho ali, né. Aí a gente vai... vai ajustando. Ela vai aprendendo”*.

Quanto às áreas comuns da casa, a esposa menciona: *“Agora tem umas áreas comuns, por exemplo, esses armários aqui da sala, ele não mexe. Então eu que tô organizando e tá o meu jeito. Mas o da cozinha, que ficam os copos, os pratos e as nossas vasilhinhas pro... pro trabalho, o Clóvis que mexe. Então assim, aí ele gosta de organizar do jeito dele. Porque por mim não muda se tem um... um pote em cima e outro embaixo, sabe? Pra mim não muda. Pra ele, ele gosta que seja todos os potes juntos. Então ele arruma e eu deixo. Eu fico tranquila”*. O marido explica referindo-se à diarista: *“Ah, mas é bom porque aí a moça vem pra pegar e fica tudo organizado. Senão vira*

caça ao tesouro, né, como é que faz? Caça ao tesouro. Brinca aí fulana... Meia hora procurando o pote. Aí já era". Marcia, nesse momento, ri e expressa: "Caça ao tesouro, hehe. Ele gosta. Ele arruma isso".

A dificuldade de organização da esposa é também relacionada por Clóvis com a experiência canguru dela. *"Tipo... como ela era na casa dela... Por quê? Porque às vezes tinha quem arrumasse, aquela questão toda, então ela nunca foi muito... A minha questão não. Minha mãe sempre me ensinou muito e eu sempre tive que arrumar minhas coisas. Então nesse... nesse quesito eu sou mais detalhista, eu sei como é que tá, como é que eu deixei, eu sei".*

Quanto à divisão das tarefas domésticas, o casal afirma que já fez diversas tentativas afim de experimentar o melhor jeito de gerir a casa. *"É... porque o de... de fazer, tipo: 'Ah, um arruma aqui o outro arruma ali'. A gente: 'Pô, você tem afinidade pra isso? Eu não tenho. Você tem?' 'Tenho'. A gente vai se ajustando... a gente vai fazendo", segundo diz o marido. Do mesmo modo, a esposa comenta: "Então a gente já fez vários testes. Vários testes. A gente já teve diarista toda semana. Eu já cozinhei. A gente já teve diarista que cozinhou. Então assim... a gente tá numa fase de experiência".*

Marcia apresenta outras tentativas realizadas sobre o compartilhamento de tarefas: *"Então, a gente já tentou colocar isso em planilha, quem faz o que. Aí não deu muito certo, o Clóvis não gostou muito. E aí a gente resolveu fazer uma coisa de... A gente resolveu que somos um casal, temos que nos ajudar. E aí isso é aqui em casa. Mas assim, eu não tiro pó porque eu tenho alergia e a nossa diarista agora não vem toda semana. Então a semana que ela não vem o Clóvis tira o pó. E aí eu limpo o banheiro".*

O casal começa então um diálogo no qual identificam quem faz o que na divisão das tarefas da casa. A esposa começa: *"Quem faz o café todo dia sou eu. Quem arruma a marmitta, quem pesa a comida pro Clóvis levar pro trabalho e à noite sou eu. É. Faço as duas marmittas, minha e dele. Aí*

todo dia eu vou lá, escolho a comida pra colocar pra descongelar. Eu faço... Que mais? Ixi eu não faço mais nada. Não... aí roupa pra lavar eu coloco roupa pra lavar”.

O marido continua: *“Não, eu também posso pôr... eu aprendi a usar e eu também ponho roupa pra lavar”.* Marcia segue sua fala: *“É, ele aprendeu esses dias e faz. Mas aí quem põe no varal é ele”.* Clóvis completa: *“Quem põe no varal sou eu.... e quem tira do varal sou eu”.* A esposa discorda: *“Não, o tirar do varal a gente tira junto, né amor”.* O marido insiste: *“Não, mas aí eu sempre tiro quando você tá malhando, tanto que quando você chega fala: 'Oxi, ai amor eu tinha esquecido esse varal aí’”.* Marcia mostra não ceder diante da fala do marido: *“É... às vezes ele tira, é, depende. É, a gente é meio democrático assim. Um dia desses eu cheguei ele tava colocando e eu ajudei ele a colocar no varal”.*

A esposa ainda expõe sobre a questão da divisão das tarefas entre o casal. *“Mas é... é... Não, e quando eu não faço a unha eu também lavo louça. É, eu faço a unha toda quinta, então...”.* Clóvis interrompe e mostra reclamar de seu papel diante da louça: *“É... e eu não tenho desculpa não. Minha mão machucada não sara. Não sara, não cicatriza porque é água o dia inteiro. Tá até inflamando já, olha aqui”.* O marido mostra a mão para a entrevistadora e a esposa segue contando: *“Toda terça e quarta eu ajudo ele na louça. Agora de quinta à segunda... não”.* Clóvis retoma a fala e expõe: *“Mas aí eu, eu faço. Ela sabe que eu faço. Eu não reclamo não até porque tem que ajudar”.*

Marcia fala ainda das compras do mercado: *“É. Aí eu faço a compra de... do Supermercado. Faço. Uma vez por mês mais ou menos”.* O marido complementa a fala da esposa: *“Mas o final de semana de fruta sou eu”.* Ela explica: *“É porque ele que compra fruta. Eu não como fruta. Agora eu comecei a comer banana, né amor? Eu não comia fruta e eu... e eu acho um saco supermercado. Aí o Clóvis ia sozinho. Aí, quando eu comecei comer a fruta e ovo de manhã, aí eu comecei ir com ele, enquanto ele escolhe as frutas, eu pego o ovo, pego o queijo dele. Mas rápido. Mas, se eu tiver com preguiça, ele vai sozinho”.*

Na continuidade de seu discurso, a esposa parece fazer um desabafo: *“Aí passa. Aí vem depois eu falo de novo: ‘Meu Deus! Só eu faço as coisas de casa!’ Aí o Clóvis vai, ele mostra. Ele fala: ‘Olha tudo o que eu faço’. É porque eu expliquei pro Clóvis que o pensar e o pedir pra ele fazer alguma coisa, já é eu fazendo alguma coisa... eu não queria precisar pedir. Eu queria que ele lesse a minha mente. E aí ele falou: ‘Não é assim. Calma, você tem que me falar exatamente o que você quer que eu faça’. E aí eu tô tentando entender isso”*.

Diante da fala da esposa, o marido expõe: *“Eu não sou adivinha! Eu gostaria de ser adivinha. Às vezes facilitava, né. Mas... não tenho esse dom”*. Ao que a esposa parece concluir e finalizar seu desabafo: *“Eu tô tentando resolver isso de que eu preciso explicar pra ele o que é pra ele fazer. E aí, mas assim, diferente da minha mãe, graças a Deus, a gente tem uma boa divisão, sabe? Tirando assim, que eu acho que ainda sou eu que coordeno tudo, né? Mas o Clóvis... ele ajuda bastante. Ele executa bem”*.

Ao retratar sobre como acontece a questão das finanças no casal, a esposa mostra o mesmo padrão, de ela sendo a responsável. *“Tudo sou eu também. O Clóvis transfere pra minha conta o salário dele. Aí eu pago as contas, a gente é tudo igual, a gente assim, tem a academia... e transfere. Mas a gente não tem isso assim do tipo eu pago a água, ele paga a luz. Não. A gente pega o bolo, soma tudo, paga tudo. E a gente tem uma mesada pra cada um. Aí eu dou a mesada dele, pego a minha mesada. E a gente tem o dinheiro que é pra investir, e aí eu coloco pra investir. É assim. É tudo nosso. Põe no bolo e soma.”*.

O marido mostra concordar: *“Sim... isso. Soma tudo. Na planilha dela. Põe no bolo e soma. Ela faz”*. O casal não possui conta conjunta. A esposa administra os dois salários em sua conta individual. As finanças ficarem a seu cargo, se deve, na visão dela, pelo fato de ela ter maior facilidade com planilhas e gostar, conforme afirmou anteriormente.

Marcia descreve, em seguida, sua percepção sobre o relacionamento conjugal: *“Dizem que esse primeiro ano é difícil de convívio e a gente até teve umas questões... é... mas de*

relacionamento não”. Ela mais uma vez pontua ser a casa seu maior desafio no casamento: “*Já é a casa. Acho que essas... é, esse sempre foi o nosso maior problema*”. O marido, nesse momento, expressa: “*É, graças a Deus. É... a gente vai ajustar quem nos ajuda, né*”. A esposa continua e identifica as “*questões*” que tiveram: “*A gente teve dificuldades de diaristas*”.

Sobre a diarista, o marido explica: “*Tipo assim: 'Ah, a minha roupa. Ela [a diarista] vai limpar do jeito que eu gosto?' que a gente já detalha pra ela. Saber quem pode vir a somar*”. O casal apontou dificuldade em encontrar uma diarista que fosse do agrado deles. Clóvis complementa sua fala: “*Então esse caso, às vezes, contratou uma pessoa que não, não nos agradou por algum motivo. Tem que ter a dor de cabeça e o desafio de achar outra, né. 'Ah, tem que fazer um trabalho de casa', 'Vamos fazer'. Antes era a Ida ou era a minha mãe, hoje é Clóvis e Marcia. Então, vamos fazer*”. Clóvis refere-se ao período antes de casar, em que havia quem realizasse as atividades domésticas.

Quanto ao relacionamento entre os dois, Clóvis descreve: “*Mas de relacionamento... não. Claro, espero que sempre seja bom. Então, quando às vezes tem uma briguinha, um atritinho, a gente fica chateado porque não espera que tenha atrito. Pelo contrário. Mas atritos são normais. Então assim, é porque tá de pá virada num dia, o outro não tá. É TPM, não é TPM. É estresse, dor de cabeça. Então varia. Pode ser do meu lado também: 'Ah, eu tô irritado com meu sócio, não sei que'. Mas em termos de relacionamento, do que seria o de sair da casa dos pais onde teoricamente tem tudo à disposição e hoje, graças a Deus, a gente também tem tudo, mas, encaixar, pra manter o que a gente tinha é o... é o desafio que a gente tem, e tem todo dia*”.

Marcia e Clóvis levam marmitta para almoçar no trabalho. Eles têm uma diarista a cada 15 dias, que ainda parece estar em fase de ajustes, e uma cozinheira que faz a comida para congelar, também quinzenalmente. Além disso, Marcia diz ter criado um grupo de whatsapp com a mãe e a tia para ajudá-la no lido doméstico. Ela conta: “*Foi logo que casei. Tivemos a ideia do grupo pra*

me ajudar.... como lavar o pano de louça, usar os produtos de limpeza, manchas... eu não sabia nada, até hoje pergunto”.

A relação da vivência canguru na casa dos pais com o início da vida a dois no casamento é mais uma vez discutida pelo casal. A esposa faz a seguinte reflexão: *“Eu acho que eu sou um exemplo de pessoa que não sabia nem pegar uma água, né. As pessoas, eu acho que o grande problema dos casais é isso, porque as pessoas estão na casa dos pais sem saber fazer nada. A gente não é criado pro mundo. E aí você vai lá, casa e se depara tendo que lavar louça, né? Não, não, não, isso não é bom. Eu acho que essa é a maior desvantagem. A gente fica acomodado. A gente não sabe como é a vida lá fora”.*

O pensamento da esposa é corroborado por Clóvis: *“É... talvez a desvantagem seja essa questão da... de você descobrir algumas responsabilidades que você não sabia que existia, pois não eram suas, né, a gente delegava. Então, seja de pagar, seja de resolver, seja de pôr a mão na massa, né. Então assim, acho que nesse sentido o canguru atrapalha porque a gente posterga...”.* A esposa interrompe e continua a fala do marido: *“...o nosso crescimento, né?”.*

Clóvis retoma sua reflexão: *“... a tomada de decisões, né, a... a própria vida em si. A gente fica na tutela do guarda-chuva, né? Fica lá deixando que... que quem é responsável por nós resolva, tome várias decisões. Eu acho que quando você tem uma família estruturada, né, e tudo mais, até por isso que você ficou tanto tempo lá, você possa absorver coisas positivas. Claro que às vezes também vem com algum defeitinho, mas, é... que você sempre viveu e acha que aquilo é o certo ou correto e traz pro seu mundo. Então assim, a Marcia trouxe com certeza experiências lá da família dela, eu trouxe experiência da minha. A gente chega aqui e vê o que que compete pra nossa nova família. Então pode ser aprendizado que ela teve lá, que ela teve os 20 e tantos anos que morou lá, quase 30, já pensou? Eu trago uns aprendizados de trinta e tantos anos, mas que nem sempre são os corretos”.*

O marido continua apresentando sua comparação entre a vivência na casa dos pais e o casamento: *“Porque, às vezes... o que faz um casamento é ver que, às vezes, uma coisa que eu achava legal, ou que achava bom, servia lá [na casa dos pais] mas não vai servir aqui, né. Então assim, nesse sentido, também vem descobertas novas, de saber que talvez o mundo que a gente idealizava que era o perfeito lá na casa dos pais, aqui não seja executado. Porque, né, lá talvez fosse já de comum acordo com todo mundo que vive, então torna-se um consenso. Aqui não, tá vindo a Marcia que é de outra família, de outra educação, de outra cultura. Então que o guarda-chuva que eu tive quando eu misturar com o guarda-chuvinha dela, talvez não dê muito certo. Então a gente tem que determinar, porque pro meu filho vai ser talvez uma outra mistura”*.

Marcia, por sua vez, apresenta as vantagens e desvantagens do modelo de casamento que viveu, o de sair da casa dos pais na idade adulta para casar: *“Vantagens.... Foi bom pra ficar mais tempo com o pai e com a mãe e quando eu tiver filho vou querer isso também. Pro casamento eu não vejo grandes vantagens. Pelo contrário, eu vejo várias desvantagens. Eu acho que uma vantagem também pode ser que a gente não tinha vícios, né? Acho que a gente não tinha vícios também. É. Acho que isso é uma vantagem sim. Dizem que quando você mora sozinho é igual dirigir, você adquire alguns vícios. E a gente não tinha, então foi tudo novo pros dois”*. Clóvis segue o discurso da esposa: *“porque a gente tinha quem fizesse as coisas pela gente”*. Ela mostra concordar: *“É Isso. Quem morou sozinho já sabia se virar, o outro não”*.

A esposa destaca, mais uma vez, sua dificuldade com as coisas de casa: *“É. Então é a minha maior dificuldade. E eu acho que, meu avô um dia desses falou, falou pra minha mãe: 'Meu Deus, a Marcia é uma boa dona de casa!'. É... 'Quem diria, hein?', ele falou pra ela. Lógico que, eu acho que, é menos pior do que eu imaginava. Bem menos. Eu acho que o trabalho é... não sei, eu aprendi a buscar água, hehe. Então, sabe, a gente aprende as coisas”*. Clóvis, nesse momento, elogia a comida da esposa: *“E a gente tem que fazer. É... e a comida da Marcia é uma delícia pra mim. É a minha preferida... depois da... da minha mãe, claro, hehe. Mentira”*.

A vivência prolongada na casa dos pais, especialmente no que concerne às tarefas domésticas, repercutiu no casamento do casal 4 de modo intenso. A esposa, em relação a essa experiência, fala de si mesma: *“Eu não sou um canguruzinho, eu sou uma canguruzona. Morando com eles eu não sabia cuidar de uma casa”*. O marido continua: *“Então assim... vai tá lá na casa dos pais e sempre teve o conforto, mas tem gente também que sempre morou com os pais e fez muita coisa. Então pra ele não vai ser um desafio casar. No nosso caso... a gente veio, é... a gente veio já assim, sabendo e fazendo algumas coisas”*.

A esposa interrompe a exposição do marido e diferencia-se: *“Você sim veio sabendo um pouco as coisas. A minha experiência foi diferente da sua”*, referindo-se ao fato de ela não ter experiência nas questões relacionadas à casa. Clóvis mostra concordar: *“Ela teve mais dificuldade com isso no início do casamento... Ela falava que sentia falta da Ida, a assistente... pois ela nunca tinha cuidado de uma casa, a Ida fazia tudo. Já eu, eu tinha mais consciência do que tinha que fazer, tinha mais noção, mesmo sem ter cuidado de uma casa antes, eu sabia o que tinha que ser feito pois via minha mãe fazer. Já ela nem isso”*.

Uma reflexão final é feita por Clóvis, em que ele identifica a qualidade do envolvimento doméstico de filhos/as adulto/as na casa dos pais com um melhor manejo dessas questões no casamento. *“Então... vai depender do que a pessoa teve de histórico. Se lá nos pais ele sempre ajudou muito, mantenha. Se ele nunca ajudou nada, ajude. É. Entendeu? Porque senão aqui tudo vai ser novo. Agora... se o histórico dele foi um canguru útil, ele só tem que continuar sendo útil, pra facilitar depois”*. A esposa acrescenta à fala do marido: *“E aprenda a usar os materiais de limpeza também... antes de casar, hehe”*.

3.4.5.2. A dupla carreira no casamento

A dedicação de Clóvis e Marcia à carreira é expresso por eles, respectivamente, da seguinte forma: *“a minha carga horária de trabalho pode ser de doze e chegar até quatorze horas... por*

dia!"; “É... e... hoje, agora a gente tá focado nos meus... na carreira, é estudos, né”. Sobre os estudos da esposa, Clóvis expõe: “Na verdade, no momento agora, a prioridade tá o estudo dela, né? Então assim, se tivesse que falar, é... tá... tamo apostando na carreira dela. Se tivesse que falar hoje o... o foco. É o que gira todos os afazeres, todos os horários, tá o estudo dela. Então assim, momentaneamente, é a carreira dela. Mas no dia a dia mesmo, vamos supor, se não tivesse estudo, é conciliar carreira, casamento e casa”.

Sobre a forma como fazem essa conciliação, a esposa pontua: “A gente, então, isso até... é também um desafio. Porque disso, quando eu falo, eu falo: 'Amor, a gente tinha que sentar e fazer um planejamento de vida, né?' Aí ele: 'É, vamo fazer'. Aí a gente nunca fez. É.... aí a gente vai conciliando”. Para o marido, “É junto. Quando tá em casa tem que fazer as coisas de casa. Tentamos estar juntos mais tempo possível, apesar de ser sempre pouquinho... que é a hora do café e a hora do jantar. Se somar não dá uma hora por dia. É muito pouco. E, carreira, o tempo que ela tá no seu trabalho, teoricamente, eu tô no meu”.

A questão do pouco tempo disponível para a relação, aparece, mais uma vez, na fala do casal. A esse respeito, Marcia ainda descreve: “Acho que... ainda que não tivesse o... o estudo, a gente passa dez horas do dia no trabalho, oito horas dormindo, já foram dezoito horas do dia, né. Então acho que realmente o trabalho, o trabalhar pelo menos oito horas, mas ficar lá, né, porque horário de almoço tudo, acaba afastando a gente com certeza... muito, porque a gente fica mais tempo no trabalho do que em casa”. O marido complementa a fala da esposa: “É porque come a maior parte do tempo, né. É. Conta muito”.

Na conciliação da dupla carreira com o casamento e a casa, a esposa ainda menciona: “Mas a casa e o casamento flui, sabe? Assim, a gente não tem muito essa... A gente nunca parou pra... pra pensar assim o que a gente tem que priorizar mais, o que que a gente tem que fazer pra melhorar. A gente tá sempre procurando melhorar em tudo. Então, se a gente acha que a casa não

tá ficando legal, a gente vai ajustando. Se a gente acha que o casamento não tá legal, vai ajustando. Não é muito rígido não”.

O espaço para o investimento na individualidade aparece na fala da esposa quando ela explica sobre como conseguem conciliar as idas à academia na vida do casal. *“Mas aí, olha o que a gente fez também, uma coisa assim... eu tô na academia, eu gosto de malhar de manhã. O Clóvis gosta de malhar à noite. Então pra conciliar a vida, a gente resolveu que eu acordo mais cedo, e aí como tem o estudo à noite, ele pode malhar à noite enquanto eu estudo. E aí a gente vai... vai encaixando nossa vida assim, pra... pra ficar bom pra todo mundo”.*

Quando perguntado sobre como a esposa percebe a carreira do marido, ela expressa: *“A carreira do Clóvis pra mim é uma coisa muito difícil de entrar na minha cabeça. Muito”.* Ela explica: *“É porque como lá em casa todo mundo, meu pai sempre trabalhou em um... né, em órgão público, minha mãe há muito tempo trabalha também. Então assim, a iniciativa privada, pra mim, é uma coisa muuuito..., sabe? Que a pessoa é muito corajosa de tá nela. Muito mesmo”.*

A esposa associa a carreira empreendedora do marido com a característica da coragem e relaciona sua experiência familiar como sendo oposta a essa característica, uma vez que seus pais fizeram carreira no serviço público. Marcia segue sua reflexão sobre a carreira do marido: *“Mas, pro Clóvis, eu acho muita aventura. Não é uma aventura, assim... é mais na minha cabeça, sabe? É muita coragem gente. Você estar lá e você tem cliente, você não tem chefe! É... não, é uma coisa que eu não faria nunca. Que eu acho ele muito corajoso. Acho muito incrível. Eu não trocaria nunca minha chefe por um cliente. Nunca”.* Ela diz, entretanto, apoiá-lo em sua escolha: *“Eu super apoio. É o que ele ama, eu acho ótimo. Pra mim, o Clóvis fazer o que ele ama já é incrível. Então eu dou total apoio pra ele. Só não é uma coisa que eu acho... seja bom pra mim. Nunca”.*

Clóvis, por sua vez, ao discorrer sobre como percebe a carreira da esposa, diz: *“Ah, como eu percebo? Porque eu vejo que ela tem essa facilidade pela formação dela de... ela poder prestar concurso público. Porque hoje em dia o que todo mundo almeja é o famoso, a estabilidade, né. E*

isso o serviço público proporciona. Não sei se ela vai trabalhar no que ela gostaria, né. Porque às vezes vai ser crachá, carimbo, num sei que, tem afinidades que você faz no serviço público que às vezes não é aquilo que você gostaria de fazer”.

O esposo compara as duas carreiras, dele e de Marcia e diz: *“Mas o lado financeiro compensa bastante. Então assim, a facilidade que ela teria no serviço público é o que? A estabilidade. Vai fazer o que gosta? Eu não sei. Que já no meu, já é o contrário. Eu não tenho uma estabilidade, mas eu faço o que eu gosto, né. Então o meu eu dependo de contratos que findam, vão, termina do nada ou passa do prazo que a gente gostaria. Enfim, é instável, digamos assim, o mercado, né?”.*

Por fim, o marido percebe as duas carreiras como complementares. *“E no dela eu já vejo que é o complemento do meu. Já é totalmente diferente do meu, né. Então, por exemplo, eu não tenho hora pra entrar, eu faço minha hora, hora pra sair. Às vezes é bom, às vezes é ruim. Ela não. Se tiver num serviço público, e assim vai estar em breve, é o que? Tem hora pra entrar, tem hora pra sair, faz o horário dela. O meu não. Eu não tenho meta pra cumprir, quanto mais trabalhar é melhor, quanto menos trabalhar pior. Então, a estabilidade que advém do lado dela é um complemento da minha... da minha aventura. Que é diferente do... do dela. Então, a gente é totalmente oposto, né, a iniciativa privada e a pública”.*

3.4.5.3. Distância e proximidade das famílias de origem

Marcia e Clóvis, após casarem, permaneceram mais próximos da família dela do que do esposo, assim como já acontecia antes de casarem. Sobre a família do esposo, Marcia comenta: *“Então, com a família do Clóvis a gente não tem muito contato. Eu ainda brigo com ele às vezes, brigo assim, né, “brigo” é uma palavra muito forte, eu falo pra ele: ‘Vai lá! Visita sua mãe’, porque é perto do trabalho dele, então não custa”.*

O marido menciona que não existe uma rotina de visitas ou encontros com a mãe: “É zero”. Quando acontecem, são casuais. “*Mas falo todo dia, quase... pelo telefone*”. Já com a família da esposa, Clóvis compara: “*É cem. Cem por cento com eles*”. A esposa conta que “*toda quarta o Clóvis vai ver jogo lá*” na casa da família dela. O marido acrescenta: “*Aí meio de semana eu gosto de assistir futebol. Então antes eu falava: ‘Amor, ó, sobe com a sua mãe, vai pra casa do seu pai que eu saio, trabalho, vou direto pra lá’. A gente se via lá, ela ia lá. Toda semana. Agora não, agora ela só vai final de semana, contadinho, por conta do estudo. Então assim, hoje a rotina tá bem, não vou dizer atrapalhada porque fica feio, mas tá alterada bastante por conta do estudo*”.

Quando não existia a rotina de estudos da esposa, eles frequentavam a casa dos pais dela durante a semana e aos finais de semana. Os estudos “atrapalharam” essa rotina, como diz o marido, e somente ele continuou as visitas durante a semana. Aos finais de semana, entretanto, estão “*sempre junto deles*”, segundo Clóvis afirma. Muitos dos sábados destinados ao casal são, de acordo com Marcia, substituídos por idas à casa dos pais dela. Ela diz: “*Sábado é o dia do casal, mas tem dia que a gente tá ‘Aí que preguiça. Vamos fazer o que? Vamos sair? Ah, liga lá na Serra, vê se tem uma comidinha’ ... Aí a gente vai pra Serra*”.

A esposa explica o que significa “Serra”: “*Porque quando a gente casou eu tento cortar essa história de ‘minha casa’, sabe? Não é mais minha casa. Minha casa é essa aqui, lá é a casa dos meus pais. Mas de vez em quando ainda sai. Aí a gente até apelidou lá de Serra. Casa da Serra, sabe? Tipo a casa de fim de semana? É a nossa casa da serra. Pra... pra não dizer ser mais nossa casa. Se bobear até quando acabar aqui a entrevista a gente vai pra lá*”. O marido concorda: “*É... era pra tá lá já*”.

O bom relacionamento com os pais, especialmente com a mãe, é ressaltado por Marcia. “*E assim, minha mãe... ah, você viu, a gente é muito ligado, o pessoal lá... a gente e o pessoal lá de casa, né, a gente se dá bem. Lá de casa não, lá da Serra*”. Uma vez que trabalha no mesmo local da mãe, Marcia pode encontrá-la diariamente. “*A gente trabalha no mesmo órgão. Então assim, nisso*

eu já tenho muita dependência deles, sabe? E eles acabam tendo também da gente, né amor? Se meu pai quer assistir jogo, ele liga pro Clóvis, que é a companhia dele”.

Quanto à questão da dependência dos pais mencionada na fala anterior, a esposa explica: *“E hoje em dia de que eu falo que ainda sou dependente é isso. Domingo a gente ainda almoça lá. Eu trabalho junto com a minha mãe... Então o Clóvis me leva pro trabalho e eu volto com a minha mãe, porque é meu momento com ela. E ai de mim se mudar isso, sabe? É. Eu sou, eu sempre fui muito dependente do meu pai e da minha mãe. Em todos os sentidos. Até hoje eu não sou 100% independente deles. O financeiro que não. O financeiro não. Mas assim, da minha mãe... de tá com ela”.*

O casal ainda relata a percepção que possuem sobre a dependência dos pais de Marcia em relação a eles. Clóvis exemplifica: *“Ontem... porque eu falei: ‘Não, é feriado’. A Marcia ia estudar, a gente nem tava, ela não tava muito afim de ir pra Serra. Ai pergunto: ‘Você quer ir?’. Eu falo: ‘Você que sabe, quer ir ver seus pais?’, e ela: ‘Ah, não sei. Você quer ir ver meus pais?’. Ai fica aquela vai não vai, vai não vai. ‘Ah, não to muito animada’ e tal não sei o quê, ‘Ah, então vamos?’. Ai nós fomos, aí nesse meio tempo ela foi mexer no celular e já tava lá: ‘Marcia e Clóvis, cadê vocês?’. Era a mãe dela perguntando, porque que já eram, sei lá, seis da tarde e a gente ainda nem tinha ido lá no feriado”.* Marcia diz que quando deixam de ir na casa dos pais, *“eles choram, hehe”.*

A esposa conta outro exemplo: *“Uma vez a gente deixou de ir pra almoçar com um primo do Clóvis. Eles ficavam mandando Whats: ‘É, tão com a nova família’. É... meu pai fica de cara feia se a gente não almoça lá. Minha mãe fica na piadinha, mas meu pai fica de cara feia”.* Diante da fala da esposa, o marido pontua: *“Reclamou, verdade. Ele, o pai dela reclamou porque eu fui almoçar com o meu primo. É... Eles não... Eles já acostumaram. E eles gostam da gente lá. É. Mas é isso. Quando não vai, acha ruim”.*

Quando perguntado sobre o que gostam de fazer na casa dos pais de Marcia, ela responde:

“A gente vai pra lá por ir. A gente gosta. Fica vendo TV com meus pais... ou sem eles também, eles vão dormir e a gente fica lá. Um dia desses uma amiga minha até perguntou: 'Por que vocês vão tanto na casa da sua mãe?' Eu falei 'Não sei... porque a gente vai...' E todo domingo a gente vai pra lá. Todo domingo. Às vezes dorme até. É. Ai assim, durante a semana, quando eu não estudava, a gente ia mais. E se tem um feriado, tipo agora que teve um feriado a gente foi, e aí todo domingo a gente vai pro almoço e sai de lá nove horas da noite. Passa o dia lá”.

3.4.5.4. Satisfação no casamento

O casal avaliou o casamento de forma bastante positiva. A esposa diz: *“Nossa, meu casamento é dez, hehe”*. Clóvis interrompe a esposa e fala: *“Rapaz, não precisa mentir pra ela assim não. Rapaz, Deus te castiga. Dá uns nove, dez é muito”*. O esposo mostra brincar com a situação. A esposa, então, explica sua nota: *“Tô falando sério. Eu acho que você é um bom marido. Mas você só me irrita de vez em quando... tirando quando o Clóvis acorda tarde, que isso me irrita. Me irrita a falta de rotina do Clóvis”*.

Apesar da insatisfação com a ausência de rotina do marido, Marcia atribui ao casamento nota máxima. Clóvis questiona a nota da esposa e ela a revisa. *“A gente se irrita? A gente se irrita, o Clóvis é uma pessoa totalmente diferente de mim, né. Ele acorda dez e meia da manhã. Eu dou dez sabe pelo quê? Por a gente ser companheiro, por a gente não brigar, se ajudar... Eu tenho uma prima que quebrou três celulares no primeiro ano de casado. A gente não quebrou nenhum celular, hehe. A gente não tem os problemas que as outras pessoas têm. Mas então tá. Então eu dou um oito porque o Clóvis acorda tarde e isso me irrita”*.

O marido mostra não gostar da revisão de nota da esposa: *“Nossa, me tirou dois pontos. Eu vou te dar nove só porque você me deu oito. Eu ia te dar um dez. Agora vou te dar oito...”*. A esposa interrompe e diz: *“Pois é. Eu tinha dado dez. Você achou demais”*. O esposo expõe: *“Não... eu falo*

assim, dez é mentira, né, igual... igual ela brincou, né, exagero falar: 'Nossa, dez!' Mas pra casamento eu também daria dez, porque a gente tenta fazer com que sejamos pessoas melhores a cada dia. Ela não se preocupa com que eu seja apenas um melhor marido, ela tenta que eu seja o melhor sócio, que eu seja o melhor filho, que eu seja o melhor. Então, nesse sentido, né, eu acho que o casamento, em termos de casamento, a gente pode, pode dar dez. Aí eu falei, eu brinquei com ela que é exagero e tal”.

Marcia segue explicando a sua boa avaliação e faz uma comparação do seu casamento com o de suas amigas. *“Não, mentira. Eu acho o nosso casamento muito bom. Só da gente tá tentando melhorar eu acho que já é bom. Se eu comparo com as minhas amigas, elas me ligam contando cada coisa. E aí o que elas falam... gente!! A vida delas... vivem... na guerra assim. Isso a gente não tem aqui. A gente não tem essas brigas, então eu já acho que é maravilhoso. Comparando com as outras pessoas... minhas amigas falam que meu Deus, que eles brigam todos os dias, que eles não conseguem conciliar, que o marido não ajuda em nada”.* Na continuação da fala da esposa, o marido expressa: *“Torna-se dez por causa disso. A gente sempre conversou muito”.*

Clóvis também apresenta aspectos negativos. *“Claro, tem os contratempos do dia a dia, a bichinha se irritar, a bichinha fazer não sei o que... Você se irritar e tudo mais acontece. Na verdade, é... a gente não tava preparado, né? Você entendeu? Mas tende a ser uma surpresa. Mas eu acho que não tem como ter uma regra... ou pra você deixar de ser preguiçoso, ou pra você ser mais rápido, ou pra você ser mais companheiro. Você tem que ser companheiro. A palavra mesmo é companheirismo, né”.*

A esposa segue o diálogo e comenta: *“É. Não tem um manual, né? Mas aí se você fosse falar pro... não, tem gente que vai casar a gente fala isso. A gente sempre fala, amor, pra pessoa estar preparada pra mudança da vida. Que não é só o casal que muda. Você muda, seu trabalho muda, sua perspectiva de vida muda. A gente fala isso pra todo mundo. Eu mudei muito. Sou outra Marcia. Antes eu era a Marcia solteira, hoje sou a Marcia casada. Hoje eu aprendi a cuidar da*

minha vida, antes tinha quem cuidasse da minha vida. Eu aprendi, estou aprendendo, né, a cuidar de casa. É. Exatamente, você se torna uma nova pessoa. Você era Marcia Costa, agora você é Marcia Silva. Você tem que tá preparado, os dois, pra essa mudança da vida que não é só o casamento. Pra você crescer na verdade. É... porque a pessoa vai crescer. É um choque pra todo mundo”.

Clóvis continua o discurso da esposa e faz uma reflexão acerca do casamento: *“Você vai viver a dois. Então, seja companheiro, esteja preparado pra ajudar o outro, pra ser o suporte do outro, porque se não for? Como é que vai ser? Eu quero chegar ficar casado até... se Deus quiser e se Ele assim permitir, até morrer. Ah, se vai ser daqui 60, 90, 100 anos fica pra Ele. Então assim, o que eu puder fazer pra, né, todo dia tá renovando, eu acho que vou...”*. A esposa mostra-se emocionada e diz: *“ahh, acho que vou chorar”*.

3.4.6. Planos para o futuro

3.4.6.1. Planos para o casamento

Quando perguntado sobre os planos futuros do casal em relação ao casamento, a esposa vira-se para o marido e diz: *“Viu? Todo mês eu mando e-mail falando que a gente tem que fazer isso”*. O marido responde: *“Viu? Ué, ter filho. Ter filho. Aumentar a família”*. Marcia continua: *“Não, porque direto eu mando e-mail pra ele: 'Amor, a gente tem que...' eu acho que as pessoas tem que ter objetivos claros na vida. Se você não tem objetivos claros, o universo não vai trazer pra você. O universo é burro, você tem que ser claro com ele, falar o que você quer. Vamos sentar, aí você me diz tudo o que você quer pra gente focar naquilo”*.

O marido explica o motivo de não fazer planos para o futuro. *“É porque eu não, eu não... é porque é assim, como ela mexe com planilha, ela gosta de fazer. Eu não ponho data. Então assim, vou ter filho 'Ah, é daqui seis meses, daqui um ano, daqui um ano e meio', não, não sei, é ter filho. Eu não dou, eu não dou esse prazo. 'Ah, vou, vou comprar uma casa própria ou vou investir*

dinheiro?’ Põe lá que a gente tem que fazer, sei lá, o melhor pelo dinheiro. Então se vai comprar ou não, a gente vê na frente. E aí eu não ponho data. Então assim, hoje de, de futuro mesmo... o que eu acho oportuno é que a gente quer aumentar a família e ter um filho”.

Sobre o número de filhos, Clóvis expõe: *“Ah, se dependesse dela na época de namoro eram três. Aí ela... É três. Mas aí ela se bobear, um casal, mas num primeiro momento um. Porque é muito caro”.* Marcia, nesse momento, exclama: *“Não, Deus me livre. Não. Não tô nem aí pro dinheiro, eu sempre falei que eu quero ter três filhos”.* O marido, diante da fala da esposa, diz: *“Ter três é. Quantos a mãe quiser... Eu não ligo pra isso. Assim... um eu acho triste. Dois eu acho legal. Três, já tá no limite, né”.* A esposa continua: *“Não, três é muito legal. É muito tranquilo. É muito bom ter três irmãos”.*

Marcia possui dois irmãos. Segundo ela, foi uma *“experiência tão boa”* que ela gostaria de reproduzir e ser mãe de três filhos. Quanto a essa comparação feita pela esposa, Clóvis pontua: *“Eu já vim de uma família de dois. Então já acho que dois é legal. Três é... sei lá, é novo”.* A esposa comenta: *“É. Já eu não. São três filhos. Morar numa casa. Não, eu entro até no Wimóveis pra escolher a casa que eu quero morar”.*

O casal segue contando seus planos. Para o marido: *“Eu quero ter outro carro, melhorar a casa, quero sair de uma de dois e quero de três quartos. Pô, legal, a longo prazo... mas de planejamento, basicamente... Eu acho que o mais emendado é começar a ter filho a partir de, sei lá, assim que, se Deus quiser, a Marcia passar em um concurso... já dá essa garantia. Aí a gente calcula, ah, um ano, um ano e meio... porque nesse tempo a gente ainda quer curtir ainda um pouquinho, né”.* Para a esposa: *“Mas a ideia é essa. A gente tem que ir pra Tailândia antes de ter filhos. A gente tem esse sonho, no caso eu”.* Clóvis interrompe e diz: *“É porque ela sabe que eu vou pra qualquer lugar”.* Marcia continua seu relato: *“É, hehe. E eu acho que é muito longe pra deixar o filho e ir pra Tailândia. Tipo, pra ali pra Europa você deixa com a mãe, né, com a avó. Mas pra Tailândia é muito longe”.*

Quando perguntado sobre como a presença de filhos/as poderia influenciar no casamento, Marcia expõe: *“Então, vai ser um problema. Eu acho que, que filho não deve ser uma coisa fácil. Deve ser um trabalhão. Por isso que eu quero pelo menos meio período pra conseguir ter vida, sabe? É, eu acho que filho é um problemão. Mas que a gente vai dar conta, né amor? A gente, o pessoal falou que casar era muito difícil e a gente dá conta. Então acho que ter filho também vai ser tranquilo. Não tão tranquilo, mas... enfim”*.

Clóvis, por sua vez, responde: *“Ahã. É... é chato... Dá trabalho. Normal. E na questão da... de casamento, por mais que vá demandar muito tempo, demanda tempo do casal, né. Você vai ter os cuidados, vai ter a educação, vai um monte de coisa da criança, eu acho que isso em termos de família agrega mais. Porque querendo ou não a gente vai despende tempo pra ele. Eu vou ter menos tempo como marido e mulher, mas a gente, ao mesmo tempo, vai ter mais tempo como pai e mãe. Então meio que vai trocar talvez a função. Aí o casal, naquele início de cuidado com a criança, a criança vai interromper. Então você... você dá pausa na vida e vira pai e mãe. Aí pra você virar marido e mulher a criança tem que tá dormindo, a criança tem que fazer não sei o que, ela tem que tá com... com outras idades. Você vai ter mais um relacionamento mais de pai e mãe. Então assim, na verdade ele vai vir pra somar, mas naquele sentido de que ele vai dar mais condição de existência de família, né. Porque antes aqui é um casal”*.

A esposa, por fim, conclui: *“Se hoje a gente se vê por uma hora, quando tiver filho a gente se vê por dez minutos. Então, é por isso que vai ter um dia que minha mãe busca, pra gente continuar tendo o dia do casal... sabe? Uma coisa tipo assim... É. Já tem a ajuda da avó. Viagens pra perto, o casal... já tá assim”*.

3.4.6.2. Planos para a Carreira

Sobre os estudos e os planos para a carreira, Marcia conta que escolheu *“a carreira pública por conta, então, do projeto de ser mãe e pra complementar a carreira do Clóvis, né”*. A esse

respeito, ela relaciona “*com ter filho, com ter mais tempo pra casa*”. O relato da esposa evidencia a relação entre os planos para a carreira com o investimento no casamento, na maternidade e na casa. “*Assim, a minha ideia de passar num concurso é justamente para o casamento melhorar... pra eu ter mais tempo. Porque como o Clóvis tem flexibilidade de horário, eu preciso ter flexibilidade de horário. Eu preciso do... do não ser tão engessado, eu preciso poder ter filhos, sabe?*”. Clóvis, por sua vez, observa: “*É que o fogo de... de mãe é... pede, né? Filho é caro e a gente não pode, né, se aventurar à toa. Então hoje ela ter essa estabilidade é fundamental*”. O marido enfatiza, mais uma vez, a questão da estabilidade.

Em relação à vontade de ter filhos, Marcia diz: “*Agora eu sou desesperada. 'Meu Deus, eu tenho 28 anos, eu já sou casada, eu preciso ter filhos, eu preciso, sabe? Vamos andar logo carreira, que é pra gente ter... ter filhos', né, pra gente ter filhos, pra tudo andar. Meu projeto é ser mãe. Então eu quero um concurso meio período, uma estabilidade, porque o Clóvis é iniciativa privada, né. Bem ou mal a gente não tem uma estabilidade. O Clóvis hoje ele pode ganhar um cliente. Amanhã ele pode perder um cliente. Então o... o que eu já falei pro Clóvis, o atual concurso dos sonhos é aquele de 6 horas, ou então de 7 corrida, sabe? E que ainda tem uma creche do lado*”.

O discurso da esposa associa diretamente a questão de conquistar a carreira pública com o momento de ter filhos. Ela ainda relata: “*Eu só vou ter filhos quando a carreira estiver certa. É, isso. A carreira já sólida*”. Para a esposa, o momento certo de ter filhos parece ser quando ela passar em concurso público. A percepção de Marcia sobre a carreira após o nascimento de filhos é: “*Então, assim, depois que tiver filhos eu não imagino mais ter preocupação com carreira, sabe? É. Então meio período eu fico com as crianças, elas ficam na creche e eu tenho uma, uma estabilidade financeira, assim que, né, o concurso eu não... você todo mês tem lá o seu salário*”.

Sobre seus planos para a carreira, o esposo expõe: “*Então o foco é o que? 'Quero aumentar a carteira de clientes'. Aí eu vou... porque chegar em x clientes novos, não dou conta, contrata x funcionários novos pra dar conta daquele projeto, daquela demanda. Então hoje eu tenho uma*

estrutura pra x clientes. Que é o que eu já tenho hoje. Aumentou dois clientes, se a qualidade for cair, aumenta a equipe porque vai por... por projeto, contrato e tudo. Então assim, sempre eu... tende, tende a crescer pra poder também que a empresa, né, cresça e eu também possa delegar”.

Clóvis explica porquê almeja o crescimento da empresa. *“E talvez também tende a ser um foco maior na carreira por conta das obrigações atreladas ao casamento, né. Pra melhorar a qualidade de vida dos dois, pra poder ter um filho, pra poder, né, ter mais conforto, ter mais bens, enfim, pra poder crescer, prosperar. Então assim, nesse sentido, até é... é o que é ter um empenho bem maior porque, no final das contas, as contas vão ser maiores, né? Então a empresa tem que estar melhor do que é hoje, com certeza”.*

CASAMENTO - DO MODELO DOS PAIS AO MODELO DOS/AS FILHOS/AS

3.4.7. Fazer igual, fazer diferente: A construção de um modelo conjugal - “Se ajudando”

No início de seu relato sobre o casamento dos pais, Marcia expressa: *“Meu pai é complicado, né, hehe. Não, dos meus pais é meio complicado assim”.* A fala da esposa diz respeito à *“personalidade forte”* do pai e a questão da ausência de divisão das tarefas domésticas que refletia na sobrecarga da mãe. Marcia relaciona esses aspectos com a idade ao casar dos pais: *“Eu acho que minha mãe casou muito nova, ela casou com dezessete. E aí eu, quando eu nasci ela tinha dezoito. E eu acho... não sei se é da geração, sabe? Mas eu acho que a geração da minha mãe, ela tinha muito mais responsabilidades, assim, do que a minha geração”.*

A esposa explica a comparação entre as gerações referindo-se às diferenças de responsabilidades domésticas percebidas no casamento dos pais e nos casamentos atuais. *“Então assim, de afazeres domésticos, eu acho que a geração dela era muito pior que a minha. Pelo menos pelo que eu vejo que aqui em casa acontece, que acontece com as minhas amigas, eu vejo o casamento deles muito com isso, muito de “a mulher”, ainda que meu pai ajude. Mas assim,*

domingo é ele que faz o almoço. Mas é só isso. Quem tem que pensar em todo resto é ela. Mas eles estão aí... vão fazer vinte e nove anos de casados”.

Marcia segue contando como acontece “até hoje” a divisão de tarefas na casa dos pais. “E aí eles estão lá. Mas assim, essas coisas, toda a administração da casa, tudo do o que tem que fazer, o que tá faltando, o que tem que comprar, se a Ida fez comida, se a Ida não fez comida, é tudo minha mãe. E aí no domingo meu pai faz o almoço de domingo. Tanto que quando a gente foi casar minha mãe sempre falou: 'o almoço de domingo é aqui em casa!' e o almoço de domingo é na casa dela. Aí o almoço o meu pai faz, mas quem lava a louça é ela, quem corta tudo pra ele é ela, quem faz tudo é ela. É tudo ela. Não tem muito uma divisão não”.

A mãe de Marcia “sempre trabalhou fora de casa”. A família dispunha de uma assistente doméstica que, segundo o relato da esposa, tinha um papel fundamental na ajuda à mãe dela, tanto em questões domésticas como de criação de filhos/as. “A gente tem uma... a gente não fala uma empregada, a gente tem uma amiga que mora com a minha mãe há vinte anos, então isso facilitou muito a vida da minha mãe. Sempre teve alguém. Antes era a Maria. A Maria chegou na casa da minha mãe eu tinha um mês de nascida e ela ficou até os meus oito anos. Aí saiu a Maria, chegou a Ida, que tá até hoje. Dos meus nove até hoje. E a minha diferença de idade pra minha irmã mais nova são dez anos. Então a Ida chegou, a minha irmã nasceu. Então minha mãe sempre teve essa ajuda. Mas assim, tem que ir pro supermercado, é minha mãe, tem que levar os meninos pra escola é minha mãe... Sempre foi minha mãe. Tem que, os meninos precisam fazer um trabalho, era minha mãe. Tudo a administração era dela. Mas ela sempre teve ajuda ou da Maria ou da Ida, que tá lá até hoje e é uma santa assim. E meus irmãos ainda moram lá em casa, né”. Apesar da ajuda das assistentes, Marcia observa que a responsabilidade pelo papel doméstico e familiar recaía sobre sua mãe.

De acordo com a esposa, a vivência desse modelo de conjugalidade dos pais trouxe aprendizados que ela diz não querer repetir. “Mas eu aprendi que, é a mulher sozinha, isso é uma

coisa que eu sempre falo pra minha mãe, a gente não dá conta, a gente tem que delegar. Porque minha mãe pega muito pra ela, e eu vejo o sufoco dela. E aqui em casa não, a gente sempre dividiu. Então eu acho que, que de casa é bem isso, sabe? Tudo isso. E eu vejo também que as pessoas acostumam, sabe? Então se ela faz uma coisa, meu pai vai acostumar o resto da vida com aquilo. Eu sempre falo pro Clóvis que a gente sempre tem que dividir. A gente se ajuda, coisa que lá na casa da minha mãe eles não fazem é se ajudar. Então eu acho que a maior lição que eu peguei deles é isso, tipo, vamos nos ajudar”.

Diante da fala da esposa, o marido expõe: *“De não fazer é isso, né... deixar sobrecarregar. Então que... agora, nesse início de relacionamento, a gente seja um o pilar do outro pra poder construir uma, uma relação sólida, bacana, pra gente poder se ajudar. Porque todo dia vai ter uma coisa nova, um desafio, ou um jeito de interpretar diferente. Mas que a gente pode se ajudar sempre”.* A esposa complementa a fala do marido enfatizando o que gostaria de fazer diferente do casamento dos pais dela: *“De... pelo amor de Deus, de... a organização da casa, de delegar, é. Nunca vou fazer igual a minha mãe de pegar tudo só pra ela”.* O relato do casal mostra a vontade de fazer diferente do modelo de divisão de tarefas percebido no casamento dos pais da esposa.

Quanto ao casamento dos pais de Clóvis, segundo ele afirma, a mãe nunca trabalhou e dedicava-se exclusivamente ao cuidado da casa e dos filhos. *“Minha mãe sempre, sempre foi do lar e foi meio que mudou pra cá e já mudou bastante, porque se tornou em dois anos a vida dela, que chegou, casou, e já se viu mãe de dois, né? De dois meninos. E aí sempre cuidou. Sempre foi ela sozinha, ela não tinha... ajudante. Então, afazeres de casa também sempre ela, porque meu pai trabalhava fora”.*

O marido percebia a ajuda do pai em aspectos pontuais da vida cotidiana: *“Questão de levar pro colégio, dividia os dois porque ‘Ah, se tivesse na rota do papai’ então de manhã ele deixava a gente no colégio e já ia pra trabalhar. Mas à tarde pra inglês, natação, academia, essas coisas, minha mãe que levava a gente”.* A mãe, no entanto, era a responsável, enquanto a prioridade do pai

parecia ser o trabalho. “O ‘se ajudar’, vou dizer, era limitado. Se você perguntar pra minha mãe do meu pai é capaz que ela diga: ‘Não, não me ajudava’. Mas assim, meu pai ajudava no que competia muito a ele. Mas, às vezes é aquilo, cai no comodismo, né, então não quer, ou porque a outra já faz tão bem que se você se pressupor a fazer você vai fazer pior, vai criticar, né?”

Quanto aos pontos positivos percebidos no casamento de seus pais, Clóvis aponta: “Na medida do possível cada um sempre respeitando a individualidade, ou a opção, o gosto de cada um... sendo parceiro quando necessário e tudo mais. Eu, eu vejo assim. Sempre ser complemento um do outro, porque cada um na sua individualidade, né. Eu não tô aqui pra Marcia ser um boneco e fazer o que eu quero e nem eu pro dela. Mas se a gente conseguir ceder, e entender e fazer eu acho que a gente consegue se dar bem em qualquer... Então se a gente souber ceder, acho que o convívio dá pra, dá pra ir bem”.

Clóvis segue sua reflexão sobre o casamento dos pais na comparação com o seu casamento: “É meio que... tem que ser, tem que ser companheiro, né, tem que poder ajudar. Claro, igual a Marcia brincou no início, ele, meu pai, não tinha bola de cristal pra saber em que que ela precisa de ajuda. Às vezes ali, eu tô lavando a louça, ela pergunta: ‘Amor, precisa de ajuda?’ Eu: ‘Não, obrigado’. Mas se eu precisar também, eu não vou esperar que ela apareça e pergunte: ‘Quer ajuda?’. Eu vou gritar, vou falar: ‘Amor, vem cá, me ajuda aqui’, e ajudar. Então assim, é conseguir ajudar, né. Isso aí eu sempre consegui ver lá na minha mãe, essa questão de poder ser útil, né, e poder ser”.

O esposo fala que em alguns momentos da vida, ouvia a mãe reclamar do pai. “E assim, a gente ouve. Às vezes a minha mãe, às vezes falava: ‘Pô, seu pai podia ter ajudado’. Isso a gente sempre ouve. Na casa da mãe dela também a gente ouve bastante ainda. Então assim, na minha mãe eu também já ouvi. Então a gente quer tentar ajudar e não deixar que o outro sobrecarregue. Não é? Então, do lado dos meus pais é isso. É tentar ser mais companheiro e prestativo, né, acho que, que essa é palavra bacana pro casamento: Prestativo”.

A esposa descreve os sogros como pessoas bem diferentes. *“Eram bem diferentes. Meu sogro e minha sogra, assim, pelo o que o Clóvis fala, a família inteira fala, eles eram pessoas de personalidade bem diferentes. E eles ficaram juntos lá... até a morte”*. Esse é o ponto que Marcia destaca como sendo o que gostaria de fazer igual tanto em relação ao casamento dos sogros como também de seus pais. Ela diz: *“É. E os meus pais também, com toda essa dificuldade estão lá, né. Eles são persistentes. Isso é uma coisa boa dos dois. Eles estão casados há muitos anos. A sua mãe foi casada até morrer. E seus pais eram pessoas bem diferentes também. Então isso é bom. Esse povo hoje que desiste fácil”*.

Por fim, o marido relata sobre o casamento dos pais: *“Eu acho que eles não me deram exemplo negativo nenhum que eu pudesse falar: ‘Nossa, isso eu nunca quero, quero fazer não’, né e trazer pro meu casamento. Eu levo talvez das coisas que deixou de fazer, ou pelo comodismo, ou sei lá, porque o outro fazia muito bem, sei lá. É porque assim, lembrar eu não... né, não fica tão, tão vivo assim. Eu... eu sei isso que a minha mãe às vezes reclamava que o papai às vezes não... em algumas coisas, podia ter ajudado mais, né”*. Clóvis reconhece a necessidade da ajuda do pai à sua mãe, mas também minimiza a ausência desse apoio.

CAPÍTULO 4

DISCUSSÃO GERAL DOS CASOS

Este trabalho teve por objetivo analisar o casamento de filhos/as cangurus. A partir da análise vertical e transversal dos casos, dos objetivos propostos nessa pesquisa e da revisão de literatura realizada, destacamos três temas relevantes para a compreensão do fenômeno investigado e que perpassam os quatro casos: (1) repercussões no casamento da vida canguru prévia; (2) desafios na transição para o casamento e (3) o casamento dos pais como modelo. Acreditamos que ao apresentarmos a discussão dos resultados nesse formato, aumentamos a visibilidade dos achados correspondentes aos objetivos inicialmente propostos nesta tese. Assim, com base nesses temas, discutem-se as semelhanças e diferenças entre os casos, bem como as singularidades de cada um. Ressaltamos, além disso, aspectos relacionados às questões de gênero identificados ao longo dos estudos de casos e concernentes aos temas discutidos. Pontuamos também algumas falas dos casais, identificadas como mais expressivas, com o intuito de ilustrar nossa discussão.

Os casais e os cônjuges serão identificados por números e pelos seus nomes fictícios: *Casal 1: Fátima/esposa 1 e Geraldo/marido 1; Casal 2: Rose/esposa 2 e Adilson/marido 2; Casal 3: Andrea/esposa 3 e Fábio/marido 3; Casal 4: Marcia/esposa 4 e Clóvis/marido 4.*

4.1. Repercussões no casamento da vida canguru prévia

A análise dos casos revelou que a permanência prolongada na casa dos pais até a idade adulta apresentou impactos para o casamento dos quatro casais. A dificuldade na execução e organização das tarefas domésticas foi um aspecto levantado pelos casais e relacionado com a vivência canguru prévia. As esposas 1, 2 e 3 discorreram sobre eventuais ajudas que prestavam na casa dos pais, mas enfatizaram seu caráter esporádico. Interessante constatar que nenhum dos maridos mencionou ajudar em casa quando moravam com os pais.

Filhos/as cangurus na casa dos pais, de modo geral, costumam não assumir responsabilidades nas atividades da casa e, quando o fazem, costumam se caracterizar por ajudas pontuais (Figueiredo, 2008, 2013; Gallagher, 2013; Henriques, 2003, 2009). Nos casais pesquisados, a falta desse costume pareceu trazer prejuízos para a adaptação à nova realidade conjugal. Os relatos deixaram claro que alguns comportamentos apontados por eles/as como típicos da época em que moravam com os pais eram reproduzidos no casamento. A falta do hábito de lavar a louça, por exemplo, foi citada pelas esposas 1, 3 e 4. A pilha de roupa acumulada no quarto e a porta do armário aberta foram também expressas pelo casal 3. Adilson, do casal 2, quando mostra, na vida a dois, pouca energia para as atividades da casa poderia, talvez, refletir a vivência canguru prévia.

Além disso, os dados analisados apontaram para a presença de estereótipos de gênero operando nas famílias de origem dos casais, quando os filhos homens mostraram possuir menor interação com as questões domésticas na casa dos pais do que as filhas mulheres. Um fato que reforça essa percepção é quando as esposas falaram dos irmãos homens. Apenas a esposa 1 falou da ajuda do irmão em casa. A esposa 3, ao mencionar a ajuda do irmão, relaciona-a a atividades junto ao pai, vistas como mais masculinas, como, por exemplo, cuidar do carro ou cortar a grama.

A fala do marido 3 ilustra essa relação da vivência canguru anterior ao casamento com a atual e, assim, explicita a dificuldade da gestão doméstica no casamento: *“porque a pessoa nunca morou sozinha, às vezes não sabe realmente o que são as tarefas da casa... não sabe o que é, no dia a dia, você ter que mesclar como lavar uma louça, com ter que passar no mercado, ter que pagar uma conta, ter que passar pra pegar a caixa de correios, esse tipo de coisa”*. O marido 4 comparou a vivência canguru prévia com a dificuldade na execução das atividades na nova casa do casal *“porque às vezes [na casa dos pais] tinha quem arrumasse (...) e de você descobrir algumas responsabilidades que você não sabia que existia, pois não eram suas”*. A esposa 4 refere-se a si mesma como *“um exemplo de pessoa que não sabia nem pegar uma água”* e conclui *“eu não sou*

um canguruzinho, eu sou uma canguruzona, morando com eles eu não sabia cuidar de uma casa (...) e aí você vai lá, casa e se depara tendo que lavar a louça... não, não, isso não é bom”.

Os quatro casais mencionaram os “*vícios e manias*” trazidos da vida canguru na casa dos pais para o casamento. Os casais 1 e 2, entretanto, enfatizaram os aspectos negativos dos mesmos, enquanto os casais 3 e 4 salientaram a ausência de vícios e manias como uma vantagem dos casamentos de filhos/as cangurus.

Os pontos negativos são expressos com base no fato de que o tempo prolongado de moradia na casa dos pais intensifica aspectos da individualidade dos/as filhos/as, como, por exemplo, os “*jeitos*” (esposa 1) de cada um lidar com as decisões, com o dinheiro e a liberdade de viver uma rotina independente de casa. Diante desse contexto, torna-se mais difícil no casamento a conciliação desses aspectos com a conjugalidade. Féres-Carneiro (1998) aponta que o conflito entre individualidade e conjugalidade constitui um desafio dos casamentos contemporâneos. Essa questão será aprofundada quando apresentarmos na sequência o tema dos desafios na transição para o casamento.

O casal 1 relatou ainda o incômodo sentido por Fátima em chegar em casa sozinha como sendo um de seus vícios da vida canguru trazidos para o casamento. A permanência prolongada de Fátima no lar parental até a idade de 34 anos parece ter contribuído para que ela se acostumasse a conviver com um maior número de pessoas em casa, uma vez que morava com seus irmãos e seus pais. Deixar a casa de origem para viver com o marido parece não ter sido um processo fácil para ela e implicou dificuldades de adaptação ao novo contexto. O fato de ficar sozinha na nova residência, quando o marido demorava-se no trabalho, por exemplo, a incomodava.

Em contrapartida, sair da casa dos pais direto para o casamento, sem a experiência prévia de morar sozinho/a, possibilitou aos casais 3 e 4 “*construir as manias juntos*”. A esposa 4 ilustrou esse processo em seu relato: “*Dizem que quando você mora sozinho é igual dirigir, você adquire alguns vícios. E a gente não tinha, então foi tudo novo pros dois*”. Chama atenção o fato de este ponto

positivo ser também destacado pelo esposo 3, uma vez que ele saiu de casa para trabalhar em outro estado. O seu relato mostra, no entanto, que, quando saiu, ele continuava considerando a casa dos pais como a sua casa, ao invés de sua nova residência. Esse fato nos leva a pensar que, mesmo quando o filho saiu da casa dos pais, ainda que por um período curto de tempo, a casa dos pais não saiu dele, fator que contribuiu para que entrasse no casamento “*virgem de manias*”, conforme ele pontuou.

A relação de proximidade estabelecida com as famílias de origem após o casamento também parece refletir aspectos da vivência canguru prévia. Os quatro casais revelaram convivência intensa com pelo menos uma das famílias de origem e mostraram, desse modo, dar continuidade à convivência anterior. Os casais 1, 2 e 4 relataram uma rotina de visitas frequentes à casa dos pais das esposas e o casal 3 à casa dos pais do marido. Essas visitas, muitas vezes, se estendiam para finais de semanas inteiros pernoitados na casa dos pais, ainda que todos morem na mesma cidade ou mesmo a poucos quilômetros de distância, como é o caso do casal 3 e do casal 4. Os casais 1 e 3, inclusive, atribuíram as idas ao lar de origem da esposa e do esposo, respectivamente, como o momento de lazer do casal.

Outras iniciativas para manter a proximidade com as famílias de origem foram mencionadas. No caso do casal 3, Fábio almoçava todos os dias da semana na casa dos pais. No casal 4, Marcia, para não perder a convivência com a mãe após o casamento, decidiu pela estratégia de voltar de carona com ela do trabalho diariamente. No casal 2, Adilson, apesar de não relatar visitas à casa dos pais, falou das ligações frequentes da mãe. A intensidade dessa proximidade com os pais também apareceu nos contatos frequentes com as famílias através, por exemplo, das redes sociais de conversas online, conforme citaram os casais 2 e 4. Esses dados corroboram pesquisas com casais jovens que mostram filhos/as adultos/as em proximidade com os pais após a saída de casa (Bueno et al., 2013; Wendling & Wagner, 2014).

A busca por proximidade mostrou-se como um movimento bilateral, partindo também dos pais. Nesse sentido, os pais parecem estender o exercício da parentalidade por meio de algumas ações. Com exceção do casal 1, os demais casais assinalaram o movimento dos pais na direção de estar presente na rotina dos/as filhos/as. São exemplos os convites frequentes de programações feitos pelos pais das esposas 2 e 4 e do marido 3, os almoços de Fábio na casa dos pais feitos diariamente pela mãe e que, ao mesmo tempo, possibilitava que ele não precisasse se responsabilizar por realizar essa tarefa. As marmitas levadas pela mãe da esposa 2 ao trabalho da filha e o relato de Rose (esposa 2) também exemplificam essa situação: *“Meu pai até compartilhou que tem umas semanas atrás, chegou domingo a gente tava na casa deles, nós quatro, aí meu pai disse que minha mãe, depois que a gente foi embora, ela começou a chorar; 'ah, porque que as meninas tem que ir embora”*. Wendling e Wagner (2014) identificaram, em sua pesquisa, que, na saída dos/as filhos/as adultos/as de casa, tanto pais como filhos/as continuam tentando preencher o “ninho familiar” de alguma maneira. As pesquisadoras também avaliaram que os contatos frequentes e as visitas de finais de semana funcionam como estratégias para lidar com a ambivalência presente nessa etapa.

A literatura mostra que a saída de filhos/as do lar parental não é uma tarefa fácil, mas permeada por sentimentos contraditórios (Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997). Wendling e Wagner (2014), ao pesquisarem filhos/as adultos/as que saíram do lar parental para morar só, identificaram que, apesar de na prática os/as filhos/as buscarem proximidade dos pais, eles/as também consideram essencial certo distanciamento dos pais após a saída de casa. Esse dado não está coerente com a experiência dos casais por nós pesquisados. Rose (casal 2) foi a única que mostrou se incomodar com tanta proximidade dos pais, apesar de ceder ao desejo deles e continuar bastante próxima.

O estabelecimento de fronteiras nítidas em relação às famílias de origem é uma das principais tarefas a serem cumpridas no casamento (Andolfi, 1995; Carter & McGoldrick, 1995;

Minuchin, 1982; Whitaker & Bumberry, 1990). Assim, um afastamento adequado, isto é, que não envolva rompimento mas certo distanciamento, da família de origem nos anos iniciais do casamento é visto como apropriado, uma vez que possibilita ao casal construir com autonomia o seu modelo particular de família (Cervený & Berthoud, 2002; Wendling & Wagner, 2014). A diferenciação em relação às famílias de origem refere-se à capacidade do casal conseguir tomar suas próprias decisões independente dos pais (Bowen, 1991; Carter & McGoldrick, 1995; Whitaker & Bumberry, 1990). A diferenciação se relacionaria, portanto, a quanto o casal permite que as famílias de origem influenciem suas vidas. O processo de diferenciação apareceu de modo diferente nos casais.

O casal 2 foi o único que comentou sobre a tentativa de se “*posicionar*” diante da proximidade dos pais, o que demonstra, em nossa percepção, a intenção de estabelecer fronteiras nítidas em relação a eles e, desse modo, diferenciar-se. Na prática, entretanto, a proximidade física e emocional permanece. A esposa pareceu justificar essa proximidade por meio da Síndrome do Ninho Vazio (Carter & McGoldrick, 1995; Cervený & Berthoud, 2002) percebida nos pais e ocasionada devido à saída de casa das duas filhas em “*menos de um ano*”. A presença da síndrome pode mobilizar na filha sentimentos ambivalentes em relação à distância-proximidade de sua família, bem como ao estabelecimento de fronteiras, dificultando o processo de diferenciação do casal. Rose relatou, por exemplo, “*sentimento de culpa*” quando tentava dizer não aos convites dos pais.

No casal 1, embora houvesse uma proximidade física com a família de origem de Fátima, ela afirmou viver a conjugalidade de modo independente, sem interferências dos pais e com autonomia para gerir suas decisões e projetos. Geraldo, entretanto, ao expôr sobre a família de Fátima, mencionou que “*todos compartilham constantemente dos momentos da vida de todos*”, deixando dúvidas sobre o quanto essa fronteira é de fato nítida ou difusa e em que ponto se encontram do processo de diferenciação.

No casal 3, essa questão pôde ser constatada quando Andrea se mostrou independente dos pais em relação aos seus projetos e ao casamento. Fábio, por sua vez, ao frequentar diariamente a casa dos pais, para fazer as refeições, e também aos finais de semana, pareceu estar ainda muito ligado a eles. O casal 3, no entanto, afirmou não perceber interferências dos pais na relação do casal, o que costuma estar associado a casais mais diferenciados (Bowen, 1991).

Pelo fato de Fátima, do casal 1, e Andrea, do casal 3, terem sido filhas cangurus com uma vivência bastante independente dos pais, é possível hipotetizar que, ao desenvolverem sua autonomia e independência em relação aos pais quando com eles moravam, souberam como manter, também no casamento, o espaço do casal emocionalmente separado dos pais. Ou seja, é possível que, por terem estabelecido fronteiras nítidas em relação aos seus pais enquanto moravam com eles, já sabiam como estabelecer a fronteira entre o casal e a família de origem, após o casamento. Da mesma forma, a fronteira já estabelecida no período de coresidência pode ter ajudado os pais de ambas a lidarem melhor com a relação com o casal: como aprenderam a respeitar o espaço da filha adulta em casa, já sabiam como respeitar também o espaço do casal.

No casal 4, a mudança de nome da casa dos pais para “*casa da serra*”, para que a esposa não mais a chamasse de “*minha casa*”, uma vez que a sua casa agora é a residência do casal, pode sugerir uma tentativa de diferenciação em relação aos pais. Marcia, entretanto, mostra-se muito ligada à mãe e também à escolha do pai para a sua carreira. Ela mesma afirma ser “*totalmente dependente deles*”. O fato é que, quanto mais as questões de indiferenciação das famílias de origem forem trabalhadas pelos cônjuges, mais estes poderão vivenciar relacionamentos satisfatórios no casamento (Andolfi, 1995; Bowen, 1991; Carter & McGoldrick, 1995; Whitaker & Bumberry, 1990).

Bowen (1991) aponta, nesse sentido, que, para que a diferenciação dos casais ocorra, é necessário que os cônjuges privilegiem o casamento. Interessante perceber, entretanto, que, nos quatro casais desta pesquisa, a relação com as famílias de origem pareceu ser priorizada em

detrimento, inclusive, do investimento na conjugalidade. A esposa 3 ilustrou bem essa questão: *“mas assim... é raro a gente priorizar ficar os dois em casa em detrimento de ir pra lá [casa dos pais do marido] ou ir pra casa dos meus pais”*.

De modo geral, percebe-se que os quatro casais ainda se encontravam em processo de diferenciação, ou indiferenciados, em relação a, pelo menos, uma das famílias de origem: nos casais 1, 2 e 4, da família da esposa e, no casal 3, em relação à família do marido. Esses dados assemelham-se aos da pesquisa de Bueno et al. (2013). A autora encontrou casais na fase inicial do casamento não consolidados em seus processos de diferenciação, mas caminhando, ainda que em um ritmo mais avançado que os casais de nossa pesquisa. Em nosso entendimento, talvez isso ocorra porque a maior parte dos casais daquele estudo, ainda que na faixa etária próxima dos nossos, eram formados por cônjuges que saíram de casa para morar sozinhos antes de casar.

Outro motivo que poderia complexificar o processo de diferenciação dos casais por nós pesquisados, além do fato de serem filhos/as cangurus, é o pouco tempo de casamento. Nesse quesito, o casal 1 é o que possuía, na data da entrevista, o maior tempo: 2 anos e 3 meses. Se somarmos esses dois fatores, o prolongamento do tempo de permanência na casa dos pais com o pouco tempo de casado, podemos vislumbrar mais uma hipótese de compreensão do processo de diferenciação desses casais. Cabe destacar que, quando perguntado sobre a vivência canguru prévia, a maior parte deles afirmou ser independente dos pais. Isso nos leva a pensar que, talvez, o fato de se considerarem física e financeiramente independentes da casa dos pais quando lá moravam, impedia-os de se perceberem como dependentes emocionalmente.

Foi interessante perceber que, com exceção do casal 3, as famílias de origem das esposas mostraram-se mais próximas dos casais do que as famílias dos maridos. Pensamos no quanto esse fato poderia representar uma questão de gênero e também de tempo de permanência na casa dos pais. Historicamente, era esperado que as mulheres saíssem de casa somente para casar (Carter & McGoldrick, 1995). As quatro esposas pesquisadas tiveram no casamento a primeira experiência de

moradia fora de casa, diferente dos maridos – Geraldo já morava sozinho, enquanto Adilson e Fábio saíram de casa por um breve período e retornaram. Desse modo, acreditamos que o fato de as famílias de origem das esposas 1, 2 e 4 estarem mais próximas dos casais do que as famílias dos maridos pode ser um reflexo desse cenário.

Diante desse contexto, cabe refletirmos sobre o quanto os valores tradicionais de gênero potencializados pelo tempo prolongado de coresidência parento-filial teriam contribuído para manter a ligação das filhas com suas famílias de origem após casarem. Esse dado está em consonância com a pesquisa de Bueno et al. (2013), realizada com casais jovens. O estudo identificou que, entre os cônjuges, as mulheres estão mais próximas de suas famílias, mesmo quando moram distantes. Andrea, no casal 3, foi a única que não relatou proximidade física ou emocional no relacionamento com os pais.

Um último tema identificado nos casais quanto às repercussões no casamento da vida canguru prévia foi a relação com o mundo do trabalho. Conforme evidenciado pela linha do tempo da vida profissional dos/as filhos/as, a carreira ocupava, antes de casar, um lugar preponderante na vida deles/as. Todos/as os/as filhos/as continuaram envolvidos prioritariamente com a carreira após casarem. Os casais 1, 3 e 4 também prosseguiram investindo nos estudos, por meio da realização de pós-graduações (casal 1), de novas graduações (casal 3) e do estudo para concurso público (casal 3 e 4). A literatura sobre filhos/as adultos/as residentes na casa dos pais aponta para uma vivência bastante comprometida com a vida profissional e com os estudos (Figueiredo, 2008, 2013; Gallagher, 2013; Henriques, 2003), o que pode contribuir para o adiamento do casamento. Esse padrão parece permanecer quando os cônjuges saem da casa de seus pais e se casam, de forma que a carreira e os estudos assumem um papel preponderante e organizador na rotina do casal.

4.2. Desafios na transição para o casamento

A análise da experiência de viver a dois dos quatro casais revela rotinas bastante ocupadas e voltadas para a vida profissional. Os casais formados por filhos/as cangurus estão envolvidos em um cenário que, ao mesmo tempo em que saem da casa dos pais, eles/as adentram o casamento. Os principais desafios identificados nessa transição foram: o tempo escasso e as demandas da dupla carreira, a execução e divisão das tarefas domésticas, a comunicação entre os cônjuges, a gestão da vida financeira e a vivência simultânea da individualidade com a conjugalidade.

O ritmo de vida intenso dos casais pesquisados está em consonância com a literatura sobre casamentos contemporâneos, sobretudo os de dupla carreira, e constitui-se em uma característica marcante desses casais de filhos/as cangurus (Diniz & Féres-Carneiro, 2012; Fraenkel & Wilson, 2002; Heckler & Mosmann, 2016; Wagner et al., 2015). Esse contexto se estabelece como desafiador para a construção da conjugalidade na medida em que se reflete em um menor tempo para o desenvolvimento da relação conjugal.

O pouco tempo disponível para o investimento na conjugalidade é evidente nos relatos dos cônjuges. Os casais 1, 2 e 4 apresentaram essa questão como problemática e o casal 3 relatou menos conflito na conciliação carreira-casamento. Geraldo, do casal 1, apesar de perceber o seu tempo e o do casal como limitados, afirmou que a conciliação dos diferentes papéis exercidos na vida “*não é um objetivo difícil de ser atingido*”. Fátima, diferentemente do marido, destacou essa vivência como desafiadora. Acreditamos que essa diferença de percepção entre os cônjuges possa estar relacionada com uma maior necessidade da esposa do que do marido em investir na conjugalidade, devido às expectativas sociais que colocam a mulher como a responsável pelo lar e pela família (Zanello, 2016). Além disso, a dificuldade relatada pela esposa com as tarefas de casa, influenciada pela vida canguru prévia, pode ter contribuído para demandar dela maior energia na administração dos papéis.

Desse modo, estratégias são utilizadas pelos casais a fim de driblar a rotina e abrir possibilidades de tempo de qualidade para estarem juntos. O casal 1 e o casal 4 mencionaram fazer essa gestão do tempo sob demanda. Nesse sentido, o marido 1 explicou estar atento a um “*termômetro*” próprio de cada área da vida para saber em qual delas deveria investir. O casal 4 falou da tentativa de organizar o tempo em uma planilha, por qual a esposa era a responsável, e falou também da estratégia das caronas fornecidas pelo marido, para ir ao trabalho, como forma de aumentar o tempo disponível para o casal. Os casais 3 e 4 falaram de dias específicos intencionalmente dedicados para o tempo do casal. Os casais 1, 3 e 4 destacaram o momento antes de dormir como propiciador desse contato. Para potencializar esse momento, o casal 4 contou ainda sobre o acordo feito de não possuírem televisão no quarto do casal.

O casal 2 não apresentou relato sobre formas de driblar o pouco tempo destinado ao casal. A fala do marido - “*casamento vai sobreviver*” - supõe baixo investimento na conjugalidade. Ainda que Rose tenha mostrado seu gosto por fazer programações com o marido, o fato de Adilson não gostar de sair e perceber-se cansado com a quantidade de trabalho, faz com que o tempo para o casal não seja valorizado. O casal 2, pelo contrário, destacou a carreira como prioridade. Cabe ressaltar que, enquanto o marido fala de “*fase produtiva*”, a esposa afirma priorizar a carreira pelo fato de ainda não terem filhos. Poderíamos, portanto, dizer que, caso ela tivesse filhos, priorizaria a família? Nesse sentido, observamos uma questão de gênero no casal 2. Rose, voltada ao estereótipo da mulher cuidadora da família e Adilson, ao papel de provedor.

Esse mesmo movimento pôde ser visto no casal 1 quando Fátima apresentou a intenção de tirar energia da carreira e priorizar a vida conjugal, ainda que, na prática, a maior parte do seu tempo estivesse investida no trabalho e na realização de cursos em prol da carreira. Geraldo (casal 1), por outro lado, justificou as longas horas destinadas ao trabalho da mesma forma que Adilson (casal 2), pelo fato de estar na fase produtiva. O marido 1 utilizou a metáfora do dente como explicação da necessidade de foco na vida profissional: “*tem que trabalhar igual dente... tem que*

aproveitar enquanto tem força porque depois que fica sem força não adianta querer comer mais rapadura". Nesse contexto, a carreira do marido ganha destaque aos olhos de ambos os cônjuges. Essa foi a maneira que o casal 1 encontrou para manejar os desafios e conflitos concernentes à falta de tempo e à dupla carreira.

O movimento da esposa 1 de priorizar o casamento-família em detrimento da carreira pode representar, em nossa percepção, a migração de um modelo conjugal de dupla carreira para um modelo de duplo-trabalho. Neste último, ambos os cônjuges trabalham de forma remunerada. A esposa, entretanto, promove o trabalho do marido e percebe seu próprio trabalho como uma forma de contribuir para a composição da renda familiar. As tarefas domésticas são, nesse modelo, responsabilidades da esposa (Castro, 2015; Santos, 2011; Silberstein, 1992). O casal 1 parece, desse modo, aproximar-se dos estereótipos de gênero, presentes na sociedade, que tornam o homem o responsável principal pelos provimentos da casa.

A vivência dos casais 1 e 2 parece refletir o que é descrito pelos estudos de gênero (Zanello, 2016) acerca das pressões socioculturais que reforçam, nas mulheres, os papéis de mãe, esposa e dona de casa, enquanto, nos homens, reforçam os papéis sexual e de provedor do sustento da família. Estar fora desse espaço não é somente considerado uma violação social, mas é visto como uma "desnaturalização".

Os estudos que enfocam casamentos de dupla carreira consideram o desafio do pouco tempo como uma desvantagem desse tipo de casais (Diniz, 1999; Heckler & Mosmann, 2016; Rapoport & Rapoport, 1976; Santos, 2011). Uma das características da dupla carreira foi expressa nos casais pesquisados pela quantidade de horas dedicadas ao trabalho e também aos estudos. Investir nos estudos foi uma estratégia para crescer na carreira dos casais 1 e 3, os quais, respectivamente, realizavam pós-graduações e, no caso do marido 3, uma segunda graduação. Os maridos 2 e 3 ainda trabalhavam, além do emprego formal, em projetos paralelos relacionados a empreendedorismo.

Andrea, do casal 3, e Marcia, do casal 4, apesar de trabalharem e gostarem da carreira que exerciam, estudavam para concurso público. A cidade de Brasília é referência no país pela oferta de trabalho no setor público. As instabilidades do mundo do trabalho contemporâneo tornam a carreira pública uma estratégia de inserção e permanência profissional. Esse tipo de carreira é concebida como fonte de garantia de emprego e de acesso à estabilidade financeira, maior flexibilidade e menor pressão em comparação à carreira no setor privado (Albrecht, 2010; Carreteiro, 2014). Essas garantias também eram buscadas pelas esposas 3 e 4, que, assim, investiam grande parte do pouco tempo livre nos estudos.

O incentivo das esposas 1, 2 e 4 à carreira dos maridos e dos maridos 2, 3 e 4 à carreira das esposas é também um ponto interessante de discussão a respeito de como esses casais vivem a dupla carreira e almejam investir o seu tempo. Da mesma forma que é uma vantagem dos casais de dupla carreira a maior possibilidade de entendimento e apoio entre os cônjuges em relação às pressões e exigências do mundo do trabalho (Castro, 2015; Santos, 2011), nos casais pesquisados, esse ponto também suscita reflexões sobre diferenças de gênero.

Enquanto Fátima, do casal 1, e Rose, do casal 2, apoiavam a carreira dos maridos, oferecendo suporte e conselhos para que eles crescessem mais rápido, Marcia, do casal 4, optou pela carreira pública como um complemento à carreira do esposo. Marcia não mostrou fazer uma escolha norteadada pela realização profissional. Pareceu ser incompatível, na escolha da esposa, fazer o que gosta e ter estabilidade. A questão de gênero se apresenta no fato de que, para Marcia, cabia a parte da estabilidade, enquanto, para o marido, a parte da satisfação. Desse modo, a carreira da esposa ofereceria suporte para que a do marido se desenvolvesse e para que ele pudesse, conforme a esposa pontuou, “*se aventurar*”. A possibilidade de não satisfação da esposa na carreira, ao ingressar no serviço público, é compensada, segundo o marido, pela estabilidade financeira. Nesse sentido, pensamos: estaria o modelo de dupla carreira no casamento do casal 4, assim como apontamos no casal 1, caminhando para um modelo mais parecido com o de duplo-trabalho?

O envolvimento de Adilson, do casal 2, com a empresa da esposa esteve presente desde a fundação e parece ser parte de sua própria carreira. Ele não apenas oferecia suporte técnico à empresa de Rose como, também, o fato de ele ter participado da ideia e da concepção do negócio parece dar a ele autonomia para geri-lo como sendo um projeto seu, quase como um “chefe”. Dessa forma, pensamos sobre o quanto poderia haver nesse contexto uma retroalimentação entre os papéis desempenhados na vida profissional e na vida conjugal. O fato de Adilson funcionar, ainda que implicitamente, como chefe da esposa poderia levá-lo a assumir uma posição hierárquica superior a ela também no casamento? Essa situação, ao reverberar no casamento, pode potencializar as questões de gênero e de poder.

Cabe ressaltar que, no modelo de casamento de dupla carreira, as dimensões de poder que permeiam as relações de gênero são menos marcadas pelo exercício da autoridade masculina, porém, em contrapartida, outras formas sutis de exercício do poder se manifestam (Diniz, 1999). O modo como Adilson se posiciona na empresa da esposa e também em momentos da vida a dois, podem ilustrar uma conduta dominante do marido.

Segundo a literatura, as questões de gênero nos casais de dupla carreira ocupam um lugar central e precisam de ser sempre revistas, afim de o casal manter uma dinâmica saudável e satisfatória da conjugalidade. Por outro lado, a condição de dupla carreira no casamento supõe que ambos os cônjuges possam se dedicar ao desenvolvimento da mesma (Castro, 2015; Diniz, 2005; Heckler & Mosmann, 2016; Santos, 2011). Nesse sentido, apenas o casal 3 mostrou ambos os cônjuges estarem, no momento da entrevista, comprometidos e satisfeitos tanto com o investimento pessoal na carreira quanto com a vida conjugal.

A boa percepção do casal 3 a respeito da vivência da dupla carreira e do processo de conciliação das diferentes dimensões da vida entre o casal pode estar relacionada, em nosso entendimento, ao fato de ambos os cônjuges operarem fora das restrições de atividades domésticas estabelecidas pelos estereótipos de gênero. A entrevista do casal 3 não apresentou dados que

mostrassem estar a esposa neste lugar, pelo contrário, ela relata “*desapego*” das questões domésticas. A divisão de trabalho parece ser realizada conforme a disponibilidade de tempo e preferências de cada um e, portanto, não é atribuída conforme o sexo. A possibilidade de ajustes nos papéis femininos e masculinos frente às demandas profissionais, conjugais e domésticas, conforme visto no casal 3 é também uma das vantagens dos casais de dupla carreira destacada pela literatura (Diniz, 1999, 2005; Rapoport & Rapoport, 1976; Santos, 2011).

O pouco tempo disponível para vida social e lazer também é destacado na literatura como um dos desafios dos casamentos contemporâneos de dupla carreira (Rapoport & Rapoport, 1976; Silberstein, 1992). Os casais apresentaram vivências similares nesse sentido, com distanciamento das amizades. Constatamos que o pouco tempo que sobra do investimento na carreira era desfrutado com as famílias de origem. A esposa 4 mencionou sair eventualmente com as amigas e seu marido, Clóvis, afirmou não possuírem “*amigos do casal*”. Os maridos 1, 3 e 4 e as esposas 3 e 4 mencionaram a presença de atividade física na rotina, o que mostra uma preocupação desses casais com a saúde e com o corpo.

Com relação ao desafio das tarefas domésticas, o casal 1 apontou para o estresse que essa vivência, na transição para o casamento, gerou na esposa. Geraldo afirmou que, nesse contexto, buscava “*convencer*” a esposa de que ela “*não deveria se estressar com as coisas do lar*” e Fátima, por sua vez, associou o estresse ao seu jeito “*neurótico*” de querer a casa sempre limpa e arrumada. O casal 2 mostrou pontos de divergência entre os cônjuges nas decisões relacionadas à organização e limpeza da casa. Essa situação pode ser ilustrada, por exemplo, quando Adilson percebe-se muito cansado devido à rotina corrida de trabalho e afirma não querer “*trabalhar em casa*”, referindo-se às tarefas domésticas, mas contratar uma diarista. A esposa 2, nessa situação, mostrou não achar necessária a contratação e, assim, o marido atribuiu categoricamente à ela as atividades domésticas: “*Você não quer contratar, então você vai limpar sozinha*”. Os casais 3 e 4, quando perguntado sobre os desafios do casamento, destacaram prontamente questões relacionadas às tarefas domésticas. A

esposa 3 fala da “*louça, pilha de roupa e a porta do armário*” e a esposa 4 afirma ser a casa “*o maior desafio*” do casamento.

O casal 4 contou ainda que já realizou diversos “*testes*” para experimentar o melhor jeito de gerir a casa. A esposa se referiu às tentativas que aconteciam no momento da entrevista como uma “*fase de experiência*” do casamento. Na fase de vida em que se encontram, iniciando o ciclo de vida, o aprendizado de fazer ajustes na relação é essencial, conforme a literatura aponta (Campbell, 1994; Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997, 2002; Nichols, 2005).

Chama atenção o fato de que os desafios na execução e gestão das tarefas domésticas apareceram mais acentuados nos discursos das esposas do que dos maridos e podem, desse modo, refletir uma questão de gênero. Nesse sentido, as mulheres mostraram-se mais preocupadas com o manejo da casa do que os homens.

A despeito do discurso mais igualitário e de alguns movimentos percebidos na direção de um maior compartilhamento de tarefas como, por exemplo, as idas ao supermercado, que os casais 1 e 2 fazem de forma conjunta, ou as louças lavadas pelos maridos 1 e 4, o que observamos é um movimento de ajuda dos maridos às esposas e não de uma corresponsabilização. As esposas 1, 2 e 4, além de executarem as tarefas junto aos maridos, também agregam o papel de coordenação. Cabe a elas, portanto, talvez sem perceberem por completo, a maior fatia nesse quesito. Os maridos 2 e 4 mencionaram explicitamente o papel de ajuda à esposa: “*no início eu até ajudava*” e “*tudo eu ajudava, mas não era de bom coração*” (marido 2); “*Eu não reclamo não, até porque tem que ajudar*” (marido 4). As esposas 1 e 2 atribuíram também ao próprio perfil de serem organizadas e planejadas o fato de se preocuparem e atuarem mais na organização da casa. Chama atenção, no entanto, que mesmo quando esse perfil de organização aparece no homem, como no caso do marido 4, ele continua no papel de ajuda à esposa: “*Eu acho que ainda sou eu que coordeno tudo, né? Mas o Clóvis... ele ajuda bastante*” (esposa 4).

Os dados analisados corroboram estudos que analisam as diferentes participações dos gêneros no trabalho doméstico e revelam que a responsabilidade pelo espaço doméstico nas famílias ainda segue uma divisão tradicional de gênero e que, quando exercido pelo homem, é tido como uma “ajuda” à mulher e não como responsabilidade compartilhada (Cervený & Berthoud, 2009; Jablonski, 2010; Macedo, 2009; Papp, 2002; Rocha-Coutinho, 2015; Rocha-Coutinho & Losada, 2007; Wagner et al., 2005). Marcia, do casal 4, possui relatos que ilustram bem esse ponto. *“De vez em quando eu falo que tudo me sobrecarrega, que só eu faço as coisas... e que nem é tão assim, né amor? (...) 'Meu Deus! Só eu faço as coisas de casa!' (...) É porque eu expliquei pro Clóvis que o pensar e o pedir pra ele fazer alguma coisa, já é eu fazendo alguma coisa... eu não queria precisar pedir. Eu queria que ele lesse a minha mente”*. A fala da esposa, em nosso entendimento, torna visível o seu papel de coordenação das atividades, uma vez ser ela quem precisa pedir para o marido executar, ao invés de ele ter a iniciativa de fazer. Além disso, pensamos que sua vivência canguru prévia pode também ter contribuído com esse cenário. Isso porque, na casa dos pais, ela não possuía responsabilidade doméstica e as assistentes da casa “liam a mente”, no sentido de fazer tudo aquilo que ela precisasse, segundo ela conta.

Deve-se considerar que, conforme o modelo de ciclo vital conjugal proposto por Campbell (1994), os casais tendem a passar por um processo de luta pelo poder. Desse modo, é possível hipotetizar que os cônjuges participantes desta pesquisa, especialmente os maridos 1, 2 e 4, se encontram nesse processo de tentar impor a sua visão e suas formas de agir na condução da casa. Nesse contexto, outros fatores, além das questões de gênero, podem desequilibrar as relações de poder no casal e influenciar a divisão das tarefas domésticas.

No casal 4, Clóvis é visto como mais eficaz na organização da casa do que a esposa. Questionamos, assim, o quanto ele poderia se colocar, de modo velado, em uma posição superior a Marcia. Quando o marido usa expressões do tipo *“ela está aprendendo”*, *“está melhorando”* e *“eu tento mostrar pra ela que ser organizado é melhor do que ser desorganizado”*, é como se ele fosse a

referência do melhor jeito de funcionar nas questões domésticas. Nesse sentido, ele poderia estabelecer um espaço desigual de gênero no relacionamento e, implicitamente, assumir um lugar de poder em relação à esposa. Essa dinâmica é capaz de impactar negativamente a vivência conjugal. Marcia (casal 4), entretanto, identifica a questão do respeito existente no casamento apesar das diferenças percebidas entre os cônjuges.

O casal 2 também apresenta uma particularidade nesse sentido. Adilson pareceu impor sua própria visão na administração e execução das atividades da casa. Acreditamos que o fato de ele ter morado um período sozinho e cuidado de uma casa, experiência validada pela esposa, poderia investi-lo de poder para direcionar as questões domésticas. Do mesmo modo, para Rose (casal 2), administrar uma casa era uma situação nova, assim, ela acataria o direcionamento do marido mais facilmente.

O casal 3, apesar de possuir uma situação semelhante ao casal 2, em que o marido morou por um breve período fora da casa dos pais, não apresentou a mesma dinâmica. Pelo contrário, a experiência parece ter trazido a Fábio maior protagonismo na administração da casa e, assim, permitir ao casal uma vivência mais igualitária da divisão sexual do trabalho. Isso fica evidente quando Andrea (casal 3) reconhece mudanças no comportamento do marido após morar sozinho, refletido em um melhor manejo da casa, e quando eles falam sobre o marido assumir algumas atividades da casa, como, por exemplo, o supermercado. Sobre essa experiência, Fábio fala: *“Mas aí desde que eu morei sozinho, eu comecei a ter o costume de toda vez que você tira uma roupa ou você bota pra lavar ou (...) você guarda”*.

No casal 1, por sua vez, do mesmo modo que no casal 2, o fato de Geraldo possuir a experiência de ter morado sozinho antes de casar, parece colocá-lo em uma posição superior, de maior conhecimento, diante de Fátima. Ele sabia, por exemplo, como gerir a limpeza das louças e ela não. Ver a louça e a casa sujas incomodava Fátima e ela parecia não saber como resolver essa situação. O conflito parecia ser: ou ela assumia a limpeza e ficava satisfeita com a casa limpa, mas

insatisfeita com o peso da responsabilidade assumida, ou deixava a casa/louça suja e esperava acontecer uma divisão das responsabilidades domésticas com o marido.

Acreditamos também que o fato de Fátima ter sido filha canguru, com responsabilidades domésticas menores e, assim, pouco manejo, aliado à situação de ter ido morar no apartamento em que o marido já residia antes de casar, podem ter contribuído para a instauração desse conflito. Por outro lado, o casal 1 percebia-se, no momento da entrevista, atuando na casa de forma mais igualitária. Desse modo, cabe a reflexão: o quanto o fato de Fátima não ter participado ativamente das tarefas domésticas quando morava na casa dos pais, somado à experiência de Geraldo em morar sozinho e, assim, ter a experiência do trabalho doméstico em sua vivência anterior ao casamento, pode ter contribuído para uma divisão mais igualitária das atividades domésticas entre eles no momento da entrevista?

A questão do casal 1, ao casar, ter ido morar no apartamento em que o esposo já residia, é um fator que merece atenção. De acordo com Fátima, essa situação contribuiu inicialmente para a sua dificuldade de adaptação à vida de casada e parece ter interferido no manejo das questões domésticas: *“De fato, a casa já era o jeito dele, a casa dele, não era a nossa casa... era a casa dele, o jeito dele (...) Eu lembro a primeira vez que eu arrumei a casa e eu tirei algumas coisas do lugar, não vou lembrar exatamente o que, mas... aí depois quando ele chegou e eu vi que ele tava botando tudo de volta, aí aquilo me incomodou muito”*. O fato de Fátima não se sentir dona da casa apoia nossa compreensão sobre sua dificuldade em atuar nas questões domésticas.

A aquisição de uma casa é um dos principais aspectos relacionados à primeira fase do ciclo vital da família (Cervený & Berthoud, 1997). Fátima não se apropriou da casa do marido como se fosse sua e isso gerou impactos negativos no início da vida a dois. Ele, por sua vez, ao não dar a liberdade para a esposa mudar a forma de organização da casa, reforçava a ideia de que a casa não era dela. Parece haver aqui uma disparidade que incomodava a esposa e pensamos sobre o quanto existia um desequilíbrio de poder envolvido nessa questão. O fato de ser o dono da casa permitia a

Geraldo ocupar uma posição de poder diante de Fátima e essa dinâmica parecia refletir negativamente na relação. Com o passar do tempo, ela contou que eles foram se ajustando: *“depois a gente foi dando o nosso jeito, né, sim... foi colocando as coisas de uma forma nossa... mas no começo pra mim foi bem sofrido assim”*.

Clóvis, do casal 4, fez uma reflexão em que ele comparou a qualidade do envolvimento doméstico de filhos/as adulto/as na casa dos pais com um melhor manejo dessas questões no casamento. *“Então... vai depender do que a pessoa teve de histórico. Se lá nos pais ele sempre ajudou muito, mantenha. Se ele nunca ajudou nada, ajude. É. Entendeu? Porque senão aqui [no casamento] tudo vai ser novo. Agora... se o histórico dele foi um canguru útil, ele só tem que continuar sendo útil, pra facilitar depois”*. A esposa acrescenta à fala do marido: *“E aprenda a usar os materiais de limpeza também... antes de casar”*. O diálogo do casal, além de ilustrar a relação do desafio da gestão doméstica com a vivência canguru prévia, conforme discutido no tema anterior, apresenta uma solução para minimizar esse desafio no casamento: tornar-se, na coresidência parento-filial, um canguru útil.

As estratégias utilizadas pelos casais para dar conta dos desafios domésticos da vida a dois foram várias. Todos os casais contavam com a ajuda de diaristas. O casal 4 possuía, ainda, uma cozinheira que fazia os congelados que eles levavam para almoçar no trabalho. Nenhum dos casais relatou o hábito de cozinhar ou de almoçar em casa, o que parece ser uma característica da vida moderna e da dupla carreira. O casal 2 falou acerca das marmitas que a mãe da esposa costumava levar para os dois no trabalho de Rose. O casal 3, além de o marido almoçar todos os dias na casa da mãe, referiu-se a si mesmo como *“fila bóias”* da casa dos pais aos finais de semana. Levar sobras de comida da casa dos pais também foi uma prática relatada pelo casal 2.

Com relação à estratégia do uso de tecnologias no serviço da casa, o casal 2 contava com a ajuda de um robô aspirador e os casais 1, 2 e 3 fizeram menção à necessidade de máquinas de lavar roupa e/ou louça. A esposa 4 falou do uso de planilhas para a organização das tarefas domésticas e

disse ter criado um grupo de whatsapp com a mãe e a tia com a finalidade de ajudá-la em casa. Nesse sentido, fica para nós a reflexão: se por um lado, o grupo é uma boa estratégia de ajuda à esposa, por outro, até que ponto um grupo de mulheres com esse objetivo estaria reproduzindo padrões tradicionais de gênero capazes de reforçar Marcia no papel de responsável pelos cuidados com a casa?

O desafio das tarefas domésticas mostra os casais pesquisados, assim como descrito na literatura acerca das primeiras etapas do ciclo vital, em um momento de descobertas conjuntas sobre como gerir a casa do casal fora da casa dos pais (Campbell, 1994; Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997; 2002; 2009; Hintz, 1999). Nesse sentido, conforme apontado na discussão do primeiro tema, as dificuldades naturais na gestão de uma casa podem ser potencializadas pela experiência canguru prévia e também pelas desigualdades de gênero que parecem operar de modo velado na dinâmica dos casais. O desafio da divisão das tarefas domésticas nos casamentos contemporâneos é apontado na literatura e corroborado por nossa pesquisa (Diniz & Féres-Carneiro, 2012; Jablonski, 2010). Cabe frisar, no entanto, que os casais pesquisados apresentaram, além do mapeado pela literatura, também a execução das tarefas como um desafio.

A comunicação entre os cônjuges também apareceu nos relatos dos/as entrevistados/as, especialmente do casal 1, como um desafio da conjugalidade. Foi possível constatar que o desafio da comunicação está presente não apenas na qualidade com que ocorre mas também na frequência e, nesse sentido, parece ser impactada pelos demais desafios, como, por exemplo, o do tempo escasso.

Aprender a comunicar-se é outra tarefa a ser desenvolvida no início da vida a dois (Campbell, 1994; Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997, 2002, 2009; Hintz, 1999; Sattler et al., 1999). É também um dos recursos que o casal pode utilizar ao seu favor na construção da conjugalidade (Nichols, 2005; Papp, 2002; Satir, 1995; Wagner et al., 2015).

O casal 1 apresentou como o ponto mais desafiador no seu processo de comunicação, os cônjuges compreenderem o que realmente o outro quer dizer e também entenderem as expectativas um do outro. Geraldo ressaltou a importância da comunicação para entrar no que chama de “*sintonia das vibes*”, ou seja, alcançarem uma conexão melhor entre eles. Na análise que fizemos do casal 2, a comunicação apareceu prejudicada pelas dinâmicas de poder estabelecidas na relação. Os recursos da negociação, ou mesmo do diálogo sobre questões básicas da vida a dois, pareceram ser pouco empregados. O casal 3 destacou a presença de muito diálogo na relação desde a época de namoro e, assim, mostrou investimento na conjugalidade (Nichols, 2005). O casal 4, ao focar uma comunicação mais aberta, pareceu buscar adaptação frente às dificuldades do casamento.

Considerando que a comunicação é um recurso que tende a favorecer o desenvolvimento da conjugalidade (Nichols, 2005; Satir, 1995; Wagner et al., 2015), a dificuldade de estabelecer uma comunicação fluida e clara tende a dificultar a organização e a resolução de conflitos em outras esferas da vida conjugal. Dessa forma, assim como a comunicação é impactada por desafios presentes em outras dimensões da relação, ela também os impacta e potencializa. Podemos citar como exemplo a relação entre os desafios da comunicação e das tarefas domésticas.

O tema da divisão das tarefas domésticas é apontado como um dos assuntos centrais a serem abordados pelos casais afim de fazerem uma boa transição para a nova fase do ciclo (Campbell, 1994; Hintz, 1999; Nichols, 2005; Sattler et al., 1999). Os casais 1, 2 e 3 mostraram realizar as atividades da casa sob demanda e sem acordos pré-definidos sobre quem faz o que. A dinâmica que se estabelece é a da “*espontaneidade*” (esposa 2), faz “*quem tiver disponível*” (marido 1), “*tudo junto*” (esposa 1), quem tiver “*mais tempo livre*” (esposa 2) ou “*quando tá afim*” (esposa 3). Nos casais 1, 2 e 3 os ajustes e acordos necessários para esse bom funcionamento acontecem implicitamente, conforme os obstáculos vão surgindo, sem muito diálogo à respeito. A ausência de uma conversa aberta, sobretudo nos casais 1 e 2, sobre a execução e divisão das atividades da casa, os conduzem a pequenos conflitos que, com o tempo, podem prejudicar a qualidade das relações.

Por outro lado, interessante notar que, mesmo quando o casal relata conversar à respeito, como no caso do casal 4, esse fato não garante que eles caminhem por uma vivência com menos conflitos ou com mais simetria entre os gêneros. Esse fato pode ser explicado pelo momento de transição para o casamento em que se encontram. As teorias do ciclo de vida familiar e conjugal apontam para a complexidade presente nos momentos de transição entre uma etapa e outra do ciclo (Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997, 2002, 2009, Nichols, 2005). Iniciar uma fase gera estresse e é comum o aparecimento de sentimentos ambivalentes, principalmente no que concerne à nova casa e à nova vivência compartilhada de casal (Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997, 2002).

Outra explicação possível nesse cenário concerne aos estereótipos de gênero presentes na sociedade. Quando o casal, em fase de transição, ainda não possui um modelo próprio e consolidado de funcionamento, acreditamos ser mais fácil ele se apropriar daqueles disponíveis no contexto sociocultural. E, nesse sentido, nossa cultura ainda se apresenta com formas de funcionamento machistas, como pôde ser identificado por Andrea, do casal 3: “*Mas pensando agora é o machismo da sociedade sim*”.

A gestão financeira se constituiu como mais um desafio relatado pelos quatro casais pesquisados. Aprender a administrar o dinheiro do casal é outra tarefa da fase de Aquisição do ciclo vital familiar indicada por Cerveny e Berthoud (1997). O casal 1 disse que “*no começo foi bem sofrido*” e o casal 2 apontou essa vivência como “*um problema*”. O dinheiro também aparece na literatura como um dos motivos para a existência de conflitos conjugais (Guimarães & Cerveny, 2010; Mossmann & Falcke, 2011; Papp, 2002; Scheeren et al., 2015). Parte das explicações que os casais 1 e 2 fizeram a esse respeito refere-se aos modelos aprendidos nas famílias de origem que, por serem distintos entre os cônjuges, ocasionaram conflitos. Sobre esse tópico, discorreremos de forma mais aprofundada a seguir quando apresentarmos o tema *O casamento dos pais como modelo*.

Os casais 1 e 4 afirmaram fazer a gestão financeira de forma conjunta. Fátima, do casal 1, tinha a intenção de dividir os pagamentos entre os dois. Geraldo, entretanto, não concordou, uma vez preferir fazer essa gestão de forma espontânea, ou seja, paga as contas quem estiver com dinheiro no momento. Da mesma forma, Marcia, do casal 4, ao controlar o dinheiro e as contas do casal em uma planilha financeira, mostrou ser dela esse papel.

A atuação de Marcia (casal 4) como gestora da vida financeira do casal aponta para mudanças nos papéis de gênero estabelecidos historicamente. Esse aspecto mostra o estabelecimento de novos contratos sendo feitos, no que diz respeito ao gênero, ainda que na sociedade atual os salários das mulheres correspondam a menos do que o dos homens (Bruschini & Lombardi, 2001; Fontenele-Mourão, 2006; Perrot, 2012; Rocha-Coutinho, 2015; Yannoulas, 2013). Curioso notar que Marcia é a única esposa que possui a mesma faixa salarial do marido. Nos demais casais, as esposas situam-se em uma faixa inferior à do marido. Pensamos sobre o quanto esse fato poderia empoderar Marcia a colocar-se na posição de gestora financeira do casal. Segundo Marcia, no entanto, as finanças ficarem a seu cargo, se devia ao fato de ela ter maior facilidade e gostar de trabalhar com planilhas.

Nos casais 2 e 3, eram os maridos quem administravam a vida financeira do casal. Adilson pontuou que tomou a decisão de passar o pagamento do seguro do carro da esposa para ela pagar: *“Pois antes eu que pagava tudo...hoje eu tomei a decisão de... o carro dela, ela vai lá e ela vai pagar (...) Só isso, o que ficou dividido é só o seguro do carro dela, porque o resto continua tudo comigo”*. Segundo Madanes e Madanes (1997), o dinheiro é utilizado dissimuladamente na luta pelo poder entre os cônjuges. Chama atenção no discurso do marido 2, a forma como ele descreveu a situação na primeira pessoa, referindo-se a si como o autor das decisões e não o casal. O fato de Adilson não incluir a esposa em seu relato pode, mais uma vez, revelar uma questão de poder implícita na relação conjugal.

O casal 3 explicou ser o marido quem controla as contas e o dinheiro do casal visto que Andrea sempre foi “*mais desligada com essas coisas*”, segundo ela afirmou. O fato de a esposa não ter o hábito de fazer esse tipo de controle parece ter naturalmente a desabilitado a assumir essa parte da vida do casal. Refletimos sobre o quanto a questão do dinheiro do casal ser controlado exclusivamente pelo marido pode refletir uma questão de gênero. Por outro lado, ambos os cônjuges perceberam de modo positivo a forma como eles têm feito a gestão financeira no casamento, talvez porque esses eram os modelos vistos e validados nas famílias de origem de ambos. Segundo Fábio e Andrea expressam respectivamente: “*A gente não tem muito esse problema, então... com a gente é tranquilo*”; “*É... zero problema*”.

O casal 3 foi o único que afirmou possuir conta bancária conjunta. Os demais casais possuíam contas separadas ainda que, no casal 2, fosse o marido quem administrasse o dinheiro e, no casal 4, como visto, era a esposa. Nesse último, o marido transferia seu salário para a conta individual da esposa e ela administrava os dois salários em sua própria conta bancária. A fala de Marcia (casal 4) ilustra esse processo: “*A gente pega o bolo, soma tudo, paga tudo. E a gente tem uma mesada pra cada um. Aí eu dou a mesada dele, pego a minha mesada. E a gente tem o dinheiro que é pra investir, e aí eu coloco pra investir. É assim. É tudo nosso. Põe no bolo e soma*”.

Os casais 3 e 4 relataram sobre utilizar a estratégia da planilha de controle de orçamento doméstico para fazer a gestão financeira. Uma peculiaridade do casal 2 refere-se ao foco na economia financeira. Esse ponto apareceu de forma marcante ao longo das entrevistas e foi mais um aspecto que revelou a forma como administravam a vida financeira do casal. O exemplo de como fazem as compras do supermercado ilustra bem essa questão. Adilson contou que eles vão para mercados diferentes, ao mesmo tempo, e comparam por telefone os preços dos produtos. O marido expõe que nessa “*tática*” da esposa, era ele quem gastava mais. Adilson pareceu, implicitamente, criticar a sugestão da esposa, mesmo que, em nossa percepção, a proposta de Rose poderia ser uma tentativa de se adequar ao perfil “regrado” do marido. Adilson, nessa situação, ao mencionar que é

ele quem gasta mais, demonstra não considerar o dinheiro do casal como sendo dos dois, diferenciando o dinheiro dele e o dinheiro da esposa. O relato de Rose, entretanto, reforça o dinheiro do casal como uma coisa só. As visões diferentes acerca do manejo do dinheiro compõem a dinâmica conjugal do casal 2. Nesse sentido, Rose pareceu empregar esforços para se adequar ao modelo do marido.

Finalizamos a discussão sobre o desafio da gestão da vida financeira fazendo uma relação com a vida canguru prévia dos cônjuges pesquisados. Na casa dos pais, eles viviam o paradoxo de combinar autonomia e dependência financeira, uma vez os gastos da casa dos pais não serem a eles/as imputados. Ao mesmo tempo, possuíam independência financeira para gerir seus gastos pessoais de modo individual e como quisessem, inclusive com possibilidade de morar sozinhos/as com sustento próprio, como, por exemplo, indicam a esposa 1 e o casal 3. Quando entram no casamento, tornam-se dois e, assim, naturalmente, mudanças na forma de manejo do dinheiro mostram-se necessárias. O que observamos, no entanto, é uma manutenção, nos maridos 2 e 3 e na esposa 4, do mesmo padrão individual de gerir as finanças em relação à vida anterior ao casamento. Acreditamos que o fato de casarem mais tarde e desfrutarem de um longo período gerindo as próprias finanças com independência pode ter contribuído para esse comportamento no casamento.

Do mesmo modo, essa discussão apresenta indícios de outro dos principais desafios apontados na literatura como sendo dos casamentos contemporâneos: o da vivência simultânea da individualidade com a conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998). Esse desafio também se destacou nos relatos dos casais por nós entrevistados, sobretudo nos casais 1, 2 e 3, e se soma a um dos aprendizados essenciais da fase inicial do ciclo vital, o de “ceder” para “focar” em objetivos comuns ao casal (Cervený & Berthoud, 1997, 2002, 2009).

Fátima e Geraldo, do casal 1, apresentaram essa dificuldade quando falaram, respectivamente, sobre o desafio da “*construção de um jeito que é nosso, e não meu ou dele*” ou da “*dificuldade para chegar a consensar*” e “*o grande desafio é eu tá conectado na mesma rede que*

ela, com o mesmo foco que ela". Nesse contexto, o marido pontuou que hoje está mais conectado com a vida profissional e a esposa com a família. Outros exemplos da vivência desse desafio no casal 1 apareceram quando os cônjuges falaram sobre as expectativas no casamento e sobre o aprendizado de respeitar as individualidades um do outro. O amor nos casamentos contemporâneos supõe expectativas à respeito da relação e do/a parceiro/a (Féres-Carneiro, 1998; Giddens, 1993; Jablonski, 1998, 2011). Para Fátima e Geraldo, respeitar a individualidade do outro, em detrimento de projetar nele/a sua própria vontade, torna-se um desafio da conjugalidade. Foi interessante notar que o marido 1 mostrou compreender a negação da esposa em fazer atividade física somente quando ela o convidou para fazer algo do qual ele também não gostava, no caso, costurar. "*Caraca, eu fiquei... 'vou fazer um curso de corte e costura?' Foi quando caiu a ficha*". Essa foi a forma que Fátima encontrou para fazer Geraldo entender e respeitar sua escolha.

O casal 2 mostrou viver esse desafio quando falou sobre o lazer e o tempo de descanso na vida a dois. Segundo Rose, "*Então é muito disso, né? Ceder, né? Fazer concessões*". Apesar de Rose gostar de sair para programações fora de casa com o marido, ela contou que, no primeiro aniversário de casamento, cedeu e decidiu comemorar no apartamento do casal. O esposo, por sua vez, apesar de não gostar de cinema, cedeu e escolheu ir com a esposa. Sobre seu jeito "*mais caseiro*", conforme o marido 2 pontuou, ao mesmo tempo em que buscava ceder, Adilson apresentava uma visão rígida: "*ou eu mudo ou ela muda*". Rose e Adilson pareceram estar em busca de um jeito de funcionar enquanto casal que conciliasse as individualidades com a conjugalidade. A situação apresentada pelo casal 2 sobre o uso da televisão, no entanto, mostra que Adilson, ao ser confrontado por essas duas forças paradoxais, demonstra a necessidade de investir primeiro na sua individualidade para, então, ceder à conjugalidade, ou seja, precisa primeiro descansar do trabalho e assistir seus seriados, para depois dar atenção à esposa.

Quando descreveu a situação do uso da televisão, o discurso do marido apareceu impregnado de estereótipos de gênero que estabelecem para as mulheres e homens posições rígidas

e contrárias (Diniz, 2003; Macedo, 2009): “*E eu sou homem, eu gosto de um controle só pra ficar lá apertando, entendeu?*” e ainda: “*Mas uma coisa que... isso foi, ainda é e sempre será um desafio pra mim é... porque eu sou homem e ela é mulher. Não adianta, sempre vão ter diferenças. É que ela já gosta de ficar grudada o tempo todo. Eu já não sou assim... eu quero ficar sozinho, eu quero assistir TV*”. A narrativa de Adilson mostra o quanto o processo de fazer concessões tem sido difícil para ele, o que ele ainda associa à sua criação “*fui criado em frente a uma TV, já gosto porque fui criado assim*”. Quando perguntado sobre o que mudou quando casaram, Adilson ainda expressa: “*Mudou que o edredom não é só mais meu*” e explicita mais uma vez o caráter desafiador dessa vivência.

Assim como descrito na literatura (Jablonski, 2010; Papp, 2002), o desenvolvimento pessoal de cada cônjuge e a funcionalidade da relação implica redefinir, sempre que necessário, a distribuição no casal de papéis, regras, funções e poder. Acreditamos que a existência de uma dinâmica de poder, relacionada inclusive às questões de gênero, na relação dos casais 1 e 2 pode ter contribuído para dificultar a elaboração da tarefa de ceder em prol da conjugalidade. Isso porque, quando há um desequilíbrio de poder no casal, um, naturalmente, cederá com maior frequência do que o outro.

Uma particularidade interessante sobre o casal 4 apareceu quando o marido relacionou o desafio do tempo corrido para ir à academia com a rotina antes de casar na casa da mãe. O relato do marido, em nossa percepção, apresenta elementos que apontam para o aprendizado no casamento de ceder na sua individualidade em prol da conjugalidade: “*Quando eu malhava, que eu morava com a minha mãe, eu cansei de fechar academia, tipo, a academia fecha às onze, então como eu não via a Marcia todo dia, eu trabalhava, saía do trabalho, ia malhar, sei lá, nove horas da noite. (...) Então assim, mesmo tendo um ano e oito de casado, tem hora que eu tô lá na academia e falo assim: 'nove e meia, ah, tá cedo'. Eita! Tá não, caramba, nove e meia! A Marcia... Aí eu tenho que sair correndo*”. O fato de ter morado por um período longo na casa da mãe, uma vez que saiu de casa

aos 35 anos de idade para casar, parece ter contribuído para que ele se acostumasse com uma rotina muito voltada para suas próprias atividades. Assim, no casamento, o marido demonstrou estar aprendendo a se adequar à nova rotina conjugal. Marcia, por sua vez, mostrou que consegue abrir espaço em sua rotina para o desenvolvimento de sua individualidade quando consegue tempo para sair sozinha com as amigas e também fazer manicure todas as semanas.

Fátima, do casal 1, também relacionou a vivência na casa dos pais com o desafio da individualidade versus conjugalidade no casamento. Ela percebeu a necessidade de depender do marido para questões que, antes de casar, resolvia e decidia sozinha. Ao residir na casa dos pais até a idade adulta e adiar o tempo do casamento, permaneceu mais tempo vivendo sua individualidade e, dessa forma, apresentou dificuldade em "abrir mão" do seu modo de funcionamento no início do casamento. O relato da esposa sugere, assim, que o fato de ter sido filha canguru exigiu dela energia para se adequar a um novo padrão, o da conjugalidade.

Os dados analisados do casal 3, por sua vez, sugerem o foco do casal na construção da identidade conjugal. Fabio e Andrea mostraram viver os conflitos típicos da fase inicial do ciclo vital de modo “*tranquilo*”, segundo afirmaram. Por exemplo, quando o marido falou sobre sua tarefa de fazer as compras de mercado para liberar a esposa para os estudos, ou ainda quando ele disse se adaptar à demanda da esposa de não sujar mais tantos copos por dia, eles parecem se ajustar em prol de objetivos comuns do casal (Cervený & Berthoud, 1997, 2002).

Cabe ressaltar que, à despeito dos desafios vivenciados, todos os casais relataram alto grau de satisfação no casamento e forneceram notas bastante elevadas. No casal 1, Fátima atribuiu nota oito e Geraldo entre nove e dez e salientaram a importância da psicoterapia de casal nesse processo de construção e desenvolvimento da conjugalidade, principalmente ao ajudá-los a estabelecer uma comunicação mais aberta. Os momentos de transição do ciclo vital, assim como já apontado, geram estresse (Carter & McGoldrick, 1995; Cervený & Berthoud, 1997, 2002). Para Fátima: “*Assumi muita responsabilidade... casa, marido, contas, a auto-exigência para atingir o objetivo de ter um*

casamento feliz e saudável". Geraldo, ao falar desses desafios apontou que, com o tempo, eles tem aprendido "*a conhecer, interpretar e respeitar mais a cultura e as crenças de cada um*".

No casal 2, Rose avaliou o casamento com nota nove e Adilson com nota oito. A esposa enfatizou aspectos de aprendizado e ajuda mútua. O marido ressaltou "*a correria do dia a dia*" e as diferenças de perfis entre eles, por exemplo, do quanto ele gosta de ficar em casa e a esposa não. Em nosso entendimento, esse fato revela a luta interior do marido 2 entre olhar para a conjugalidade, para as vontades da esposa, e respeitar o seu jeito de ser. Até onde ceder e até onde manter a própria identidade para não se perder no outro? Esse parece ser o questionamento que perpassa o discurso de Adilson.

No casal 3, ambos concederam nota dez ao casamento e Andrea relacionou a boa qualidade conjugal percebida com "*muito companheirismo*", "*diálogo, muita conversa e objetivos comuns*". Os cônjuges também relacionaram a moradia prolongada na casa dos pais com a satisfação no casamento. Para Fábio, a maturidade desenvolvida antes de casar, "*é o lado positivo, né, de ter saído de casa mais tarde e casar*". Para a esposa, ter sido filha canguru, permitiu, conforme ela expôs: "*refletir bem sobre a sua própria personalidade, sobre os problemas que você passou em casa, para saber se você vai conseguir se separar deles*". Assim, eles se percebem entrando no casamento de modo mais consciente.

No casal 4, a nota atribuída ao casamento pelos cônjuges foi também próxima ao dez. Marcia destacou a ausência de brigas e explicou a sua boa avaliação na comparação do seu casamento com o de suas amigas, os quais ela percebia negativamente. Ambos os cônjuges enfatizaram a presença de ajuda mútua e companheirismo. Na relação que fizeram com a experiência canguru prévia, eles indicaram o quanto não estavam preparados para sair de casa e casar e, ao mesmo tempo, destacaram o casamento, da mesma forma que o casal 3, como propiciador de desenvolvimento pessoal: "*Eu mudei muito. Sou outra Marcia. Antes eu era a Marcia solteira, hoje sou a Marcia casada. Hoje eu aprendi a cuidar da minha vida, antes tinha*

quem cuidasse da minha vida. Eu aprendi, estou aprendendo, né, a cuidar de casa. É. Exatamente, você se torna uma nova pessoa. Você era Marcia Costa, agora você é Marcia Silva. Você tem que tá preparado, os dois, pra essa mudança da vida que não é só o casamento. Pra você crescer na verdade. É... porque a pessoa vai crescer”. Esses dados estão coerentes com estudos que identificam o crescimento individual associado à experiência do casamento (Féres-Carneiro, 2001; Wagner et al., 2015).

Na medida em que se comprometem com o desenvolvimento da conjugalidade, os casais parecem experimentar satisfação no casamento. A noção de compromisso no casamento procura assegurar que haja uma concordância sobre tentar crescer juntos, comunicar-se mais honestamente e valorizar as necessidades do cônjuge (Nichols, 2005; Whitaker & Bumberry, 1990). Além disso, os primeiros anos de casamento têm sido descritos como uma etapa de maior satisfação conjugal e, assim, os resultados apresentados corroboram estudos realizados com esse público (Heckler & Mosmann, 2014; Lucas & Clark, 2006; Santos, 2011).

Os desafios enfrentados pelos casais são próprios do momento do ciclo vital em que se encontram e fazem eco à literatura pesquisada (Campbell, 1994; Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997, 2002, 2009; Hintz, 1999; Nichols, 2005; Sattler et al., 1999; Wagner et al., 2015). Em nosso entendimento, esses desafios podem ser perpassados por alguns fatores. Primeiro, pelos estereótipos de gênero presentes de modo velado na dinâmica dos casais. Segundo, devido à sobrecarga que uma rotina muito atarefada com demandas profissionais pode gerar. Terceiro, pela herança trazida da condição canguru que, ao permanecerem até a fase adulta na casa dos pais, potencializam as vivências de liberdade, autonomia, individualidade. Por fim, pelos valores presentes na contemporaneidade, representados pelo líquido, pelo temporário e pelo individualismo (Bauman, 2004). O individualismo é, inclusive, uma característica valorizada no mundo profissional contemporâneo (Henriques, 2009; Sennett, 2009), contexto em que os casais entrevistados estão intensamente envolvidos.

4.3. O casamento dos pais como modelo

O casamento dos pais aparece como uma referência para o casamento de todos os cônjuges pesquisados, seja naquilo que querem fazer igual seja no que querem fazer diferente. Um casal, ao unir-se e buscar fortalecer o vínculo entre si, apoia-se em suas experiências individuais e nas vivências anteriores com as famílias de origem (Bowen, 1991; Wagner et al., 2015). Os casais desta pesquisa mostraram as influências recebidas do casamento dos pais nas escolhas sobre a forma de se relacionar com o cônjuge e como desenvolver a conjugalidade. Assim, aspectos positivos e negativos do casamento dos pais foram destacados pelos casais e discutidos em relação ao próprio casamento.

No que concerne à avaliação que fazem do casamento dos pais, Fátima, do casal 1, Adilson, do casal 2, e Marcia, do casal 4, percebiam-no de modo negativo. A esposa 1 afirmou querer “*fazer tudo diferente*” do que viu no casamento dos pais e o marido 2 disse não se espelhar no casamento dos pais e que “*não tem nada que buscar do casamento deles*”. A esposa 4 atribuiu sua avaliação negativa ao fato de o pai ser “*complicado*” e à ausência de divisão das tarefas domésticas que, segundo ela, refletia-se na sobrecarga da mãe. Desse modo, os casais 1, 2 e 4 não desejavam repetir o modelo visto no casamento dos pais, o qual aparecia para eles como um antimodelo. Cerveny (2011) descreve o antimodelo como sendo a repetição pelo oposto. É quando o indivíduo tenta sair da repetição e assume uma posição oposta à do modelo repetido.

Fátima explica seu julgamento devido ao pouco diálogo observado na relação dos pais, às discussões, trocas de ofensas e na forma impositiva com que os pais agiam um com o outro. Adilson, por sua vez, associou a imagem negativa do casamento dos pais ao fato de o pai ser militar e passar muito tempo fora de casa. Os pais de Adilson foram casados por 16 anos e divorciaram-se. Fátima, ao contrário do que observava nos pais, relatou seu desejo por um casamento que tenha mais comunicação, respeito e compreensão. O casal 1, quando falou sobre a vida a dois entretanto, mostrou que, na prática, a falta da comunicação era justamente um dos pontos negativos do seu

relacionamento. A tentativa de Fátima de fazer diferente do modelo aprendido com os pais trouxe a ela muitas dificuldades no início do casamento e o fato de ela se perceber repetindo aspectos da relação dos pais e do comportamento da mãe, avaliados por ela como maléficos para uma relação conjugal, trouxeram sofrimento emocional a ela. No intuito de lidar com essa dificuldade, ela contou com a ajuda da psicoterapia individual.

O processo de transmissão geracional opera de modo velado. O fato de Fátima reconhecer seus padrões de repetição e falar sobre eles durante a entrevista pode já ser fruto de seu trabalho terapêutico. A psicoterapia, seja individual e/ou de casal, conforme apontado pela literatura, mostra-se muito útil nesse contexto (Pellegrini et al., 2015; Quissini & Coelho, 2014).

Os demais cônjuges apontaram pontos positivos e negativos do casamento dos pais. As esposas dos casais 2 e 3 e os maridos dos casais 3 e 4, de modo geral, avaliaram positivamente o casamento de seus pais. Quanto ao que percebem de positivo, Rose, do casal 2, e Andrea, do casal 3, destacam o companheirismo. Rose considerou-o um casamento “*a se espelhar*” e fez menção ainda à existência de divisão das tarefas domésticas. Fábio, do casal 3, referiu-se à prioridade que o pai dava à mãe e Clóvis (casal 4) evidenciou a boa vivência conjunta da individualidade e da conjugalidade vista nos pais. Esses são também pontos que eles/as disseram querer levar para o próprio casamento.

O casal 1, ao refletir sobre o que queria fazer igual em relação ao casamento dos pais de Geraldo, destacou a comunhão existente, que fazia com que não existisse separação entre o que era de um e de outro. Sobre o que gostariam de fazer diferente, Geraldo falou da ausência de divisão das tarefas domésticas, da falta de intimidade e diálogo entre os pais e do distanciamento do pai devido ao foco na vida profissional. Cabe ressaltar que ambos os cônjuges do casal 1, em diferentes momentos da entrevista, enfatizaram a importância da comunicação para a construção do casal, competência que parecia não fluir tanto no casamento dos pais de Fátima como também de Geraldo.

Percebemos, assim, o quanto o casal 1 estava consciente e empenhado em fazer diferente do que aprenderam no casamento dos pais.

A ausência de divisão de tarefas domésticas entre os pais apareceu como um ponto a não ser levado para o próprio casamento nos quatro casais. O casal 1 expressou em relação ao casamento dos pais de Geraldo, o casal 2, em relação aos pais de Adilson, o casal 3, em relação aos pais de Fábio e, o casal 4, em relação tanto aos pais de Marcia como de Clóvis. Os casais possuíam, portanto, em suas famílias de origem, pelo menos um modelo de execução de tarefas baseado em diferenças de gênero. Ainda que as mães de Geraldo, do casal 1, e de Marcia, do casal 4, por exemplo, trabalhassem fora, o casamento não parece ter se reorganizado para que os pais assumissem alguma parcela na divisão das tarefas da casa. Pelo contrário, a divisão sexual do trabalho permaneceu rígida. Para essas mães darem conta da interação trabalho-família-casa, dispunham da ajuda de assistentes domésticas.

No casamento dos pais de Fátima, do casal 1, de Rose, do casal 2 e de Andrea, do casal 3, em que foi relatada por elas uma maior divisão das tarefas, o que se observa é um movimento de ajuda dos pais às mães. Estas, no entanto, continuavam responsáveis pela administração do lar. Esses dados corroboram a literatura ao mostrar as mulheres mais voltadas às responsabilidades domésticas em comparação aos homens (Diniz & Perlin, 2005; Jablonski, 2010; Macedo, 2009; Papp, 2002; Rocha-Coutinho, 2015). Nos demais casamentos, dos pais de Adilson, do casal 2, de Fábio do casal 3 e de Clóvis, do casal 4, o fato de as mães não trabalharem fora parece ter naturalmente as colocado no lugar de responsáveis exclusivas pelos cuidados da casa e dos filhos. O fato de os/as filhos/as identificarem essa questão como negativa e intencionarem não levar esse modelo para o próprio casamento mostra, em nossa percepção, esses casais em um movimento mais igualitário no quesito divisão de tarefas. Na prática, entretanto, observamos alguns paradoxos, especialmente nos casais 1 e 2.

No casal 1, apesar de Geraldo possuir um papel importante na execução das tarefas domésticas e ambos os cônjuges enfatizarem ao longo da entrevista o quanto buscam dividi-las, a esposa, além de também realizá-las, ocupava o lugar de administrá-las, assim como acontecia no casamento dos pais dela. Chama atenção, portanto, o fato de Fátima dizer que escolheu fazer tudo diferente de seus pais mas, na forma de gerir a casa e a relação com Geraldo, continuar reproduzindo parte desse modelo aprendido. Além disso, observamos no casal 1 um retorno aos valores tradicionais de família e destacamos as questões de gênero presentes. O fato de Fátima afirmar a intenção de diminuir o investimento na carreira parece conduzi-la ao desejo de ocupar o lugar da mulher tradicional, responsável pelo cuidado com a casa e com a família, enquanto Geraldo parece caminhar para o papel de provedor principal, ainda que não exclusivo, tal como visto no modelo de casamento dos pais dele.

No casal 2, Rose contou que procurava repetir o modelo de casamento dos pais em relação à divisão das tarefas domésticas por percebê-lo como mais igualitário. Rose e Adilson, ao longo da entrevista, afirmaram construir um casamento mais equitativo, em que buscavam ser mais flexíveis na divisão dos papéis. Na prática, no entanto, percebemos, por meio dos relatos, o quanto estão imbuídos de valores tradicionais e de gênero semelhantes ao casamento dos pais do esposo. Ainda que Adilson fale negativamente sobre o machismo visto no casamento dos pais, percebemos as desigualdades de gênero operando de forma implícita no casal 2, por exemplo, quando falaram sobre as mudanças na carreira da esposa e não na do marido, para se adequar à presença de filhos/as ou quando o marido imprimia na relação conjugal e na casa o seu jeito de ser e de organizar as coisas. Adilson afirmou que o pai sempre o ensinou, enquanto homem, a ser o provedor e gerenciar o dinheiro. Acreditamos, desse modo, que o casal 2 parece caminhar, sem se dar conta, para a repetição do modelo de casamento dos pais de Adilson. Corroborar-se, assim, que o relacionamento dos pais, mesmo quando há discordância desse modelo, é um referencial em que os casais se baseiam (Cervený, 2011; Menezes & Lopes, 2007; Ozório et al., 2017). O conceito de lealdade

familiar (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973) também pode se relacionar com o fato de Adilson seguir o modelo do pai.

O casal 3 foi o único que trouxe o casamento dos pais de ambos os cônjuges como uma referência positiva. Ao pensar em construir o próprio modelo conjugal, o marido disse querer mesclar elementos do casamento dos pais dele e da esposa, por exemplo, no quesito companheirismo. Fábio pretendia fazer atividades junto à esposa, como visto no casamento dos pais dela, mas também separado, como visto na relação de seus pais. Esse modelo de conjugalidade “mesclado” evidencia, em nossa percepção, o processo de construção da conjugalidade do casal, em uma dinâmica que mescla características, valores e expectativas de ambos.

A área da atividade física foi a que Andrea (casal 3) apresentou como exemplo para explicitar o modelo de casamento dos pais a ser seguido. Esse exemplo reforça, em nosso entendimento, o casamento dos pais dela como modelo para o seu. Ao mesmo tempo, o relato indica que ela tem flexibilizado o “*fazer tudo junto*”, conforme observado no casamento dos pais. Isso parece ser possível na medida em que ela se percebe diferente do marido e em outro ritmo de vida. Desse modo, o modelo de casamento dos pais parece sofrer ajustes, a fim de se adaptar ao momento do casal.

Outro ponto de adaptação no casal 3 parece ser justamente a questão da divisão de tarefas. A narrativa de Fábio indica ser visto como negativo o fato de seu pai não ajudar nas tarefas de casa. Andrea também identificou a presença do machismo em sua família de origem, apesar da dupla carreira do casal de pais e da ajuda que o pai presta à mãe. A sua narrativa parece evidenciar os estereótipos de gênero presentes na sociedade, que atribuem historicamente às mulheres o lugar do privado (Diniz, 2003; Macedo, 2009; Perrot, 2012). O casal 3, contudo, mostrou uma divisão de tarefas mais igualitária. Fábio, inclusive, apontou assumir sozinho algumas atividades da casa, por exemplo, o supermercado, e justificou esse contexto devido ao seu apoio ao momento de estudos da esposa.

O casal 3 expôs ainda os tópicos da valorização da família e do foco nos estudos, percebidos como valores de ambas as famílias de origem, como pontos a serem seguidos em seu próprio casamento e também no que projetam para os/as filhos/as. Nesse sentido, o plano para a carreira de Andrea envolvia ela estudar para concurso público, afim de desfrutar de mais tempo livre para o lazer do casal. Fábio, ao já possuir um cargo público, tendo passado em um concurso considerado por eles como um dos melhores, e ainda assim, iniciar uma segunda graduação, mostra que, de fato, traz para sua vida o foco nos estudos, aprendido na família de origem. Por fim, Fábio apresentou a casa dos pais como um modelo de organização para sua casa atual e Andrea falou especificamente da mãe como um “*espelho*” para ela no que concerne à conciliação da carreira-casamento-família.

No casal 4, a questão da ajuda mútua nas tarefas domésticas apareceu de modo intenso no discurso de Marcia e Clóvis. Acreditamos que isso aconteça possivelmente porque esse é um dos fatores principais destacados negativamente por ambos acerca do casamento dos pais. O marido fez uma comparação entre o que via no casamento de seus pais e o que parecia querer para o seu próprio casamento. Ao mesmo tempo em que ele reconheceu a necessidade da ajuda do pai à sua mãe, ele também minimizou a ausência desse apoio. Percebemos ser assim, uma vez que Clóvis justificou a não ajuda do pai como comodismo ou como incompetência dele diante da competência da mãe. Clóvis pareceu aliar-se ao pai e culpabilizar a mãe por não ter pedido ajuda ao pai quando precisava. Nesse contexto, ele afirmou fazer diferente, uma vez que pedia ajuda à esposa quando precisava e mostrava-se consciente do seu papel de ajuda nas questões domésticas. Interessante notar também, que quando Marcia apresentou a questão da divisão de tarefas no casamento dos pais, ela pareceu responsabilizar a mãe por pegar para si as tarefas da casa sem delegar ao pai. Em sua narrativa, Marcia não responsabilizou o pai, por exemplo, por não ter a iniciativa de ajudar. O relato do casal indica a vontade de fazer diferente do modelo de divisão de tarefas percebido no casamento dos pais de ambos. Em nossa percepção, no entanto, o paradoxo aparece quando, no discurso, o casal 4 afirmou se ajudar e, de fato, o fazem, mas, na prática, os relatos ao longo da

entrevista mostraram a esposa na posição de responsável pelas questões domésticas e da vida a dois do casal e o marido restrito ao papel de ajuda.

Quando falou da experiência canguru prévia, Clóvis também fez uma reflexão sobre os modelos familiares aprendidos e refletidos no casamento com Marcia: *“Mas, é... que você sempre viveu e acha que aquilo é o certo ou correto e traz pro seu mundo. Então assim, a Marcia trouxe com certeza experiências lá da família dela, eu trouxe experiência da minha. A gente chega aqui e vê o que que compete pra nossa nova família. Então, pode ser aprendizado que ela teve lá, que ela teve os 20 e tantos anos que morou lá, quase 30, já pensou? Eu trago uns aprendizados de trinta e tantos anos, mas que nem sempre são os corretos”*. A questão das escolhas sobre o que levar das famílias de origem para o casamento parece estar implícita no relato do marido (Campbell, 1994; Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997; Hintz, 1999).

A forma como os pais gerenciavam as finanças no casamento é outro tópico que apareceu no discurso dos casais 1, 2 e 3. Nesse quesito, o modelo de gestão financeira do casal 1 apareceu, no discurso deles, mais identificado com o dos pais de Geraldo, que era *“tudo junto”*. Fátima contou que no início foi difícil porque ela *“vinha de um outro modelo”*. A descrição da vivência prática do casal, no entanto, em que possuem contas separadas e dificuldade de manejo do dinheiro, sugere que eles ainda estavam em busca de um jeito de gerir as finanças, e que essa gestão acontecia ora juntos, ora separados.

Para o casal 2, o tema da administração financeira no casamento pareceu ser uma preocupação latente e ocupar um lugar central na dinâmica do casal. Quando motivados a pensar sobre o modelo de casamento dos pais, mais uma vez eles destacaram a questão do dinheiro. O casal relacionou as diferenças na gestão financeira percebidas nas díades de pais como um fator gerador de conflito no próprio casamento: *“Pelo fato dos pais dela não terem aberto essa parte financeira, a gente tem um certo problema, não vou dizer problema, mas traz um pequeno desgaste, mas traz, pela educação ter sido diferente, né”*. O modelo de serem *“regrados”* parece ser uma

busca constante do casal 2. Nesse contexto, Rose parece seguir o modelo do marido e o marido mostra seguir o modelo do pai.

Interessante notar, nos relatos do casal 2, a relação que se estabelece em torno da gestão financeira do casal e dos modelos aprendidos nas famílias de origem. Foi justamente esse o único ponto que Adilson disse querer fazer igual ao casamento dos pais, ou ao perfil do pai e, ao mesmo tempo, foi esse também o único aspecto que Rose disse querer fazer diferente em relação ao casamento dos pais dela. Nesse sentido, esse quesito parece atuar de forma complementar no casal. Uma vez que Rose não obteve de seus pais uma educação financeira, ela buscava suprir essa necessidade no modelo da família de Adilson. Ao mesmo tempo, na medida em que o marido sabe como gerir o dinheiro e ela não, pode se estabelecer uma relação de poder entre o casal.

O casal 3, por sua vez, enfatizou o modelo de gestão financeira de ambos os casais de pais como “*o segredo do sucesso*” (esposa 3) para os casamentos dos pais darem certo. Andrea e Fábio explicaram esse ponto pelo fato de os pais terem conta conjunta e fazerem o controle financeiro juntos, através de planilhas: “*Sempre quis ter uma conta conjunta porque meus pais tem conta conjunta e na casa dos pais dele também é conjunta*” (esposa 3). Desse modo, eles buscaram reproduzir esse mesmo modelo em seu casamento, por meio do estabelecimento de conta conjunta e também da realização de controles periódicos das finanças do casal, assim como viam ambas as díades de pais fazerem.

No que diz respeito ao fato de terem sido filhos/as cangurus e a influência recebida do casamento dos pais, Andrea (casal 3) e Rose (casal 2) fizeram uma reflexão interessante. O relato das esposas mostrou a residência prolongada na casa dos pais como um fator que oportunizou um olhar diferenciado para o casamento dos pais. O fato de morarem com eles na fase adulta tornou possível a elas observarem a conjugalidade dos pais de maneira mais próxima e madura. Oportunizou ainda refletir sobre seus relacionamentos com os futuros maridos e traçar paralelos entre o que viam no casamento dos pais e o que queriam levar para o próprio casamento. Esse

contexto indica, em nossa concepção, que a condição canguru das filhas pode ter contribuído para uma preparação para o casamento. Assim, ao terem mais tempo na fase adulta para refletir, antes de casar, sobre o casamento dos pais, puderam entrar mais conscientes no próprio casamento.

Uma última discussão que o tema do casamento dos pais como modelo suscita é a relação comparativa da presença de valores tradicionais e contemporâneos na conjugalidade dos/as filhos/as e dos pais. No modelo tradicional de casamento, os papéis de gênero possuem uma delimitação definida. A divisão de tarefas segue uma divisão sexual rígida do trabalho, com papéis de gênero estereotipados e leva as mulheres à posição de responsáveis pela execução das tarefas domésticas e cuidado da família. As relações são hierárquicas, com pai provedor, assimetria de poder, com a mãe submissa ao pai e com a presença de pouco diálogo entre pais e filhos/as (Hintz, 2007; Macedo, 2009).

O modelo contemporâneo de casamento, por sua vez, possui maior equidade de gênero, nas relações e na distribuição das tarefas domésticas. As mulheres podem não apenas trabalhar como também investir no desenvolvimento de uma carreira (Ariès, 1986; Diniz & Perlin, 2005; Giddens, 1993; Hintz, 2007; Macedo, 2009; Rocha-Coutinho, 2015; Rocha-Coutinho & Coutinho, 2012). Na contemporaneidade, no entanto, podem ser identificados valores tradicionais operando simultaneamente nos casamentos, o que denota o modelo misto (tradicional-contemporâneo) de conjugalidade.

Diante do exposto, pudemos perceber que os pais das quatro esposas e do marido 1 estão inseridos em modelos de casamento misto, congregando casamentos de duplo trabalho ou dupla carreira com pouca ou nenhuma divisão de tarefas domésticas. Constatamos também modelos mais tradicionais nos casamentos dos pais dos maridos 2, 3 e 4, uma vez que o pai era o provedor exclusivo e a mãe, a cuidadora da casa e dos filhos.

Quanto aos casais pesquisados, o modelo contemporâneo foi observado em todos eles, tendo em vista, principalmente, a dupla carreira e a intenção de divisão de tarefas. Chama atenção, no

entanto, ao observarmos a divisão de tarefas na prática, um movimento de retorno aos valores tradicionais. O casal 3, em nossa concepção, foi o único que, nesse sentido, apresentou uma coerência maior entre o discurso e a prática.

A categoria *Planos para o futuro* também revela o mesmo movimento em todos os casais. Eles demonstraram o desejo por filhos e a carreira das esposas estava em processo de mudança para se adequar ao contexto familiar desejado. Nenhum marido falou em fazer ajustes na própria carreira em prol de ter filhos/as. Assim, os papéis de gênero apareceram, ora vivenciados de modo estereotipados, quando, por exemplo, as esposas intencionavam fazer o movimento de mudança e/ou desaceleração na carreira para investir na família, ora modernizados, quando tentavam viver a divisão das tarefas domésticas de modo mais igualitário e com relações menos hierárquicas.

O marido 2, quando a esposa expressou preocupação com a conciliação da carreira com a maternidade, relatou que *“ela tá criando uma bola muito grande pra o que realmente é. Entendeu? Eu acho que é um problema menor do que ela imagina”*. Em nossa percepção, a fala de Adilson (marido 2) minimiza os esforços necessários na criação de filhos/as visto ele poder associar a maior parcela dessa responsabilidade à esposa. As falas seguintes do marido reforçam esse fato: *“Se for disciplinada você pode trabalhar da onde você quiser”*, referindo-se à flexibilidade da carreira da esposa que permitiria cuidar de filhos/as e *“Não vai mudar nada não[após o nascimento de filhos]”*. O marido 2, portanto, reforça o papel da esposa na criação de filhos e não faz menção à si próprio nessa responsabilidade.

Refletimos também sobre o quanto as escolhas de carreira das esposas estariam relacionadas a um desejo real de priorizar a família ou o quanto estariam motivadas por estereótipos de gênero presentes na sociedade e que conduzem implicitamente as mulheres para o mundo do privado. A esposa 1 explicitou a repriorização da carreira em prol da família, a esposa 2 falou da escolha pela carreira autônoma pelo mesmo motivo e, as esposas 3 e 4, ao estudarem para concurso público, focavam a estabilidade para poderem se dedicar mais à família. A vivência das esposas vão de

encontro aos estudos que apontam que, no mundo contemporâneo, as mulheres estão fazendo mais escolhas norteadas pela carreira do que necessariamente pela maternidade (Beltrame & Donelli, 2012; Borges, 2013; Maluf & Kahhale, 2012; Rios & Gomes, 2009).

Cabe questionar o quanto o contexto do prolongamento da moradia no lar parental propiciou a esses/as filhos/as maior exposição aos valores tradicionais de suas famílias e, assim, esses/as filhos/as levaram tais modelos para o próprio casamento. Nesse sentido, constatamos a força das transmissões transgeracionais nos casais pesquisados.

Constatamos, do mesmo modo, em consonância com a literatura pesquisada, que apesar da evidência de mudanças históricas no que diz respeito, por exemplo, à entrada das mulheres no mercado de trabalho, os ideais e as expectativas tradicionais ainda permanecem presentes nos casamentos contemporâneos ou quando se pensa na constituição de uma família (Diniz & Féres-Carneiro, 2012; Heckler & Mosmann, 2014; Jablonski, 2010; Hintz, 2007, Ozório et al., 2017; Zordan et al., 2014). Interessante verificar, nessa direção, que todos os casais pesquisados não coabitaram antes de casar. Eles optaram por ir morar juntos somente após o casamento, o que pode indicar também a associação com valores tradicionais (Menezes & Lopes, 2007).

Os dados obtidos por meio dos relatos dos casais mostra que a decisão sobre o que levar e o que não levar do casamento dos pais já foi feita. O momento em que se encontravam na época da entrevista parecia ser o de ressignificar esses modelos aprendidos e construir um modelo próprio de conjugalidade. Tendo em vista o que se destacou no relato de cada um dos casais, denominamos esses modelos da seguinte forma: Casal 1: “O nosso jeito”; Casal 2: “O viver regrado”; Casal 3: “Fazer tudo junto?” e Casal 4: “Se ajudando”.

Os resultados obtidos estão coerentes com a literatura pesquisada ao evidenciarem a conjugalidade dos pais repercutindo de modo intenso na construção da conjugalidade dos/as filhos/as (Falcke, Wagner & Mossmann, 2014; Menezes & Lopes, 2007; Ozório et al., 2017; Quissini & Coelho, 2014). O fato é que a partir de uma perspectiva intergeracional, os/as filhos/as possuem a

missão de dar continuidade à história familiar e, nesse ínterim, estão envolvidos em uma rede de influência mútua e de repetições, assim como foi possível perceber nos casais por nós pesquisados.

4.4. Considerações Finais

Pesquisar aspectos de casamentos formados por ao menos um cônjuge oriundo da geração canguru foi o foco deste trabalho. Realizamos, com esse intuito, um estudo de caso coletivo com quatro casais com o objetivo de dar visibilidade a um tipo de conjugalidade presente na atualidade, o qual acreditamos tratar-se de uma nova configuração dentro dos casamentos contemporâneos. A heterogeneidade dos casais pesquisados, exemplificada pelo fato de alguns deles possuírem cônjuges com breves experiências de moradia fora do lar parental, ou mesmo de morar sozinho no momento do casamento, ajudou a ampliar a discussão e agregou elementos interessantes, por exemplo, aqueles relacionados às questões de gênero.

Os resultados deste estudo mostraram que existe uma estreita relação entre a residência prolongada na casa dos pais com o casamento dos/as filhos/as cangurus pesquisados/as. Identificar essa relação foi um dos objetivos específicos desta tese. Constatamos que as principais repercussões no casamento da vivência canguru prévia na casa dos pais foram: A dificuldade na execução e organização das tarefas domésticas; Os vícios e manias trazidos da vida canguru na casa dos pais para o casamento; A relação de proximidade estabelecida com as famílias de origem após o casamento; A relação intensa com o mundo do trabalho antes e depois do casamento.

Os reflexos da experiência canguru anterior ao casamento, apesar de não se apresentarem exatamente da mesma forma nos casais pesquisados, apareceram nos relatos de todos eles. Nesse sentido, padrões puderam ser identificados, por exemplo, o investimento na relação com as famílias de origem apareceu de forma mais estruturada e frequente do que o empregado no estabelecimento de momentos para o casal.

No que diz respeito a outro dos objetivos específicos propostos por esta tese, o de analisar o processo de diferenciação dos casais das famílias de origem, identificamos que os casais deste estudo estão caminhando em seus processos de diferenciação, conforme descrito pela teoria sistêmica familiar de Bowen (1991). Apesar de os casais não perceberem a interferência explícita das famílias de origem nos seus casamentos, observamos que essas influências acontecem, em alguns momentos implicitamente, e são os/as próprios/as filhos/as quem dão margem a elas quando se colocam tão próximos aos pais sem estabelecer fronteiras nítidas. Um exemplo seria quando os pais demandam a convivência com os/as filhos/as. Essa seria uma forma de interferência, por exemplo, no tempo do casal. Assim, contribuem para que o investimento dos/as filhos/as na conjugalidade seja prejudicado.

O fato de os casais pesquisados apresentarem bons relacionamentos com os pais, parece fazer com que não percebam as intervenções deles de forma negativa. A diferenciação dos casais, portanto, apresentou-se de modo complexo. Os casais desta pesquisa mostraram que estão em um movimento contínuo de idas e vindas das famílias de origem e da própria casa dos pais. Essa questão apareceu como algo ainda muito presente na rotina desses/as filhos/as. Uma consideração possível de ser feita sobre esse ponto é a de que o cônjuge da díade que permaneceu, ou levou o casal a permanecer, mais ligado à sua família de origem após o casamento, pode revelar possuir baixa diferenciação. Este dado, entretanto, precisaria ser melhor investigado em estudos futuros.

Conhecer as percepções e vivências dos casais sobre o casamento contemporâneo e seus desafios foi outro objetivo específico proposto por esta tese. Descobrimos, nesse sentido, que no casamento dos/as filhos/as cangurus pesquisados/as, a condição de dupla carreira, a qual se reflete na presença de um ritmo intenso de vida e de investimento no trabalho, somada ao prolongamento do tempo de coresidência parento-filial, apareceu como potencializadora dos desafios dos casamentos contemporâneos.

Os desafios apontados na literatura para os casamentos contemporâneos (Diniz & Féres-Carneiro, 2012; Féres-Carneiro, 1998; Fraenkel & Wilson, 2002; Heckler & Mosmann, 2016; Jablonski, 2010; Wagner et al., 2015; Zordan et al., 2014) despontaram nessa pesquisa de modo marcante. Em comparação com a literatura, os principais desafios mapeados nos casamentos desse estudo foram:

1. Tempo escasso e as dificuldades e demandas presentes na situação da dupla carreira;
2. A vivência simultânea da individualidade com a conjugalidade;
3. A divisão e a execução das tarefas domésticas.

A discussão deste último item ajudou inclusive a responder outro dos objetivos específicos desta pesquisa, que era o de investigar como acontece a divisão das tarefas domésticas na relação com os papéis de gênero e com a vivência da dupla carreira. No que diz respeito especificamente ao fato de serem casais de dupla carreira, o padrão identificado foi o de rotinas muito voltadas ao trabalho e de pouco investimento consciente na conjugalidade.

Os resultados obtidos a partir da presente pesquisa apontam que, sem dúvida, constitui um desafio para esses casais conciliar demandas conjugais e profissionais. A carreira aparece como alvo principal de investimento dos cônjuges, tal como era o funcionamento desses filhos/as quando ainda viviam na casa dos pais. Nossa pesquisa, além de deixar evidente os desafios vivenciados pelos casais formados por filhos/as cangurus, contribui para revelar as estratégias que são utilizadas por eles a fim de driblar a rotina e buscar possibilidades de conciliação entre as diferentes dimensões da vida.

Uma desvantagem apontada pela literatura do modelo de casamento de dupla carreira é a de pouco tempo para vida pessoal, lazer, interação social e para as famílias de origem (Rapoport & Rapoport, 1976; Santos, 2011; Silberstein, 1992). Todos esses tópicos estão coerentes com os resultados obtidos em nossa pesquisa, com exceção do último, visto que os quatro casais cangurus

pesquisados conseguem abrir espaço em sua rotina e traçar estratégias para estarem com as famílias de origem.

A perspectiva sistêmica feminista (Diniz, 2003; Narvaz & Koller, 2007; Silverstein & Goodrich, 2003; Walters, 1994) nos ajudou a dar visibilidade às questões de gênero e ao estabelecimento de relações desiguais de poder entre os cônjuges que, muitas vezes de modo sutil, apareceram nos discursos dos casais. Nesse sentido, destacamos a divisão de tarefas entre os cônjuges que, apesar de acontecerem de modo mais igualitário se comparada aos casamentos do passado, ainda apresentaram fortes elementos de uma divisão sexual do trabalho pautada em estereótipos de gênero.

As escolhas feitas pelas esposas de nosso estudo em relação aos planos para o futuro revelaram a presença desses estereótipos. Ao mesmo tempo que todas as esposas aparecem fazendo escolhas mais norteadas pela maternidade-família do que pela carreira, alguns maridos parecem caminhar para o papel de provedor principal. Levantamos algumas considerações sobre este ponto que nos ajudaram a compreender esse movimento.

As pressões do mundo do trabalho (Henriques et al., 2006; Pais, 2016; Sennet, 2009; Veloso, Dutra & Nakata, 2016), típicas de uma sociedade contemporânea ainda pautada por padrões androcêntricos (Fontenele-Mourão, 2006; Lima, 2009; Rocha-Coutinho, 2015; Rocha-Coutinho & Coutinho, 2012; Tanure et al., 2010), parecem influenciar esse cenário. Isso porque, geralmente, é a carreira das mulheres que sofre maior exigência como, por exemplo, precisarem mostrar, muitas vezes, resultados melhores do que os homens para serem validadas pelas chefias (Rocha-Coutinho, 2015). Assim, buscar uma carreira pública, autônoma ou ainda pausar o próprio crescimento, conforme planejavam as esposas deste estudo, podem ser formas de driblar as pressões do mundo do trabalho e também da conciliação carreira-casamento-maternidade.

Acreditamos que a estratégia de desaceleração na carreira é uma forma de as mulheres entrevistadas cuidarem de sua saúde mental, na medida em que buscam trabalhos mais flexíveis e/

ou estáveis que as permitam agregar na rotina o cuidado com os filhos. Por outro lado, pensamos que a adoção de tal postura possa constituir um retrocesso para as conquistas das mulheres na história. Cabe lembrar que duas esposas afirmaram a disposição de abrir mão da realização profissional em prol do investimento na família. Consideramos, nesse sentido, que se as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho tivessem aparecido nos casais dessa pesquisa de modo mais igualitário e/ou se houvesse políticas nas empresas e nos órgãos públicos destinadas a apoiar as mulheres e homens no cuidado dos filhos, tais ações poderiam criar condições para uma melhor conciliação entre trabalho e vida pessoal. Nesse contexto, talvez as escolhas seriam outras.

Os casais participantes dessa pesquisa também deixaram claro que o modelo de casamento dos pais foi visto como uma referência para o casamento dos/as filhos/as. Esse fato está coerente com o enfoque teórico desta tese, a abordagem familiar sistêmica. Identificar a relação existente entre o casamento dos pais e a conjugalidade dos/as filhos/as foi o último objetivo específico proposto por esta tese. Constatamos que os casais desse estudo são provenientes de famílias em que os pais possuem casamentos ainda muito marcados por características tradicionais. Essa constatação, somada ao fato de os casais ainda permanecerem bastante ligados às suas famílias, também contribui para o entendimento do motivo que pode conduzi-los a vivências de papéis de gênero tradicionais e, portanto, estereotipadas.

O aspecto do contemporâneo nos casamentos desses/as filhos/as cangurus parece ser vivido da perspectiva do paradoxo. Enquanto suas cabeças apresentam valores mais modernos, os comportamentos na prática ainda alternam entre o velho e o novo, entre o tradicional e o contemporâneo. Os dados obtidos permitem sugerir que, neste contexto, a condição canguru prévia também contribui para intensificar esses paradoxos. A vivência de liberdade e independência na casa dos pais ao longo da vida adulta, por exemplo, contrapõe-se à vivência da conjugalidade no casamento.

Além dos desafios supracitados, a comunicação entre o casal e a gestão da vida financeira no casamento também apareceram como desafios dos casamentos de filhos/as cangurus. Esses desafios são considerados tarefas das fases iniciais do ciclo de vida familiar e conjugal (Campbell, 1994; Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997, 2002, 2009).

Os resultados desta pesquisa estão em consonância com as tarefas estabelecidas nas primeiras fases do ciclo de vida familiar - *Fase de Aquisição* (Cerveny & Berthoud, 1997, 2002, 2009) e *A união das famílias através do casamento: o novo casal* (Carter & McGoldrick, 1995). Com relação ao ciclo de vida conjugal (Campbell, 1994), os achados desta tese também perpassam o entendimento da existência de um ciclo de vida do casal e, nesse sentido, acreditamos que os casais pesquisados encontravam-se vivenciando questões referentes aos dois primeiros estágios.

Do primeiro estágio, denominado de *Romance* ou *enamoramento* (Campbell, 1994; Hintz, 1999), apareceram questões relacionadas às expectativas do casal em relação ao outro e ao casamento. É visto também como importante o estabelecimento inicial de acordos sobre a vida a dois. Um desses acordos envolve o modo de conciliar o trabalho com a vida conjugal. Ficou evidente entre os casais pesquisados que tais acordos encontram-se em fase inicial de experimentação. A maior parte dos acordos, em nossa percepção, estão sendo feitos de modo velado, e não através do recurso da comunicação.

Acerca do segundo estágio, chamado por Campbell (1994) de *Lutas de Poder*, identificamos a busca pelo poder, sobretudo dos maridos, na relação. De modo geral, o recurso da negociação pareceu ser pouco empregado por esses casais. É nessa segunda fase que a diferenciação dos casais de suas famílias de origem está mais consolidada e, nesse quesito, encontramos casais com processos de diferenciação em andamento, conforme já apontado.

A perspectiva do ciclo vital afirma que nos momentos de transição de uma etapa do ciclo a outra costuma ocorrer aumento de estresse no sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995; Cerveny & Berthoud, 1997, 2002). Identificamos que os casais desse estudo se encontravam em

momento de transição para o casamento e, assim, algumas tarefas próprias da fase do ciclo estavam sendo vividas com dificuldade. Essas vivências, entretanto, não se refletiram na ótima avaliação que os casais fizeram do próprio casamento.

Foi interessante constatar que, para alguns casais, o prolongamento do tempo de residência na casa dos pais apareceu como um possível estágio de transição e preparação para o casamento, na medida em que concretizam a transição para a vida adulta. Esse processo de transição para a vida adulta apareceu nos casamentos desse estudo, ora em desenvolvimento, ora em consolidação. Tal fato nos leva a aventar a hipótese de que a consolidação final para o status de adulto/a possa estar ocorrendo dentro das fases iniciais do casamento.

Apontamos na revisão de literatura o quanto o casamento é um fenômeno em constante transformação, sobretudo se observarmos o movimento percorrido do modelo tradicional ao modelo contemporâneo. O contexto sócio-cultural que marca a contemporaneidade também apresenta mudanças, especialmente no que se refere aos relacionamentos e ao mundo do trabalho. Diante dessas circunstâncias, homens e mulheres veem-se impelidos a acompanharem as transformações presentes tanto no âmbito macro, da sociedade, como micro, do casamento.

Sair da casa dos pais direto para casar é encarado pelos casais dessa pesquisa como uma opção consciente. Os casais não mostraram a necessidade de morar sozinhos antes do casamento. Além disso, sair de casa para casar é visto, tanto por eles mesmos como pelas famílias, como um processo natural. As ambiguidades presentes no mundo contemporâneo influenciam os processos de permanência na casa dos pais, adiamento do casamento, saída de casa e entrada no casamento. O estilo de vida contemporâneo, aliado à vivência da dupla carreira, constitui um grande desafio para os casais. Neste cenário, da mesma forma que o prolongamento da moradia com os pais pode representar a busca por um refúgio frente a um mundo líquido (Bauman, 2001, 2004; Figueiredo & Cerveny, 2012), a proximidade com os pais após a saída de casa pode simbolizar a extensão desse refúgio.

Esses resultados nos colocam o desafio de pensarmos no desenvolvimento futuro desses casamentos. Nesse contexto, vislumbramos demandas para a clínica familiar e conjugal: O quanto a aproximação aos valores tradicionais pode se tornar desafiador para o futuro desses casais? Quais os possíveis riscos para a vida conjugal de uma vivência em que as diferenças existentes entre os cônjuges permanecem sendo atribuídas a diferenças inerentes aos sexos? Quais seriam os efeitos dessas diferenças nas escolhas de carreira nas mulheres e nos casais desta pesquisa? Como transformar o próprio casamento em um refúgio, para que os casais possam prosseguir adiante na tarefa de estabelecer fronteiras nítidas diante das famílias de origem em prol de uma separação adequada à fase do ciclo em que se encontram?

A literatura aponta que quando a pessoa não está diferenciada da família de origem, ela pode, por medo ou dificuldade de relacionar-se, investir na carreira. O alto grau de investimento na carreira pode também refletir uma forma de evitar olhar para os conflitos no casamento.

Acreditamos que essas reflexões, fruto da pesquisa em questão, devem ser trabalhadas na clínica psicológica. A clínica conjugal pode ajudar os casais a fazerem ajustes na relação e nos papéis femininos e masculinos frente às demandas profissionais, conjugais e domésticas. A intenção é auxiliar os casais a realizarem as tarefas previstas ao longo do ciclo vital e a desenvolverem-se em cada etapa, a fim de desfrutarem de uma relação saudável e de qualidade.

Ao trazer à luz dados da vivência desses quatro casais, acreditamos contribuir para o trabalho de profissionais que atuam na clínica conjugal e familiar. Torna-se relevante fornecer subsídios para possíveis intervenções que ajudem esses casais a lidar com a complexidade do casamento contemporâneo. É intenção deste estudo usar a experiência dos casais entrevistados para apoiar outros casais, mulheres e homens, que se encontram no início do casamento e se deparam com desafios típicos de casamentos atuais, como os destacados nesta tese.

Cabe ressaltar que todos os cônjuges entrevistados pertenciam a um contexto sócio-histórico específico e, portanto, os dados e resultados da pesquisa precisam ser contextualizados e não podem

ser generalizados. Nesse sentido, faz-se necessário pensar em novas pesquisas que abordem outros contextos sociais, cidades do país e outros aspectos relacionados à vida de casais formados por filhos/as cangurus. A vida sexual dos casais, por exemplo, é um fator que não conseguimos abordar e que fica como sugestão para novas pesquisas.

Pensamos também no quão interessante seria termos pesquisas que pudessem comparar casais formados por filhos/as cangurus com casais que tiveram a experiência de morar sozinhos/as antes de casar, ou de coabitar. Desse modo, poderíamos saber no que os casamentos de filhos/as cangurus diferem de outras modalidades de casais. Da mesma forma, pesquisas que contemplassem as famílias de origem e entrevistassem também os pais, com foco na diferenciação deles e na transgeracionalidade, ou ainda pesquisas que acompanhassem os/as filhos/as desde a casa dos pais até o casamento e/ou até a próxima etapa do ciclo, com a presença de filhos/as.

O fato é que em uma tese em que se produz muitos dados, precisamos fazer escolhas. A nossa, foi a de seguirmos os objetivos inicialmente propostos. Sendo assim, foi preciso abrir mão de algumas discussões interessantes e que não puderam ser feitas ou mesmo aprofundadas nesta tese, mas que intencionamos discutir em publicações futuras. É nosso interesse aprofundar, por exemplo, questões relacionadas ao namoro, à escolha do cônjuge, à saída de casa e aos planos para o futuro. Os dados obtidos na linha da vida profissional também serão aprofundados em publicação posterior sobre a carreira de filhos/as cangurus. Todas essas questões constituem temas interessantes e relevantes para a realização de novos estudos e que esta tese ajuda a levantar. É nessa direção, portanto, que seguimos, sabendo que a finalização desse estudo é apenas o início de um novo caminho que visa sempre o mesmo fim: contribuir para a ampliação do conhecimento acadêmico-científico.

REFERÊNCIAS

- Albrecht, P. A. T. (2010). *Sentidos do trabalho para concurseiros: a busca do emprego estável como estratégia de inserção no mundo do trabalho contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Amâncio, J.M. & Oliveira, L. (2002). Liberdades Condicionais. O conceito de papel sexual revisitado. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 40, 45-61.
- Andolfi, M. (1995). Crise de casal e família trigeracional. In Andolfi, M.; Angelo, C. & Saccu, C. (Orgs.), *O casal em crise* (pp. 105-119). São Paulo: Summus.
- Ariès, P. (1986). O amor no casamento. In: Ariès P.; Bejin, A. *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Aylmer, R.C. (1995). O lançamento do jovem adulto solteiro. In Carter, B. e McGoldrick, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 169-183). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (4a edição). São Paulo: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.189-217). Petrópolis: Vozes.
- Berthoud, C. M. E. (2002). Visitando a Fase de Aquisição. In: Cerveny, C.M.O. & Berthoud, C.M.E. *Visitando a Família a longo do Ciclo Vital* (pp. 30-57). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Berthoud, C. M. E. (2003). *Re-significando a parentalidade: os desafios de ser pais na atualidade*. Taubaté: Cabral Editora Universitaria.
- Beltrame, G. R., & Donelli, T. M. S. (2012). Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, 38-39, 206-217.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998) A pesquisa em psicologia: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: Romanelli, G., Biasoli-Alves, Z. M. M. (orgs.) *Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa* (pp. 135-157).. Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Bodgan, C. R., & Biklen, K. S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Porto Editora.

- Borges, C. C. (2013). Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. *Psicologia em estudo*, 18(1), 71-81.
- Borges, C. C.; Magalhães, A. S. (2009). Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *PSICO*, 40 (1), 42-49.
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (1973). *Invisible loyalties: Reciprocity in intergenerational family therapy*. Oxford, England: Harper & Row.
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo*. La diferenciación de si mismo em el sistema familiar. Barcelona, Espanha: Paidós.
- Bruschini, C. (2007). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*. 37(132), 537-572.
- Bruschini, C. & Lombardi, M. R. (2001). Instruídas e Trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos Pagu*, 17/18(2), 157-196.
- Bueno, R., Souza, S., Monteiro, M., Teixeira, R. (2013). Processo de Diferenciação dos Casais de suas Famílias de Origem. *Psico*, 44(1), 16-25.
- Burn, K.; Szoek, C. (2016). Boomerang families and failure-to-launch: Commentary on adult children living at home. *Maturitas*, 83 (1), 9-12.
- Campbell, S. (1994). *The Couple's Journey*. San Luis Obispo, CA : Impact Publishers.
- Campos C. J. G. (2004). O método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 57(5), 611-4.
- Carretero, T. C. (2014). A escolha da função pública como campo de emprego para jovens adultos. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 17(SPE), 85-96.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 7-29; 2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Castro, F. C. (2015). *Dual career family e as decisões de carreira de casais hetero e homoafetivos*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 30 outubro, 2017, de www.teses.usp.br.
- Cervený, C. M. O. (2010). *A família como modelo: Desconstruindo a patologia*. Campinas: Livro Pleno.
- Cervený, C. M. O. (2011). *Intergeracionalidade: Heranças na produção do conhecimento*. São Paulo: Roca.

Cervený, C.M.O. (2012). *Família E... intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação*. São Paulo: Casapsi.

Cervený, C. M. O. & Berthoud, C.M.E. (1997). *Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cervený, C.M.O. & Berthoud, C.M.E. (2002). *Visitando a Família a longo do Ciclo Vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cervený, C. M. O. & Berthoud, C.M.E. (2009). Ciclo Vital da Família Brasileira. In Osório, L. C.; Valle, M. E. P. *Manual de Terapia Familiar*. (pp.25-37). Porto Alegre: Artmed.

Cezar-Ferreira, Verônica A. da Motta. (2004). A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família. *Psicologia: teoria e prática*, 6(1), 81-95. Recuperado em 09 de maio de 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872004000100007&lng=pt&tlng=pt.

Cobo, B., Saboia, A. L. (2010). A “geração canguru” no Brasil. Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG, Brasil, Recuperado em 20 de Março, 2017, de http://www.abep.nepo.unicamp.br/encon-tro2010/docs_pdf/tema_12/abep2010_2645.pdf

Diniz, G.R.S. (1996). Dilemas de trabalho, papel de gênero e matrimônio em casais que trabalham fora em tempo integral. In: Féres-Carneiro, T.(Org.) *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal* (pp. 101-112). Rio de Janeiro: Coletâneas da ANPEP.

Diniz, G. R. S. (1999). Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: Aspectos da realidade brasileira. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: Entre a tradição e a transformação* (pp. 31-54). Rio de Janeiro: NAU.

Diniz, G. (2003). Gênero e Psicologia: Questões Teóricas e Práticas. *Revista Psicologia Brasil*. 1 (2), 16-21.

Diniz, G. R. S. & Féres-Carneiro, T. (2012). Casamento e família: uma reflexão sobre desafios da conjugalidade contemporânea In: Viana, T. de C.; Diniz, G. R. Starling; Costa, L. F.; Zanello, V. *Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea* (443-462). Brasília: Liber livros.

Diniz, G. R. S. & Perlin, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Revista Psicologia Clínica*, 17 (2), 15 – 29.

Diniz, G. R. S., & Santos, L. S. (2011). Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. *Psicologia Clínica*, 23(2), 137-149.

Dutra, J. S. (1996). *Administração de carreiras: uma proposta para repensar a gestão de pessoas*. Atlas: São Paulo.

Falcke, D. Wagner, A. & Mossmann, C. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In: Wagner, A. (Org.) *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp 67-79). Porto Alegre: EdiPUCRS.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.

Féres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In Féres-Carneiro, T.(Org.), *Casamento e família: do social à clínica*. (p.67 a 80). Rio de Janeiro: Nau Editora.

Féres-Carneiro, T., Henriques, C. R., & Jablonski, B. (2011). Um jogo interativo: a relação entre pais e filhos adultos no cotidiano familiar contemporâneo. *Psico*, 42, 236-245.

Féres-Carneiro, T., & Ponciano, E. T. (2005). Articulando diferentes enfoques teóricos na terapia familiar. *Revista Interamericana de Psicologia*, 39(3), 439-448.

Féres-Carneiro, T.; Ponciano, E. & Magalhães, A. (2007). Família e casal: da tradição à modernidade. In: Cerveny, C. M. O. *Família em Movimento* (pp. 23-36). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais na atualidade. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 83-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ferreira, P. A.; Rezende, D.; Lourenço, C. D. (2011). Geração Canguru: Algumas Tendências que Orientam o Consumo Jovem e Modificam o Ciclo de Vida Familiar. *Espacios*. 32 (1), 14.

Figueira, S.A. (1987). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.

Figueiredo, M.G. (2008). *Ninho Cheio, Geração Canguru: A permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Programa de Pós-graduação em Psicologia. São Paulo: PUC-SP.

Figueiredo, M.G. (2013). *Geração Canguru, Ninho Cheio: Filhos adultos morando na casa dos pais*. São Paulo: NVersos.

Figueiredo, M.G.& Cerveny, C.M.O. (2012). Ninho Cheio, Geração Canguru: A permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais. *Pensando Famílias*, 16(1), 143-162.

Figueiredo, M.G.& Cerveny, C.M.O. (2013). Família e Filhos Cangurus. In Cerveny, C.M.O. *Família E... intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação* (pp 141-158). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Figueiredo, M.G. & Diniz, G.R.S. Mulheres, Casamento e Carreira: Um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. (2018). *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 100-119.
- Fontenele-Mourão, T. M. (2006). *Mulheres no topo de carreira: Flexibilidade e persistência*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulheres.
- Fraenkel, P.; Wilson, S. (2002). Relógio, calendários e casais: o tempo e o ritmo dos relacionamentos. In Papp, P. *Casais em Perigo* (pp. 77-117). Porto Alegre: Artmed.
- Gallagher, I.M. (2013). *Geração Canguru: entre o conforto e o desamparo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Gallagher, I. M., Féres-Carneiro, T., & Henriques, C. R. (2013). Planos para o futuro: percepções de filhos adultos coabitantes com os pais. *Revista da SPAGESP*, 14(2), 4-18.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- Giuliano, P. (2007). Living Arrangements in Western Europe: Does Cultural Origin Matter? *Journal of the European Economic Association*. 5(5), 927-952. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10419/33497>.
- Goodrich, T. J., Rampage, C., Ellman, B. & Haslstead, K. (1990). *Terapia feminista da família*. Porto Alegre: Artmed.
- Grazziotin Silveira, P., & Wagner, A. (2004). *Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Grosso, L.A. (2000). *Juventude*. Rio de Janeiro: Difel.
- Guimarães, C. M., & Cerveny, C. M. O. (2010). O meu, o seu, o nosso dinheiro: Como o dinheiro se articula na vida do jovem casal. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 38(1), 63-78.
- Gulino, L. (2011, novembro, 7). *Boomerang generation*. U.S. Census shows more young adults moving in with parents. Recuperado em 15 outubro, 2016: www.syracuse.com/news/index.ssf/2011/11/boomerang_generation_us_census.html.
- Hall, D. T. (2002). *Careers in and out of organizations*. London: Sage Publications.
- Harway, M. (2005). *Handbook of Couples Therapy*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Heckler, V. I.; Mossmann, C. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, 28 (1), 161-182.
- Henriques, C. R. (2003). *“Geração Canguru”: O prolongamento da convivência familiar*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

- Henriques, C. R. (2009). *Entre o aconchego e os detalhes do cotidiano: a relação pais e filhos adultos*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Henriques, C. R. (2010). O Mundo do Trabalho e suas Repercussões nas Relações Familiares na Atualidade. *Revista Saúde e Direitos Humanos*, 6 (6), 71-82.
- Henriques, C. R.; Jablonski, J. & Féres-carneiro, T. (2004). A Geração Canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, 35, (2), 195-205.
- Henriques, C. R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2006). Trabalho e Família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Paideia*, 16 (35), 327-336.
- Henriques, C. R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2016). Ambivalence in adulthood: Leaving the parental home. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 5-14. Recuperado em 25 julho, 2017: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000100002>
- Hintz, H. (1999). Dinâmica da Interação do Casal. *Pensando Famílias*, 1(1), 31-40.
- Hintz, H. (2007). Espaço relacional na família atual. In: Cervený, C. M. O. *Família em Movimento* (pp. 23-36). São Paulo: Casa do Psicólogo (pp. 155-172). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado em 12 de Dezembro de 2016, de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2016/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016). *Pesquisa de Registro Civil 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017). *Pesquisa de Registro Civil 2016*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Jablonski, B. (1991). *Até que a vida nos separe - A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Kublikowski, I, & Rodrigues, C. M. (2016). "Kangaroo generations": New contexts, new experiences. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 535-542. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000300016>
- Laville, C.; Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. Belo Horizonte: UFMG.
- Lima, G.S. (2009). *Os Desafios da Carreira da Mulher Executiva no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, Minas Gerais, Brasil.

- Lourenço, C. D. C. (2012). *Saídas e retornos ao lar parental sob o olhar da diferenciação*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Lucas, R. E., & Clark, A. E. (2006). Do people really adapt to marriage? *Journal of Happiness Studies*, 7, 405 – 426.
- Macedo, R. M. S. (2009). Questões de gênero na terapia de família e de casal. In: Osório, L.C. & Valle, M.E.P. (orgs). *Manual de terapia familiar* (pp.59-72). Porto Alegre: Artmed.
- Madalozzo, R., Martins, S., & Shiratori, L. (2010). Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? *Revista Estudos Feministas*, 18(2), 547-566.
- Madanes, C., & Madanes, C. (1997). *O significado secreto do dinheiro e como ele atua nas famílias despertando amor, inveja, compaixão e raiva*. Campinas: Editorial Psy.
- Maluf, V.M., & Kahhale, E.M.S.P. (2010). Mulher, trabalho e maternidade: uma visão contemporânea. *Revista Polêmica*, 9(3), 143 – 160.
- Martins, A.L.M. (2006). *Casamento e Trabalho: Reflexões sobre a ótica de gênero e do ciclo vital*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Menezes, C. & Lopes, R. (2007). A transição para o casamento em casais coabitantes e em casais não-coabitantes. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*. 17(1):52-63.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*. 5 (7), 01-12.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*. 17 (3), 621-626.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias, Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mitchell, B. A. (2005). *The Boomerang Age: transitions to adulthood in families*. Canadá: Transaction Publishers.
- Mitchell, B. A. (2006). The Boomerang Age from Childhood to Adulthood: Emergent Trends and Issues for Aging Families. *Canadian Studies in Population*. 33(2), 155-178.
- Monteiro, A. M. (2001). Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(3), 10-19.
- Mossmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 12(2), 5-16.
- Munhoz, R. N. (2012). *A pertença estendida dos adultos na família de origem*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

- Narvaz, M. & Koller, S. H. (2007). Feminismo e Terapia: A Terapia Feminista da Família – por uma psicoterapia comprometida. *Psicologia Clínica*, 19 (2), 117-131.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2008). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Nichols, W. C. (2005). The first years of marital commitment. In Harway, M. (2005). *Handbook of Couples Therapy* (pp. 28-43). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Oliveira, A.L. (2007) Comportamento Organizacional e Pesquisa Qualitativa: Algumas Reflexões Metodológicas. In Chamon, E.M.Q. (Org.) *Gestão e Comportamento Humano nas Organizações* (pp. 180-206). Rio de Janeiro: Brasport.
- Outeiral, J. (2008). Do adolecer ao adultecer. In: L. Moura, J. Outeiral, & S. Santos (Orgs.). *Adultecer - A dor e o prazer de tornar-se adulto* (pp.2-13). Rio de Janeiro: Revinter.
- Ozório, C. D., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2017). Casamento dos pais e conjugalidade dos filhos: do modelo tradicional ao contemporâneo. *Pensando famílias*, 21(1), 20-32.
- Pais, J. M. (2016). *Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro*. Portugal: Ambar.
- Papp, P. (1992). *O Processo de Mudança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Papp, P. (2002). *Casais em Perigo: Novas diretrizes para terapeutas*. Porto Alegre: Artmed.
- Pellegrini, P.G.; Silva, I. M.; Barreto, M. & Crepaldi, M.A. (2015). Diferenciação do adulto jovem: um estudo de caso em atendimento familiar. *Pensando famílias*, 19(1), 114-129.
- Penso, M.A. & Sant’Anna, T.C. (2015). A violência contra a mulher na perspectiva da terapia feminista da família. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, 24(53), 95-110.
- Perlin, G.D.B. (2006). *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Perrot, M. (2012). O trabalho das mulheres. Em M.Perrot. *Minha história das mulheres* (p. 109-134). São Paulo: Contexto.
- Provenzi, J. C. (2014). *Os sentidos do trabalho para jovens empreendedores*. Trabalho de conclusão de curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Quissini, Cintia, & Coelho, Leda Rúbia Maurina. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando famílias*, 18(2), 34-47. Recuperado em 24 de janeiro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Ramos, E. (2006). As negociações no espaço doméstico : construir a « boa distância » entre pais e jovens adultos « coabitantes ». In M. L. Barros (Org.), *Família e Gerações* (pp. 39-63). Rio de Janeiro: FGV.

- Rapoport, R.; Rapoport R.N. (1976) *Dual-Career Families Re-examined: New Integrations of Work and Family*. New York: Harper & Row.
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: Revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(2), 215-225.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2015). Investimento da mulher no mercado de trabalho: repercussões na família e nas relações de gênero. In T. Féres-Carneiro, (Org). *Família e Casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 103-117). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Rocha-Coutinho, M.L., & Barbosa, P.Z. (2007). Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19(1), 163-185.
- Rocha-Coutinho, M.L., & Losada, B. (2007). Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. *Psicologia em Estudo*, 12 (3), 493-502.
- Rocha-Coutinho, M. L., & Coutinho, R. R. (2012). Mulheres brasileiras em posições de liderança: novas perspectivas para antigos desafios. *Economia Global e Gestão*, 16 (1), 61-79.
- Rodrigues, C., & Kublikowski, I. (2014). Os Pais e a Transição do Jovem para a Vida Adulta. *PSICO*, 45(4), 524-534.
- Sandberg, S. (2013). *Faça acontecer: Mulheres, trabalho e a vontade de liderar*. Editora Companhia das Letras.
- Santarelli, E. & Cottone, F. (2009). Leaving home, family support and intergenerational ties in Italy: Some regional differences. *Demographic Research*. 21(1), 1-22. Disponível: <http://www.demographic-research.org/Volumes/Vol21/1/> DOI: 10.4054/DemRes.2009.21.1.
- Santos, H. B. (2011). *O processo de dual career family: um estudo sobre os impactos e implicações na vida do casal*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Satir, V. (1995). A mudança no casal. In Andolfi, M.; Angelo, C. & Saccu, C. (Orgs.), *O casal em crise* (pp. 29-37). São Paulo: Summus.
- Sattler, M., & Eschiletti, L. L., Bem, L. A. D., & Shaefer, M. (1999). O ciclo de vida do casal. *Pensando Famílias*, 1, 41-47.
- Scheeren, P., Nemann, A. Grzybowski, L. & Wagner, A. (2015). Como se caracterizam os desafios conjugais. In: Wagner, A., Mossman, C., Falckem D. *Viver a dois: oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 43-50). Porto Alegre: Sinodal.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, 20(2), 71-99.
- Sennett, R. (2009). *A Corrosão do Caráter: Consequências Pessoais do Novo Trabalho no Capitalismo*. São Paulo: Record.

- Silberstein, L.R. (1992). *Dual-career Marriage: A System in Transition*. New York: Psychology Press.
- Silveira, P. G. (2004). *Ninho Cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453.
- Silverstein, L. B., & Goodrich, T. J. (Eds.). (2003). *Feminist family therapy: Empowerment in social context*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Smeha, L., & Oliveira, M (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a ótica dos adultos jovens. *Psicologia Teoria e Prática*. 15(2), 33-45.
- Souza, N. H.; Wagner, A.; Moraes B. B. & Reichert, C. (2007). Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudo de casos. *Aletheia*, 26, 109-121.
- Stake, R. E. (2000). Case Studies. Em N. K. Denzin. *Handbook of qualitative research* (pp. 435-454). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Tanure, B., Carvalho Neto, A. M., & Andrade, J. A. (2010). Executivas: Carreira, Maternidade, Amores e Preconceitos. *RAE-eletrônica*, 9 (1). Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v9n1/v9n1a4>
- Vasconcellos, M.J.E. (2013). *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.
- Veloso, E. F. R.; Dutra, J. & Nakata, L. E. (2016). Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações. *REGE*, 23 (2), 88-98.
- Vieira, A.C.S. & Rava, P.G.S. (2012). Ninho cheio: perspectivas de pais e filhos. *Psicologia: teoria e prática*, 14(1), 84-96.
- Wagner, A., Predebon, J., Mossmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Wagner, A.; Mossmann, C.; Levandowski, D.; Costa, C.; Zordan, E. P. & Rosado, J.(2015). Qualidade Conjugal: Como os casais avaliam seu relacionamento? In Wagner, A., Mossmann, C.; Falcke, D. *Viver a dois: oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 19-32). São Leopoldo: Sinodal.
- Walters, M. (1994). Uma perspectiva feminista da terapia de família. In Perelberg, R. & Miller, A. (orgs). *Os sexos e o poder nas famílias* (pp. 27-46). Rio de Janeiro: Imago Ed.

Wendling, M. I. & Wagner, A. (2014). Saindo da casa dos pais: a construção de uma nova identidade familiar. In Wagner, Adriana. *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp 123-134). Porto Alegre: EdiPUCRS.

Whitaker, C. A & Bumberry, W.M. (1990). *Dançando com a família. Uma abordagem simbólico-experiencial*. Porto Alegre: Artmed.

Yannoulas, S. C. (2013). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Abaré.

Zanello, V. (2016). Saúde Mental, Gênero e Dispositivos. In Dimenstein, M., Leite, J., Macedo, J.P.; Dantas, C. (Orgs). *Condições de Vida e Saúde Mental em Contextos Rurais*. São Paulo: Intermeios.

Zordan, E. P., Falcke, D. & Wagner, A. (2014). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In Wagner, A. (org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 47-66). Porto Alegre: EdiPUCRS.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **O casamento de filhos/as cangurus. Sair da casa dos pais e ser casal na contemporaneidade.** Esta pesquisa está sendo realizada pela psicóloga Mariana Grasel de Figueiredo Del Monte como parte das exigências das atividades de doutorado em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a Dr^a Gláucia Ribeiro Starling Diniz. Nosso objetivo é pesquisar como os filhos cangurus que deixaram o lar parental para morar com o cônjuge percebem e vivenciam o casamento contemporâneo.

O procedimento de coleta de dados será realizado inicialmente através de uma entrevista individual com cada um dos cônjuges e em seguida de forma conjunta com o casal. As entrevistas serão gravadas e seguindo os preceitos da ética em pesquisa informamos que a sua participação será absolutamente sigilosa, não constando nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo(a) no relatório final do doutorado ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa. Pela natureza da pesquisa, sua participação tem baixa probabilidade de acarretar dano, podendo inclusive permitir maior compreensão do fenômeno tema da pesquisa em sua vida, o que poderá beneficiá-lo. Caso você se sinta desconfortável em algum momento da entrevista lembramos que você pode desistir da sua participação a qualquer momento. Caso apresente algum problema relacionado à participação na pesquisa, você será encaminhado(a) a orientação psicológica pela pesquisadora responsável.

A sua participação é voluntária, estando garantida a sua autonomia e liberdade. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, poderá entrar em contato a qualquer momento com a pesquisadora responsável Mariana Grasel de Figueiredo pelo telefone (61) 98349-6463 ou com sua orientadora, a professora Dra Gláucia Ribeiro Starling Diniz pelo telefone (61) 98138-8181.

Após a conclusão deste estudo, previsto para o ano de 2018, será redigido um relatório final contendo os dados e conclusões da pesquisa. Após o seu término, o mesmo estará disponível para consulta com a pesquisadora responsável no telefone supraindicado ou na Biblioteca da Universidade de Brasília (UnB).

Você tem total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo em qualquer momento durante ou após esta entrevista.

Agradeço a sua participação, enfatizando que a mesma em muito contribui para a construção de um conhecimento atual na área da Psicologia.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar da pesquisa, solicitamos a sua assinatura em duas vias, sendo que uma delas será fornecida a você.

DECLARAÇÃO DO/A PARTICIPANTE:

Estando ciente das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu declaro que concordo participar desta pesquisa e autorizo a utilização dos dados por mim fornecidos de forma voluntária para fins de ensino e pesquisa, e a gravação em áudio da entrevista.

Nome

Assinatura do(a) participante

Nome

Assinatura do(a) participante

Nome

Assinatura da pesquisadora responsável

_____, ____ de _____ de 201__.

ANEXO B

Formulário Sociodemográfico

Esposa e Esposo

Nome: *Sigilo.

Nome: *Sigilo.

Tempo de namoro:

Tempo de casamento:

Tipo de união conjugal:

Idade esposa: Idade esposo:

Esposa morou com os pais até a idade:

Esposo morou com os pais até a idade:

Grau de escolaridade esposa:

Grau de escolaridade esposo:

Formação acadêmica e tempo de formada da esposa:

Formação acadêmica e tempo de formado do esposo:

Curso de pós-graduação esposa:

Curso de pós-graduação esposo:

Profissão esposa:

Profissão esposo:

Local de trabalho, carga horária e cargo da esposa:

Local de trabalho carga horária e e cargo do esposo:

Renda (bruta) atual do esposo: Até dois salários() Até cinco salários() Até dez salários() Até vinte salários() Mais de 20()

Renda (bruta) atual da esposa: Até dois salários() Até cinco salários() Até dez salários() Até vinte salários() Mais de 20()

Linha do Tempo da Vida Profissional (desenho da linha)**Famílias de origem:**

Tempo de casado pais da esposa:

Tempo de casado pais do esposo:

Nível educacional e profissão do pai e da mãe da esposa:

Nível educacional e profissão do pai e da mãe do esposo:

Irmãos da esposa e profissões:

Irmãos do esposo e profissões:

ANEXO C**Roteiro norteador de entrevista semi-estruturada**

Casa dos Pais:

Que fatores levaram você a residir com seus pais até a idade adulta?

Você acredita que o fato de ter morado até a idade adulta com seus pais influenciava o namoro? De que forma?

Qual o nível de autonomia e independência que você possuía morando com os pais?

Namoro:

Como vocês dois se conheceram e com qual idade?

Como foi a relação de vocês até o casamento?

Casamento

Como se deu a decisão de se casarem?

Você acredita que o fato de ter morado na casa dos pais até a idade adulta e saído para casar influenciou/influencia o seu casamento? De que forma?

Quais os principais desafios enfrentados no início do casamento? E hoje?

Como vocês estabelecem hoje a relação (distância/proximidade) com as famílias de origem e como elas impactam o casamento?

Qual o nível de autonomia e independência que você possui hoje em relação aos seus pais/sogros?

Rotina do casal

Como é um dia típico da rotina de casal hoje.

Como vocês dividem as tarefas domésticas? Quem faz o que?

Como conciliam carreira, casa e casamento? Como definem o que é prioridade?

De que forma a interação casamento-trabalho ajuda ou interfere na rotina da casa e das atividades da vida pessoal de cada um?

Possuem tempo juntos para o casal? (conversam, dialogo)...

Carreira

Qual era a importância da carreira profissional antes de casar e na sua vida hoje?

Quais as expectativas/aspirações em relação à sua carreira?

Como você percebe e lida com a carreira do/a seu/sua cônjuge?

Como vocês administram os dois salários?

Casamento dos pais

Como você percebe o casamento de seus pais? Tem diálogo, conversam...

O que você aprendeu sobre ser um casal com o casamento deles?

O que você gostaria de repetir? O que você gostaria de fazer diferente?

Planos para o futuro

Quais os seus planos em relação ao futuro? E os planos do casal?

Você pretende ter filho(s)? Em caso afirmativo, quantos? Em que momento?

Como imaginam que a presença de filhos pode afetar a carreira e a vida conjugal de vocês?

Casamento Canguru

Como você avalia seu casamento hoje? De 1 a 10, que nota você daria?

Quais as vantagens e desvantagens do modelo canguru de casamento?

Que sugestões você daria a casais que querem vivenciar esse modelo de casamento canguru?